



Cadernos de Tradução

INSTITUTO DE LETRAS - UFRGS

Porto Alegre, n. 51, 2024

ISSN: 2594-9055



**Tradução e
interpretação de
língua de sinais:
Perspectivas
atuais e plurais**

Marcelo Lucio Correia de Amorim

Tiago Coimbra Nogueira

(orgs)



Cadernos de Tradução

Instituto de Letras – UFRGS

Número 51, 2024

Tradução e interpretação de língua de sinais: Perspectivas atuais e plurais

Marcelo Lucio Correia de Amorim

Tiago Coimbra Nogueira

(organizadores)



UFRGS
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE LETRAS–UFRGS

DIREÇÃO

Carmem Luci da Costa Silva (Diretora)
Marcia Montenegro Velho (Vice-Diretora)

COMISSÃO EDITORIAL

Gisele de Oliveira Bosquesi
Erica Sofia Schultz

REVISÃO TEXTUAL E DIAGRAMAÇÃO

Gisele de Oliveira Bosquesi
Flavia Cornely

ORGANIZAÇÃO DESTE NÚMERO

Marcelo Lucio Correia de Amorim
Tiago Coimbra Nogueira

ISSN2594-9055
ISSN-L1807-9873

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Letras
Av. Bento Gonçalves, 9500 -CEP 91540-000 -Porto Alegre (RS)
<https://www.ufrgs.br/letras>

SUMÁRIO

Apresentação

Marcelo Lucio Correia de Amorim
Tiago Coimbra Nogueira

i

Artigos

CRITÉRIOS ORÇAMENTÁRIOS E MERCADO DE TRABALHO PARA TRADUTORES-INTÉRPRETES DE LIBRAS-PORTUGUÊS EM AMBIENTES DE CONFERÊNCIA E AUDIOVISUAIS NO BRASIL	1
Fernando Fernandes da Silva	
FORMAÇÃO SUPERIOR EM TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE LÍNGUA DE SINAIS NO BRASIL: ANÁLISE DA PROPOSTA DIDÁTICA DOS PROJETOS POLÍTICOS PEDAGÓGICOS	25
Taynara Costa de Almeida	
INTERPRETAÇÃO REMOTA E O APRENDER DE ALUNOS SURDOS NO ENSINO SUPERIOR	56
Anne Caroline Santana Iriarte Vanessa Regina de Oliveira Martins	
OS DESAFIOS DO INTÉRPRETE COMO EMPREENDEDOR NO CAMPO DA TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE LIBRAS	84
Cleusa Regina Cardoso Saionara Figueiredo Santos	
PARA ALÉM DA SALA DE AULA: A EXTENSÃO COMO ESPAÇO DE TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO TEATRAL PARA LIBRAS	108
Amanda Tamires dos Santos Silva	
SINAIS-TERMOS NO CONTEXTO DA MIGRAÇÃO DE SURDOS EM LIBRAS E LSV: ANÁLISES PRELIMINARES	124
Laís Priscila Almeida de Jesus	
“... TUDO VAI DAR PÉ!”: REFLEXÕES DO TRABALHO DE TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO PARA A LIBRAS DO SHOW DE GILBERTO GIL, EM FLORIANÓPOLIS -SC	150
Saionara Figueiredo Santos Wharley dos Santos Stephanie Caroline Alves Vasconcelos	

Resenha

**MORATTO, RICCARDO. TAIWAN SIGN LANGUAGE INTERPRETING
THEORETICAL ASPECTS AND PRAGMATIC ISSUES**

170

Amanda Tamires dos Santos Silva

APRESENTAÇÃO

Prof. Dr. Marcelo Lucio Correia de Amorim

Prof. Dr. Tiago Coimbra Nogueira

O volume 51 da *Cadernos de tradução*, da UFRGS, propõe que a área dos Estudos da Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais (ETILS) seja vista como interdisciplinar e explorada a partir de diversos paradigmas, como os interpretativos, cognitivos, discursivos e descritivos. Os ETILS se orientam por múltiplos caminhos teóricos e metodológicos, o que enriquece e aprofunda tanto as investigações quanto a prática profissional dos tradutores e intérpretes que atuam com uma língua sinalizada.

O volume aqui apresentado reúne um conjunto diversificado de artigos que exploram questões importantes da Tradução e Interpretação de Libras-português, evidenciando a crescente maturidade e relevância desse campo de pesquisa. Os artigos abordam desde aspectos práticos da profissão até reflexões sobre a formação acadêmica e a presença dos tradutores e intérpretes de Libras-português em diferentes contextos, como o teatro e a música. A seguir, apresentamos um breve resumo de cada artigo, destacando suas principais contribuições.

Iniciamos com o artigo, intitulado “Critérios orçamentários e mercado de trabalho para tradutores-intérpretes de Libras-português em ambientes de conferência e audiovisuais no Brasil”, de Fernando Fernandes da Silva, da Universidade do Estado do Amapá (UEAP), que analisa os critérios para a elaboração de orçamentos para Tradutores e Intérpretes de Libras-português (TILSP), com foco em conferências e trabalhos audiovisuais. O autor examina documentos da Febrapils e propõe um modelo de orçamento detalhado e de fácil compreensão para esses serviços, contribuindo para a valorização profissional e a padronização de práticas no mercado de trabalho, fornecendo um guia prático para TILSPs na elaboração de propostas comerciais.

Em seguida, temos o artigo, intitulado “Formação superior em tradução e interpretação de língua de sinais no Brasil: Análise da proposta didática dos projetos políticos pedagógicos”, de Taynara Costa de Almeida, da Universidade Federal de Goiás (UFG), que investiga os projetos pedagógicos de cursos superiores de tradução e interpretação de Libras no Brasil. A pesquisa revela uma predominância de materiais da área de Letras e Linguística, sugerindo a necessidade de um currículo mais voltado para a prática profissional e para as demandas específicas da área. Este artigo contribui para o debate sobre a formação do TILSP,

defendendo um currículo que prepare o profissional para os desafios do mercado de trabalho e para a atuação em diferentes contextos.

Logo após, no artigo “Interpretação remota e o aprender de alunos surdos no ensino superior”, Anne Caroline Santana Iriarte e Vanessa Regina de Oliveira Martins, da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), analisam a atuação do intérprete educacional no ensino remoto, com foco no aprendizado de alunos surdos. A pesquisa destaca o papel do TILSP na criação de materiais acessíveis, na mediação das interações e na promoção do aprendizado significativo. O artigo contribui para a compreensão dos desafios e das possibilidades da interpretação remota, mostrando como o TILSP pode atuar de forma a contribuir com a inclusão de estudantes surdos.

A seguir, o artigo, intitulado “Os desafios do intérprete como empreendedor no campo da tradução e interpretação de Libras”, de Cleusa Regina Cardoso e Saionara Figueiredo Santos do Instituto Federal de Santa Catarina, investiga os desafios e as perspectivas do empreendedorismo na área de Tradução e Interpretação de Libras, com foco no Vale do Itajaí - SC. A pesquisa busca compreender o perfil desses empreendedores, suas motivações, dificuldades e expectativas. O artigo contribui para a área de estudos sobre o mercado de trabalho para TILSPs, apresentando uma discussão sobre os desafios e as oportunidades do empreendedorismo nesse campo em constante expansão.

Na sequência, apresentamos o artigo “Para além da sala de aula: A extensão como espaço de tradução e interpretação teatral para Libras”, de Amanda Tamires dos Santos Silva, com vínculo com a Universidade Federal do Ceará e o Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia da Paraíba (IFPB) que relata a experiência da autora como TILSP na tradução e interpretação para Libras de uma peça teatral. O artigo discute os desafios e as estratégias de tradução e interpretação nesse contexto, destacando a importância da acessibilidade cultural e da construção de um corpo tradutório militante. Este trabalho contribui para a visibilidade da atuação do TILSP no teatro, incentivando a reflexão sobre a prática e a formação nesse campo de atuação ainda pouco explorado.

Em seguida, o artigo “Sinais-termos no contexto da migração de surdos em Libras e LSV: Análises preliminares”, de Laís Priscila Almeida de Jesus, apresenta um estudo sobre os sinais-termos utilizados no contexto de migração de surdos venezuelanos em Roraima. A pesquisa, ainda em fase inicial, busca identificar e analisar os sinais-termos mais recorrentes, com o objetivo de contribuir para a criação de materiais de apoio para TILSPs e para a comunidade surda. O artigo lança luz sobre os desafios da tradução e interpretação

comunitária em situações de migração, contribuindo para a área da terminologia em Libras em um contexto social e linguístico específico e que carece de maiores investigações.

Logo após, temos o artigo “...Tudo vai dar pé!”: Reflexões do trabalho de tradução e interpretação para a Libras do show de Gilberto Gil, em Florianópolis – SC”, de Saionara Figueiredo Santos do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), Wharley dos Santos da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Stephanie Caroline Alves Vasconcelos da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), que descreve e analisa a experiência da equipe de TILSPs na interpretação do show o artista Gilberto Gil, na cidade de Florianópolis. O artigo discute os desafios da interpretação musical para Libras, as estratégias utilizadas pela equipe e a importância da pesquisa nesse campo. Contribui para a valorização da interpretação artística em Libras, mostrando a importância da expertise dos profissionais na mediação linguística e cultural em contextos de performance musical.

Ao final, temos a resenha escrita por Amanda Tamires Santos Silva, intitulada “Moratto, Riccardo. Taiwan sign language interpreting theoretical aspects and pragmatic issues, New York: Peter Lang, 2020, 203 p.” que apresenta do livro de Riccardo Moratto que aborda a interpretação da Língua de Sinais de Taiwan (TSL), analisando aspectos históricos, formativos, profissionais e avaliativos. A obra discute os desafios da profissão de intérpretes, como a remuneração, a variedade lexical e a interpretação de discurso figurativo, além de propor um modelo de avaliação para intérpretes de TSL. A resenha do livro possibilita conhecer a obra que fornece um panorama da realidade de Taiwan.

Em sua diversidade temática e metodológica, os artigos reunidos no volume 51 da *Cadernos de tradução* da UFRGS, oferecem um panorama dos estudos contemporâneos relacionados à tradução e interpretação de Libras e apresenta na seção resenha uma obra sobre a realidade internacional de Taiwan. Esperamos que este volume inspire reflexões, debates e novas pesquisas, contribuindo para o desenvolvimento e a consolidação da área dos ETILS no Brasil. Acreditamos que as reflexões suscitadas por pesquisadores de diversas universidades do Brasil aqui representadas, possam contribuir para o avanço dos estudos, bem como, para as discussões sobre a resignificação das práticas tradutórias e interpretativas nos cenários comunitários e de conferência.

Desejamos uma ótima leitura a todos!

CRITÉRIOS ORÇAMENTÁRIOS E MERCADO DE TRABALHO PARA TRADUTORES-INTÉRPRETES DE LIBRAS-PORTUGUÊS EM AMBIENTES DE CONFERÊNCIA E AUDIOVISUAIS NO BRASIL

Fernando Fernandes da Silva¹

Resumo: O presente trabalho busca contribuir na atividade de laboral de profissionais Tradutores e Intérpretes de Libras-português (TILSP), atuantes em conferências e trabalhos audiovisuais. A pesquisa se concentra em dialogar sobre os critérios para elaboração de orçamentos e para isso buscou-se analisar os documentos de orientação disponibilizados pela Federação Brasileira das Associações dos Profissionais Tradutores e Intérpretes e Guia-Intérpretes de Língua de Sinais (FEBRAPILS), com o objetivos de i) dialogar sobre orientações disponíveis pela FEBRAPILS para formulação de orçamentos para demandas de tradução e/ou interpretação conferência e/ou audiovisual; ii) apresentar as orientações existentes para formulação de orçamentos; e, iii) propor um modelo de orçamento para trabalhos de tradução e/ou interpretação de conferência e/ou audiovisual. Para isso, desenvolvemos um estudo bibliográfico bebendo dos textos de Nascimento (2011, 2016, 2017), Rodrigues (2013, 2019), Lourenço (2015), Nogueira (2016, 2020), Carneiro (2018), e FEBRAPILS (2022). O direcionamento da pesquisa foi qualitativa e documental, ao esmiuçar os dados selecionados e, ao mesmo tempo, discuti-los frente ao levantamento de critérios para elaboração de critérios que gerassem uma proposta de modelo de orçamento que pudesse ajudar os profissionais. Para isso, levantou-se questões hipotéticas baseadas em contextos de conferência e audiovisuais que envolvem o TILSP e a demanda de um possível contratante para um serviço de tradução e/ou interpretação de Libras-Português. Ao fim, a discussão abarcou os documentos disponibilizados pela Federação, e propôs um modelo de orçamento a ser aplicado nas situações de contexto de trabalhos nas esferas supramencionadas, gerando uma organização das informações extraídas dos documentos de orientação. Como resultado, a presente proposta possibilita a entrega de uma proposta de orçamento que em sua estrutura seja de fácil leitura e compreensão pelo contratante.

Palavras-chave: Tradução Audiovisual, Interpretação de Conferência, Língua Brasileira de Sinais, Orçamento.

1. Introdução

Para que pudesse construir este trabalho acerca do labor do tradutor e intérprete de Libras-português (TILSP) no mercado de trabalho brasileiro, me deparei com uma diversidade de inquietações. O primeiro foi a pequena literatura que discutisse a temática aos moldes de pesquisar critérios de orçamento de tradutores e intérpretes de Libras, voltados para tarefas de conferência e/ou audiovisual. Entretanto, algumas perguntas surgiram a partir do tema: i) Quais critérios os profissionais TILSP usam na elaboração para prestação de serviços de tradução e/ou interpretação no par linguístico Libras-português de conferências e/ou audiovisual? ii) Onde os profissionais TILSP ouvintes e surdos buscam referências para

¹Doutor em Linguística pela Universidade de Évora (UÉvora) – Portugal, Mestrando em Letras (UNIFAP), Bacharel e Licenciado em Letras Libras pela Faculdade Única de Ipatinga (FUNIP), Licenciado em Educação Especial (FUNIP) e Licenciado em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amapá (UEAP). Professor do colegiado de Letras da UEAP; Tradutor e Intérprete de Libras-português. E-mail: nandofernandesffs@gmail.com

produção de orçamentos? iii) Os documentos disponíveis pelos órgãos representativos da categoria suprem a necessidade de levantamento de critérios para produção de orçamentos?

O universo de questões é imenso, contudo selecionou-se os seguintes pesquisadores, Nascimento (2011; 2016; 2017), Rodrigues (2013; 2019), Lourenço (2015) Nogueira (2016; 2020), Carneiro (2018), e FEBRAPILS (2022), no intuito de embasar nossa discussão, ao mesmo que busquei as orientações em órgãos representativos da categoria, como a Associação Brasileira de Tradutores e Intérpretes (ABRATES), a Federação Brasileira das Associações dos Profissionais Tradutores e Intérpretes e Guia-Intérpretes de Língua de Sinais (FEBRAPILS), Associação Profissional de Intérpretes de Conferência (APIC) e o Sindicato Nacional de Tradutores (SINTRA).

A presente pesquisa se constrói em um cenário crescente da demanda de trabalho de traduções e interpretações em Libras em ambientes de conferências *on-line* e audiovisuais. Nesses últimos anos, as plataformas de videoconferência e de videochamadas para a prestação de serviços remotos acabaram por surpreender os profissionais da tradução e/ou interpretação de línguas de sinais no quesito de construção e proposição de seus orçamentos a contratantes individuais ou à empresas, contratantes que desconhecem o serviço realizado, como as características do ambiente tradutório e interpretativo e seus esforços de trabalho específicos.

Para que se pudesse descortinar os questionamentos, tomei como análise os documentos (Guia de contratação de Serviços TILSP e Lista de Referência de Honorários) disponibilizados no site da FEBRAPILS, no intuito de orientar TILSP, na elaboração de orçamentos. Os documentos, acompanham a literatura disponível para elucidação de nossos objetivos, a saber: analisar os principais critérios de formulação de orçamentos para traduções/interpretações de Libras-português para atender demandas de conferência e/ou audiovisuais. Para tal, elenco três objetivos específicos: i) dialogar sobre orientações disponíveis pela FEBRAPILS para formulação de orçamentos para demandas de tradução e/ou interpretação conferência e/ou audiovisual; ii) apresentar as orientações existentes para formulação de orçamentos; e, iii) propor um modelo de orçamento para trabalhos de tradução e/ou interpretação de conferência e/ou audiovisual.

Outrossim, o leitor poderá acompanhar a leitura em três seções, após a introdução, a primeira seção apresenta pesquisadores que discorrem sobre o tema, a segunda seção apresenta a metodologia usada e a terceira sendo a análise dos dados, seguida das conclusões.

2. Aspectos contrastivos e legais da profissão

Iniciar esta conversa fazendo uma distinção entre tradução e interpretação é muito importante para que possamos refletir sobre propostas de trabalho, pois há contratantes que não conseguem diferenciar os serviços, então somos nós profissionais que temos que desmistificar que tipo de serviço vamos entregar. Rodrigues (2013) nos ajuda a entender e distinguir as tarefas, mesmo sendo tão parecidas em características, à medida que colocamos lado a lado a tradução e interpretação, conseguimos perceber manejos cognitivos e operacionais diferentes. Ainda nesta atmosfera, Lourenço (2015) traz à tona que essas tarefas requerem do profissional TILSP, competências específicas para a realização de cada uma.

Em Nogueira (2016), destaca-se que a interpretação é uma atividade realizada há muito tempo, devido aos interesses de um povo por outro povo (seja de ordem militar, comercial ou religiosa) e que suscitaram a necessidade da interpretação na intermediação linguística entre povos de distintas línguas. O pesquisador nos posiciona sobre o início do trabalho de TILSP em conferências no Brasil, através de entrevistas em sua tese, que confere que este labor iniciou-se em um Congresso em 1981², até então comumente conhecida como tradução simultânea, contudo o nome tecnicamente correto desta atividade é interpretação de conferência. A tarefa tem a ver especificamente com a comunicação oral do TILSP em transpor uma mensagem de uma língua para outra, seja ela de sinais ou não, com naturalidade e fluência adotando a linguagem, o tom e as convicções do orador e falando na primeira pessoa (Nascimento 2016).

Na mesma direção, os convido a refletir brevemente sobre a Tradução e Interpretação Audiovisual da Língua de Sinais (TIALS) para além do enfoque que esse campo de atuação tem em decorrência das demandas que emergem do contexto político e das questões inerentes ao próprio debate político-partidário em si. Nessa esfera são ofertadas à sociedade brasileira nos últimos períodos eleitorais a inclusão da janela de Libras no plano político nacional em

² Ela relata que, em 1981, em um congresso de pessoas com deficiências, realizado em Recife, evento em que participavam também outros surdos, não havia intérpretes. Ely Pietro, como por um “milagre”, se aproximou dos surdos quando estavam reunidos em um grupo de trabalho do evento, informando que era ouvinte e que sabia a LS, e questionando se os surdos precisavam de auxílio. Então, a partir daquele momento, os surdos começaram a perguntar para ele o que as pessoas estavam falando e ele fazia a interpretação. Não se tinha consciência, como informa Campello, de que aquela atividade era uma interpretação ou que Ely era uma intérprete. Esse fato narrado por Campello (2014, tempo do vídeo, 03:59-04:53), antecede o relato de Leite (2005) sobre a atuação dos intérpretes de Libras/Português. Essa entrevista foi concedida ao projeto de extensão de entrevistas proposto pela Profa. Silvana Aguiar dos Santos em parceria com a ACATILS. A entrevista está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=V-UjNz8zDw>. Acesso em: outubro de 2022. Entrevista concedida por CAMPELLO, Ana Regina de Souza e. Entrevista I. [jul. 2014]. Entrevistadora: Silvana Aguiar dos Santos. Florianópolis, 2014. Em conferências, mesmo que tenham ocorrido de forma totalmente despretensiosa, nos parece ser um marco para o início do trabalho dos intérpretes no Brasil. (NOGUEIRA, 2016, p. 77 -78).

mídias tradicionais como a TV aberta para atender a uma parcela populacional que, até então, exercia o dever do voto, mas sem conhecer, amiúde, os candidatos.

Essas pessoas que referimos são os surdos e surdas, que constituem, segundo o último Censo do IBGE publicado em (2020), 5,1% da população brasileira que puderam assistir em 2016 e em 2018 às propagandas político-partidárias e aos debates entre os candidatos exibidos em canais da televisão aberta por meio da tradução e/ou da interpretação da Libras. Um direito adquirido que deve, sem dúvida, apesar dos problemas de implementação, ser otimizado. Nas propagandas eleitorais e debates, podemos perceber que a Libras é enunciada por alguém em um pequeno espaço no canto da tela, que tem como objetivo dar acesso às informações traduzidas/interpretadas para pessoas surdas em mídias audiovisuais tal como referenda-se Nascimento (2011; 2017). Essa atividade se tornou comum, e recorrentemente é solicitado aos TILSP que elaborem orçamentos para atender diferentes demandas para que atendam os mais distintos critérios, sejam eles políticos, profissionais, sociais e ambientais.

Discutir a gênese dos tradutores e intérpretes de Libras é um contexto pesquisado por Rosa (2008), Silva (2014), Giamloureño (2018), que indicam o ponto de partida de atuação deste profissional, já no século XX, em ambientes religiosos, explicitando os contextos de formação e de qualificação profissional. Giamloureño (2018) destaca a importância do Exame Nacional de proficiência em Tradução e Interpretação da Libras/Língua Portuguesa (PROLIBRAS)³, que proporcionou que tais profissionais, mesmo sem formação acadêmica, pudessem trabalhar em diferentes ambientes e contextos.

Nesse mesmo íterim, ocorreu em 2008 a criação do primeiro curso de formação de tradutores e intérpretes de Libras-português em nível superior, por uma Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e a fundação da FEBRAPILS. Esses são marcos históricos importantes de serem indicados, haja vista que são relevantes nesta pesquisa. Optamos por selecionar esses fatos por conta do recorte do trabalho, que não comporta abarcar tantos fatos históricos acerca da existência, legislação e formação desses profissionais atuantes em línguas de sinais.

De modo geral, a profissão de TILSP será direcionada a atuar mediante formação específica e especializada, respondendo a uma demanda social crescente. Para que esses

³ O exame Prolibras é uma combinação de um exame de proficiência propriamente dito e uma certificação profissional proposto pelo Ministério da Educação como uma ação concreta prevista no Decreto n° 5.626/2005, decreto que regulamenta a Lei n° 10/4436/2002, denominada “Lei de Libras”. Basicamente, esse exame objetiva avaliar a compreensão e produção na língua brasileira de sinais - libras. O Exame, não substitui a formação em todos os níveis educacionais. Os cursos de graduação para formação de professores de Libras e de tradutores e intérpretes de Libras e Língua Portuguesa já começaram a ser oferecidos no país. No entanto, o prazo de formação e criação desses cursos é mais longo. Assim, o exame Prolibras vem resolver uma demanda de curto prazo (QUADROS, 2009, p. 23-24).

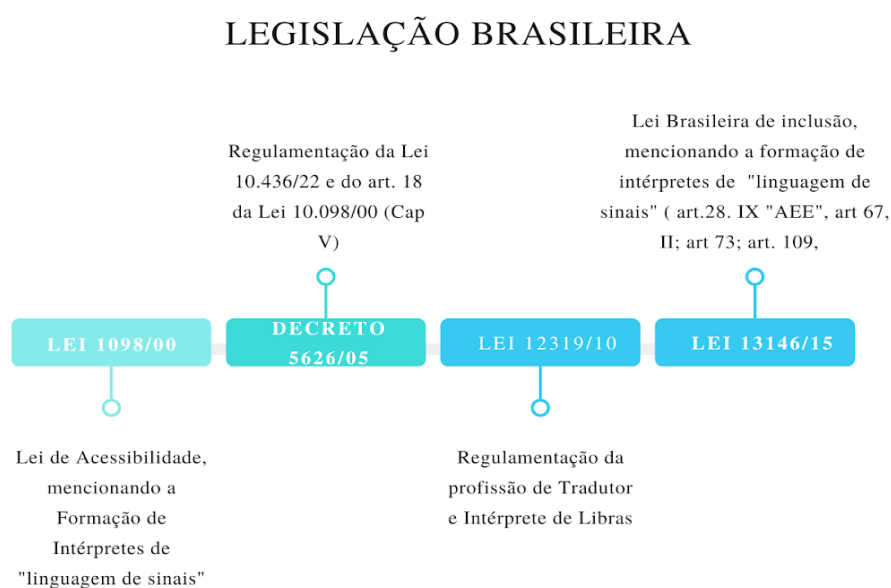
profissionais sejam devidamente reconhecidos, é fundamental que a profissão passe por processos de regulamentação e institucionalização, estabelecendo marcos probatórios claros.

Segundo Rodrigues (2019), a caracterização dos profissionais TILSP já está norteada pelo surgimento de cursos de formação em nível de graduação, especialização e cursos de extensão universitária; pela profusão de pesquisas com foco tanto na tradução, quanto na interpretação; pela criação da FEBRAPILS; pelos congressos internacionais de difusão de pesquisas na área da Tradução e da Interpretação de Língua de Sinais; e pelo o surgimento de legislações específicas que tem como foco alicerçar a profissão em todo território nacional.

Ainda contextualizando esse cenário de acontecimentos que deram origem aos TILSP, vamos indicar uma linha do tempo e seus fatos que deram margem significativa e sustentação federativa para que outros órgãos do estado pudessem promover formação, qualificação e vagas profissionais de trabalho.

Para que possa ilustrar esse contexto histórico e importante para os profissionais, apresento um resumo das legislações presentes em uma ilustração construída pelos autores.

Figura 1 – Linha do tempo da Legislação brasileira



Fonte: BRASIL (2000, 2005, 2010, 2015).

Aqui apresento esse recorte temporal, para que discorrer sobre problemas entre os textos de marco legal, porque eles vão esmiuçar, muitas vezes, da formação e atuação em perspectivas diferentes e em realidades distintas. Outrossim, são as variantes terminológicas usadas nesses dispositivos que, de acordo com estudos linguísticos e estudos tradutórios e

interpretativos, estão entrando em desuso. Apesar desse não ser o ponto focal de análise, indico aos leitores a visitarem as legislações citadas na Figura 1.

Realizando considerações acerca do reconhecimento e valorização profissional do TILSP, precisamos salientar: i) a criação de associações profissionais, que fazem a união dos profissionais e organizam a categoria, que em suas incubências acabam por proteger e dar segurança aos TILSP; ii) a possibilidade de formação e certificação para novos profissionais, que desejam ingressar no mercado de trabalho, com remuneração e condições de trabalho; iii) novos nichos de formação sendo necessários para que os TILS, possam atuar em ambientes de saúde, jurídicos, educacionais e artísticos ao mesmo tempo que o mercado está solicitando tradutores e intérpretes para diferentes demandas em atuações como *freelancer*, assalariados em consonância com leis trabalhistas - CLT e concursos no setor público; iv) a construção de códigos de ética por órgãos reguladores, e aqui podemos citar a FEBRAPILS; e, v) a regulamentação da profissão através de Leis Federais, que dão alicerce e estruturam o trabalho em todo território nacional.

As associações profissionais nacionais de tradutores tem um código e conduta oficial de boas práticas, que vem a estabelecer os princípios éticos e profissionais e, no caso dos TILSP, a FEBRAPILS tem dado atenção e elaborado documentos para que os profissionais possam direcionar seu ofício a contento de uma normatização mínima que abranja aqueles no exercício do labor com translações que envolvem a Libras.

O Código de Conduta e Ética⁴ elaborado pela FEBRAPILS foi publicado em 13 de abril de 2014, por associações e profissionais da área, quando foi discutido e aprovado em assembleia pela Federação e pode ser consultado por todos em seu site. Os TILSP brasileiros, aptos a traduzir encontram-se em um momento de abertura laboral e negócios que envolve, inclusive, a necessidade de sigilo profissional que deve ser levado com muita seriedade. O referido Código é fundamentado nos princípios essenciais das missões de confidencialidade, estabelecendo regulamentações internas dentro da categoria profissional. Essa normativa visa não apenas preservar a confidencialidade, mas também promover padrões elevados de trabalho. Contudo, é crucial destacar que o Código também aborda outras competências essenciais na tradução e interpretação, incluindo a competência tradutória propriamente dita e outros eixos específicos do código de ética, que são igualmente importantes para a prática profissional dentro desta área.

⁴ Disponível em: <https://febrapils.org.br/wp-content/uploads/2022/01/Codigo-de-Conduta-e-Etica.pdf>

2.1 Quais são os serviços das Federações, Sindicatos e Associações

As associações profissionais é uma das formas de regulação mais antiga das corporações e o desenvolvimento do código de ética é um caminho proeminente pelo qual essas instituições funcionam para fins de autorregulação. Como sistemas legais, privados e característicos das profissões estabelecidas formalmente, as associações representam uma categoria profissional e são entidades responsáveis pela busca da valorização laboral e da garantia de direitos. Aqui destacamos o porquê de referendar e enfatizar a Federação, conforme Carneiro (2018) a pesquisadora destaca:

Em primeiro lugar, há que se atentar para as datas de adoção dos códigos mencionados. O mais antigo deles é o da FENEIS, aprovado por ocasião do II Encontro Nacional de Intérpretes, no Rio de Janeiro, em 1992. Apesar de ser o mais antigo, ainda é um dos mais referenciados em cursos livres de formação de TILS (Tradutores-Intérpretes de Língua de Sinais) e em concursos públicos. Em seguida, por ordem cronológica, vem da FENEIS⁵-RS (2004), APILRJ (2009), AIIC (2009), AGILS (2011) e FEBRAPILS (2014). Não foi encontrada a data de adoção do código da APIC, mas ele ainda está em vigor em 2018, disponível no site da Associação na Internet. No longo período de 1992 a 2014, muito da legislação sobre o reconhecimento da Libras e regulamentação dos tradutores-intérpretes de Libras foi promulgada, mudando indiscutivelmente status da Libras e do TILS no Brasil, bem como a educação de surdos e o aprendizado da Libras por professores, pedagogos, profissionais de saúde, licenciados, sem falar em pelo público em geral. Assim sendo, esperava-se encontrar mudanças mais significativas na redação dos códigos mais modernos em relação ao mais antigo, o da FENEIS. (CARNEIRO, 2018, p. 42).

Ainda Carneiro (2018) explica que, entre os aspectos práticos abordados nos códigos analisados, destaca-se as condições de trabalho. O código da APIC remete aos Regulamentos, que o complementam e definem mais detalhadamente a forma de cobrança, a composição de equipes, a determinação dos honorários e a contratação.

Apresentamos a FEBRAPILS a seguir, que é a:

[...] uma entidade profissional autônoma, sem fins lucrativos ou econômicos, fundada em 22 de setembro de 2008, de duração indeterminada, com personalidade jurídica de direito privado, qualificável como de interesse público e pertencente ao território brasileiro.

⁵ Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos, fundada em 16 de maio de 1987, é uma entidade filantrópica, sem fins lucrativos, que tem por finalidade a defesa de políticas linguísticas, educação, cultura, emprego, saúde e assistência social, em favor da comunidade surda brasileira, bem como a defesa de seus direitos.

Essa entidade tem a função de orientar, apoiar e consolidar as Associações de Tradutores, Intérpretes e Guia-intérpretes de Língua de Sinais (APILS), buscando realizar um trabalho de parceria em defesa dos interesses da categoria de tradutores, intérpretes e guia-intérpretes de língua de sinais (TILS). (FEBRAPILS, 2022).

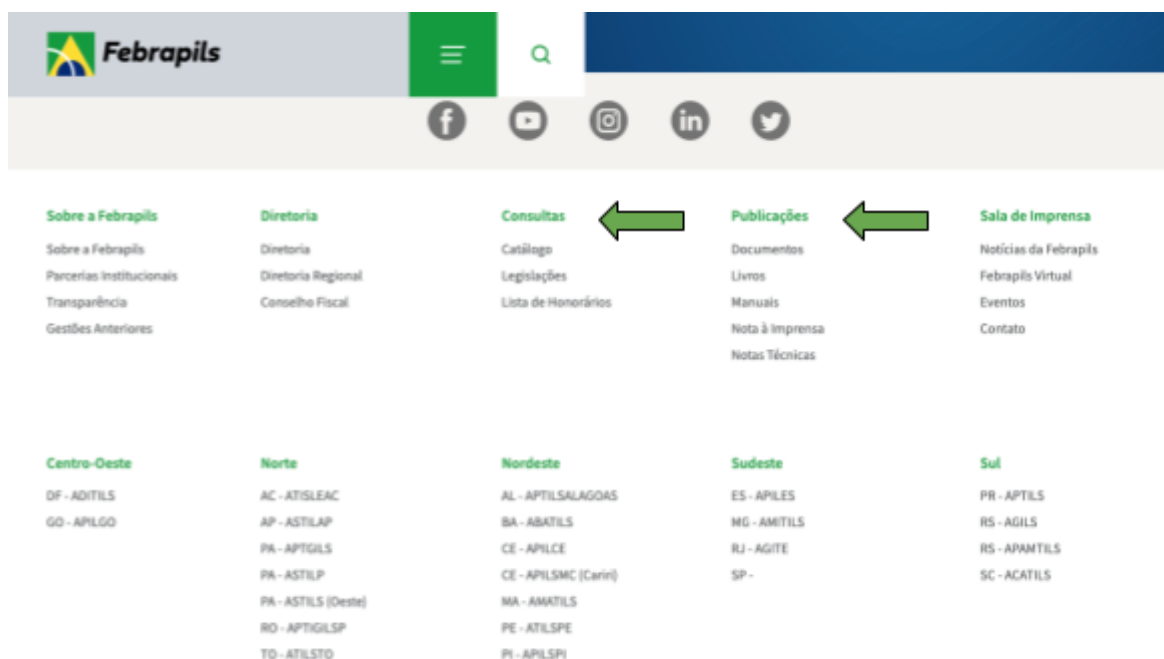
Com a missão de orientar, defender e representar o conjunto das Associações Profissionais Tradutores e Intérpretes e Guia-intérpretes de Língua de Sinais e dos Departamentos de Tradutores e Intérpretes e Guia-intérpretes de Língua de Sinais, criados no âmbito das instituições representativas da comunidade surda e surdocega. No mesmo documento destaco os objetivos contidos em seu estatuto social que foi aprovado em assembleia no dia 22/09/2008, disponíveis no site da Federação:

Art. 2º - A Febrapils tem por objetivos: I. Colaborar com a fundação de APILS; II. Consolidar as APILS, apoiando na sua organização administrativa e de atuação; III. Apoiar as APILS e DPTILS na busca pela formação profissional, melhoria do ambiente de trabalho, salubridade e condições salariais adequadas da categoria dos Tradutores e Intérpretes e Guia-intérpretes de Língua de Sinais, doravante denominados de TILS e GIs; IV. Construir e manter uma parceria e intercâmbio com as instituições de tradutores e intérpretes, de surdos, em todas as esferas, seja nacional ou internacional; V. Estabelecer parcerias e laços de solidariedade nas reivindicações e conquistas com instituições representativas da comunidade surda, estimulando o respeito, o diálogo e a convivência entre surdos, TILS e GIs. (FEBRAPILS, 2008, p. 2)

Para além de cumprir os objetivos apresentados acima, percebemos que a Federação, abrange o conjunto de valores e posturas que guiam o pensamentos e comportamentos, definindo o que se deve fazer ou não com base na consciência e na responsabilidade que se assume em relação a tais valores e posturas. A ética pode ser definida como a investigação e análise de ações ou de costumes, e, por sua vez, pode ser entendida como a própria realização de comportamentos que baseiam-se na dimensão da ação humana. A ética trata da liberdade diante das normas e responsabilidades, do porquê devemos fazer ou não algo.

O site da FEBRAPILS, mesmo para aqueles não filiados, possui uma gama de informações que considero pertinente para os profissionais que atuam na área. Aqui destaco apenas alguns, e indico o endereço eletrônico para futura consulta.

Figura 2 – Site da FEBRAPILS



Fonte: Site FEBRAPILS⁶ (2022).

Neste ambiente, podemos buscar diversas informações. Na Figura 2 eixos “guarda-chuvas” merecem destaque: o primeiro são as associações afiliadas e seus respectivos Estados e que compõem o leque de parceiros da Federação, fazendo dela um alicerce para todas suas ações. Nesta mesma imagem, estão listadas as associações que “bebem” das orientações da Federação, somando 22 associações, em 18 estados brasileiros.

O segundo ponto de destaque são os documentos de consulta que se desmembram em três subitens: *catálogos*, *legislações* e *lista de honorários*.

A) O *Catálogo* é uma iniciativa da FEBRAPILS e tem por objetivo cadastrar os estabelecimentos nessa área. Nessa aba é possível pesquisar/selecionar/consultar por categorias, regiões e municípios. Ainda no mesmo ambiente, temos podemos visualizar conexões com instituições importantes como: ABRATES, APIC, FENEIS, IEEL⁷, SINTRA e WASLI⁸;

B) As *legislações* mais atuais e pertinentes para os profissionais;

⁶ Disponível em: <https://febrapils.org.br/sobre-a-febrapils/>. Acesso em: 08 ago. 2022.

⁷ O Instituto de Educação e Ensino de LIBRAS – IEEL, foi fundada em 21 de agosto de 2017, com o objetivo de disseminar o conhecimento e o uso da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS para as práticas discursivas, favorecendo as relações sociais e interpessoais entre surdos e ouvintes, fomentando as práticas de inclusão educacional e social, que valorizem a Língua de Sinais e a Cultura Surda.

⁸World Association of Sign Language Interpreters - A Associação Mundial de Intérpretes de Língua de Sinais foi criada em 23 de julho de 2003 durante o 14º Congresso Mundial da Federação Mundial de Surdos em Montreal, Canadá.

C) A *Lista de Referência* é uma ferramenta para auxiliar nos valores de referência nacional de honorários dos tradutores e intérpretes de Língua de Sinais.

Na *Aba publicações*, vamos avistar o seguinte menu: *Documentos, Livros, Manuais, Notas à imprensa e Notas técnicas*.

- a) Em *Documentos*, podemos encontrar, arquivos para baixar e compartilhar como: a Declaração do I Fórum dos Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais das Instituições Federais de Ensino, publicado em 14/11/2015; a Declaração do III Encontro Latino Americano de Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais e Guia-Intérpretes para Surdocego (ELATILS), publicado em 21/07/2017; os Direitos Humanos das Pessoas Surdas: Pela Equidade Social, Cultural e Linguística, publicado em 2018; as Diretrizes para a promoção do acesso à informação sobre saúde pública na(s) língua(s) de sinais nacional(is) durante a Pandemia do Coronavírus, publicado em agosto de 2020, de autoria da WFD⁹ e WASLI; o Acesso a Serviços de Saúde e Sobre a Saúde Ocupacional dos Intérpretes durante os Esforços de Contenção do Coronavírus (Covid-19), publicado em abril de 2020.
- b) Em *Livros*, acessamos uma lista de obras que tratam da tradução e interpretação em diferentes áreas do conhecimento, disponíveis para download de forma gratuita;
- c) Em *Manuais* podemos ter acesso ao Código de Conduta e Ética, publicado em 13/04/2014, autoria: FEBRAPILS e Guia de Contratação de Serviços TILS, publicado em 07/02/2017, autoria: FEBRAPILS e Vânia Santiago;
- d) Em *Notas à imprensa* é onde a Federação informa os profissionais, contratantes e comunidade, para destacar queixas e denúncias que orbitam a tradução e interpretação de línguas sinalizadas como: Carta Aberta: Tradutores, Intérpretes, e Guia-intérpretes de todo o país a respeito da Covid-19, publicado em 18 de março de 2020, autoria: FEBRAPILS; Nota de Congratulação: à Tribunal de Justiça do Estado de Tocantins, publicado em 2020, autoria: Febrapils; Nota de Repúdio à precarização da atuação remuneração de profissionais Tradutores, Intérpretes e Guia-Intérpretes de Libras, publicado em 05 de dezembro de 2019, autoria: FEBRAPILS, Feneis e Abrates; Nota Pública: Considerações sobre Edital 19/2022 do Inep, publicado em 07 de abril de 2022, autoria: Diretoria de Articulação Política nota com considerações sobre o Edital nº19 do Inep, publicado em 04 de abril de 2022; Nota Pública: sobre o cadastramento

⁹ *World Federation of the Deaf* - A Federação Mundial de Surdos é uma das mais antigas organizações internacionais de pessoas com deficiência do mundo. Reconhecendo que os surdos em todo o mundo enfrentam barreiras à acessibilidade total, igualdade de direitos humanos e participação nas decisões de formulação de políticas que os afetam, a WFD foi estabelecida em Roma, Itália, em 23 de setembro de 1951.

de Tradutores e Intérpretes e Guia-Intérpretes voluntários para atuação em tribunais e fóruns, publicado em 20 de Julho 2019, autoria: FEBRAPILS, FENEIS E TILSJUR; Nota Pública: sobre realização de Concursos e Seleções para provimento de cargos de Tradutores e Intérpretes de Libras em Instituições Públicas, publicado em 2019, autoria: FEBRAPILS.

- e) Em *Notas Técnicas* vamos encontrar documentos que dão esclarecimento e norteamento para trabalhos em determinadas áreas, como a: Nota Técnica 01/2017 que discorre sobre a atuação do tradutor, intérprete e guia-intérprete de Libras e Língua Portuguesa em Materiais Audiovisuais Televisivos e Virtuais, publicado em 28/04/2017, autor: FEBRAPILS; Nota Técnica 02/2017: sobre a contratação do serviço de interpretação de Libras/Português – Revezamento e Trabalho em Equipe publicado em 20/07/2017, autor: FEBRAPILS e Nota Técnica 04/2020: Interpretação Simultânea Remota para Língua Brasileira de Sinais, publicado em 27/05/2020, autoria: FEBRAPILS.

Cada tópico mostrado acima nos confere o entendimento que a Federação trabalha de acordo com muitas instituições Nacionais e Internacionais, ao mesmo tempo que produz normativas.

2.2 Insumos que direcionam os critérios para orçamentos

Nesta seção, vou apresentar documentos disponibilizados pela FEBRAPILS, APIC e ABRATES. Entretanto, vamos ter a Federação como referência principal, visto que sua amplitude é maior do que as Associações e também dialogar a amíúde sobre as tarefas de conferência e trabalhos audiovisuais, contidas nos documentos.

2.2.1 Guia de contratação de Serviços TILSP

Este documento encontra-se disponível para salvar, fazer *download* e compartilhar na Aba *Manuais* (Link de acesso: <http://febrapils.org.br/publicacoes/manuais>), tendo como objetivos iniciais, esclarecer e conduzir o contratante a se informar sobre o serviço de maneira apropriada antes de realizar a contratação do profissional. Ainda, o material possui informações de serviços de tradução e interpretação de/para língua de sinais e também o serviço de guia-interpretação para surdocegos, sendo um documento que tem em sua abrangência a maior parte dos contextos de serviços prestados por TILSP. O guia tem origem

no trabalho de especialização de Chris Durban, mas o texto é de Vânia Santiago em 2016, endossado pela ABRATES, FEBRAPILS, SINTRA e Instituto Singularidades (IS).

Este documento é estruturado em informações voltadas para tradução e interpretação no par linguístico de português/Libras e vice-versa, bem como questões essenciais sobre acessibilidade e traz um trilha de informações necessárias para se selecionar profissionais da tradução e interpretação, não em todas as áreas do conhecimento, mas em alguns contextos de serviços globais como conferências, palestras, guia-interpretação, fazendo esclarecimentos de serviços e ponderando contextos terminológicos e técnicos.

Além disso, o guia faz uma conexão com outros documentos e referências do mesmo contexto voltados para o contratante e indicando a lista de referência de honorários para articular centralizar critérios de oferta de valores de serviços voltados para suas necessidades.

2.2.2 Lista de Referência de Honorários

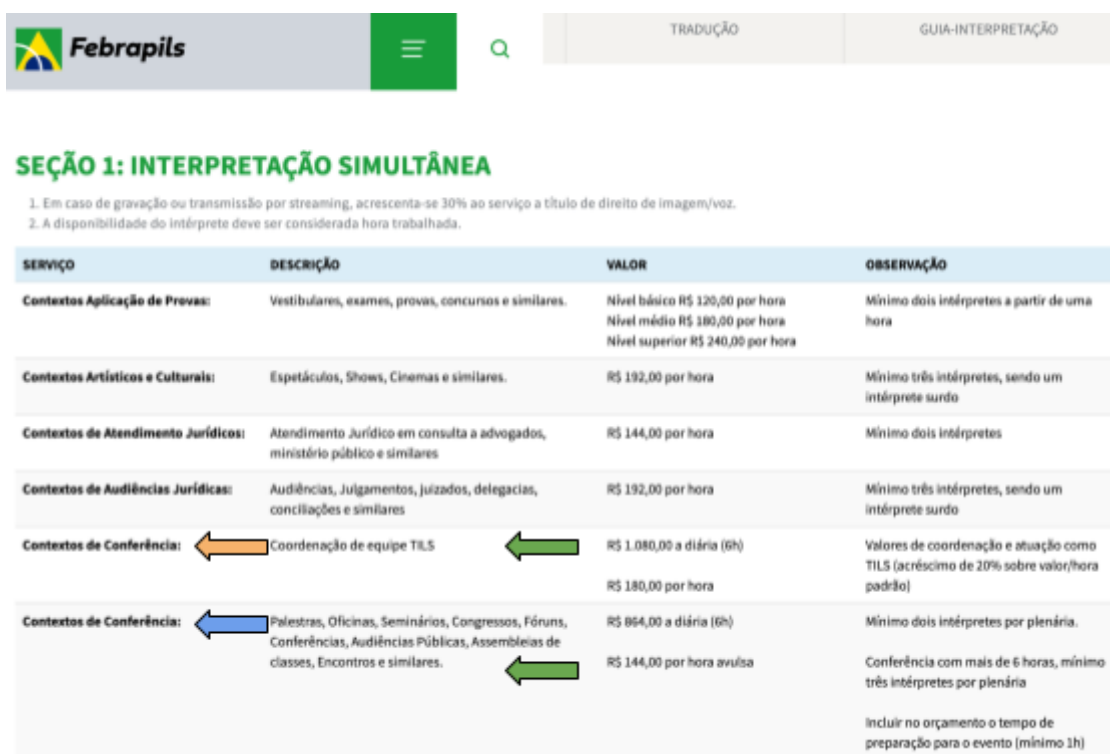
A presente lista é um instrumento para auxiliar nos valores de referência nacional de honorários dos tradutores e intérpretes de Língua de Sinais e Guias Intérpretes de Libras. Estruturado em três segmentos (honorários de Interpretação, Tradução e Guia-Interpretação), o documento teve sua última atualização em 17 de outubro de 2020, na assembleia da Federação com suas afiliadas.

As diversas situações e possíveis ocorrências apresentadas na lista possibilitam compreender as nuances do trabalho oferecido pelos profissionais e também a necessidade de atuarem em equipe em algumas demandas. A Lista de Referências é um instrumento para a categoria profissional que visa garantir a principalmente valorização da categoria, visto que antes deste documento, os profissionais acabavam por produzir orçamentos que talvez pudessem desprestigiar sua tarefa.

A presente lista encontra-se no site da FEBRAPILS, e hoje divide-se em três abas, que são: Interpretação, Tradução e Guia-interpretação, todos voltados para o trabalho com Libras. Na aba da descrição de trabalhos voltados para interpretação, nos deparamos com quatro seções que tratam da: (i) interpretação simultânea; (ii) interpretação/tradução audiovisual; (iii) interpretação educacional e; (iv) interpretação simultânea remota.

Aqui vou focalizar para na seção que é de nosso interesse de análise que discorre sobre a interpretação simultânea em conferência e interpretação/tradução audiovisual. A presente lista é dividida em eixos, onde descreve o serviço, e em seguida posiciona os valores e suas respectivas observações.

Figura 3 - Lista de referência e honorários



SEÇÃO 1: INTERPRETAÇÃO SIMULTÂNEA

1. Em caso de gravação ou transmissão por streaming, acrescenta-se 30% ao serviço a título de direito de imagem/voz.
2. A disponibilidade do intérprete deve ser considerada hora trabalhada.

SERVIÇO	DESCRIÇÃO	VALOR	OBSERVAÇÃO
Contextos Aplicação de Provas:	Vestibulares, exames, provas, concursos e similares.	Nível básico R\$ 120,00 por hora Nível médio R\$ 180,00 por hora Nível superior R\$ 240,00 por hora	Mínimo dois intérpretes a partir de uma hora
Contextos Artísticos e Culturais:	Espetáculos, Shows, Cinemas e similares.	R\$ 192,00 por hora	Mínimo três intérpretes, sendo um intérprete surdo
Contextos de Atendimento Jurídicos:	Atendimento Jurídico em consulta a advogados, ministério público e similares	R\$ 144,00 por hora	Mínimo dois intérpretes
Contextos de Audiências Jurídicas:	Audiências, Julgamentos, Juizados, delegacias, conciliações e similares	R\$ 192,00 por hora	Mínimo três intérpretes, sendo um intérprete surdo
Contextos de Conferência:	Coordenação de equipe TILS	R\$ 1.080,00 a diária (6h) R\$ 180,00 por hora	Valores de coordenação e atuação como TILS (acréscimo de 20% sobre valor/hora padrão)
Contextos de Conferência:	Palestras, Oficinas, Seminários, Congressos, Fóruns, Conferências, Audiências Públicas, Assembleias de classes, Encontros e similares.	R\$ 864,00 a diária (6h) R\$ 144,00 por hora avulsa	Mínimo dois intérpretes por plenária. Conferência com mais de 6 horas, mínimo três intérpretes por plenária. Incluir no orçamento o tempo de preparação para o evento (mínimo 1h)

Fonte: FEBRAPILS (2022).

O contexto de trabalhos em ambientes de conferência aparecem na lista na primeira seção que trata de interpretação simultânea e descreve em dois pontos a referência de trabalho aplicada a essa tarefa. Logo, nesse ambiente podemos visualizar duas tarefas distintas em ambientes de conferência, em que se atua o coordenador de equipe de TILSP (esse destacado com uma seta amarela na Figura 3), é o profissional que irá trabalhar com os TILSP, atuando na logística e organização dos turnos e tarefas que antecedem a conferência, organizando o material de estudo, processo de revezamento e testagem de equipamentos. Nesse campo é válido frisar que a lista não destaca a amplitude quais são os tipos de tarefa, clarificando os ambientes de atuação pelo leitor e o campo destinado a tarefa de interpretação e seus valores.

Logo em seguida, podemos observar que vem listado as tarefas e suas possíveis ambientes de atuação dos TILSP (demonstrados pelas setas verdes), que são: *Palestras, Oficinas, Seminários, Congressos, Fóruns, Conferências, Audiências Públicas, Assembleias de classes, Encontros e similares*; com destaque para os valores e observações a minúcias do serviço. Ainda neste ponto, resalto o fato que muitas conferências que trabalham tarefas de interpretação simultânea, podem também ocorrer de maneira remota. Dito isso, devemos atentar para a última sessão da lista de honorários que trata desta temática.

Não obstante, a seção do documento digital que trata interpretação simultânea remota não contém descrição e valores pontuais do serviço, apenas um texto conduzindo o profissional a realizar o acréscimo de 30% sobre o valor da atividade, de acordo com a própria lista, e recomendando a tarefa a ser desempenhada por no mínimo dois intérpretes, sem levar em consideração o tempo da atividade, que podem ser variáveis.

Na seção de interpretação/tradução audiovisual¹⁰, temos treze serviços, organizados com seus valores, descrições e observações distintas fazendo ressalvas em pequenas notas de rodapé e/ou itens alojados antes da lista iniciar a descrever seus serviços. Dentro deste contexto, essa seção acaba por demonstrar um *blend* (mistura), dos serviços de tradução e interpretação cruzados, não fazendo distinção entre eles na lista, mesmo estes serviços sendo diferentes, como destacado por Rodrigues (2013) e Lourenço (2015), anteriormente citados no prelúdio desta contextualização teórica.

No site da FEBRAPILS, a quinta seção detalha serviços de *Tradução* (<https://febrapils.org.br/lista-de-referencia-de-honorarios/>) especializada que abordam nuances específicas, adaptados a contextos ou formatos que requerem habilidades ou conhecimentos especiais. Cada serviço listado nesta seção é acompanhado por uma tabela de tarifas e observações relevantes, esclarecendo as condições específicas ou requisitos para cada tipo de serviço de tradução.

Na última seção, a lista trata dos serviços atrelados a guia-interpretação simultânea, e ainda nesta lista, encontramos tratativas de tarefas de conferências que vão ao encontro do trabalho de guias-intérpretes de línguas de sinais.

3. Metodologia

Na construção deste trabalho foram empregados dois movimentos, de abordagem teórica, para a produção de dados: o primeiro vem a ser o levantamento de uma base teórica que venha a coletar documentos acerca de serviços de traduções e/ou interpretação em conferências e audiovisuais, situados em sites da Federação e Associações; o segundo movimento de produção de um diálogo com os documentos dispostos pelos órgãos referenciais dos profissionais TILSP na FEBRAPILS, em que realizamos levantamentos de critérios, a partir dos documentos apresentados, com a finalidade de criar orçamentos com base em solicitações hipotéticas, na busca de validar as informações que estão contidas nos documentos fornecidos pela federação. Em seguida, buscar saber se as informações dos

¹⁰ Para consulta (<https://febrapils.org.br/lista-de-referencia-de-honorarios/>)

documentos suprem a necessidade do profissional na hora de orçar serviços em contextos conferência e/ou audiovisual.

Sendo assim, os movimentos permitiram estruturar essas informações relevantes a contratantes e contratados, especificamente no que concerne a refletir sobre os critérios voltados para serviços de conferências e audiovisuais, tanto na interpretação, quanto na tradução. Para realizar isto, questiono quais critérios os profissionais TILSP usam para elaborar seus orçamentos para tradução e/ou interpretação no par linguístico Libras-português de conferências e/ou audiovisual?; onde os profissionais tradutores e intérpretes de Libras ouvintes buscam referências para produção de orçamentos? E se os documentos disponíveis pelos órgãos de referência suprem a necessidade de levantamento de critérios para produção de orçamentos?

Na tentativa de alcançar os seguintes objetivos, analisar os principais critérios de formulação de orçamentos para traduções/interpretações de Libras/português para atender demandas de conferência e/ou audiovisuais, no Brasil. Subsequentemente ao levantamento, apresento as orientações disponíveis na FEBRAPILS para formulação de orçamentos para as demandas supracitadas. Em seguida, discuto as orientações existentes para formulação de orçamentos e propor um modelo de orçamento para trabalhos de tradução e/ou interpretação de conferência e/ou audiovisual.

Na análise de dados, submete-se os dados relativos a uma situação hipotética, para podermos analisar na prática se os documentos disponibilizados pela FEBRAPILS, conseguem fornecer critérios para que profissionais TILSP possam estruturar e apresentar orçamentos a seus contratantes.

4. Análise dos dados

Nesta sessão, diálogo sobre orientações disponíveis pela FEBRAPILS para formulação de orçamentos para demandas de tradução e/ou interpretação conferência e/ou audiovisual com o recurso de dois orçamentos hipotéticos, um para interpretação de conferência e outro para tradução audiovisual em propaganda política.

Figura 4 - Contratante Hipotético 1

Caro, Tils, gostaria que pudesse realizar um orçamento para um evento do Ministério da Saúde, sobre atenção primária, que acontecerá no dia 22 de agosto, com a perspectiva de durar 8 horas. O evento terá dois blocos, um que decorrerá de 8h ao 12h e outro 14h às 18h, sendo que o mesmo estará sendo transmitido via youtube para todo o Brasil. Se puder, conseguir outro intérprete para trabalhar com você seria ótimo.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Para elaborar o orçamento, é preciso visitar a lista de referência de honorários da FEBRAPILS, que indica valores e observações para serviços de conferência. A lista de referências de honorários (<https://febrapils.org.br/lista-de-referencia-de-honorarios/>) apresenta dois contextos de conferência, sendo que um é o que mais se aproxima do interesse do recrutador. Mediante a isso, a produção do orçamento hipotético se pautará em uma interpretação, haja vista que esta é singular e diferente da tarefa de tradução, como proposto por Rodrigues (2013) e Lourenço (2015).

Diante disso, a FEBRAPILS (2022), em suas observações na lista de honorários destaca a importância de dois ou mais intérpretes e referenda a necessidade cobrança da preparação¹¹, que se faz necessária em um contexto que os termos possam ser específicos e de não rotineiros aos profissionais.

Quadro 1 - Orçamento hipotético 1

Cliente: Contratante hipotético 1 Serviço: Conferência em Saúde Valor do investimento: R \$1. 296,00		
Serviço	Investimento	Detalhes

¹¹O que é? Cada área do conhecimento apresenta especificidades, seja no modo como se organiza a rotina do profissional, as habilidades práticas ou os conhecimentos teóricos. O que pode acabar passando despercebido é que todas as profissões têm vocabulários específicos e particularidades no modo de falar sobre determinados acontecimentos. Entender todas essas nuances, antecipar sua utilização e estar preparado para transmiti-las aos ouvintes de forma correta e clara: é uma das mais importantes habilidades de um intérprete ao realizar interpretações simultâneas. Cada intérprete busca estudar os termos ou sinais-termos de cada trabalho por no mínimo uma hora, para que a entrega da tarefa seja de qualidade respeitando o contratante e a comunidade envolvida. A preparação para a atuação dos intérpretes engloba importantes atividades e, para fins didáticos, nesse trabalho, podemos separá-las em alguns momentos: (i) a preparação física, voz e corpo; (ii) o domínio das modalidades de interpretação; (iii) o espaço de trabalho; e (iv) a preparação teórica conceitual. (NOGUEIRA, 2020).

Contexto de Conferência	R\$ 864,00 a diária (em até 6h) R\$ 144,00 por hora avulsa, (em caso de ultrapassar a diária)	Nesse caso o preço é pago por evento sendo cobrado valor da preparação de 1h para cada evento: R\$ 144,00
-------------------------	--	--

Fonte: Elaborado pelo autor.

Cálculo para Um Intérprete

6 horas (diária): R\$ 864

2 horas adicionais (8 horas no total - 6 horas diária): $2 \times \text{R\$ } 144 = \text{R\$ } 288^{12}$

1 hora de preparação: R\$ 144

Total para um intérprete: $\text{R\$ } 864 + \text{R\$ } 288 + \text{R\$ } 144 = \text{R\$ } 1.296$

Cálculo para Dois Intérpretes

Para dois intérpretes, simplesmente dobra-se o total calculado para um:

Total para dois intérpretes: $2 \times \text{R\$ } 1.296 = \text{R\$ } 2.592^{13}$

O quadro 1 apresenta os valores brutos ali administrados pelo profissional, entretanto, é possível olhar para orçamento e embutir nesses valores que não estão contidos na lista, pois esses valores estão atrelados ao contexto, temporal e situacional. Por exemplo, o valor do deslocamento até o local para efetuar o serviço. Alguns orçamentos podem prever esse valor, em contraste com o valor do combustível, distância do local e/ou valor do transporte público ou particular de sua escolha.

No mesmo documento pode conter informações de como, quando e onde ocorrerá o pagamento ou até mesmo se haverá adiantamento pelo serviço a ser prestado. Dito isso, vamos passar para a segunda demanda.

Figura 5 - Contratante hipotético 2

Olá, tudo bem? Gostaria de um orçamento para fazer 30 vídeos, durante a campanha do nosso candidato. Mas, gostaria que realizasse nosso trabalho em caráter de exclusividade, não podendo fazer mais nem um trabalho para nem um outro candidato, mesmo sendo do partido, durante esse mês. Nós disponibilizamos o estúdio de gravação, para que não seja compartilhado o material, que muitas vezes é sigiloso e não temos dia pré definido para gravar os vídeos.

Aguardo seu retorno!

Fonte: Elaborado pelo autor.

¹² O documento de referência de honorários indica uma diária de 6h e não 8h, então foi pedida pelo contratante. Desse modo, por cada hora que exceda as seis horas, 144,00 para cada intérprete, somado ao valor de todas as atividades descritas no orçamento hipotético 1.

¹³ Portanto, o orçamento total para dois intérpretes, incluindo a preparação e as horas de evento, seria de R\$ 2.592.

Para realizar este orçamento fictício, vamos ter que lançar mão da lista de honorários da FEBRAPILS, em sua seção dois, que trata de interpretação/tradução em contexto audiovisual, contudo, esse presente trabalho se trata de uma interpretação ou tradução? Essa dúvida é muito comum por parte dos contratantes. É importante que os profissionais desmistifiquem durante uma conversa ou até mesmo uma reunião solicitada a respeito dessa dúvida. Se esse movimento não for possível, pode ser compartilhado o guia de contratação disponível no site (<https://febrapils.org.br/publicacao/guia-de-contratacao-de-servicos-tils>) da FEBRAPILS (2022), onde o documento vai descrever qual o tipo de serviço que mais se encaixa às necessidades do contratante e pode-se utilizar o orçamento para compartilhar esses dados com seus recrutadores e contratantes.

Ainda a FEBRAPILS orienta que valores referentes ao serviço de tradução e interpretação. Assim, serviços de pré-produção (criação de roteiro, plano de gravação, etc.) e pós-produção (revisão, edição, revisão etc.) devem ser negociados entre as partes, bem como o direito de imagem já incluso ao contrato e todavia no orçamento.

Analisando a Lista de referência de honorários, na hora de levantar os critérios e orçar, podemos nos deparar com um conflito de informações na lista e falta de informações do contratante. Podemos nos direcionar ao óbvio e realizar um orçamento base para vinheta de horário político, propaganda eleitoral, horário eleitoral, campanha eleitoral, que todos têm o mesmo contexto audiovisual, mas com demandas diferentes.

A Lista disponibilizada pela FEBRAPILS não cita em suas observações como proceder quanto à exclusividade, dando valores de referência para esse tipo de critério, desse modo deixa margem para que o profissional dialogue com o contratante. Nesse caso realizei o orçamento com o valor de 3 mil reais direcionado a exclusividade, no orçamento hipotético 2.

Quadro 2 - Orçamento hipotético 2

Cliente: Contratante hipotético 2 Serviço: Vinheta de horário político; Propaganda eleitoral; Horário eleitoral; Campanha eleitoral. Valor do investimento: R \$12.000,00		
Serviço	Investimento	Detalhes
Programas Políticos: Vinheta de Horário Político Propaganda eleitoral Horário eleitoral Campanha eleitoral	R\$ 300,00 por vídeo de até um minuto A cobrança deste serviço ocorre por minuto ou seja cada minuto soma valor de R \$300.00 reais, que pode ser pago por fora.	Probabilidade de 30 vídeos de até um minuto: R \$9.000,00. Adicional de R\$3.000,00 pela exclusividade.

--	--	--

Fonte: Elaborado pelo autor.

O orçamento hipotético 2 teve como elementos principais os serviços, e acaba por conter valores e explicativas traçadas mediante as informações que o contratante lhe sugere, para que possamos administrar os critérios pré-existentes na lista.

4.1 Inferências sobre os documentos

Nos meandros da leitura dos documentos fornecidos pela FEBRAPILS, acabo por encontrar algumas dificuldades dentro do orçamento hipotético 2, visto que este se trata de um serviço que na lista de honorários está descrito como interpretação/tradução audiovisual. Contudo, sabemos que essas tarefas são distintas, e que na mesma lista possui espaços singulares, contudo nesta sessão estão juntos, como se fossem exercidas em paralelo ou uma após a outra. Mediante a tentativa de construir o orçamento, tive essa dificuldade de separar a tarefa e destrinchar seus valores.

Acabo por encontrar alguns problemas na hora estabelecer os critérios, visto que o contratante ainda não consegue lhe passar todos os insumos (tempo, conteúdo e volume linguístico), por desconhecimento da área. Neste mote, a dificuldade de estabelecer critérios para dispor dos valores sobre a exclusividade exigida pelo contratante, em função deste critério, não faz parte do acervo da lista. Mediante a isso, imaginei que sempre haverá contextos distintos e particularidades de cada contratante e, para isso, indico que o diálogo entre as partes sempre será bem-vinda, para que os dois possam ser beneficiados ou até mesmo uma conversa com a associação da sua região.

Para que pudesse ajudar colegas de profissão, disponibilizei aqui uma proposta singela que pode ajudar na hora de elaborar seus critérios, para que o orçamento possa ser uma ferramenta poderosa, no que confere a estabelecer um espaço, um lugar de atuação, distinguir esse profissional em suas habilidades, experiência declaradas e educar os contratantes para que possam entender a complexidade do serviço e entendimento de valor cobrado por cada profissional.

Cabe referendar que o orçamento apresentado para a tradução não inclui atuação em dupla, como na interpretação. É importante ressaltar que, após a gravação, o profissional TILSP dedica tempo adicional para revisar o material, a fim de certificar-se de que a tradução

está pronta para ser editada e esse tempo deve ser cobrado, ou estar alojado em espaço especial no orçamento (detalhes).

Figura 6: Proposta de modelo de orçamento¹⁴

PROPOSTA DE MODELO ORÇAMENTO PARA SERVIÇOS DE TRADUÇÃO¹

O QUE É TRADUÇÃO?

O orçamento pode ser um espaço de compartilhamento, onde podes esclarecer o serviço para que o contratante no futuro seja um multiplicador de boas práticas

QUEM SOU EU?

Neste espaço deve conter um breve resumo de sua jornada profissional e seus serviços discriminados, bem como suas formações.

Portfólio:

Contatos: E-mail - Celular/whatsapp -

Identifique o orçamento e a que é destinado: Este documento visa identificar os valores para o trabalho de tradução/interpretação de Libras voltado para programas políticos, abaixo irei descrever em tabela os valores, com a probabilidade de ser entre xx a xx vídeos de até um minuto.

ORÇAMENTO

Cliente: Projeto: Valor final investimento:		
Serviço	Investimento	Detalhes

Os valores aqui podem ser verificados através do site da Federação de tradutores intérpretes do Brasil - FEBRAPILS <https://febrapils.org.br/lista-de-referencia-de-honorarios/> . Contudo, cada profissional pode realizar orçamentos com base em seu currículo, experiência e necessidades ocasionais.

Validade da Proposta:

Nome do Contratado

Nome Contratante

¹ Segundo a Lei de proteção de dados - LGDP, em seu Art n° 5, que evoca a restrição de dados sensíveis. Neste ponto lembro que o trânsito deste documento é de pertinência e sigilo entre as partes envolvidas.

Fonte: Elaborado pelo autor

¹⁴ Link para acesso:
https://docs.google.com/document/d/1m15EnIpwd8Wg_ZngXLEV_SVCTpGDYCuGMFQ0yOJ0vA/edit?usp=sharing

Este modelo foi produzido com base nos documentos disponibilizados pela FEBRAPILS, em parceria com outras instituições. Entretanto, acabamos por inserir informações que julgamos necessárias, sendo que esta proposta serve-se como uma proposta inicial e pode ser ajustada de acordo com as necessidades de cada profissional que for utilizá-la.

5. Conclusões

Ao fim deste trabalho reflito sobre os documentos disponibilizados pela FEBRAPILS para elaborar critérios que subsidiem a produção de orçamentos para dois tipos de trabalhos. Conseguindo, conquistar os objetivos de analisar os principais critérios de formulação de orçamentos para traduções/interpretações de Libras/português para atender demandas de conferência e/ou audiovisuais no Brasil e, subsequentemente a isso, levantei e apresentei as orientações disponíveis para formulação de orçamentos para demandas nas esferas supracitadas. Além disso, foi discutido as orientações existentes para formulação de orçamentos e propondo um modelo inicial de orçamento para trabalhos de tradução e/ou interpretação de conferência e/ou audiovisual.

Neste percurso de análise, podemos verificar que a lista de referência de honorários encontra-se estruturada e de entendimento em quase toda sua totalidade, fazendo necessário que o contratante se alicerce nas condições de contratação, mediante a leitura do *Manual de Contratação* disponibilizado pela FEBRAPILS. No que confere o trabalho audiovisual descrito, ainda não há distinção do serviço de tradução e interpretação expresso no documento em termos de valores. Quando realizada a leitura, isto pode deixar o contratante ou profissional em dúvida sobre qual trabalho destaca em seu orçamento, que talvez possa ser corrigido com uma tabela estratificada entre tradução e interpretação, nos campos nominados do site.

Afirmando, que os documentos suprem as necessidades dos profissionais TILSP, em levantar critérios para elaboração de orçamentos destinados a serviços de interpretação de conferência e traduções/interpretações audiovisuais, sem descartar uma pré-conversa com o contratante antes de levantar os itens para formulação de critérios na criação de orçamentos, visto que esse diálogo é essencial para entendimento e análise de possíveis demandas de serviços que podem não estar descrita na Tabela de Referência.

O trabalho do profissional TILSP, sempre que necessário, precisa ser pedagógico frente às dúvidas do contratante, ético na elaboração de seu orçamento, não deixando abaixo do valor de mercado indicado na Tabela de Referência e/ou a ponto de extravasar o contexto orçamentário do contratante. Mediante aos pontos levantados neste trabalho, estou ciente que há outros pontos de análise dentro do contexto de trabalho de profissionais tradutores e intérpretes de Libras que precisam ser analisados mas, pela dimensão desta pesquisa não puderem ser esmiuçados, deixando continuidade de discussão sobre outros serviços descritos na tabela de referência, valores em vigor e os documentos disponibilizados pela FEBRAPILS.

Espero que o presente trabalho tenha contribuído com estudantes, profissionais e contratantes que desejam saber dos meandros das atividades laborais dos profissionais TILSP no mercado de trabalho brasileiro, e no que confere ao levantamento de critérios para elaboração de orçamento em atuação em conferências e audiovisuais.

Referências

ALMEIDA, E. B; LODI, A. C. B. Formação de intérpretes de libras – língua portuguesa: reflexões a partir de uma prática formativa. *In: ALBRES, N. A.; NEVES, S. L. G. (orgs.) Libras em estudo: formação de profissionais*. São Paulo: FENEIS, 2014.

BRASIL. **Lei n. 10.098, de 19 de dezembro de 2000**. Estabelece normas gerais e critérios para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência, e dá outras providências. Brasília: Casa Civil, 2000.

BRASIL. **Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Libras, e dá outras providências. Brasília: Casa Civil, 2002.

BRASIL. **Decreto n. 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei no 10.436/2002, e dispõe sobre a Libras. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Poder Executivo. Brasília, DF, 23 dez 2005.

CARNEIRO. Tereza. O Papel dos Códigos de Ética e Conduta Profissional na Formação do Intérprete de Línguas Orais e de Sinais no Brasil. **Translatio**, Porto Alegre, n. 15, p. 33-56, jun. 2018.

IBGE . **Censo Brasileiro de 2018**. Rio de Janeiro: IBGE, 2020.

LOURENÇO, G. Investigando a produção de construções de interface sintático-gestual na interpretação simultânea intermodal. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 35, n. 2, p. 319-353, out. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2015v35nesp2p319>. Acesso em: 22 ago. 2022.

FEBRAPILS. **Nota técnica sobre a atuação do tradutor, intérprete e guia-intérprete de Libras e língua portuguesa em materiais audiovisuais televisivos e virtuais**, 2006.

Disponível em:

febrapils.org.br/wp-content/.../nota-ecnica-febrapils-feneis-materiaisaudiovisuais.pdf. Acesso em: 20 ago. 2022.

FEBRAPILS. **Estatuto Social**, 2008. Disponível em:

<https://febrapils.org.br/sobre-a-febrapils/>. Acesso em 20 ago. 2022.

NASCIMENTO, V.; NOGUEIRA, T. C. Tradução audiovisual e o direito à cultura: o caso da comunidade surda. **Percursos Linguísticos**, v. 9, n. 21, p. 105-132, 2019. Disponível em:

<https://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/23740>. Acesso em: 11 ago. 2022.

NASCIMENTO, V. Janelas de Libras e gêneros do discurso: apontamentos para a formação e atuação de tradutores de língua de sinais. **Trab. linguist. apl.**, v. 56, n. 2, p. 461-492, 2017.

NASCIMENTO, M. V. B. **Interpretação da língua brasileira de sinais a partir do gênero jornalístico televisivo**: elementos verbo-visuais na produção de sentidos. 2011. f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

NOGUEIRA, T. C. **Intérpretes de Libras-Português no contexto de**

conferência: Uma descrição do trabalho em equipe e formas de apoio na cabine. 2016. f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, SC, 2016.

NOGUEIRA, T. C. Atividade de preparação para Intérpretes de Libras-Português em

Conferências. In: RODRIGUES, Carlos Henrique; QUADROS, Ronice Müller de. (orgs.).

Estudos da Língua Brasileira de Sinais. v. 10. Florianópolis, SC: Editora Insular, 2020. p. 331-348.

GIAMLOURENÇO, P. R. **Tradutor Intérprete de Libras**: Construções da formação

profissional. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação Especial). Programa de pós-graduação em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos. Campus São Carlos, São Carlos, 2018.

QUADROS, R. M. *et al.* **Exame Prolibras**. Florianópolis, 2009.

QUADROS, Ronice M. de. **Tradutor e intérprete de Língua brasileira de sinais e língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEESP, 2002.

RODRIGUES, C. H. **A interpretação para a Língua de Sinais Brasileira**: efeitos de

modalidade e processos inferenciais. 2013. 255 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

RODRIGUES, C. H. O corpo de disciplinas de tradução na formação de tradutores e

intérpretes de língua de sinais no Brasil: conteúdos, carga horária e competências. **Belas Infíéis**, v. 8, n. 1, p. 145-162, 2019. DOI:10.26512/belas infíeis.v 8.n 1.2019.12775.

ROSA, A. da S. **Entre a visibilidade da tradução da língua de sinais e a invisibilidade da tarefa do intérprete**. Campinas, Universidade Estadual de Campinas, 2005. Dissertação (Mestrado em Educação). Rio de Janeiro: Arara Azul, 2008.

SILVA, A. M. Análise da participação dos alunos surdos no discurso de sala de aula do mestrado na UFSC mediada por intérpretes. *In*: QUADROS, R. M; WEININGER, M. J. (orgs.). **Estudos da Língua Brasileira de Sinais III**. Florianópolis: Insular, 2014. p. 9-124.

Recebido em: 28/01/2024

Aprovado em: 02/06/2024

FORMAÇÃO SUPERIOR EM TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE LÍNGUA DE SINAIS NO BRASIL: ANÁLISE DA PROPOSTA DIDÁTICA DOS PROJETOS POLÍTICOS PEDAGÓGICOS

Taynara Costa de Almeida¹

Resumo: Este trabalho tem como objetivo principal identificar os objetivos e os tipos de materiais considerados como referências bibliográficas nos projetos políticos pedagógicos de cursos superiores no Brasil voltados para a formação de tradutores e intérpretes de Língua Brasileira de Sinais (Libras) e Língua Portuguesa. A justificativa para este estudo reside na crescente demanda por profissionais qualificados nessa área, assim como na necessidade de desenvolver metodologias de ensino que preparem os tradutores e intérpretes de Libras para atuar em diversos contextos sociais. Após a regulamentação da formação superior nesse campo, foram implementadas medidas para oferecer capacitação e formação em tradução e interpretação de língua de sinais, inicialmente na modalidade à distância pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e posteriormente na modalidade presencial por oito instituições federais de ensino superior no Brasil. No entanto, desde o estabelecimento desses cursos, não foram conduzidas pesquisas abordando a relação entre a capacitação profissional e os conteúdos dos projetos pedagógicos dos cursos (PPC), incluindo objetivos, disciplinas e materiais didáticos das matérias acadêmicas. A pesquisa adotou uma abordagem quanti-qualitativa e exploratória do tipo documental. Baseando-se no modelo de competência tradutória proposto pelo Grupo de Pesquisa PACTE (2001), foram analisados os PPCs das instituições que oferecem cursos específicos para formação de tradutores e intérpretes de língua de sinais. Em seguida, foram examinadas as bibliografias utilizadas por essas instituições, observando-se os objetivos das propostas pedagógicas e a aplicação dos materiais indicados. Os resultados destacam a influência da área de letras e linguística na base curricular das instituições que oferecem esses cursos, bem como a necessidade de repensar um panorama curricular mais direcionado aos estudos em tradução e interpretação. Essa pesquisa visa contribuir para o aprimoramento dos currículos desses cursos, visando formar profissionais mais bem preparados para atender às demandas da sociedade no campo da tradução e interpretação de Libras.

Palavras-Chave: Políticas pedagógicas, Tradução, Formação de intérpretes, Ensino, Libras.

HIGHER EDUCATION IN SIGN LANGUAGE TRANSLATION AND INTERPRETATION IN BRAZIL : ANALYSIS OF THE DIDACTIC PROPOSAL PRESENT IN POLITICAL PEDAGOGICAL PROJECTS

Abstract: This study aims to identify the objectives and types of materials considered as bibliographic references in the pedagogical projects of higher education courses in Brazil focused on the training of translators and interpreters of Brazilian Sign Language (Libras) and Portuguese. The justification for this research lies in the increasing demand for qualified professionals in this area, as well as the need to develop teaching methodologies that prepare Libras translators and interpreters to work in various social contexts. Following the regulation of higher education in this field, measures were implemented to offer training and education in translation and interpretation of sign language, initially through distance learning by the Federal University of Santa Catarina (UFSC) and subsequently through face-to-face modalities by eight federal institutions of higher education in Brazil. However, since the

¹Universidade Federal de Goiás (UFG).

establishment of these courses, no research has been conducted addressing the relationship between professional training and the contents of the pedagogical projects of the courses (PPC), including objectives, disciplines, and didactic materials of academic subjects. The research adopted a quantitative-qualitative and exploratory documental approach. Based on the translation competence model proposed by the PACTE Research Group (2001), the PPCs of institutions offering specific courses for the training of translators and interpreters of sign language were analyzed. Subsequently, the bibliographies used by these institutions were examined, observing the objectives of the pedagogical proposals and the application of the indicated materials. The results highlight the influence of the areas of literature and linguistics on the curricular base of the institutions offering these courses, as well as the need to rethink a curricular panorama more focused on studies in translation and interpretation. This research aims to contribute to the improvement of the curricula of these courses, aiming to train professionals better prepared to meet the demands of society in the field of Libras translation and interpretation.

Keywords: Pedagogical policies, Translation, Interpreter training, Teaching, Libras.

1. Introdução

Devido à crescente busca pelo reconhecimento da língua brasileira de sinais (Libras) e da profissão de tradutor e intérprete de língua de sinais, no Brasil, tornou-se necessária a formação em nível superior desses profissionais. Desta forma, iniciou-se a oferta do curso superior para formação de tradutores e intérpretes de língua de sinais em algumas instituições públicas. Uma vez implementada essa oferta, os objetivos curriculares foram se definindo, de acordo com a necessidade de formação, entre licenciatura, para formação de professores de língua de sinais, e bacharelado, para formação de tradutores e intérpretes de Libras, curso investigado nesta pesquisa (QUADROS, 2014).

Desde as primeiras ofertas deste curso, são crescentes as mudanças no mercado profissional, assim como no perfil dos ingressantes, não tendo ocorrido, porém, nas matrizes curriculares, as alterações necessárias para acompanhar a evolução do seu público-alvo (RODRIGUES, 2019). Dessa maneira, torna-se necessário refletir sobre as práticas pedagógicas e sobre o uso do material didático para o ensino na área de tradução e interpretação em língua de sinais.

O decreto 5.626/2005 (BRASIL, 2005), que regulamenta a lei 10.436/2002 (BRASIL, 2002), a qual dispõe sobre a língua brasileira de sinais (Libras), foi de suma importância para o reconhecimento do profissional tradutor e intérprete de Libras e língua portuguesa, ao estabelecer, no cap. V, art. 17º, que a formação desse profissional deve efetivar-se por meio de curso superior em tradução e interpretação, com habilitação em Libras-Língua Portuguesa. A partir do momento em que a lei e o decreto entraram em vigor, o Ministério da Educação fomentou para que as instituições de ensino superior (IES) atendessem a essa demanda e

iniciassem a oferta do curso em nível superior para a formação de tradutores e intérpretes de Libras.

O primeiro curso, para suprir essa necessidade, teve sua origem na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), inicialmente, no ano 2006, com a oferta de formação de professores, por meio do curso de licenciatura em Letras/Libras, na modalidade de ensino a distância, com 15 polos distribuídos em outras instituições federais do Brasil. Posteriormente, em 2008, a mesma instituição passou a ofertar o curso de bacharelado em Letras/Libras, na modalidade de ensino a distância, com 20 polos distribuídos pelo país. Logo depois, em 2009, o curso se tornou presencial. Depois destas iniciativas da UFSC, cursos de formação de tradutores e intérpretes passaram a serem ofertados em instituições federais de ensino superior de outras regiões do Brasil e a serem disponibilizados na modalidade presencial (LACERDA, 2010; QUADROS, 2014).

O curso visando à formação em tradução e interpretação de língua de sinais passou a integrar os programas presenciais oferecidos por várias instituições de ensino superior (IES), incluindo a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal de Goiás (UFG), Universidade Federal de Roraima (UFRR) e, por fim, Universidade Federal da Grande Dourados (UFGS), esta última oferecendo o curso na modalidade à distância. (GALÁN-MAÑAS; FARIA, 2018).

Este artigo apresenta o resultado de uma pesquisa de caráter exploratório e documental, que objetiva identificar quais são as propostas didáticas e os materiais, apresentados como referência bibliográfica, empregados no projeto político pedagógico, especificamente, na formação universitária brasileira em tradução e interpretação de língua brasileira de sinais e língua portuguesa. No desenvolvimento do trabalho são apresentados os seguintes tópicos: o uso material didático para a formação profissional; o panorama de ensino proposto por estudiosos em tradução e interpretação em língua de sinais; as etapas de trabalho empregadas no estudo; os dados levantados sobre os materiais utilizados como base bibliográfica curricular pelas universidades federais que ofertam o curso em nível superior; a análise que buscou identificar elementos que contribuam para o alcance de uma formação voltada à competência do tradutor e intérprete, como sugerem Gonçalves e Machado (2006) entre outros pesquisadores da área da tradução e interpretação em Libras; e, por fim, reflexões sobre a atual estruturação da matriz curricular desses cursos superiores.

2. Tradução e Interpretação

À medida que foram implementados os cursos de formação superior para tradutores e intérpretes de língua de sinais no Brasil, para suprir a crescente demanda por esses profissionais capacitados para a atuação em diversos âmbitos, objetivando assegurar os direitos linguísticos da comunidade surda, formou-se a configuração atual do perfil do ingressante desses cursos. A forma de ingresso nos cursos de bacharelado voltados para tradução e interpretação em Libras e língua portuguesa e de bacharelado em Letras Libras se dá por meio do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), sem exigência de conhecimento da língua de sinais, diferente de experiências anteriores, como a de cursos de pós-graduação *lato sensu*, como observa Martins e Nascimento (2015, p. 84). Quando a formação ganha espaço em âmbito acadêmico torna-se necessário uma atenção específica para os novos ingressantes, já que estes não possuem conhecimento prévio da língua.

Se tratando do Curso de Letras Libras EaD da UFSC, o ingresso ocorrerá por meio de um Processo Seletivo Especial, que será realizado pela Comissão Permanente do Vestibular da UFSC (COPERVE). Este processo seletivo inclui questões sobre a Língua Brasileira de Sinais (Libras), de acordo com os critérios estabelecidos pela Coordenação e pela equipe pedagógica do curso. É importante observar que este curso EaD representa uma exceção ao processo de ingresso típico das instituições de ensino superior via Sistema de Seleção Unificada (SISU), no qual os candidatos escolhem o curso após terem realizado a prova de conhecimentos gerais do ensino médio, o Enem. No entanto, para o Curso de Letras Libras EaD (licenciatura), o ingresso será por meio de um processo seletivo específico, que priorizará candidatos surdos fluentes em Libras, desde que apresentem comprovante de surdez (audiometria).

Segundo a Lei 12.319/2010, que regulamenta a profissão de tradutor e intérprete de Libras, “O tradutor e intérprete terá competência para realizar interpretação das 2 (duas) línguas de maneira simultânea ou consecutiva e proficiência em tradução e interpretação da Libras e da Língua Portuguesa” (BRASIL, 2010, p. 1). A distinção entre tradução e interpretação é fundamental para compreender as nuances dessas práticas linguísticas e suas aplicações em diferentes contextos. Embora ambas envolvam a transferência de significado entre dois idiomas, elas se diferenciam significativamente em termos de processo, modalidade e habilidades exigidas dos profissionais.

A tradução é o processo de transferir um texto escrito de uma língua para outra, mantendo o significado e a intenção do autor original. Envolve uma análise cuidadosa do texto de origem, compreensão profunda do conteúdo e contexto cultural, e a habilidade de

recriar esses elementos de forma equivalente na língua-alvo. Tradutores frequentemente têm tempo para pesquisar terminologia específica, consultar recursos e revisar seus trabalhos antes da entrega final, o que permite uma maior precisão e refinamento.

Cokely (1992) diferencia tradução e interpretação de maneira clara. A tradução refere-se à transferência de mensagens de uma língua para outra, geralmente por meio escrito. Já a interpretação envolve a comunicação verbal ou gestual em tempo real, transmitindo o significado de uma língua para outra de forma oral ou visual, como é o caso da interpretação de língua de sinais. Enquanto a tradução permite ajustes e revisões, a interpretação exige rapidez e fluidez para captar e transmitir as mensagens instantaneamente. Assim a diferença está na questão do tempo de estudo, produção e aperfeiçoamento do conteúdo elaborado pelo profissional. Portanto, enquanto a tradução lida com textos escritos e permite uma reflexão cuidadosa e revisão durante o processo; a interpretação envolve a comunicação oral em tempo real, exigindo habilidades de escuta ativa e resposta imediata para garantir a comunicação eficaz entre os interlocutores.

Para Silvério et al. (2012) a tradução de uma língua oral para uma língua de sinais, quando feita através de registro em vídeo com objetivo de janela de interpretação, não permite ajustes após o registro final como seria possível em textos escritos ou áudios orientados por escrita. Se tratando de uma língua visual-espacial como a Libras, o texto registrado deve estar completo e finalizado desde o momento da gravação, pois pequenas alterações em sinais ou expressões exigem que todo o enunciado seja refeito. Mesmo mudanças simples, como de uma expressão afirmativa para interrogativa, requerem a regravação completa do enunciado onde essa expressão ocorre. No momento de registrar o texto em Libras, o tradutor não apenas o aperfeiçoa para torná-lo mais funcional e fluente, mas também realiza uma revisão final da tradução proposta anteriormente. Esse registro final ocorre em uma situação de interpretação simultânea, demandando do tradutor grande atenção, memória e habilidade de coordenação para garantir a precisão e eficácia da interpretação.

O processo de tradução é multifacetado, influenciado por uma série de variáveis, incluindo as possíveis escolhas linguísticas e as limitações inerentes a cada língua, dadas as suas distintas estruturas linguísticas. O tradutor ou intérprete desempenha um papel essencial na facilitação da comunicação entre duas partes interessadas em determinado conteúdo informativo ou comunicativo. Em certos contextos, a mensagem pode ser compreensível para uma das partes envolvidas, mas não para a outra. Nesse cenário, cabe ao tradutor/intérprete a tarefa de resolver as discrepâncias de compreensão entre os interlocutores, atuando como um mediador das diferenças comunicativas.

Por outro lado, a interpretação refere-se à transferência de significado oralmente, em tempo real, de uma língua para outra. Os intérpretes trabalham em situações de comunicação verbal imediata, como conferências, reuniões multilíngues, tribunais e consultas médicas. Eles devem ser capazes de ouvir atentamente, compreender rapidamente o conteúdo e transmiti-lo de forma clara e precisa no idioma de destino, tudo enquanto mantêm o ritmo e o tom da comunicação original. A interpretação demanda habilidades de escuta ativa, raciocínio rápido, fluência linguística e domínio da cultura de ambas as línguas envolvidas.

De acordo com Pöchhacker (2004), a interpretação pode abranger uma variedade de situações, ocorrendo entre diferentes línguas faladas ou entre uma língua oral e uma língua de sinais, tanto de forma consecutiva quanto simultânea. Ele destaca que a interpretação é uma atividade que ocorre em tempo real, visando facilitar a comunicação entre pessoas que buscam superar as barreiras linguísticas e culturais. Guerra (2019, p. 4) discorre sobre a atuação do intérprete de línguas de sinais (ILS): “A interpretação da Libras ocorre de duas formas: simultânea, quando o ILS processa a informação, repassando para a língua alvo logo em seguida; consecutiva, quando o profissional obtém a informação e repassa posteriormente para o outro idioma”. No contexto da interpretação simultânea, embora haja a possibilidade de utilizar tecnologias como a transmissão por vídeo, ela geralmente ocorre com os participantes compartilhando o mesmo espaço físico. Isso ressalta a importância do papel do intérprete, especialmente quando se trata da interpretação envolvendo línguas de sinais, onde o espaço de sinalização desempenha um papel crucial no discurso. (SANTOS; BARBOSA, 2017, p. 220).

Gile (2015) introduz o Modelo dos Esforços, que delineia os diversos esforços necessários durante o processo de interpretação entre línguas faladas. Esses esforços incluem a atenção auditiva e análise, a produção linguística, a memória de curto prazo e a coordenação entre esses esforços. O autor também examina a interpretação entre línguas faladas e línguas de sinais, propondo ajustes no modelo para melhor atender às características visuoespaciais das línguas de sinais. Para isso, sugere substituir o termo "esforço de audição e análise" por "esforço de recepção", além de adicionar o "esforço de autogestão no espaço" e o "esforço de interação com receptores surdos" nas situações que envolvem línguas de sinais.

Após a etapa de compreensão, o trecho relevante do texto original é interpretado utilizando os recursos disponíveis, e decisões são tomadas com base nessa interpretação. Durante a fase de reformulação, essas decisões influenciam a escolha das palavras e das estruturas linguísticas a serem utilizadas, assim como na seleção e na modificação das informações a serem incluídas na tradução. Essas decisões são guiadas por uma variedade de fatores, como as especificações do cliente, o conhecimento esperado dos leitores ou ouvintes

da tradução, e as restrições impostas pelos recursos disponíveis (GILE, 2009). “o intérprete tem autonomia para reelaborar o discurso na transferência de uma língua para outra, reafirmando seu poder de mediador, mas é necessário que as duas línguas envolvidas sejam bem conhecidas por ele, para a realização do trabalho.” (SANTOS; BARBOSA, 2017, p. 222).

Uma distinção crucial entre o intérprete e o tradutor reside no acesso limitado do intérprete a fontes adicionais de pesquisa durante o processo de interpretação, tais como dicionários ou consultas a especialistas. Esta falta de acesso pode resultar em dificuldades na produção de um texto fluido na língua de destino. As restrições impostas pelas habilidades sociais, comunicativas, linguísticas e cognitivas do intérprete têm um impacto significativo na capacidade deste último de lidar com os desafios decorrentes da falta de estratégias para a mediação linguístico-cultural exigida na elaboração do discurso na língua de destino. Esse impacto é particularmente evidente em atividades como a interpretação simultânea, que requer um uso eficaz da memória de curto prazo. “Na interpretação, geralmente o grau de dificuldade é maior que na tradução, pois o profissional tem pouco tempo para executar sua função e fazer suas escolhas lexicais e nem sempre conta com algum apoio no momento de exercer seu papel.” (CHAIBUE, 2016, p.5).

Rodrigues (2010) ressalta que é um fator conhecido os intérpretes de conferência atuarem em eventos de diversas temáticas, até mesmo, alguns deles são especialistas na área, uma vez que o conhecimento prévio do conteúdo abordado interfere na atuação do profissional. Assim também acontece com os intérpretes de língua de sinais, pois também atuam em campos diversos e muito distintos um dos outros, em relação aos conhecimentos, habilidade, estratégias e posturas que são exigidas a esses profissionais. Essas diferenças fundamentais entre tradução e interpretação têm implicações significativas na formação de profissionais e na prática dessas disciplinas. Enquanto os tradutores podem se concentrar mais na pesquisa terminológica, na redação cuidadosa e na revisão meticulosa, os intérpretes devem desenvolver habilidades de escuta aguçada, memória de curto prazo robusta e capacidade de pensar e falar rapidamente sob pressão.

No entanto, é importante notar que as fronteiras entre tradução e interpretação podem às vezes se tornar tênues, especialmente em contextos em que a comunicação escrita e oral se sobrepõe como em transcrições de áudio ou legendagem de vídeos. Além disso, muitos profissionais são proficientes em ambas as práticas e podem alternar entre elas dependendo das demandas do trabalho. Em suma, enquanto a tradução se concentra na transferência de significado entre textos escritos, a interpretação lida com a comunicação verbal em tempo

real. Ambas são formas essenciais de facilitar a comunicação intercultural e desempenham papéis distintos em uma ampla gama de contextos linguísticos e culturais.

3. O modelo baseado na competência tradutória

Competência tradutória refere-se à habilidade e ao conhecimento necessário para realizar traduções de forma eficaz e precisa entre diferentes línguas. Isso inclui não apenas o domínio das línguas de origem e destino, mas também a capacidade de compreender profundamente os contextos culturais, sociais e linguísticos envolvidos nos textos a serem traduzidos. Além disso, a competência tradutória envolve habilidades técnicas como pesquisa terminológica, uso de ferramentas de tradução assistida por computador, e capacidade de revisão e edição para garantir a qualidade do texto final.

O grupo PACTE redefine seu modelo e considera a competência tradutória como: [...] um conhecimento especializado que consiste em um sistema subjacente de conhecimentos, declarativos e, em maior proporção, operacionais, necessário para saber traduzir, que está composto de cinco subcompetências (bilingue, extralinguística, conhecimentos sobre a tradução, instrumental e estratégica) e de componentes psicofisiológicos (HURTADO ALBIR, 2005, p. 28).

De acordo com o grupo de pesquisa *Proceso de Adquisición de la Competencia Traductora y su Evaluación (PACTE)*, da Universidade Autônoma de Barcelona, o modelo da competência tradutória se constitui em a) conhecimento da língua de partida e da língua de chegada; b) habilidade comunicativa entre as línguas trabalhadas, (bi)cultural e enciclopédico; c) conhecimentos essencialmente declarativos, métodos e procedimentos utilizados; d) conhecimentos operacionais, relacionados ao uso de documentação e tecnologias da informação e comunicação aplicadas à tradução; e) conhecimentos operacionais para garantir a eficácia do processo tradutório; f) componentes cognitivos necessários à tradução: memória, percepção, atenção, raciocínio lógico, criatividade, capacidade de análise, entre outros (ALBIR, 2005; GALÁN-MAÑAS, 2014, 2016).

Há estudos que abordam a temática de ensino superior em tradução e interpretação em conjunto, sendo que alguns autores, como Kelly (2002), defendem que a prática pedagógica desses cursos deve possuir como base o modelo de competência tradutória, sugerido pelo Grupo de Pesquisa PACTE (2001), segundo o qual é fundamental embasar o ensino-aprendizagem em: a) competência comunicativa; b) competência extralinguística; c) competência de transferência; d) competência instrumental e profissional; e) competência

estratégica; e f) competência psicofisiológica. Rodrigues, Galán-Mañas (2021) discutem a necessidade de ser elaborado um modelo com essas características, mas que leve em conta as particularidades das línguas de sinais e as questões de modalidade presentes na tradução e interpretação entre línguas orais e línguas de sinais. Isso demonstra a importância em realizar estudos que contemplem a língua de sinais.

O modelo PACTE (Processo de Aquisição de Competência em Tradução e Interpretação) é uma abordagem amplamente reconhecida e utilizada no estudo da tradução e interpretação. Esse modelo fornece uma estrutura teórica sólida para compreender como os tradutores e intérpretes adquirem e desenvolvem suas competências profissionais ao longo do tempo. A base conceitual do modelo PACTE é fundamentada na ideia de que a tradução e a interpretação são processos complexos que envolvem habilidades cognitivas, linguísticas, sociais e culturais. De acordo com essa abordagem, os tradutores e intérpretes não são apenas “pontes” entre duas línguas, mas sim agentes ativos que constroem significado e comunicam mensagens de maneira eficaz em contextos específicos.

Do ponto de vista teórico, o modelo PACTE se baseia em princípios aos quais enfatizam o papel ativo do aprendiz na construção do conhecimento. Isso significa que os tradutores e intérpretes não apenas aplicam regras predefinidas, mas também desenvolvem estratégias adaptativas para resolver problemas de tradução e interpretação de forma criativa e eficiente. No contexto da formação de tradutores e intérpretes, a abordagem cognitivo-construtivista implica em uma mudança de foco do ensino centrado no professor para o ensino centrado no aluno. Isso significa que os programas de formação devem criar oportunidades para os estudantes desenvolverem suas habilidades de forma autônoma, através de atividades práticas, reflexão crítica e interação com materiais autênticos.

Outro aspecto importante do modelo PACTE é a ênfase na competência comunicativa e intercultural dos tradutores e intérpretes. Isso sugere que os cursos devem incluir componentes que abordem não apenas aspectos linguísticos, mas também questões relacionadas à cultura, ética, e a interação com os usuários da língua de sinais, assim como menciona Oliveira (2018, p. 161):

Ao conceber o currículo como lugar de significados diferentes sobre o político, o cultural e o social, e ao construir esse instrumento distante dos padrões hegemônicos, é necessário, pois, discutir a construção de um documento pautado na diferença, para que este possa, de fato, contribuir com uma formação que atenda às necessidades reais de quem aprende e apreende.

Entender que a cultura é crucial para traduzir e interpretar significa que é importante conhecer profundamente a cultura estrangeira. Isso envolve não apenas aprender sobre ela, mas também compreender suas visões de mundo e conceitos. O treinamento para ser um intérprete de língua de sinais deve focar em estabelecer uma conexão igualitária com a comunidade surda, buscando uma compreensão cultural profunda e respeitosa. Para criar espaços de convivência que facilitem a interação entre culturas e valorizem a diversidade linguística, é fundamental abandonar a visão centrada na própria cultura. Além disso, o modelo PACTE reconhece a importância do desenvolvimento de habilidades cognitivas, como o raciocínio crítico, resolução de problemas e tomada de decisão, na prática da tradução e interpretação. Isso sugere que os cursos devem fornecer oportunidades para os alunos desenvolverem essas habilidades por meio de atividades de análise e interpretação de textos, discussões em grupo e simulações de situações reais de trabalho.

Ao discorrer sobre os desafios e propostas para o desenho curricular dos cursos de formação para tradutores e intérpretes de língua brasileira de sinais/português, Rodrigues (2018, p. 198) apresenta um panorama da formação de intérpretes e tradutores de Libras-Língua Portuguesa nas Universidades Federais Brasileiras, e levanta uma reflexão sobre quais seriam as características e os elementos de um desenho curricular adequado à formação de tradutores, a qual deveria ser pautada nos Estudos da Tradução (ET) e dos elementos constituintes da Competência Tradutória (CT), como alertam Galán-Mañas, Hurtado Albir (2015) e Albir (2020). O autor conclui que o desenho curricular precisa incorporar os aspectos decorrentes da modalidade gestual-visual, assim como o conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes necessárias para lidar com a transferência de aspectos linguísticos e textuais intrínsecos à modalidade.

Podemos considerar que essa ênfase no desenvolvimento de conhecimentos e habilidades vinculadas ao aprendizado e uso das línguas de trabalho e/ou à reflexão sobre elas decorre do fato de que esses cursos de formação não possuem como pré-requisito para ingresso a proficiência em Libras. Esse aspecto evidencia a necessidade de que os desenhos curriculares desses cursos considerem o perfil de seu público e sejam pensados com o objetivo de permitir que a competência comunicativa seja desenvolvida e aperfeiçoada junto à aquisição e ao desenvolvimento da Competência Tradutória que, nesse caso, é de caráter intermodal (RODRIGUES, 2018, p. 211).

Rodrigues (2018), ainda esclarece que é necessário ao profissional tradutor/intérprete possuir um conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes para desempenhar adequadamente sua atividade profissional, combinando dessa forma o conhecimento

declarativo (saber o quê) e conhecimento procedimental (saber como), sendo predominantemente procedimental. Uma vez que a competência comunicativa está profundamente ligada à competência tradutória, sendo a primeira indispensável à segunda, portanto elas devem ser trabalhadas simultaneamente durante a formação acadêmica, mantendo a qualidade do aprendizado entre ambas. (MUNDAY, 2009; RODRIGUES, 2018).

As competências metodológicas e estratégicas são essenciais para orientar os tradutores e intérpretes ao longo do processo de tradução, permitindo-lhes selecionar as melhores abordagens para alcançar soluções adequadas em diferentes contextos. Para desenvolver essas competências, é fundamental fornecer aos estudantes materiais didáticos que apresentem uma variedade de estratégias de tradução, exemplos práticos e exercícios que os desafiem a aplicar os princípios metodológicos em situações reais de tradução. As competências contrastivas são cruciais para que os tradutores e intérpretes compreendam as diferenças entre as línguas envolvidas em um processo de tradução e sejam capazes de evitar ou corrigir interferências indesejadas. Os materiais didáticos podem incluir exercícios de comparação entre as línguas de origem e de destino, análise de problemas comuns de interferência e atividades de prática de tradução que explorem essas diferenças de forma sistemática.

As competências extralinguísticas são fundamentais para que os tradutores e intérpretes mobilizem conhecimentos enciclopédicos, biculturais e temáticos relevantes para resolver problemas de tradução em contextos específicos. Os materiais didáticos podem incluir textos autênticos de diferentes áreas temáticas, atividades de pesquisa e discussão sobre questões culturais e sociais relacionadas aos textos a serem traduzidos. As competências profissionais são essenciais para que os tradutores e intérpretes possam atuar com eficácia no mercado de trabalho. O currículo acadêmico pode incluir disciplinas que abordem aspectos práticos da profissão, como ética profissional, gestão de projetos de tradução, marketing pessoal e empreendedorismo.

As competências instrumentais são necessárias para que os tradutores e intérpretes dominem as ferramentas e recursos disponíveis para apoiar seu trabalho, incluindo software de tradução, glossários especializados, dicionários online e outros recursos de suporte. O currículo acadêmico pode incluir cursos específicos sobre o uso dessas ferramentas, bem como atividades práticas para desenvolver habilidades de pesquisa e gerenciamento de informações. Por fim, as competências textuais são cruciais para que os tradutores e intérpretes possam lidar eficazmente com os desafios textuais encontrados em diferentes gêneros e tipos de textos. O currículo acadêmico pode incluir disciplinas que abordem a análise e produção de diferentes tipos de textos, exercícios de tradução baseados em gêneros

textuais específicos e projetos de tradução de texto que permitam aos estudantes aplicarem as estratégias adequadas a cada contexto.

O ensino voltado para a competência tradutória e as necessidades de formação do atual perfil dos acadêmicos ingressantes desses cursos endossaria maiores chances de ingresso no mercado de trabalho para tradutores e intérpretes, e consolidação na carreira profissional, assim como maiores chances de obter postos de trabalho com remunerações mais adequadas aos estudos realizados e as atribuições e condições de trabalho, como se preocupam os autores Galán-Mañas (2017) e Vilaça-Cruz, Rodrigues e Galán-Mañas (2022), ao tratarem questões referentes à relação entre formação e trabalho.

4. Procedimentos metodológicos

Este estudo objetivou analisar os documentos dos projetos políticos pedagógicos, elaborados pelas instituições federais ofertantes do curso superior de bacharelado, para formação de tradutores e intérpretes na modalidade Libras para português e vice-versa, com foco na comparação dos objetivos de formação acadêmica e a compatibilidade das referências indicadas para cada disciplina obrigatória dos cursos. A pergunta que norteou esse estudo foi a seguinte: quais são os objetivos e embasamentos dos projetos pedagógicos de curso para formação de tradutores e intérpretes de Libras-Língua Portuguesa e o que eles revelam?

A pesquisa realizada parte dos pressupostos da análise quanti-qualitativa, sendo uma investigação exploratória do tipo documental. Segundo Godoy (1995, p. 21), “a pesquisa qualitativa ocupa um reconhecido lugar entre as várias possibilidades de se estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes”, e ainda esclarece que “O exame de materiais de natureza diversa, que ainda não receberam um tratamento analítico, ou que podem ser reexaminados, buscando-se novas e/ou interpretações complementares, constitui o que estamos denominando pesquisa documental” (p. 22).

Muitos documentos podem auxiliar o pesquisador em sua busca por aquilo que procura desvendar ou esclarecer sobre determinado fenômeno ou assunto. Entretanto, cabe ao pesquisador saber decodificar a complexidade e confiabilidade de cada fonte documental analisada. Ao realizar uma pesquisa que leva em consideração certo tipo de documentos, a escolha é feita de forma premeditada e específica para se cumprir o propósito ao qual a hipótese da investigação inicial pretende desvendar. Neste sentido, para consolidação desta

pesquisa, foram coletados dados das oito IES federais que ofertam o curso de nível superior para profissionais que atuarão na área de tradução e interpretação.

O objeto de análise desta pesquisa, portanto, são os cursos de bacharelado, presenciais e/ou a distância, para formação de tradutores e intérpretes de Libras relacionados no Quadro 1.

Quadro 1: Cursos analisados na pesquisa

IES	Denominação do curso	Tipo do Curso	Modalidade de oferta
UFSC	Letras: Libras	Bacharelado	Presencial
UFRGS	Letras: Tradutor e Intérprete de Libras (Libras-Português e Português-Libras)	Bacharelado	Presencial
UFSCar	Tradução e Interpretação em Língua Brasileira de Sinais (Libras)/ Língua Portuguesa	Bacharelado	Presencial
UFES	Letras: Libras (bacharelado em Tradução e Interpretação)	Bacharelado	Presencial
UFRJ	Letras-Libras	Bacharelado	Presencial
UFG	Letras: Tradução e Interpretação em Libras/Português	Bacharelado	Presencial
UFRR	Letras/Libras	Bacharelado	Presencial
UFGD	Letras Libras	Bacharelado	A Distância

Fonte: Dados da pesquisa.

Uma vez identificados os cursos superiores de interesse da pesquisa e suas respectivas instituições, foram examinados os Projetos Pedagógicos dos Cursos (PPCs), disponíveis nos sites das respectivas instituições federais, os objetivos de formação, as ementas e as listas bibliográficas para formação acadêmica. Todos os documentos analisados foram extraídos dos *sites* institucionais e seus respectivos portais públicos, contendo os *corpora* bibliográficos e os PPCs dos cursos focados na capacitação em tradução e interpretação de língua de sinais das IES descritas no quadro acima.

O PPC é documento exigido pelo Ministério da Educação para aprovação de qualquer curso superior, pois é nele que estão expressos, além das condições físicas e de infraestrutura, a concepção didático-pedagógica, teórica e metodológica, os objetivos, ementas e referências propostos pela instituição ofertante.

Nesta pesquisa, o foco de interesse recai sobre os objetivos de formação acadêmica das instituições e as referências bibliográficas designadas para cada disciplina obrigatória do

curso, presentes nas ementas e/ou no PCC das instituições. Após estudo dos objetivos e das ementas das disciplinas, o trabalho de pesquisa se concentrou na análise das referências indicadas no PCC de cada um dos cursos.

A lista de referências encontradas (livros, capítulos de livros, artigos, dissertações, teses, vídeos, leis e dicionários) foi organizada em lista alfabética, e, por fim, reagrupada por áreas de estudo, sendo que, neste caso, as obras indicadas nos PPCs relacionadas a mais de uma disciplina do curso foram computadas uma única vez, levando-se em consideração apenas as disciplinas obrigatórias do curso.

Desta forma, as etapas utilizadas para a realização da análise dos documentos coletados nessa pesquisa foram: a) levantamento dos objetivos, das ementas e da lista de referências indicadas no PPC para cada disciplina obrigatória; b) classificação dos materiais utilizados, de acordo com seu suporte físico; c) agrupamento dos materiais didáticos por áreas de estudos; e d) análise dos objetivos, das ementas e dos materiais didáticos utilizados para o ensino de acordo com sua temática.

Foi realizada a triagem de aproximadamente 1.530 referências encontradas, das IES pesquisadas, foi possível chegar a importantes resultados em relação ao ensino em tradução e interpretação em língua de sinais, nas diversas regiões do Brasil. Os materiais encontrados com porcentagem considerada ínfima, isto é, que se aproxima de zero, foram computados com porcentagem zero.

5. Apresentação e Análise de dados

Apresentação e análise de dados, realizada após a extração das informações presentes na descrição política pedagógica das instituições, publicamente disponibilizadas no site das sete universidades federais que oferecem o curso superior para a formação de tradutores e intérpretes de Libras-Língua Portuguesa. Com base nessas informações, foram elaborados dois quadros para a exposição dos dados analisados, que são apresentados a seguir.

5.1 Materiais didáticos por área de estudo

Compreende-se por material didático, em sentido amplo, tudo o que objetiva a transmissão de conceitos e, em decorrência, a conscientização sobre as futuras práticas sociais a serem realizadas. É um recurso empregado pelo professor para transmitir aos alunos o conhecimento necessário para sua formação e que contribuirá com sua trajetória profissional,

podendo facilitar o estabelecimento de um plano de estudo e os meios pelos quais o docente conduzirá sua aula. É o material didático que rege os princípios básicos a serem seguidos para desempenhar com qualidade uma determinada tarefa ou função. O material didático é, em última instância, tudo aquilo que constitui o arcabouço de valores referentes a determinado assunto ou profissão e, por isso, é importante que o material didático, previsto no projeto pedagógico dos cursos, seja adequado e coerente com o perfil do profissional a ser formado (FISCARELLI, 2007).

Durante a análise foram consideradas disciplinas da grande área de Letras, as matérias voltadas para: leitura e produção textual, aquisição, ensino e aprendizado de segunda língua, práticas na língua portuguesa, português como segunda língua, escrita acadêmica, metodologia científica, bilinguismo. Foram consideradas disciplinas da grande área de Linguística: introdução à linguística, estudos linguísticos, morfologia, morfossintaxe, semântica e pragmática, sociolinguística, fonética e fonologia, sintaxe. As disciplinas que tinham como foco apenas estudos e prática da tradução entraram na categoria “tradução”, assim como os estágios em tradução. Já as disciplinas que tinham como foco apenas estudos e prática da interpretação entraram na categoria “interpretação”, assim como os estágios em interpretação. Por fim, as disciplinas com foco nos estudos e práticas em tradução e interpretação, ao mesmo tempo, entraram na categoria “tradução e interpretação”, assim como os estágios em tradução e interpretação em conjunto.

O Quadro 2 expõe a divisão dos materiais didáticos, de acordo com as áreas de estudos presentes no PPC das sete instituições, e a intensidade de sua ocorrência, expressa em percentuais, por IES. Desta forma, pretende-se demonstrar as áreas de estudos ligadas à atual formação de tradutores e intérpretes de língua de sinais, assim como a frequência com a qual aparecem na base curricular destes cursos.

Quadro 2: Divisão e porcentagem de materiais didáticos por área de estudo

Área de estudo / Instituição	UFSC	UFSCar	UFES	UFRJ	UFG	UFRR	UFGD	UFRGS
Linguística	20%	25%	24%	25%	22%	32%	29%	17%
Letras	17%	13%	3%	12%	16%	20%	18%	16%
Literatura	8%	5%	3%	20%	6%	0%	1%	3%
Tradução	16%	8%	31%	12%	15%	13%	9%	20%
Interpretação	14%	9%	14%	5%	9%	8%	8%	12%

Tradução e Interpretação	2%	3%	3%	1%	4%	2%	1%	5%
Surdez	7%	9%	10%	3%	4%	3%	4%	5%
Educação	5%	11%	4%	10%	3%	13%	11%	3%
Libras	3%	5%	1%	5%	9%	2%	3%	6%
Escrita da língua de sinal	3%	0%	1%	1%	3%	0%	1%	2%
Outras áreas	3%	11%	6%	5%	9%	7%	14%	11%

Fonte: Dados da pesquisa.

O curso da UFSC apresenta na composição dos seus materiais didáticos: em primeiro lugar, os materiais para ensino linguístico (20%); em segundo lugar, os materiais da área de letras (17%); em terceiro lugar, tradução (16%); em quarto lugar, interpretação (14%); seguindo-se, pela ordem, as áreas de estudos em literatura (8%), surdez (7%), educação (5%), outras áreas de estudos (3%), Libras (3%), escrita de língua de sinais (3%) e tradução e interpretação (2%). No projeto pedagógico do curso da UFSC não estão claras as competências curriculares destinadas especificamente ao bacharel, diferenciando-o do licenciado, pois a instituição não indica quais pontos da formação dos dois profissionais requerem direcionamento para funções específicas de sua área de atuação (UFSC, 2012). Desta maneira, pode-se interpretar que cabe aos dois profissionais a competência linguística e literária da área de letras para atuação nessa área de trabalho e subentende-se que as competências didáticas e pedagógicas ficam a cargo do formando.

O curso da UFSCar apresenta como objetivos a formação crítica, ética e reflexiva do profissional, assim como as habilidades para desenvolver as atividades próprias da profissão de tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais (UFSCar, 2016). Entretanto, na descrição das atribuições dessa categoria profissional, ainda há uma preferência por descrever as atividades dos tradutores e intérpretes relacionadas à educação. Apesar disso, o curso apresenta aporte didático para as seguintes áreas: em primeiro lugar, linguística (25%); em segundo, letras (13%); em terceiro, educação e outras áreas do conhecimento (11%); em quinto, interpretação e surdez (9%); em sexto, tradução (8%), seguindo-se estudos das línguas de sinais (5%), literatura (5%) e estudos da tradução e interpretação (3%).

O curso da UFES tem por objetivo a formação crítica e analítica nas áreas de língua, literatura, tradução e cultura, conhecimentos considerados, no PCC, imprescindíveis para a capacitação profissional na área de tradução e interpretação em Libras-Língua Portuguesa

(UFES, 2013). Os materiais didáticos estão distribuídos na seguinte ordem: em primeiro lugar, tradução (31%); em segundo, linguística (24%); em terceiro, interpretação (14%); em quarto, estudos sobre a surdez (10%), seguindo-se outras áreas do saber (6%), educação (4%), letras (3%), literatura (3%), tradução e interpretação (3%), língua de sinais (1%) e escrita da língua de sinais (1%).

A UFRJ apresenta um projeto político pedagógico único para os cursos de Letras, sem estabelecer as peculiaridades de atuação de nenhum dos cursos dentro dessa grande área acadêmica (UFRJ, 2013). O curso desta IES apresenta aporte teórico para as seguintes áreas: em primeiro lugar, linguística (25%); em segundo, literatura (20%); em terceiro, letras e tradução (12%); em quarto, educação (10%), seguindo-se interpretação (9%), estudos das línguas de sinais e outras áreas de estudos (5%), surdez (3%), tradução e interpretação e escrita das línguas de sinais (1%).

A UFG define no projeto pedagógico de seu curso que o objetivo é incentivar os alunos a observar os processos de tradução, linguagem e cultura, refletir sobre eles e adotar técnicas e estratégias necessárias para atuar como tradutores e intérpretes de Libras-português. Além disso, busca capacitar os alunos a identificar problemas, analisá-los e elaborar hipóteses com base em pesquisas atualizadas. Para isso, são apresentadas teorias de tradução e linguísticas que estimulam a busca por novos conhecimentos, e não apenas a reprodução do já existente. (UFG, 2014).

O PPC apresenta entre os sete objetivos de formação acadêmica, apenas dois tópicos na área de estudos de linguística, entretanto, a base teórica dessa área ocupa a primeira posição nas referências das ementas das disciplinas do curso (22 %), seguida por estudos gerais na área de letras (16 %) e, em terceiro lugar, pela área de estudos em tradução (15%); os estudos da interpretação ocupam o quarto lugar (9%), juntamente ao estudo de língua brasileira de sinais e outras áreas (9%), seguindo-se literatura (6%), tradução e interpretação (4%), estudos sobre surdez (4%), educação (3%) e escrita das línguas de sinais (3%).

O projeto pedagógico do curso da UFRR especifica bem ter como objetivos o desenvolvimento das características atribuídas à atuação dos profissionais tradutores e intérpretes de Libras e o amplo conhecimento sobre a língua brasileira de sinais e a cultura surda, base fundamental para execução das atividades desses profissionais (UFRR, 2014). No entanto, em alguns momentos também relaciona a atuação do tradutor e intérprete a atividades próprias de um linguista e descreve como competência do profissional o comprometimento com atividades da área educacional. O material didático cobre, pela ordem, as seguintes áreas de estudo: em primeiro lugar, linguística (32%); em segundo, letras (20%); em terceiro,

tradução e educação (13%); em quarto, interpretação (8%), seguindo-se outras áreas de estudos (7%), surdez (3%), tradução e interpretação (2%) e estudo de língua de sinais (2%).

O projeto pedagógico do curso da UFGD propõe capacitar o profissional tanto em tradução e interpretação quanto em seu conhecimento cultural em língua de sinais, todavia, também associa as atividades profissionais do tradutor/intérprete ao compromisso com a área da educação (UFGD, 2017). Os materiais didáticos referem-se, pela ordem, às seguintes áreas: linguística, em primeiro lugar (29%); em segundo, letras (18%); em terceiro, outras áreas de conhecimento (14%); em quarto, educação (11%); em quinto, tradução (9%); em sexto, interpretação (8%), seguindo-se estudos sobre a surdez (4%), língua de sinais (3%), literatura, tradução e interpretação, escrita da língua de sinais (1%).

O projeto pedagógico da UFRGS está pautado em um documento geral para formação dos bacharéis em Letras com habilitação em tradução e interpretação. A instituição possui um único PCC para todos os acadêmicos interessados na profissão de tradutor e intérprete, podendo ser de línguas estrangeiras (outros idiomas) ou segunda língua (no caso da Libras), obedecendo as diretrizes curriculares para os cursos de letras. A proposta abrange não apenas a educação de tradutores em português e em uma língua estrangeira, mas também a capacitação do profissional de linguagem escrita, visando equilibrar teoria e prática. O objetivo é cultivar diversas habilidades essenciais para futuros profissionais, como competências linguísticas, extralinguísticas, estratégicas e instrumentais, levando em consideração as exigências do mercado de trabalho. (UFRGS, 2023).

O curso da UFRGS apresenta em seu projeto, materiais didáticos voltados primeiramente para: tradução (20%) sendo o curso de maior enfoque nessa área de estudo, em segundo a área de linguística (17%) e em terceiro a área de letras (16%), posteriormente a área de estudos da interpretação (12%), seguido por outras áreas (11%), Libras (6%), surdez (5%), tradução e interpretação (5%), escrita de sinal (5%), literatura (3%) e, por fim educação (3%). O projeto pedagógico dessa instituição, criado em 2016, sofreu uma adaptação de currículo e atualmente é a proposta pedagógica mais recente voltada para tradução e interpretação em língua de sinais.

Percebe-se, pelos dados apresentados, que os materiais didáticos que dão embasamento teórico para consolidação da matriz curricular dos cursos de tradução e interpretação em Libras, nas universidades federais brasileiras estudadas são, em sua maioria, da grande área de estudos em linguística e suas respectivas abordagens teóricas, seguindo-se a ela a área de letras, isto é, todos os materiais envolvendo ensino de língua, ensino acadêmico, letramento e aquisição de linguagem. Seguem-se aos estudos de linguística e letras, por ordem decrescente,

as áreas de estudos da tradução, literatura, educação, interpretação em língua de sinais, Libras, surdez e outras áreas de estudo, tais como filosofia, cultura, história, sociologia, psicologia, tecnologia e legislação.

Esses fatores corroboram as alegações de Rodrigues (2018, p. 204), que afirma que o ensino voltado para o bacharelado em Libras, destinado à formação de tradutores e intérpretes, está mais de 60% vinculado à área da Linguística. Apenas seis disciplinas são comuns à licenciatura, com o objetivo de apresentar e refletir sobre os estudos das línguas de sinais, com foco na Libras, e sobre conhecimentos desses campos. Dessa forma, os objetivos da formação de profissionais das Letras precedem os objetivos específicos do bacharelado (tradutores e intérpretes de Libras-Português) e da licenciatura (professores de Libras).

Os cursos de tradução e interpretação de Libras-Língua Portuguesa, como se nota pela predominância dos estudos da área linguística presente nas ementas das disciplinas iniciais, têm como base os estudos linguísticos, fator possivelmente ocasionado pela origem do curso. No Brasil, os cursos de ensino superior em tradução e interpretação de língua de sinais iniciaram-se a partir de um rearranjo do projeto político pedagógico do curso de licenciatura em Letras Libras. (QUADROS; STUMPF, 2014). Dessa forma, os cursos de bacharelado seguem, também, os mesmos princípios da licenciatura, estando os discentes do bacharelado sujeitos às atividades de Prática como Componente Curricular (PCC), como já examinado por Albres e Junior (2019).

De acordo com as diretrizes curriculares para os cursos de Letras: "O profissional de Letras deverá, ainda, estar compromissado com a ética, com a *responsabilidade social e educacional*, e com as consequências de sua atuação no mundo do trabalho". (BRASIL, 2001, p. 31, grifo nosso). Como o curso de tradução e interpretação está vinculado à área de Letras, é comum que o associem, também, à área educacional, como um dos preceitos característicos dos cursos de letras, apesar de o profissional tradutor e intérprete não possuir habilitação para lecionar. Sobre os cursos de bacharel, Gonçalves (2015, p. 128) alega:

Tendo em vista que até antes da expansão da oferta de cursos de graduação em universidades federais brasileiras, os cursos de tradução pareciam estar bastante mais dependentes dos currículos dos cursos de Letras, sem um enfoque mais específico para a formação em tradução. Ou seja, muitos bacharelados voltados para essa formação específica, com diferentes denominações, mostravam-se muitas vezes como apêndices dos currículos principais, em geral voltados para a formação de licenciados. Portanto, a ênfase encontrava-se principalmente nas disciplinas de língua, linguística e literatura.

Entretanto, os dados apresentados nesta pesquisa demonstram que os cursos de bacharelado voltados para a formação de tradutores e intérpretes de Libras estão pautados em ementas dos cursos de licenciatura em Letras Libras, podendo-se concluir que estão fundamentados nos cursos de Letras, sendo perceptível, pela distribuição didática das disciplinas, que as universidades brasileiras dão ênfase na capacidade linguística/metalinguística nas línguas de trabalho (língua estrangeira ou nacional escolhida pelo estudante de letras), mencionadas no estudo de Gonçalves (2015).

Apesar de os projetos pedagógicos dos cursos para formação em tradução e interpretação de língua de sinais definirem que o aluno deve ser capacitado de forma crítica/reflexiva na prática de tradução e interpretação de Libras e língua portuguesa, boa parte do aporte teórico apresentado nas ementas das disciplinas está em desacordo com os objetivos especificados pelas instituições em seus respectivos projetos didático-pedagógicos.

Veiga (2000) aborda a questão e acredita que a falta de clareza acerca da proposta pedagógica reduz qualquer curso a uma grade curricular fragmentada, fazendo com que até as ementas das disciplinas e as bibliografias percam sua razão de ser. [...] Desta forma, ter definida e clara a concepção pedagógica norteadora da ação docente de ensino-aprendizagem é essencial (SALES, 2005, p. 4).

Nota-se, desta forma, a imprescindível necessidade de se pensar um projeto pedagógico de curso que aborde as especificidades dos tradutores e intérpretes de língua de sinais, voltado para a prática profissional e que englobe os fatores de atuação profissional em variados contextos. Consequentemente, tais projetos pedagógicos devem apresentar um embasamento teórico mais compatível com a proposta pedagógica e a finalidade do curso, dado que, para Rangel (2006, p. 103) "quanto mais adequado estiver o material, em relação à situação de ensino e aprendizagem em que se insere melhor o seu rendimento didático".

Inferimos, neste estudo, que a competência a) comunicativa – seja trabalhada nas disciplinas/materiais que abordam a Libras e a escrita de sinais; que a competência b) extralinguística – destina-se as disciplinas/materiais que abordam a surdez e literatura em língua de sinais; a competência c) transferência – que compete a subcompetência bilíngue – abordem as disciplinas/materiais relacionadas à área de letras e linguística; a competência d) instrumental e profissional estejam presentes nas disciplinas/materiais relacionados à área de tradução e interpretação; a competência e) estratégica – sejam trabalhadas nas disciplinas de tradução, interpretação, e tradução e interpretação.

Luchi (2022) destaca a necessidade de uma revisão nos currículos dos cursos de formação de tradutores e intérpretes de língua portuguesa, evidenciando a escassez de conhecimentos relacionados às subcompetências extralinguísticas, “em que temos os conhecimentos (bi)culturais sobre as comunidades envolvidas no ato tradutório-interpretativo” (p.16), essenciais para a compreensão cultural necessária na prática da tradução e interpretação. Propõe-se uma reestruturação curricular que inclua de forma mais significativa o ensino de conteúdos culturais, seja por meio de disciplinas específicas ou de uma integração transversal desses conhecimentos. O diagnóstico apresentado visa orientar futuros currículos, visando uma formação mais abrangente e alinhada às necessidades da Competência Tradutória.

Dessa forma, é natural que os tradutores em formação aprendam primeiramente conteúdos relacionados com as línguas e culturas com que irão atuar e que, antes de realizar atividades práticas de tradução/interpretação, tenham acesso aos seus fundamentos com conteúdos relativos a *problemas de tradução, definição e diferenciação de tradução e interpretação, conceitos de língua-fonte e língua-alvo* e assim sucessivamente, como podemos observar nas ementas das disciplinas relacionadas à *subcompetência de conhecimentos sobre tradução*. (LUCI, 2020, p. 26, grifo do autor).

Esse fator pode ser um dos motivos de grande influência, nos currículos dos cursos analisados, de estudos voltados à compreensão e produção da língua, assim como os estudos linguísticos, em detrimento dos estudos voltados a competência tradutória e habilidade de interpretação de línguas, prevalecendo então o maior foco nas grandes áreas de letras e linguística. Percebe-se uma prevalência das instituições brasileiras para a competência de transferência para depois trabalhar a competência estratégica, e pouco enfoque em competência: extralinguística, comunicativa e instrumental/profissional (não foi cabível avaliar, neste estudo, o uso/ensino da competência psicofisiológica).

A organização curricular em cursos de formação de tradutores e intérpretes destaca a importância da competência bilíngue e estratégica. Embora o PACTE não estabeleça um peso curricular específico relacionado ao tempo de ensino/aprendizagem para cada competência, Hurtado Albir (2005) sugere que há uma hierarquia na aquisição dessas habilidades, com a competência estratégica ocupando um papel central. A distribuição das disciplinas na grade curricular pode refletir uma progressão planejada, priorizando inicialmente a competência bilíngue e, em seguida, a estratégica, reconhecendo que o desenvolvimento dessas habilidades não é uniforme e pode variar de acordo com a especialidade da tradução.

5.2 Materiais didáticos de acordo com seu suporte físico

O Quadro 3, a seguir, dá sequência à análise do quadro anterior e demonstra a classificação dos materiais didáticos, de acordo com o tipo de suporte físico mencionado no PPC das instituições analisadas e a intensidade de sua ocorrência, expressa em percentuais, por IES, indicando quais são os suportes físicos que mais aparecem dentre cada área de estudos vinculadas ao ensino de tradução e interpretação em Libras.

O tipo de material didático a ser utilizado na educação formal e informal dependerá das condições de oferta e finalidades do curso, da proposta pedagógica, do rol de disciplinas, da duração e da carga-horária, do público-alvo, da combinação possível das tecnologias etc. As possibilidades de combinação e interação entre os vários tipos de material didático e mídias deverão ser analisadas durante a concepção do curso e antes da produção do material didático. (BANDEIRAS, 2009, p. 25)

Sendo assim, a composição dos materiais a serem empregados na formação superior devem ser pensados para atender aos objetivos e necessidades específicas que geraram a carência de formação em determinada área, aliando-se a combinação de diferentes meios e tecnologias de informação para assegurar o desenvolvimento de processos educacionais que supram as demandas do público-alvo.

Quadro 3: Distribuição dos materiais didáticos de acordo com seu suporte físico

Suporte físico / Áreas de estudo	Livro	Capítulo	Artigo	Trabalho	Dissertação	Tese	Vídeo
Linguística	21,0%	3,0%	2,0%	0,0%	1,0%	0,5%	0,0%
Letras	11,0%	2,0%	1,5%	0,5%	0,0%	0,0%	0,0%
Literatura	3,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	1,5%	1,5%
Tradução	11,0%	3,5%	1,0%	0,0%	0,5%	0,0%	0,0%
Interpretação	5,0%	1,0%	1,0%	0,5%	1,0%	0,0%	0,0%
Tradução e Interpretação	1,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
Educação	6,0%	1,0%	1,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
Surdez	4,0%	0,5%	1,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
Libras	2,0%	0,0%	0,5%	0,0%	0,0%	1,0%	1,0%
Escrita da língua de sinal	1,0%	0,5%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
Outros	5,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%

Fonte: Dados da pesquisa.

A UFSC possui uma coletânea de vídeos produzidos na própria instituição, materiais traduzidos do português para Libras, que não foram mencionados na bibliografia de seu próprio curso, possivelmente porque foram produzidos após a sua consolidação e, por consequência, de seu PPC, inicialmente na modalidade à distância, gerando desta forma a necessidade de materiais visuais para ensino. Já o PPC da UFSCar relaciona em suas referências títulos de materiais didáticos no formato de vídeos produzidos pela UFSC, entretanto, não é possível detectar quais são os temas das videoaulas utilizadas pela instituição ou qual a quantidade desses materiais é ou não utilizada no ensino presencial. Portanto, os materiais em videoaula produzidos pela instituição UFSC e utilizados pela UFSCar não foram analisados nesse estudo.

Dentre os dados coletados, notou-se que, de modo geral, a maior parte do corpus na área da tradução tem sua base teórica apoiada em material originalmente preparado para o ensino de línguas estrangeiras, predominantemente no formato de livros voltados para línguas orais e, no formato de artigos e capítulos de livros voltados para o ensino de Libras. A conscientização sobre as línguas de sinais e a surdez ganha destaque nos artigos. Quando se trata da área de interpretação há um maior número de produções no formato de trabalhos apresentados em congressos, artigos e dissertações. Já na área de literatura destaca-se o uso de vídeos. Para Vilaça (2009, p. 9), “Uma das principais consequências práticas desta adoção preferencial por materiais importados é a maior probabilidade de incompatibilidade entre contextos, objetivos e recursos de aprendizagem. Outra questão que merece ser mencionada é a generalização da cultura do aluno-alvo”.

Os dados coletados evidenciam a variedade de mídia, ou a falta dela, para ensino de tradução e interpretação, especificamente, em Libras e língua portuguesa. Materiais didáticos em formato de livros, capítulos e artigos são considerados consagrados, pela sua excelência, tanto na área de linguística aplicada quanto na educação como um todo, como afirma Vilaça (2009), e, portanto, são amplamente aceitos. Segundo o autor,

O foco predominante nos livros didáticos pode contribuir para que as demais modalidades/formas de materiais didáticos sejam compreendidas como auxiliares, secundárias ou adicionais. Uma das consequências negativas desta compreensão poderia ser o menor nível de preocupação na análise, na avaliação e na seleção de outras modalidades de materiais didáticos (VILAÇA, 2009, p. 6).

Todavia, quando se trata de línguas intermodais, como no caso da Libras, torna-se apropriado para o ensino o uso de vídeos e de materiais que possam proporcionar ao aprendiz a perspicácia visual-espacial e a criticidade intersemiótica, mídias estas não tão visibilizadas quanto o material escrito. É questionável o porquê de ser tão pequena a utilização e/ou divulgação desses materiais nos cursos de tradução e interpretação de língua de sinais. Será por que as IES não contemplam este tipo de mídia em seu acervo bibliográfico? Ou não investem na sua produção? Será por que os formadores não estão familiarizados com o seu uso? Segundo Gesser (2010, p. 84):

Além disso, cada contexto e cada aluno [...] têm suas características e necessidades imediatas, e isto dará o norte para as suas intervenções e criações. Exemplos de material linguístico para casar com o conteúdo do livro podem ser textos diversos na forma sinalizada e/ou escrita. Há nestas modalidades diversos gêneros e tipos que devem ser utilizados no ensino. [...] Os alunos ouvintes precisam utilizar a LIBRAS em conformidade com as regras discursivas presentes em cada gênero (palestra, sermão, piada, contos, histórias, etc.). Podemos utilizar calendários, anúncios, propagandas, fotos, mapas, menus de restaurante, livros infantis, tiras cômicas, etc. como fontes de insumo para praticar e desenvolver o conhecimento linguístico na LIBRAS.

Para um melhor desenvolvimento da aprendizagem, Moreira (2000, p. 53) alega que "A utilização de materiais diversificados e cuidadosamente selecionados, ao invés da 'centralização' em livros de texto é também um princípio facilitador da aprendizagem significativa crítica". Esta afirmação é corroborada por Fiscarelli (2007, p. 5) quando afirma que "É preciso inovar com materiais diferentes, que estimulem o aluno e, também, o professor, pois alguns professores sentem-se presos quando usam o livro didático". A escolha do material didático evidencia o enfoque das instituições na formação dos tradutores e intérpretes de língua de sinais. Nesse sentido, os materiais didáticos, além de diversificados, devem ser pensados e analisados cuidadosamente para que seu uso atenda, efetivamente, às especificidades da atuação profissional nessa área.

Estando em consonância com o projeto político pedagógico de cada curso "o desenvolvimento de material didático exigirá, além da escolha de mídias, adequação ao público-alvo e às tecnologias de informação e comunicação" (BANDEIRAS, 2009, p. 16). Pois, o material didático contribui e possibilita aos alunos acessarem o conhecimento de que necessitam, permitindo que formem um ponto de vista científico sobre as práticas e desafios a serem enfrentados em seu percurso profissional. Entretanto, não constitui, por si só, um aprendizado satisfatório sem uma boa prática docente, advinda das experiências dos

profissionais formadores e de como introduzem o conhecimento de acordo com a necessidade de aprendizagem, pois o material didático não determina o processo de ensino, apenas contribui para isso.

6. Considerações finais

Os resultados deste estudo mostram que há uma tendência das universidades brasileiras analisadas de privilegiarem, no aporte teórico expresso nas ementas e na bibliografia das disciplinas indicadas no projeto pedagógico de seus cursos para tradução e interpretação em Libras-Língua Portuguesa, às áreas de conhecimento em linguística e letras. Além disso, algumas universidades apresentam maior base teórica em outras áreas de estudos não relacionadas à área de estudos de tradução e interpretação, propriamente dita. Assim, nos cursos analisados, observa-se que a maior parte dos materiais didáticos que constam do projeto pedagógico atende, prioritariamente, ao núcleo comum da área de linguística e letras, ficando os materiais didáticos relacionados aos estudos de tradução, interpretação e língua de sinais relegados ao papel de complemento nos aspectos específicos do curso. Este fato pode ser explicado pelos vínculos historicamente mantidos entre os cursos de tradução e interpretação e os cursos de letras. Uma vez que a área de tradução e interpretação está vinculada à faculdade de letras, o curso também segue os pressupostos dos demais cursos de letras, com maior aderência teórica e conceitual aos estudos linguísticos e literários.

Os dados obtidos apontam para a necessidade de se constituir uma nova roupagem para os cursos superiores de tradução e interpretação da língua brasileira de sinais e língua portuguesa, contribuindo, assim, mais efetivamente, para o desenvolvimento de um perfil curricular mais compatível com as necessidades didático-pedagógicas dos bacharéis egressos desses cursos. Indicam, ainda, a necessidade de se aprofundar a reflexão a respeito da concretização, por iniciativa das instituições e dos formadores, da área de tradução e interpretação de língua de sinais separadamente da área de letras e linguística. É fundamental que se estabeleça uma proposta pedagógica que leve em conta não somente a atuação do futuro bacharel em diversos contextos sociais, mas também a realidade do aluno que ingressa no curso, o que significa priorizar a aquisição da língua de sinais e a área de estudos da tradução e da interpretação, fundamentados no modelo da competência tradutória, que vem sendo proposto pelo Grupo de Pesquisa PACTE e que podem contribuir para a consolidação, com a devida autonomia, da área de tradução e interpretação em Libras.

Uma vez que, a metodologia do modelo PACTE enfatiza a importância da prática deliberada e da reflexão metacognitiva na melhoria das habilidades de tradução e interpretação. Isso inclui o uso de tarefas autênticas e desafiadoras, *feedback* construtivo e oportunidades para os alunos monitorarem e avaliarem seu próprio progresso ao longo do tempo. Em resumo, o modelo PACTE oferece uma base sólida para a formação de tradutores e intérpretes, fornecendo uma estrutura conceitual, teórica, pedagógica e metodológica abrangente para compreender e promover o desenvolvimento de competências profissionais nesse campo tão complexo e multifacetado. Isso implica em incorporar atividades de revisão e discussão de traduções e interpretações realizadas pelos estudantes, bem como oportunidades para eles refletirem sobre suas estratégias de trabalho e identificarem áreas para desenvolvimento futuro.

A influência do modelo PACTE na composição do projeto pedagógico dos cursos voltados para a formação de tradutores e intérpretes de Libras pode ser significativa, visto que esse modelo oferece uma abordagem holística e baseada em competências para o ensino e aprendizagem da tradução e interpretação. O modelo enfatiza a importância da prática deliberada e da exposição a tarefas autênticas no desenvolvimento das competências profissionais dos tradutores e intérpretes. Isso sugere que os cursos devem oferecer oportunidades para os estudantes trabalharem com uma variedade de textos e contextos de tradução e interpretação, permitindo-lhes desenvolver suas habilidades de forma progressiva e contextualizada. Em suma, a incorporação dos princípios e metodologias do modelo de formação por competências, proposto por Albir (2020), no projeto pedagógico dos cursos voltados para formação de tradutores e intérpretes de Libras pode contribuir significativamente para a formação de profissionais mais competentes, conscientes e reflexivos, preparados para atuar de forma eficaz em um campo tão complexo e dinâmico.

Referências

ALBIR, A. H. A aquisição da competência tradutória: aspectos teóricos e didáticos. *In*: PAGANO, A.; MAGALHÃES, C.; ALVES, F. (org.). **Competência em tradução: cognição e discurso**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, p. 19-57, 2005.

ALBIR, A. H. Competência tradutória e formação por competências. Tradução: Lavinia Teixeira Gomes e Marta Pragana Dantas. **Cadernos de tradução**. Florianópolis, v. 40, n. 1, p. 367-416, 2020.

ALBRES, N. A.; SOUZA JUNIOR, J. E. G. A prática como componente curricular e sua implementação em um curso de formação superior de tradutores e intérpretes de língua de

sinais. **Belas Infiéis**, Brasília, v. 8, n. 1, p. 163-188, 2019. Portal de Periódicos UNB. DOI: <https://doi.org/10.26512/belasinfieis.v8.n1.2019.22632>. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfieis/article/view/22632/20646>>. Acesso em: 03 abr. 2022.

BANDEIRA, Denise. **Materiais didáticos**. Curitiba, PR: IESDE, 2009. Disponível em: <https://arquivostp.s3.amazonaws.com/qcursos/livro/LIVRO_materiais_didaticos.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2023.

BRASIL. Parecer CNE/CES n. 492, de 3 de abril de 2001. Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de Filosofia, História, Geografia, Serviço Social, Comunicação Social, Ciências Sociais, Letras, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia. **Diário Oficial da União da República Federativa do Brasil**, Brasília, 9 ago. Seção 1e, p. 38, 2001.

BRASIL. Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, 24 abr. Seção 1, p. 1, 2002.

BRASIL. Decreto n. 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei n. 10.098, de 19 de dez. 2005. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, 23 dez. Seção 1, p. 09, 2005.

BRASIL. Lei n. 12.319, de 1º de setembro de 2010. Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, 1º set. 2012, Seção 1, p. 2, 2010.

CHAIBUE, K; AGUIAR, T. C. Dificuldades na interpretação de libras para português. **Revista virtual de cultura surda**. Rio de Janeiro. Arara Azul. Edição nº 17, fev. 2016.

COKELY, D. **Interpreting: A sociolinguistic model**. Bortonsville, Md.: Linstok Press, 1992.

FISCARELLI, R. B. O. Material didático e prática docente. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 1-9, 2007. Portal de Periódicos UNESP. DOI: <https://doi.org/10.21723/riaee.v2i1.454>. Disponível em: <<https://periodicos.fvlar.unesp.br/iberoamericana/article/view/454/333>>. Acesso em: 11 abr. 2022.

GALÁN-MAÑAS, A. Enseñanza de la Iniciación a la traducción basada en competencias: Resultados de una validación empírica. **Revista Universitat Tarraconensis**, v. Dezembro 2, p. 27-37, 2014.

GALÁN-MAÑAS, ANABEL; HURTADO ALBIR, AMPARO. Competence assessment procedures in translator training. **Interpreter and Translator Trainer**, v. 9, p. 63-82, 2015.

GALÁN-MAÑAS, ANABEL. Learning portfolio in translator training: the tool of choice for competence development and assessment. **Interpreter and Translator Trainer**, v. 10, p. 161-182, 2016.

GALÁN-MAÑAS, ANABEL. Programa para la mejora de la empleabilidad de los egresados en Traducción e Interpretación. Un estudio de caso. **Conexão Letras**, v. 12, p. 153-171, 2017.

GALÁN-MAÑAS, ANABEL; FARIA, F.G. Um estudo sobre a formação de tradutores e intérpretes de línguas de sinais e línguas orais: um estudo comparado. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 11, p. 265-271, 2018.

GESSER, A. **Metodologia de ensino em Libras como L2**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2010.

GILE, Daniel. “Le modele IDRC ‘Interprétation-Décisions- Ressources-Contraintes’ de la Traduction: une optique didactique”. In: LAPLACE, COLETTE, MARIANNE LEDERER & DANIEL GILE (eds). **La traduction et ses métiers: aspects théoriques et pratiques**. Cahiers Champollion n. 12. Caen: Lettres Modernes Minard. 2009. p.73-86. Disponível em: <<http://docplayer.fr/8714263-Le-modele-idrc-interpretation-decisions-ressources-contraintes-de-la-traduction-une-optique-didactique.html>>. Acesso em: 14 mai. 2024

GILE, Daniel, “Testando a hipótese da 'corda bamba' do modelo dos esforços na interpretação simultânea - uma contribuição”. Tradução: WEININGER, Markus J; SANTOS, Giovana B. F.; BARBOSA, Diego Maurício. Florianópolis: **Cadernos de Tradução**, 2015.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, maio/jun, 1995.

GONÇALVES, J. L. V. R.; MACHADO, I. T. N. Um panorama do ensino de tradução e a busca da competência do tradutor. **Cadernos de Tradução**, v. 1, n. 17, p. 45-69, 2006. DOI: <https://doi.org/10.5007/%25x>. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/6856/6408>>. Acesso em: 27 fev. 2022.

GONÇALVES, J. L. V. R. Repensando o desenvolvimento da competência tradutória e suas implicações para a formação do tradutor. **Revista Graphos**, Paraíba, v. 17, n. 1, p. 114-130, 2015. Repositório Institucional da UFOP. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/view/25053/13707>>. Acesso em: 08 abr. 2022.

GUERRA. A. L. R. Os desafios da formação profissional do tradutor/intérprete de Libras no Brasil. **Revista Científica Semana Acadêmica**. Fortaleza. Edição 161, v.1, p.1-14. 2019.

KELLY, D. Un modelo de competencia traductora: bases para el diseño curricular. Facultad de Traducción e Interpretación, Universidad de Granada. **Puentes**. v. 1, p. 9-20. 2002.

LACERDA. C. B. F. Tradutores e intérpretes de Língua Brasileira de Sinais: formação e atuação nos espaços educacionais inclusivos. **Cadernos de Educação**, Pelotas, n. 36, p. 133-153, maio/ago, 2010. Portal de Periódicos da UFPEL. Disponível em: <<http://projeto redes.org/wp/wp-content/uploads/Lacerda.pdf>>. Acesso em: 09 abr. 2022.

LUCHI, Marcos. Uma análise baseada em subcompetências da matriz curricular do curso de Letras Libras–Bacharelado da Universidade Federal de Santa Catarina–modalidade a distância (2008). **Translatio**. Porto Alegre, n. 20, p. 18-39, 2020. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/translatio/article/view/106416>>. Acesso em: 08 mai. 2024.

LUCHI, Marcos. Uma análise baseada em subcompetências dos conteúdos expressos na matriz curricular (2014) do curso de Bacharelado em Letras: Tradução e Interpretação em Libras/Português da Universidade Federal de Goiás. **Translatio**. Porto Alegre, n. 23, p. 1-19. 2022. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/translatio/article/view/118257>>. Acesso em: 08 mai. 2024.

MARTINS, V. R. O.; NASCIMENTO, V. Da formação comunitária à formação universitária (e vice e versa): novo perfil dos tradutores e intérpretes de língua de sinais no contexto brasileiro. **Cadernos de Tradução**. Florianópolis, v. 35, nº especial 2, p. 78-112, jul.-dez., 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2015v35nesp2p78>>. Acesso em: 15 jul. 2023.

MOREIRA, M. A. Aprendizagem significativa crítica. In: MOREIRA, M. A. *et al.* (org.) **Teoria da aprendizagem significativa: contributos do III Encontro Internacional sobre Aprendizagem Significativa**. Peniche, p. 47-66, 2000.

MUNDAY, J. (Ed.). **The Routledge Companion to Translation Studies**. Ed. rev. New York: Routledge, 2009. p.166-240.

OLIVEIRA, S. M. Os Currículos de formação de tradutores intérpretes de Libras e os artefatos culturais. **Translatio**. Porto Alegre, n. 15, p. 159-172, 2018. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/translatio/article/view/81672>>. Acesso em: 05 mai. 2024.

PACTE. La competencia traductora y su adquisición. **Quaderns Revista de Traducció**. Barcelona, v. 6, p. 39-45, 2001.

PÖCHHACKER, Franz. **Introducing Interpreting Studies**. London and New York: Routledge, 2004.

QUADROS, R. M. **Letras LIBRAS: ontem, hoje e amanhã** / Ronice Müller de Quadros, organizadora. – Florianópolis: Ed. da UFSC, 2014. Disponível em: <<https://libras.ufsc.br/letras-librasontem-hoje-e-amanha>>. Acesso em: 29. abr. 2023.

RANGEL, E. O. Material adequado, escolha qualificada, uso crítico. In: CARVALHO, M. A. F; MENDONÇA, R. H. (org.). **Práticas de leitura e escrita**. Brasília: Ministério da Educação, p. 102-107, 2006.

RODRIGUES, C. H.. Da interpretação comunitária à interpretação de conferência: desafios para formação de intérpretes de língua de sinais. In: **II Congresso Brasileiro de Pesquisa em Tradução e Interpretação de Língua de Sinais Brasileira**. Florianópolis: UFSC, 2010.

RODRIGUES, C. H.; GALAN-MANAS, A. (Org.). **Tradução, Competência e Didática: questões atuais**. 1. ed. Florianópolis: Insular, 2021. v. 1. 270p.

RODRIGUES, C. H. Competência em tradução e línguas de sinais: a modalidade gestual-visual e suas implicações para uma possível competência tradutória intermodal. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, [S.l.], v. 57, n. 1, p. 287-318, mar, 2018. Portal de Periódicos da UNICAMP. Disponível em:

<<http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php.tla/article/view/8651578/17748>>. Acesso em: 09 abr. 2022.

RODRIGUES, C. H. O corpo de disciplinas de tradução na formação de tradutores e intérpretes de língua de sinais no Brasil: conteúdos, carga horária e competências. **Belas Infieis**, Brasília, v. 8, n. 1, p. 145-162, 2019. Portal de Periódicos UNB. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfeis/article/view/12775/20636>>. Acesso em: 03 mai. 2022.

RODRIGUES, C. H. Formação de Intérpretes e Tradutores de Língua de Sinais nas Universidades Federais Brasileiras: constatações, desafios e propostas para o desenho curricular. **Translatio**, v. 15, p. 197-222, 2018. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/translatio/article/view/79144/0>>. Acesso em: 18 ago. 2023.

SALES, M. V. S. Uma reflexão sobre a produção de material didático para EAD. In: **XII Congresso Internacional de Educação a Distância**, Anais, 2005, Florianópolis – SC. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2005/por/pdf/044tcf5.pdf>>. Acesso em 28 set. 2022.

SANTOS, G. B. F.; BARBOSA, D. M. Considerações sobre o processo de desverbalização e da cênarização na tradução e interpretação de uma língua oral para uma língua de sinais. **Revista Sinalizar**. Goiânia, v. 2, n. 2, p. 218-234, 2017. Disponível em <<https://revistas.ufg.br/revsinal/article/view/50332>>. Acesso em: 12 mai. 2024.

SILVÉRIO, C. C. P. et al. Reflexões sobre o processo de tradução-interpretação para uma língua de modalidade espaço-visual. In: **Anais-III Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa**. 2012. p. 01-07.

UNIVERSIDADE Federal do Espírito Santo. **Projeto pedagógico do curso de letras Libras bacharelado em tradução e interpretação**. (2013). Disponível em: <http://secretaria.cchn.ufes.br/sites/secretaria.cchn.ufes.br/files/field/anexoppc_bacharelado_1etras-libras.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2022.

UNIVERSIDADE Federal de Goiás. **Projeto pedagógico do curso de graduação em Letras: Tradução e interpretação em Libras/português – bacharelado**. (2014). Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/461/o/Resolucao_CEPEC_2018_1574.Pdf>. Acesso em: 04 abr. 2022.

UNIVERSIDADE Federal da Grande Dourados. **Projeto pedagógico do curso letras libras – bacharelado**. (2017). Disponível em: <<https://portal.ead.ufgd.edu.br/wp-content/uploads/2018/08/PPC-Letras-Libras-Bacharelado.Pdf>>. Acesso em: 04 abr. 2022.

UNIVERSIDADE Federal do Rio Grande do Sul. **Projeto pedagógico do curso de letras**. (2023). Disponível em: <<https://www1.ufrgs.br/RepositorioDigitalAbreArquivo.php78F99DCDD217&115>>. Acesso em: 06 mai. 2023.

UNIVERSIDADE Federal do Rio de Janeiro. **Projeto pedagógico e organização curricular do curso de bacharelado em letras**. (2013). Disponível em:

<https://www.portal.letras.ufrj.br/images/Graduacao/Projeto_Pedagogico_Letras-UFRJBACHARELADO.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2022.

UNIVERSIDADE Federal de Roraima. **Projeto político pedagógico do curso de letras/Libras – bacharelado**. (2014). Disponível em: <https://files.ufgd.edu.br/arquivos/arquivos/78/COGRAD/Letras%20Libras%20-%20bacharelado_2019.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2022.

UNIVERSIDADE Federal de Santa Catarina. **Projeto político pedagógico do curso de letras Libras licenciatura e bacharelado**. (2012). Disponível em: <https://letraslibras.paginas.ufsc.br/files/2013/04/PPPLibras_Curriculo_2012_FINAL_06-03-2014.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2022.

UNIVERSIDADE Federal de Santa Catarina. **Regimento do Curso de Graduação em Letras Libras EaD**. Florianópolis, 25 de agosto de 2015.

UNIVERSIDADE Federal de São Carlos. **Projeto pedagógico do curso de bacharelado em tradução e interpretação em língua brasileira de sinais (Libras)/língua portuguesa**. (2016). Disponível em: <<http://www.prograd.ufscar.br/cursos/cursos-oferecidos-1/traducao-e-interpretacao-em-lingua-brasileira-de-sinais/>>. Acesso em: 04 abr. 2022.

VILAÇA, M. L. C. O material didático no ensino de língua estrangeira: definições, modalidades papéis. **Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 30, p. 1-14, 2019. Portal de Periódicos da UNIGRANRIO. Disponível em: <<http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/reihm/article/viewFile/653/538>>. Acesso em: 02 abr. 2022.

VILAÇA CRUZ, R.C.; RODRIGUES, C. H; GALÁN-MAÑAS, A. O Mercado de Trabalho de Tradutores e de Intérpretes de Libras-português: uma revisão de publicações recentes. **Cadernos de Tradução**. Florianópolis, v. 42, p. 01-23, e84510, 2022. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/235740>>. Acesso em: 20 ago. 2023.

Recebido em: 01/02/2024
Aprovado em: 08/08/2024

INTERPRETAÇÃO REMOTA E O APRENDER DE ALUNOS SURDOS NO ENSINO SUPERIOR

Anne Caroline Santana Iriarte¹
Vanessa Regina de Oliveira Martins²

Resumo: Este texto se origina de uma dissertação de mestrado em Educação Especial, realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Tem como objetivo conhecer práticas de Intérpretes Educacionais no contexto remoto para o *aprender* de alunos surdos e processos de remodelagem para a atuação remota, considerando a relação com o corpo, as tecnologias e as interações de trabalho. Assim, os dados foram coletados por meio de entrevistas e observação, com registro em diário de campo, em sala de aula virtual de uma universidade do interior do estado de São Paulo. A análise se deu pela lente deleuziana em seu conceito de *aprender*, em diálogo com autores dos Estudos Surdos em Educação, para discutir sobre a função pedagógica exercida pelo intérprete no contexto educacional remoto. Como resultados aponta-se que, no ensino superior em formato remoto, o posicionamento de mestria ativa do intérprete se mostrou ainda mais evidente com o uso criativo das funcionalidades das plataformas virtuais. Para os intérpretes de Libras o formato ampliou as possibilidades de trabalho em equipe, mas aumentaram-se também as demandas de trabalho, causando sobrecarga e, com isso, sintomas físicos e mentais.

Palavras-chave: intérprete educacional, ensino remoto, aprender, ensino superior.

INTERPRETACIÓN REMOTA Y EL APRENDER DE ALUMNOS SORDOS EN LA ENSEÑANZA SUPERIOR

Resumen: Este texto es resultado de una disertación de máster en Educación Especial, desarrollada en el Programa de Posgrado en Educación Especial de la Universidad Federal de São Carlos (UFSCar). Tiene como objetivo conocer prácticas de Intérpretes Educacionales en el contexto remoto para el aprender de estudiantes sordos y procesos de remodelación para la actuación remota, considerando la relación con el cuerpo, las tecnologías y las interacciones de trabajo. De ese modo, los datos han sido recolectados por medio de entrevistas y observación, con registro en diario de campo, en aula virtual de una universidad del interior de la provincia de São Paulo. El análisis se realizó a través de lentes deleuzianas en su concepto de aprender, en diálogo con autores de los Estudios sordos en Educación, para discutir sobre la función pedagógica ejercida por el intérprete en el contexto educacional remoto. Como resultados se señala que, en la enseñanza superior en formato remoto, el posicionamiento de dominio activo del intérprete se muestra aún más evidente con el uso creativo de las funcionalidades de las plataformas virtuales. Para los intérpretes de Libras (Lengua brasileña de señas) el formato amplió las posibilidades de trabajo en equipo, sin embargo, también han aumentado las demandas de trabajo, causando sobrecarga y, con eso, síntomas físicos y mentales.

¹ Mestra em Educação Especial pelo Programa de Pós-graduação em Educação Especial (PPGEEs). Bacharela em Tradução e Interpretação em Língua Brasileira de Sinais - Libras/Língua Portuguesa pela Universidade Federal de São Carlos - UFSCar. Tradutora e intérprete de Libras e Língua Portuguesa na UFSCar.

² Pós-doutoranda Sênior do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) - Processo nº: 101801/2022-0. Doutora e mestra em educação pela UNICAMP. Docente e pesquisadora da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Processo nº: 2023/12886-5.

Palabras Clave: intérprete educacional, enseñanza remota, aprender, enseñanza superior.

1. Introdução

A tradução e a interpretação em Libras, no contexto educacional, possuem complexidades específicas que decorrem do modelo de educação inclusiva, que tem a língua portuguesa como língua de instrução, implicando, assim, na presença do TILSP para mediar os conhecimentos, informações e interações que ocorrem em sala de aula. Ademais, os discursos amplamente dispersos em dispositivos jurídicos e nos manuais de conduta nem sempre coincidem com as reais práticas da interpretação educacional, na medida em que os intérpretes, pelo encontro com o outro-aluno, colocam-se em posição de mestria ativa, atuando na fronteira entre interpretar e ensinar, em parceria com professores regentes, na educação básica e no ensino superior. Com o contexto da pandemia de Covid-19, o trabalho dos intérpretes educacionais sofreu mudanças para além do ato interpretativo, pois o momento histórico exigiu outros conhecimentos, outras práticas diante do novo formato de aulas: o ensino remoto³.

Em certa medida, o período pandêmico fora observado de forma incipiente em pesquisas da área de educação de surdos e, diante das incertezas que o futuro nos reserva, há necessidade latente de realização de pesquisas sobre essas novas configurações de ensino, pois trata-se de práticas diferentes daquelas que a maioria dos agentes da educação estava acostumada, inclusive os profissionais tradutores e intérpretes de Libras/Língua Portuguesa - TILSP⁴. Para a continuidade dos trabalhos de tradução e interpretação em Libras e português, foram necessárias diversas adaptações nas residências desses profissionais, a saber, aquisição de recursos tecnológicos, de busca por conhecimentos sobre as plataformas, de gestão do tempo e do espaço domiciliar para as atividades, dentre outras. Ações como essas foram imprescindíveis para atender às necessidades dos estudantes surdos nos cursos de graduação e pós-graduação e em suas formas de atuação para promover a inclusão nesse espaço. Todos esses aspectos são atravessados, também, pelas problemáticas citadas acima, tornando o espaço da sala de aula ainda mais complexo, pois as interações em tais contextos ocorrem (se ocorrem) por meio das telas. Deste modo, espera-se que a pesquisa, considerando a

³ Na presente pesquisa, o Ensino Remoto é definido como aquele que se realiza com o auxílio de tecnologias, permitindo que o professor ministre aulas à distância através de plataformas tecnológicas de suporte, como o Google Meet, por exemplo. Nessa modalidade, o ensino pode se dar com o suporte de plataformas síncronas e assíncronas. No entanto, a distinção entre a educação à distância e o ensino remoto reside no fato de que este último é predominantemente composto por aulas síncronas, ou seja, com exposição do ensino em tempo real.

⁴ Doravante apenas o uso da sigla TILSP para referenciar a atividade tradutório-interpretativa entre os pares linguísticos, Libras e Língua Portuguesa.

possibilidade de extensão dessa forma de trabalho para o pós-pandemia, possa contribuir para uma reflexão sobre a educação de surdos em contexto remoto, sobre como o uso de plataformas e recursos tecnológicos influenciam nas interações em sala de aula e sobre como as práticas inclusivas por meio da tradução e interpretação de Libras viabilizam o *aprender* dos alunos surdos.

Sobre esse campo de problematização, o objetivo é conhecer práticas de Intérpretes Educacionais no contexto remoto para o *aprender* de alunos surdos e processos de remodelagem para a atuação remota, considerando a relação com o corpo, as tecnologias e as interações de trabalho. Pautamo-nos, então, no conceito do *aprender*, a partir da obra *Proust e os Signos* de Deleuze (2022), compreendendo-o como elemento potencializador de criação de sentidos e de produção subjetiva no/do aluno. Tal aporte é fundamental na medida em que as salas de aulas são lócus de atuação do profissional tradutor e intérprete de Libras e interessa-nos olhar os acontecimentos provenientes deste espaço; bem como, entender de que modo o intérprete assume uma posição pedagógica frente aos desafios impostos no ensino superior ao mesmo tempo em que precisa se adequar ao formato remoto de trabalho.

Com o fito de compreender essas relações nesta pesquisa, que se caracteriza como qualitativa, do tipo descritiva, entrevistamos intérpretes de Libras que atuam no ensino superior e uma discente surda que utiliza o serviço de interpretação na mesma instituição em que os intérpretes trabalham. Além disso, observamos uma sala de aula, inserindo elementos que podem ou não ter sido abordados nas entrevistas.

2. Do aprender ao aprendizado: pressupostos teórico-filosóficos para repensar a atuação e formação de tradutores e intérpretes de língua de sinais na esfera educacional

O movimento que os alunos surdos fazem diante do ensino é de um lugar entre o que é sabido por eles e o que é desconhecido. Nesse espaço *entre*, ocorre o aprendizado. Aqui discutiremos o conceito do *Aprender* em Deleuze, baseado na obra *Proust e os Signos* (2022), a fim de pensar o movimento do aprendizado que acontece mediado pela presença do intérprete. Neste texto, Deleuze analisa uma obra literária escrita por Michel Proust, *Em busca do tempo perdido* e elabora seus escritos abordando temas como o pensamento, o tempo e o signo. O foco é no conceito de *aprender*, base importante para essa pesquisa, sendo compreendido como um elemento que propicia e intensifica a criação de sentidos de modo subjetivo, que o aluno elabora a partir do seu encontro com os signos, um encontro que ocorre mediado pela atuação do intérprete educacional.

Antes de adentrarmos na discussão da obra, é necessário traçar a diferenciação entre *aprendizado* e *aprender*, considerando que o *aprender* se dá no movimento, resultante de um acontecimento. O *aprendizado*, por sua vez, refere-se ao acontecido e às marcas que dele provieram, ao que já está estabelecido. Esses princípios são cruciais para a compreensão da atuação do intérprete educacional na escola e na universidade, uma vez que este profissional promove acontecimentos, nesse lugar de função pedagógica que ele ocupa na instituição.

Deleuze (2022) utiliza o verbo *aprender*, na forma infinitiva, para demarcar esse campo como movimento, um processo de apreensão de novos conhecimentos contínuo, infinito, que constitui aquele que aprende à medida que há em curso acontecimentos e encontros com os signos. Além disso, enquanto movimento, o *aprender* pode ser acionado por diferentes sujeitos, objetos, enunciados e há uma imprevisibilidade inerente a esse processo, uma vez que não é possível antecipar qual será o signo disparador do exercício do pensamento, quais encontros ocorrerão. Sobre essa mobilização que promove o *aprender*, o autor destaca que:

O que nos força a pensar é o signo. O signo é o objeto de um encontro; mas é a contingência do encontro que garante a necessidade daquilo que ele faz pensar. O ato de pensar não decorre de uma simples possibilidade natural; é, ao contrário, a única criação verdadeira. [...] pensar é sempre interpretar, isto é, explicar, desenvolver, decifrar, traduzir um signo. Traduzir, decifrar, desenvolver são a forma da criação pura. (DELEUZE, 2022, p. 93).

O encontro com o signo move o pensamento e o *aprender* nos alunos e a contingência desse encontro, que deve ser significativo para os alunos, é o que desperta a vontade de interpretar os signos. No entanto, “o pensamento não seria mais o exercício de uma determinada faculdade, mas o ato, precisamente, da criação que conduz à interpretação, ou melhor, da interpretação que já é, em si, criação” (ARAÚJO, 2013, p. 212), num movimento constante e plural que ocorre sempre na exterioridade do sujeito. O aprendiz, portanto, em contato com os signos externos, mobiliza o seu interior no sentido da criação que, numa perspectiva deleuziana, é o sentido do *aprender*. Não se aprende imitando, como afirma Schérer (2005, p. 1188), apoiado em Deleuze, “aprender não é reproduzir, mas inaugurar; inventar o ainda não existente, e não se contentar em repetir um saber”. Nesse sentido, o aprendiz precisa estar aberto aos caminhos obscuros que terá que percorrer, tanto quanto o mestre precisa atuar atenta e criativamente para compreender se houve encontros contingentes com os alunos.

Contudo, ainda que o professor tenha em seu planejamento um percurso previsto, não é possível antecipar o que despertará no aluno essa força do pensamento. Por isso, é perdendo

tempo na heterogeneidade dos signos, no acaso dos encontros que se chega ao aprendizado, uma vez que “procurar a verdade é interpretar, decifrar, explicar, mas essa ‘explicação’ se confunde com o desenvolvimento do signo em si mesmo” (DELEUZE, 2022, p. 22-23, grifo do autor). Daí a necessidade de compreender como os signos agem da exterioridade para mobilizar nos aprendizes o pensamento e o *aprender*.

No desenvolvimento do conceito de signo, é possível notar que Deleuze discorre também sobre o aprendizado, pois os conceitos estão intimamente ligados. Na obra, no entanto, o aprendizado é tomado como um acontecimento amplo da vida dos sujeitos, não apenas relacionado ao ensino formal na instituição escolar, mas ao aprendizado para a vida, para a decifração dos signos que são emitidos por seres e objetos, materiais e imateriais. Inicialmente, Deleuze (2022) evidencia que:

Aprender diz respeito essencialmente aos *signos*. Os signos são objetos de um aprendizado temporal, não de um saber abstrato. Aprender é, antes de tudo, considerar uma matéria, um objeto, um ser, como se emitissem signos a serem decifrados, interpretados. [...] Tudo o que nos ensina alguma coisa emite signos, todo ato de aprender é uma interpretação de signos ou de hieróglifos. (p.12, grifo do autor).

O *aprender*, como algo temporal e não abstrato, refere-se a uma prática marcada na temporalidade, como passagem, processo, e na espacialidade, com uma presença, ocorrendo por meio de signos que são emitidos por sujeitos, objetos, linguagem, arte, entre outros. Esses signos que são recebidos por diversos corpos, aqui no sentido de matéria, devem ser decifrados, interpretados, sendo que a motivação para a busca dessa verdade se dá a partir de encontros que impulsionam o pensamento. Sendo assim, o aprendizado não se efetiva apenas em um instante, no momento em que se depara com o signo, mas no transcurso do tempo em que o signo é interpretado e reinterpretado.

Considerando o contexto dessa pesquisa, o intérprete educacional emite signos para os alunos surdos a partir do que já decifrou sobre os signos emitidos pelo professor. Por sua vez, o aluno surdo se coloca em movimento diante do que recebe em Libras a fim de produzir suas significações e aprender. Ambos podem sofrer *decepções* neste percurso, ora porque o professor não elaborou sua aula com metodologia pensada na especificidade do aluno surdo, ora porque o intérprete não conseguiu se apropriar dos significados naquele momento ou, ainda, que o aluno surdo esteja preso no objetivismo e não consiga elaborar suas associações subjetivas. Tais percalços são necessários para a criação de novos significados para chegar à decifração dos signos. E uma vez que isso ocorre, há o aprendizado.

Diante disso, interessa-nos saber como o *aprender* se coloca ao aluno surdo no ensino remoto, para pensar a entrada do TILSP, que atua diretamente na produção discursiva em Libras, de conteúdos acadêmicos. Assim, esperamos despertar o desejo de apropriação significativa pelo aluno surdo, pois consideramos que a presença do intérprete em sala de aula insere uma outra dinâmica no ensino e o profissional passa a ocupar um lugar que alguns autores (MARTINS, 2013; SANTOS, 2014, entre outros) descrevem como algo relacionado a uma função pedagógica, ao ensino, a uma função de mestria. Isso ocorre pela demanda do contexto de atuação, pelos sujeitos presentes e, especialmente, pelo compartilhamento da língua entre intérpretes de Libras e alunos surdos; o que impulsiona uma postura do intérprete que ultrapassa as limitações impostas pelas prescrições sobre a sua prática: como uma atuação voltada apenas para a transposição de discursos de uma língua a outra.

Portanto, é preciso repensar o modo como a função do intérprete é vista nos espaços educacionais, em quaisquer níveis de ensino, dado que a natureza pedagógica do seu trabalho, também ocorre no ensino superior. A atuação do TILSP nesse *entre-lugar* é a forma de resistência que temos abordado, trata-se de uma prática não prevista e não reconhecida oficialmente nos documentos prescritivos sobre o intérprete, mas que acontece movida por uma demanda que surge da relação estabelecida entre esse profissional e o aluno surdo. Diante de práticas pedagógicas que não acolhem a diferença surda, o intérprete atua nessa fronteira, às margens do que é amplamente considerado seu papel. Com isso em mente, seguimos para o próximo tópico, no qual aprofundamos as questões relacionadas à interpretação no campo educacional.

3. Intérprete educacional e ensino remoto: convergências para a refacção da presença surda no ensino superior

A história do profissional tradutor e intérprete no Brasil remonta a meados da década de 1980, quando se tem os primeiros registros de sua atuação, principalmente em contexto familiar e religioso de modo voluntário. Com a maior participação das pessoas surdas nos diferentes espaços sociais e a partir das reivindicações ao uso da língua de sinais, a mediação comunicativa entre pessoas surdas e ouvintes se torna mais evidente e necessária. Esse movimento fez com que a figura do TILSP ocupasse cada vez mais espaços de trabalho, entre eles, a sala de aula do ensino superior (LACERDA; GURGEL, 2011).

O cenário brasileiro a partir de 2020, assim como o mundial, foi atravessado por uma pandemia de um novo coronavírus, o SARS-CoV-2, que causou a doença que ficou conhecida

como COVID-19, com transmissão inicialmente na China e que tomou proporções de contágio inesperadas. Diante disso, diversas medidas de controle da disseminação da doença foram tomadas em todo o mundo, como a interrupção das atividades educacionais presenciais, uma vez que ainda não havia estudos mais aprofundados sobre a doença, vacinas ou fármacos para o tratamento do coronavírus.

Nesse sentido, o Ministério da Educação e Cultura publicou a Portaria no 343, de 17 de março de 2020, que estabeleceu “a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19” (BRASIL, 2020, p. 2). Com as demandas novas surgidas nesse contexto, os estudantes se viram enfrentando dificuldades, pela complexidade de acompanhar o ensino nesse modelo, de ter acesso às aulas, de adequação de equipamentos, por questões relacionadas à saúde mental.

Desde modo, a figura do tradutor e intérprete de Libras educacional também é afetada, guardadas as devidas proporções, no sentido de que este profissional necessita aprender a utilizar plataformas de videoconferência para o trabalho remoto nas instituições de ensino, adquirir recursos e adequar a sua residência para se tornar o ambiente de trabalho, entre outras adaptações para TILSP e alunos surdos. Para auxiliar os profissionais a iniciarem suas atividades de tradução e interpretação de Libras em diversas esferas, inclusive na educação superior, diversos eventos⁵ foram promovidos para discutir sobre essa atuação remota em que TILSP, funcionários de instituições de ensino superior, pesquisadores e professores da área se reuniram a fim de debater estratégias e trocar experiências sobre essa nova forma de trabalho.

Nessa direção, a Federação Brasileira das Associações dos Profissionais Tradutores e Intérpretes e Guias-Intérpretes de Língua de Sinais (Febrapils), visando a orientar empresas contratantes e profissionais TILSP para o trabalho remoto, publicou em maio de 2020 a nota técnica nº 004, em que descreve e apresenta orientações ao trabalho dos TILSP em duas formas principais: 1) interpretação em videoconferências na direção Português-Libras, como seminários, palestras que são transmitidas ao vivo; e 2) interpretações com número reduzido de participantes em plataformas de reuniões virtuais, nas duas direções Português-Libras e Libras-Português, com maior interação entre os participantes do evento, por exemplo, reuniões, assembleias (FEBRAPILS, 2020) e aqui podemos incluir as aulas de qualquer etapa

⁵ Alguns eventos promovidos sobre interpretação remota: 1) Interpretação remota: Aspectos a considerar #LiveFEBRAPILS, disponível em: <https://youtu.be/BBk80CTEPDE>; 2) Febrapils: Recomendações aos Tradutores, Intérpretes, e Guia-intérpretes de Libras sobre Coronavírus, disponível em: <https://youtu.be/kR2bHwieXzI>; 3) Interpretação Simultânea Remota Para a Língua Brasileira de Sinais, disponível em: <https://youtu.be/5cyEJWpJNAY>; 4) Interpretação de Libras em tempos pandêmicos, disponível em: <https://youtu.be/CDzdNOXNKYg>; 5) Os desafios e avanços da tradução e interpretação para Libras em atividades remotas no ensino superior, disponível em: <https://youtu.be/rfV8oP1neU8>, entre outros.

de ensino. A nota frisa que a interpretação simultânea é a mais utilizada no trabalho remoto e afirma que “essa modalidade de interpretação exige do profissional grande esforço cognitivo que envolve atenção, concentração e memória” (FEBRAPILS, 2020, p. 2). Nesse sentido, é importante que a plataforma possibilite uma boa visualização de todos os participantes do evento.

Na atuação remota o intérprete precisa lidar com uma quantidade maior de demandas internas e externas em relação à atuação no presencial. Segundo Nascimento e Nogueira (2021), analisando a interpretação de conferência:

[...] no contexto remoto a transmissão da imagem pela internet, a gestão do equipamento durante a interpretação, o contato entre a equipe de interpretação e a preocupação constante para que tudo ocorra bem são fatores que implicam novas configurações de atuação profissional na interpretação de conferências. (NASCIMENTO; NOGUEIRA, 2021, p. 7014).

Com isso, trabalhando de casa, o intérprete se vê em situações em que precisa gerenciar diferentes aspectos que são específicos do formato remoto: o manuseio de ferramentas e plataformas, o uso de recursos extras para o trabalho em equipe, a preocupação com a conectividade, o controle do ambiente e das pessoas com quem convive, a organização do espaço de trabalho, entre outros. Portanto, são novas preocupações que o intérprete precisa lidar no seu cotidiano do trabalho. Aqueles que não tinham uma estrutura de captação de imagem e som em casa, tiveram que providenciar, muitas vezes com recursos próprios, para a realização do trabalho com qualidade.

A interpretação remota, entretanto, não é uma atividade recente. Em outros países, conforme aponta Marques (2020), os intérpretes de línguas orais já atuavam remotamente desde a década de 1970, quando ocorreram as primeiras tentativas de interpretação por telefone em contextos comunitários. O autor ainda explicita que, no Brasil e em relação às línguas de sinais, uma das empresas pioneiras na oferta desse serviço foi a Viável Brasil, que visava a “oferecer independência aos surdos em situações onde ele dependeria da ajuda de outros para ligar, por exemplo, para o trabalho, médico ou chefe” (MARQUES, 2020, p. 14).

Para analisar essas tensões, realizamos um levantamento de pesquisas sobre a interpretação no contexto remoto com a finalidade de conhecer os pressupostos acerca da atividade do profissional TILSP. Os resultados do levantamento de pesquisas sobre o ensino remoto, apontam para as seguintes temáticas: estratégias adotadas por intérpretes de Libras durante o período da pandemia, políticas e direitos linguísticos das pessoas surdas no ensino

inclusivo, desigualdades socioeconômicas que ficaram mais evidentes no período do ensino remoto. A maioria dos autores brasileiros encontrados realizou pesquisa empírica em diferentes localidades, o que amplia o olhar para a questão, descentralizando resultados do eixo sul-sudeste do país. A partir deste levantamento, nota-se algumas demandas parecidas com as “antigas” tensões postas por intérpretes educacionais em modalidade presencial e em outros níveis de ensino, a saber: a) falta de formação específica; b) falta de conhecimento, por parte da instituição, das necessidades do intérprete educacional no momento de trabalho e das demandas do estudante surdo; sobrecarregando a atividade interpretativa e dificultando, por vezes, a apreensão de saber pelo aluno; c) baixa relação de parceria entre professores regentes e intérpretes educacionais; d) exercício de função pedagógica inerente à prática interpretativa; e) baixa remuneração pela não contratação do profissional em nível superior, entre outros pontos. No entanto, algumas tensões são caracterizadas como específicas da atuação em contexto remoto. Segundo Ferreira et al.

No modelo de ensino remoto, muitas vezes, essa troca/cooperação não ocorre, pois, nas aulas, eventos e atividades síncronas, o TILS não visualiza o discente surdo nem visualiza o outro TILS, o que ocorre por uma série de motivos: as plataformas utilizadas não comportam várias câmeras ligadas ao mesmo tempo; quando é necessário compartilhar a tela com alguma apresentação, reduz a quantidade de câmeras que podem ficar abertas, as câmeras em destaque são apenas as que emitem som ou, ainda, porque a banda da internet não é boa, o que implica em problemas de vídeos travando e, com isso, exigindo que haja menos câmeras habilitadas durante a aula. Enfim, as plataformas utilizadas ainda não oferecem recursos acessíveis suficientes para discentes surdos usuários da língua de sinais. (FERREIRA et al., 2021, p. 2-3).

Tais pontos ainda são indicativos novos para nós, por conta da recente atuação, dada principalmente pela urgência de remodelagem dos espaços de ensino por conta do isolamento social provocado pela pandemia de Covid-19. Como as mudanças na educação e a entrada da tecnologia com mais força parecem ter ganhado espaço na prática docente, é urgente pensar em propostas de educação remota em uma abordagem inclusiva, e, no caso das pessoas surdas, em uma perspectiva bilíngue, possibilitando a

valorização das línguas de sinais dos estudantes, de suas práticas socioculturais, bem como de seus processos próprios de aprendizagem. Como procuramos demonstrar, as complexidades desse contexto exigem a implementação de políticas educacionais e linguísticas apropriadas, diferentes do que já foi desenvolvido (ALBRES; JUNG, 2021, p. 7032).

Para conhecer mais dos desafios e das possibilidades da educação de surdos no ensino superior em contexto remoto, propomos uma coleta de dados nessa área. A perspectiva é que, a partir da observação e das entrevistas colhidas na instituição investigada, seja possível trazer elementos favoráveis para a formação de TILSP e a inclusão de alunos surdos, valorizando seu *aprender* no ensino superior em meio às suas singularidades e parcerias junto ao intérprete educacional em contexto remoto. Reforçamos que este profissional será sempre convocado a assumir uma co-participação na aprendizagem do estudante surdo que tenha seu saber mediado pela Libras e que ocorra em ambiente virtual. Isto posto, ainda que as pesquisas não tenham evidenciado de modo potente essa atuação no ensino superior, essa é uma defesa apresentada na pesquisa de mestrado que originou este artigo.

4. Percurso metodológico

Realizamos a coleta em uma universidade federal do interior do estado de São Paulo, em dois *campi*, em cidades diferentes, de modo inteiramente virtual, em plataformas de reuniões online. Os participantes foram entrevistados individualmente, seguindo um roteiro semiestruturado. Para participar da pesquisa, convidamos profissionais que atendiam a esses critérios: a) ser TILSP atuante em universidade federal do estado de São Paulo; b) atuar em disciplinas da graduação ou pós-graduação; c) estar atuando ou ter atuado no ensino remoto. Buscamos também a perspectiva das pessoas surdas, portanto, convidamos discentes surdos da graduação e pós-graduação, que fossem usuários do serviço de interpretação em Libras e que tivessem cursado alguma disciplina que os TILSP participantes tivessem atuado na interpretação simultânea.

Sendo assim, participaram seis intérpretes educacionais da mesma instituição, sendo cinco deles do mesmo *campus*. Todos haviam atuado no formato presencial antes da pandemia e no formato remoto, durante a pandemia. Além dos intérpretes, também participou da pesquisa uma discente surda da graduação, ingressante no período de pandemia.

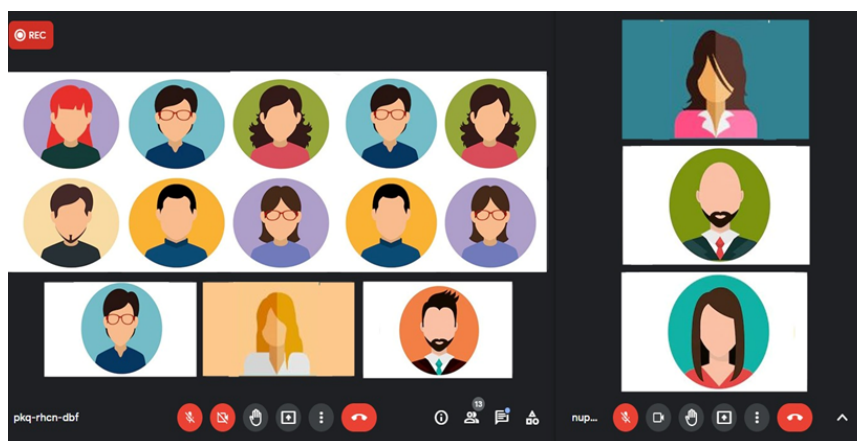
Além das entrevistas, realizamos observações durante cinco semanas em uma disciplina da pós-graduação, pois era a única atividade acadêmica que se mantinha remota durante a coleta de dados. Nessa turma havia dois discentes surdos matriculados, ambos não residiam na cidade do *campus*, mas estavam cursando as disciplinas de forma remota.

Registramos os dados observados em um diário de campo, descrevendo os acontecimentos na sala de aula, os diálogos que envolviam diretamente os discentes surdos ou discussões que envolviam a língua de sinais, além dos comentários feitos pelos discentes

surdos no *chat*. Registramos também os acontecimentos da sala de interpretação, alguns diálogos entre os intérpretes, comentários no *chat* e dinâmica de atuação.

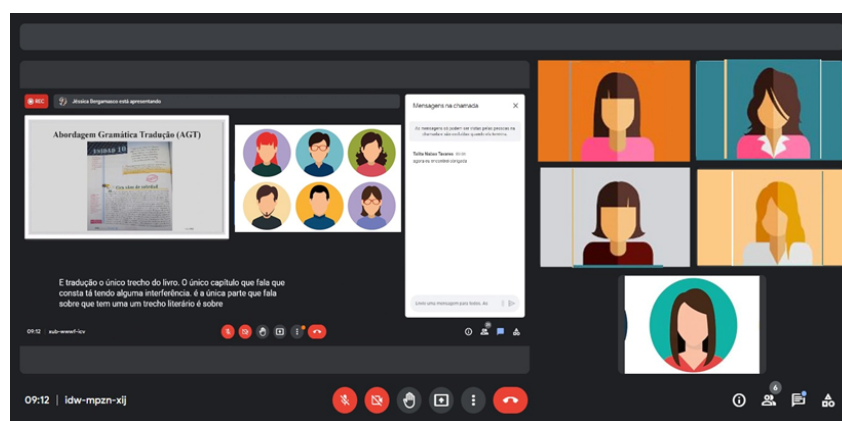
Com relação à configuração do ambiente virtual do ponto de vista dos intérpretes, solicitamos um print de suas telas para que pudéssemos visualizar como posicionavam suas janelas na tela do computador. Para preservar as identidades, editamos a imagem, conforme ilustrado abaixo.

Figura 1: Formato da tela do computador da intérprete com duas salas



Fonte: arquivo pessoal, maio de 2022, modificado para ocultar as identidades das pessoas.

Figura 2: Sala de apoio⁶ com apresentação da sala principal



Fonte: arquivo pessoal, maio de 2022, modificado para ocultar as identidades das pessoas.

Segundo os participantes, a organização da tela se configura da seguinte forma:

1) *Sala principal*, a sala de aula (à esquerda): onde ocorrem as interações entre professor e alunos e apresentações em PowerPoint.

2) *Sala de interpretação* ou *sala de apoio* (à direita): nesta janela ficam intérpretes e discentes surdos. Tem como finalidade a prática interpretativa em si, com trabalho de apoio e revezamento, e a gravação da interpretação. Normalmente, quando o participante surdo entra nesta sala, os intérpretes mantêm suas câmeras fechadas na sala principal.

A figura 1 representa aula ou reunião em que não há apresentações em PowerPoint e os *chats* estão minimizados, na sala de apoio há apenas a equipe com três intérpretes. Essa é uma configuração tradicional. A figura 2 demonstra a organização da sala de apoio durante um seminário da turma da pós-graduação, o *chat* e a legenda automática da sala principal estão ativados. Na sala de apoio tem três intérpretes, a aluna surda, a pesquisadora e a sala principal está sendo compartilhada para a gravação. É possível notar como a configuração nos dois modelos altera o modo como a pessoa surda visualiza os participantes. Quando há apresentação em PowerPoint, a quantidade de pessoas que aparece é menor e as janelas são reduzidas, o que certamente afeta o conforto na visualização do TILSP.

A divisão em duas salas foi implementada pela equipe, após algumas demandas remotas, devido à dificuldade em encontrar o intérprete na plataforma em meio a uma grande

⁶ No decorrer do texto, utilizaremos os termos “turno” e “apoio” em referência ao trabalho em equipe dos tradutores e intérpretes, conforme descrito na dissertação de Nogueira (2016). O autor refere-se ao intérprete que está atuando no momento da interpretação como “intérprete do turno” e é chamado “intérprete de apoio” aquele profissional que está atuando em dupla com o turno, mas é responsável por dar suporte ao TILSP que está produzindo a interpretação. Os dois profissionais ou mais, a depender da duração da demanda, revezam os papéis entre si, todavia, todos estão ativos e atuantes em todos os momentos do trabalho. (NOGUEIRA, 2016). Essa prática é o que configura o trabalho em equipe mencionado pelos participantes da pesquisa e que analisamos, observando a sala de atuação dos profissionais.

quantidade de participantes, o que gerou frustração em um dos docentes surdos e o levou a reclamar sobre essa situação com os intérpretes. A equipe reuniu-se para encontrar soluções, até mesmo para sua própria organização, e optou por criar uma sala paralela e enviar o link de acesso aos participantes surdos. A princípio, tal divisão causou estranhamento e sensação de exclusão, algo questionado por docentes e discentes ouvintes. Assim, os intérpretes relataram algumas justificativas para a criação e continuidade do uso da sala de apoio/interpretação.

- a) o formato permite a captura da tela de interpretação, que não fica registrada na sala principal para a gravação da aula, com isso, a sala de interpretação também é gravada para consulta posterior, caso o discente surdo tenha interesse;
- b) a sala paralela permite que o discente surdo veja a tela do intérprete em tamanho maior, o que dá mais conforto no acompanhamento da aula;
- c) o discente surdo tem mais facilidade para encontrar e fixar o intérprete de turno na sala de interpretação, pois há poucas pessoas;
- d) quando o professor apresenta documentos ou *slides*, a imagem do intérprete geralmente não fica visível com as janelas principais (que são exibidas de acordo com o som emitido na sala), sendo assim, uma sala com poucas pessoas facilita o manuseio e organização das janelas de acordo com a preferência e/ou necessidade do aluno surdo;
- e) o trabalho em equipe, dos TILSP, também é beneficiado nessa organização, visto que é possível organizar as janelas para turno e apoio, interagir, dar avisos, sem interferir na aula.

A entrada da pessoa surda na sala de apoio/interpretação é opcional em cada situação. Os surdos têm a autonomia para decidir se querem acompanhar a interpretação desta sala ou da principal, com as implicações, já mencionadas, que isso acarreta. Pensando na perspectiva de atuação em contexto educacional, tal entrada se torna importante para que os intérpretes tenham o retorno do seu público, para que acompanhem a compreensão do aluno surdo e façam escolhas em sua atuação de modo a favorecer o aprendizado. Isso torna a interpretação remota mais próxima do que é a presencial, no que diz respeito à relação intérprete-aluno surdo, com os diálogos possíveis, a afinidade que equipe e aluno têm no decorrer do processo e a atuação pedagógica. Os intérpretes assumem um posicionamento pedagógico também no ensino superior, conforme os dados revelaram, pelo encontro com o outro-aluno, com o deixar-se afetar pelo laço estabelecido em sala de aula, em prol do aprendizado.

Em outros contextos que não possuem uma relação duradoura, um tempo de exposição maior, uma relação afetiva e intencionalmente pedagógica, não há a necessidade de entrada da

pessoa surda na sala, uma vez que a equipe pode discutir questões técnicas da sua atuação sem a sua presença. É importante ressaltar, contudo, que no contexto educacional quando o aluno surdo entra na sala de interpretação, o trabalho em equipe e as trocas profissionais não são prejudicadas ou inibidas. Ao contrário, foi observado e relatado pelos TILS entrevistados que a presença do surdo na sala traz benefícios tanto para o intérprete quanto para a pessoa surda, conforme veremos no próximo tópico.

5. Análise da atuação do intérprete educacional no ensino remoto

Para esta produção, selecionamos uma temática que compõe principalmente dois dos quatro⁷ eixos analíticos da dissertação, a saber: 1) as ações práticas de Intérpretes Educacionais e a co-relação com ações que envolvem práticas pedagógicas e direcionam o *aprender* do aluno e 2) processos de remodelagem para a atuação remota pelos intérpretes: a relação com o corpo, as tecnologias e as interações de trabalho.

Os eixos nos ajudarão a avançar em conhecimentos formativos e práticos da atuação de TILSP, em contexto de ensino superior, na modalidade remota, em Educação a Distância (EaD) e em aulas que, ainda que em contexto presencial, tomam a tecnologia como fonte e espaços de sala de aula virtual complementares às práticas de ensino. Embora tenhamos avançado no Programa Nacional de Imunização contra a covid-19 e na retomada das aulas presenciais, os bons aprendizados, o que deu certo no ensino remoto, certamente se manterá e muitas práticas remotas estarão presentes no âmbito acadêmico com mais frequência.

Trecho da cena narrativa do Eixo 1, retirado do diário de campo de uma das autoras

Comecei a notar alguns nomes e frases colocados no *chat* pelos intérpretes, copio aqui: LARSEN FREEMAN; ARISTÓTELES; VISÃO RACIONALISTA; A LÍNGUA É MUTÁVEL E TRADUTÓRIA; CÓDIGO; BEHAVIORISTA; SAC - SISTEMA DE APRENDIZAGEM COMPLEXO; ABORDAGEM DIRETA; ASSOCIACIONISTA; CLAUDIO BARANHUKE; DRILLS; TEXTO COMO UNIDADE SIGNIFICATIVA; HOW ARE YOU?

(Fiquei pensando sobre as escolhas em caixa alta, especialmente, sobre algumas frases. Os intérpretes queriam reforçar o emprego das palavras, assim como foram enunciadas? Será que na língua de sinais tais

⁷ Na dissertação, 4 eixos foram elaborados, são eles: 1) as ações práticas de Intérpretes Educacionais e a co-relação com ações que envolvem práticas pedagógicas e direcionam o *aprender* no/do aluno; 2) características profissionais, formativas e estratégias discursivas dos intérpretes observados que os aproximam ao estudante surdo e ao processo interpretativo-pedagógico, facilitando o processo de aprendizagem; 3) análise do estudante surdo sobre os desafios postos no ensino remoto em relação à inclusão por meio da interpretação, aspectos técnicos/tecnológicos e falhas no processo de “ensinagem”; 4) processos de remodelagem para a atuação remota pelos intérpretes: a relação com o corpo, as tecnologias e as interações de trabalho. Pela limitação de páginas, selecionamos dois eixos que transversalizam elementos agrupadores da discussão descrita na parte teórica deste artigo.

construções não ficariam tão claras por terem o mesmo sinal para diferentes palavras e seus sentidos? Como ficavam construções desse tipo na interpretação presencial?

Três horas depois, a aula terminou e fiquei refletindo sobre as práticas dos intérpretes, pareceu-me mais que um trabalho de apoio. Essas anotações devem aproximar o aluno surdo do conteúdo e do aprendizado de algum modo, pois são termos importantes da área que podem ficar registrados no *chat* durante a aula para que o aluno consiga tomar nota de vez em quando, sem perder a interpretação.)

Fonte: Registros da coleta de dados de uma das autoras, maio de 2022.

Dentre as ações tomadas pelos TILSP em contexto remoto que remetem às discussões acerca da sua função e suas práticas que aproximam o aluno surdo do *aprender*, está o uso do chat. Aqui os signos que aparecem como potencializadores do aprendizado são diversos e muitos estão compilados em uma tela: os signos emitidos pela professora, pelos colegas, as conversas no chat da sala principal, as apresentações em PowerPoint, a interpretação em Libras, o chat da sala de interpretação, as legendas, entre outros. Na perspectiva deleuziana, não é possível identificar qual signo será o disparador dos atos subjetivos que farão com que o estudante aprenda, “que amores tornam alguém bom em latim, por meio de que encontros se é filósofo, em que dicionários se aprende a pensar” (DELEUZE, 2006, p. 237), pois nem sempre é o saber emitido pelo professor que promoverá o encontro com os signos. Muitas vezes o caminho percorrido pelo aprendiz é obscuro e ele só terá consciência do saber quando os signos tiverem feito sentido.

A estratégia dos intérpretes apoia-se no português escrito que aparece em momentos pontuais, tanto para auxiliar no registro daquilo que foi soletrado em língua de sinais e que se esvai no espaço, quanto para favorecer o processo de apreensão dos textos que serão lidos e servirão de base para a elaboração dos dizeres do estudante, seja apresentando seu seminário, expressando suas reflexões ou escrevendo a sua dissertação ou tese.

Santiago (2012) ao explicar sobre procedimentos de tradução e interpretação no par Libras - Língua Portuguesa, apresenta o conceito de tradução literal, que pensamos ter uma relação com o que ocorre quando o recurso da escrita é utilizado para que o discente saiba exatamente o que foi enunciado pelo outro. No contexto acadêmico, assim como em outros contextos com discursos formais, esse procedimento se faz necessário para trazer uma aproximação entre as duas línguas.

Na tradução do português para a língua de sinais, essa pode ser a escolha do intérprete, quando há a necessidade de o interlocutor saber exatamente como a fala foi construída na língua de origem, quando ele precisa elaborar uma resposta (sic) que será também traduzida da Libras para o português. (SANTIAGO, 2012, p. 41).

Embora a autora discorra sobre o ato tradutório/interpretativo, a produção linguística do português para Libras, no caso citado na cena, mesmo com a interpretação das sentenças que constituem um bloco de sentido importante para a compreensão do conteúdo, os intérpretes optaram por acrescentar a escrita como um reforço para a apropriação desse conhecimento e posterior produção escrita pelo aluno surdo. Tal estratégia pode ser considerada como uma forma de apoiar o aprendizado do estudante, visto que fornece um registro das informações que estão sendo discutidas em sala de aula. Especialmente pensando no contexto de análise - uma disciplina da pós-graduação com discente surdo cursando doutorado -, os intérpretes acreditaram que o recurso da escrita no chat poderia auxiliá-lo nesse sentido. Isso vem explicitado nas falas dos participantes intérpretes quando refletem sobre o uso dessa estratégia e apontam que os próprios alunos surdos solicitam que seja enviado a eles, após a aula, o arquivo em bloco de notas dos termos digitados durante a interpretação.

E teve alguns ganhos também [o ensino remoto], eu acho, e não necessariamente para o intérprete, mas talvez para quem consome essa interpretação, para o surdo. Então esse remoto possibilitou a gente fazer uso de algumas ferramentas que acabam auxiliando, favorecendo a compreensão do surdo com elementos, talvez, extralinguísticos, ou até mesmo linguísticos, mas oferecidos num outro suporte, por exemplo, o próprio chat, a própria legenda da plataforma, enfim, mas são coisas que, por exemplo, a gente já fazia, esse trabalho em equipe no presencial e tivemos que reconfigurar no remoto (Aurora, participante TILSP, abril de 2022)

Fonte: dados das entrevistas com intérpretes educacionais.

As novas práticas configuram outro modo de funcionamento da interpretação educacional e amplia ações que, por vezes, os intérpretes questionam não serem práticas efetivamente que “caberiam” a esse profissional. No entanto, neste texto, tal ação é “cara” à atividade, uma vez que a defesa apostada aqui é a de que os espaços educativos convocam o intérprete a assumir uma co-participação no processo de aprendizagem do aluno surdo, sendo ele (o intérprete) um emissor em potencial de signos para o *aprender*. O intérprete, portanto, pode ser o outro com quem o surdo aprende, uma vez que promove encontros com signos que mobilizarão no aluno a força para o pensamento e o aprendizado.

Cada interpretação emite signos que podem afetar os alunos surdos de diferentes formas e não é possível saber previamente como serão esses encontros. A relação estabelecida com os signos, a cada encontro, é única e heterogênea, por isso o aluno surdo aprende sempre no movimento e os TILSP são os profissionais que mais se aproximam desse caminhar do aluno surdo. Assim, os intérpretes fazem diferentes escolhas sobre o processo que acompanham, aquelas que eles julgam mais significativas para o *aprender* e aplicam no seu fazer cotidiano.

O desejo de aprender do aluno surdo o direciona a buscar um vínculo com aquele que compartilha a mesma língua e com quem pode estabelecer uma relação afetiva em sala de aula, não escapando dessa busca o intérprete que tenta assumir “neutralidade” na sua atuação. Não basta a interpretação em si, o uso da datilografia, a tradução literal, indo além, os intérpretes buscam a pesquisa imediata daquilo que precisa aparecer na língua de sinais e na língua portuguesa escrita de forma inteligível para o estudante. De modo que a ação realizada durante as aulas pode favorecer o *aprender* para estudantes universitários, uma vez que, além de aparecer na sua primeira língua, o conteúdo também aparece na língua em que o aluno precisará se expressar em seus trabalhos acadêmicos. Essa ideia também é expressa pela estudante surda entrevistada, quando relata sobre o estudo com o material gravado.

Às vezes eu assisto ao vídeo e leio o texto e isso me ajuda a aprender português também. Por exemplo, eu vejo no vídeo em Libras algum sinal que me gera dúvida, então recorro ao texto e vejo que está relacionado com tal palavra, pesquiso o sinônimo, e assim vou aprendendo português, com a língua de sinais, lógico! Eu nunca respondo a atividade só assistindo à gravação em Libras, nunca. Eu sempre assisto ao vídeo, faço a leitura do texto, estudo o vídeo e o texto, e só depois eu respondo a atividade (Giovana, aluna surda do ensino superior, maio de 2022).

Fonte: dados da entrevista com aluna surda.

É possível observar a elaboração de estratégias de estudo para apropriação dos conhecimentos nas duas línguas, pela aluna surda; assim como o trânsito entre as línguas se mostra necessário para auxiliar nesse processo de aprendizado dos conteúdos que estão difundidos na língua majoritária, e, principalmente, na produção escrita da estudante nas suas atividades. Seguindo a lógica da tradução literal, mas aproximando-se da estratégia da sinalização atrelada à escrita no chat, notamos como a prática imposta pelo contexto remoto, aos intérpretes, pode auxiliar também nesse processo, pois a aluna entrevistada constrói sua função-aluna a partir da interlocução entre as duas línguas ao usufruir de tais estratégias em sala de aula. Isso se dá pelo vínculo estabelecido entre intérpretes e alunos, dado o contexto de educação inclusiva, bem como pelo formato de aulas remotas em que os docentes, como observado durante a coleta, não utilizam recursos de anotação e ilustração de forma espontânea, apenas materiais previamente preparados. Diferentemente do presencial, quando a lousa era mais uma possibilidade, além da apresentação de PowerPoint.

Além disso, como dito anteriormente, o contato com a língua em circulação nos conteúdos, a língua portuguesa, faz-se necessário e, construindo saberes a partir da relação entre as duas línguas, os alunos surdos desenvolvem um sentimento de pertencimento, uma

identidade baseada nas produções em línguas de modalidades diferentes; integrando-se cada vez mais ao contexto da sala de aula. Certamente, as anotações são apenas uma ponta de todo o percurso formativo dos alunos. Elas não resolvem as dificuldades enfrentadas no cotidiano acadêmico e, considerando o contexto em que foram amplamente utilizadas pela equipe de intérpretes pesquisada, isto é, o ensino remoto emergencial; é preciso avaliar como se deu o processo de retomada das aulas presenciais sem o uso desse recurso.

Isso é relevante porque algo que aparece nas falas é que a prática de compor as equipes com, no mínimo, três intérpretes foi também uma mudança imposta pelo trabalho remoto, pela insegurança da conexão com internet ou de outros fatores que poderiam interferir no andamento do trabalho e que não apareciam nas aulas presenciais. O que significa que talvez essas ações não sejam tão frequentes no formato presencial, pois a equipe normalmente é menor e isso demanda uma atenção maior, do intérprete de apoio, à atuação do intérprete de turno. Isso impossibilita que ele faça anotações. E mesmo composta por trios ou quartetos, antes das atividades remotas, a equipe não tinha o hábito de realizar tantos registros, seja pelo espaço dividido com os docentes ou pela falta de uma plataforma que pudesse servir para esta finalidade. De todo modo, para o processo pedagógico, a presença dos três intérpretes potencializou registros, buscas e produções visuais que favoreceram o aprendizado do aluno e a qualidade da transposição do conteúdo entre as línguas.

Este é um cenário da atuação dos intérpretes no ensino superior, de forma remota. Contudo, há outras ações que nos interessam olhar e que aparecem nas falas dos participantes. A situação vivenciada durante a pandemia fez surgir uma gama de atividades para os intérpretes, além de repensar a forma de atuação em equipe, turno e apoio, revezamento, equipamentos, preocupações com a conectividade, com o recebimento de materiais, entre outras; os profissionais, mobilizados pelo laço construído com os alunos surdos, lançam mão de estratégias diferenciadas dado o momento histórico para que o aprendizado ocorra. Assim, remodelam suas práticas conforme experienciam essa relação educacional por meio das telas. O movimento descrito se manifesta na criação de recursos, com isso, trazemos exemplos de ações inovadoras que emergiram, no período de ensino remoto, para a elaboração de materiais de estudo para alunos surdos, da universidade investigada.

Iniciamos, deste modo, a segunda temática de análise deste texto, intitulada “processos de remodelagem para a atuação remota pelos intérpretes: a relação com o corpo, as tecnologias e as interações de trabalho”. Antes disso, contextualizamos o período de mudanças na área da interpretação que ocorreram devido a pandemia de Covid-19. Apesar de a interpretação remota já existir anteriormente, de já haver serviço de interpretação sendo

oferecido à distância, o modo como foi estabelecido durante a pandemia possui muitas peculiaridades, a saber: 1) a mudança se deu em meio a uma pandemia, que dizimou muitas pessoas, que obrigou diversos setores da sociedade a interromperem ou realizarem seus trabalhos de casa (RODRIGUES; OLIVEIRA; ARAÚJO, 2022); 2) parte dos intérpretes não possuía recursos tecnológicos próprios para a realização de um serviço de qualidade, muitos tiveram que investir nesse momento (RIBEIRO, 2020; NASCIMENTO; NOGUEIRA, 2021); 3) todo o serviço passou a ser oferecido remotamente, o que significa que todas as práticas anteriores tiveram que ser readequadas ao novo formato; 4) grande parte dos TILSP não tinha conhecimento aprofundado de tecnologias e o momento exigiu saberes mais complexos; 5) nesse formato, os profissionais passam mais tempo em uma posição só, do que no presencial, por exemplo, sentados, com isso, algumas adaptações ergonômicas no espaço domiciliar precisaram ser feitas.

Com a mudança do local de trabalho, é necessário pensar sobre a reorganização do ambiente domiciliar para essa finalidade. Marques (2020, p. 30) relata que há dificuldades em conciliar o trabalho em casa, por causa dos “barulhos externos, interferência familiar e ambiente sem privacidade” e aponta que há diferentes realidades domiciliares que podem não ter as condições ideais para o trabalho remoto. Quando esse ambiente é deslocado para o interior das casas, ainda mais em uma situação atípica como a da pandemia; isso pode ocasionar em alterações nos níveis de estresse e medo. Sobre a complexidade dessas relações e também sobre os impactos da mudança do local de trabalho, Araújo e Lua (2021) explicam que:

Nesse contexto da pandemia de COVID-19, a casa viu-se transformada em espaço público. Mas as mudanças abruptas que ocorreram não se restringiram a isso: as invasões, demandas e exigências foram também multiplicadas. Por exemplo, a jornada de trabalho sem limites temporais somou-se às exigências de provisão dos meios e ferramentas para o trabalho remoto (como internet, computador e celular) e de capacitação para operar os dispositivos eletrônicos necessários à conexão com o mundo externo, assim como às medidas de distanciamento físico e permanência em casa (ARAÚJO; LUA, 2021, p. 2).

Em concordância com as autoras da citação, os dispositivos que regulam as práticas dos TILSP, tampouco as políticas de formação não previam formas de atuação à distância, portanto, há um vazio de normas a ser preenchido com a experiência. Nesse sentido, dialogando com Foucault (2012), novas verdades vão sendo elaboradas, por meio das vivências dos profissionais, contrapondo as normativas e o funcionamento da educação no modelo virtual emergencial, que não consideram as especificidades das pessoas surdas. Os

saberes necessários para a realização do trabalho remoto do TILSP então se construíram no fazer cotidiano e, assim, forneceram um registro para as possíveis atuações futuras.

O tema da saúde apareceu com certa recorrência nas falas dos participantes, associada ao excesso de demandas, ao ingresso de novos surdos na universidade, enquanto a equipe de TILSP continuou com o mesmo número de profissionais. Sobre isso, os pesquisadores explicam que:

Os tradutores interpretes (sic) estão sobrecarregados com tantas atividades e que o ensino remoto demanda muito trabalho, pois precisam gravar as aulas e materiais complementares de explicação de conteúdos, realizar atendimento para suporte de explicações e dúvidas [...], e ainda atender as demais demandas institucionais como palestras, seminários e outros (MORET; MENDONÇA, 2022, p. 7).

Com relação à sobrecarga de trabalho, no período da pandemia, descrito na citação, apresentamos de forma mais detalhada como se deu a construção de materiais para os alunos surdos na universidade pesquisada. Referimo-nos principalmente à gravação da interpretação das aulas síncronas; apesar de a tradução também ter sido uma atividade frequente. Registramos abaixo o compilado de dados fornecidos pelos intérpretes, listando as novas atividades do profissional em contexto remoto, incluindo aquelas relacionadas à gravação da aula interpretada.

Quadro 2: Novas linhas de atuação do intérprete, no contexto remoto

Antes da aula

- Abrir duas salas: principal (com câmera aberta ou fechada); apoio;
- Abrir cronograma, *Google Classroom* ou AVA para consulta de textos;
- Abrir página do Google para pesquisas;

Durante a aula

- Escrita no *chat* para apoio e/ou anotação;
- Escrita no *chat* para avisos e comunicação entre a equipe;
- Cronometrar o tempo para troca;
- Recorrer ao material e/ou internet para pesquisas rápidas;
- TILSP de apoio pode fazer soletração próxima da câmera;
- Gravação da sala de apoio/interpretação;
- Anunciar o nome da disciplina e a data da aula, via microfone ou via *chat*;
- Captura da sala principal na sala de apoio;
- Ativar legenda automática do *Google Meet*;
- Ativar áudio na gravação com apresentação de Guia;
- Mutar sala principal, para não ficar com áudio duplicado;

- Abrir *chat* da sala principal para gravação;
- Fazer algum som/falar algo com microfone aberto ao assumir o turno;
- Avisar à pessoa surda sobre a troca de TILSP;
- Abrir câmera e microfone na sala correta;
- Atenção se o som foi suficiente para a captura da imagem;
- Fixar o aluno surdo na sala principal quando ele for falar para que sua imagem e sinalização fiquem gravados;
- Atenção para não sair eco na interpretação Libras – português;
- Atenção para não ligar o microfone na sala de apoio quando não for seu turno; se ligar, o TILSP de turno precisa novamente fazer algum som;
- Atenção para conectividade do turno;

Após a aula

- Conferir gravação e salvar em pasta do *Drive* específica para aluno;
- Se der algum erro na videoaula produzida, gravar novamente.

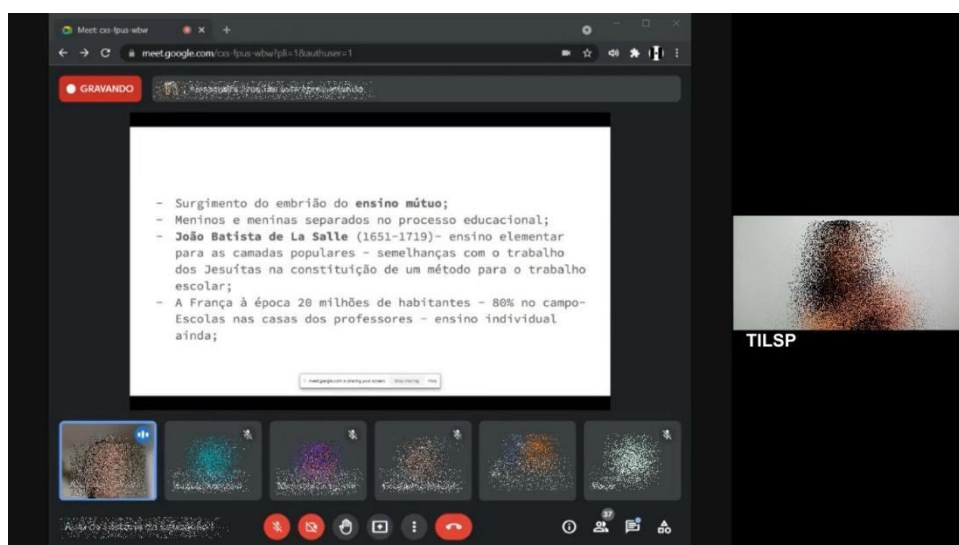
Fonte: Produção de uma das autoras. Dados organizados a partir das coletas empíricas desta pesquisa.

Essas são atividades que contemplam o *antes*, o *durante* e o *após* a atuação interpretativa em sala de aula virtual da equipe pesquisada. É possível notar que a atividade não se encerra ao final da aula, os intérpretes precisam conferir se o material foi gravado corretamente, ou seja, verificar se houve alguma falha no processo. Caso o material tenha sido elaborado com algum erro de gravação, ele deve ser regravado e editado. Alguns erros podem ser causados quando, por exemplo, alguém entra na sala de interpretação com o microfone ligado, durante a atuação do turno, que se esquece de fazer algum ruído para que o *Google Meet* capture sua imagem novamente. Com isso, esse trecho fica com a imagem daquela pessoa que entrou e não estava atuando, e parte da interpretação fica perdida. Outra situação é quando, na troca, o intérprete que está assumindo o turno não faz um ruído que seja suficiente para o *site* capturar sua imagem, assim novamente, o *Google Meet* grava a tela daquele intérprete que saiu do turno e, possivelmente, estará com a câmera fechada ou no apoio.

Por estes motivos, a conferência do material, ao final da aula, é de suma importância para a regravação do trecho suprimido, para que o aluno surdo receba um material completo para seu estudo. Sobre a gravação das aulas, inicialmente os intérpretes gravavam apenas a sua tela, com o cuidado para abrirem o microfone para que o *Google Meet* capturasse a sua imagem. O produto final ficava apenas com a interpretação, sem outros recursos visuais. A referência a quem estava falando era realizada em língua de sinais, com o sinal ou a soletração do nome da pessoa que tomava a palavra na sala principal. Em seguida, os TILSP salvavam o arquivo em uma pasta do *Drive* compartilhada com os alunos e professores. No entanto,

devido à solicitação de um dos alunos surdos que tinha dificuldade para encontrar os vídeos e abrir cada um separadamente (a sala principal – disponibilizada pelo professor – e a sala de interpretação), os TILSP começaram a projetar a sala de aula principal na sala de interpretação. Assim, toda a dinâmica da aula ficava em um vídeo só, o que passou a ser a prática para as demais disciplinas, com a devolutiva elogiosa dos alunos, conforme demonstra a Figura 3:

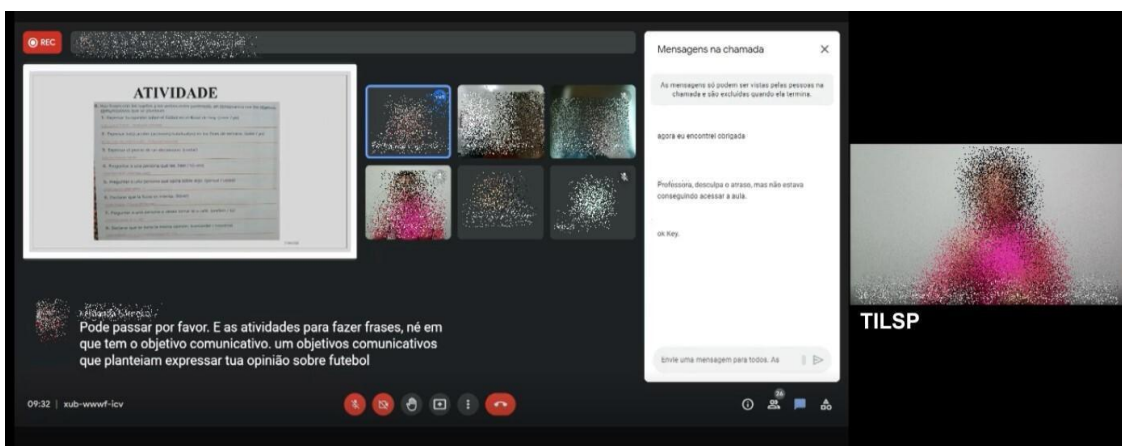
Figura 3: Gravação da aula com interpretação



Fonte: arquivo pessoal, fornecido pela intérprete Diana, em março de 2023.

Após essa mudança, mais uma solicitação vinda de outro aluno surdo: ativar a legenda, para acompanhar sempre nas duas línguas e ter esse material mais completo. Uma das alunas solicitou também a ativação do áudio, pois para ela ajudava a se concentrar mais no vídeo. Por fim, com a dinâmica das aulas, às vezes os professores liam algum comentário no *chat* e respondiam diretamente, sendo que o intérprete não havia visto a questão e isso demandava um tempo para a compreensão da mensagem, assim, resolveram ativar o *chat* da sala principal também, quando tem maior atividade. Ou seja, a cada atuação, a cada devolutiva dos alunos, os TILSP acrescentaram novas tarefas para uma gravação que atendesse a todos. Abaixo uma imagem com a gravação final de uma videoaula.

Figura 4: Gravação da aula com legenda e *chat* da sala principal



Fonte: arquivo pessoal, fornecido pela intérprete Diana em março de 2023.

Tal elaboração está relacionada à função pedagógica defendida neste texto, pois é possível notar que o material de estudo, entregue para os estudantes surdos, leva em consideração não apenas o conteúdo apresentado pelo professor, mas também as preferências e solicitações dos alunos. Para isso, os intérpretes lançaram-se na tentativa de amenizar os efeitos limitantes da plataforma, que está alinhada com as práticas que valorizam a língua oral e, sequer, considera a existência de línguas de modalidade visuoespacial.

Deste modo, pensando com Foucault (2012), o uso dessa plataforma reforça a hegemonia das línguas orais, convergindo para as práticas e normas voltadas à maioria ouvinte, são as relações de poder entranhadas nas mínimas relações. A gravação via *Google Meet* privilegia a fala oral. Desse modo, se os intérpretes não pensassem estratégias para que o vídeo final tivesse a língua de sinais, o aluno surdo poderia perder a possibilidade de ter um material de estudo ou os intérpretes teriam que fazer o trabalho de interpretação e depois o de tradução, o que seria dificultado pela quantidade de demandas que aumentaram significativamente no período da pandemia, conforme relatos dos profissionais. Sendo assim, a lógica pensada para a maioria das plataformas de reuniões virtuais serve à manutenção das exclusões, no entanto, os TILSP agem na contramarcha dessas estruturas para possibilitar o aprendizado do aluno.

Com cada recurso adicionado durante a interpretação, nessa ação interventiva, em direção a uma educação inclusiva, os TILSP assumiram mais uma tarefa no momento de acionar a gravação e precisavam muitas vezes lembrar o passo a passo aos colegas. Isso demonstrou a necessidade de determinados conhecimentos, da área de tecnologia, para as possibilidades de resolução dos problemas que eram apresentados.

No início eu senti bastante dificuldade, porque eu precisei aprender recursos novos [...], já tenho uma dificuldade com tecnologia. Então no começo foi bem complicado (Beatriz, participante TILSP, abril de 2022).

Então esse foi um desafio, conhecer a plataforma e de que modo produzir o mesmo trabalho de qualidade no presencial nesta plataforma, ou nas plataformas, né? Porque foram várias que a gente foi trabalhando durante o período do ensino remoto. Depois disso consolidado aí a dinâmica fluiu, a prática da tradução e da interpretação fluiu. Inclusive, tanto a interpretação imediata e simultânea nas aulas, como traduções posteriores, de material didático, ou paradidático (Cecília, participante TILSP, abril de 2022).

Fonte: dados das entrevistas com intérpretes educacionais.

Os relatos das intérpretes evidenciam mais um desafio enfrentado no início da pandemia: o da falta de conhecimentos da área de tecnologia, sobre como manusear as plataformas, como utilizar os recursos da melhor forma para conseguir realizar o trabalho. Isso pode ser constatado nas pesquisas de autores (ARAÚJO; LUIZ, 2021; NASCIMENTO; NOGUEIRA, 2021) que tratam sobre a necessidade de o profissional, de um modo geral e especificamente, o TILSP (respectivamente), ter esse tipo de conhecimento. No entanto, essa não é uma temática estudada nos cursos de formação. Desse modo, os intérpretes, com seus saberes adquiridos anteriormente e em contato com a nova realidade, elaboraram as formas de atuação com o uso dos recursos que tinham à disposição. Mesmo assim, muitos intérpretes sentiram-se confusos com essa situação.

Sobre como proceder com uma interação interpretada remotamente, o que faz com que haja mais estresse em todos os envolvidos na situação comunicativa, especialmente no intérprete que precisa gerenciar aspectos que, no presencial, não precisaria. A ausência de equipamentos ou falta de familiaridade com a tecnologia podem ser fatores que levam os intérpretes a não se sentirem totalmente confortáveis no oferecimento do serviço (NASCIMENTO; NOGUEIRA, 2021, p. 7014).

Nesse sentido, o trabalho em equipe tem uma importância que ultrapassa o momento da preparação e atuação e, como evidenciado nos enunciados, os profissionais podem atenuar sentimentos negativos em relação ao trabalho remoto a partir da troca de conhecimentos e experiências. Na mesma direção, Rodrigues, Oliveira e Araújo (2022, p. 45) defendem que “dificuldades no desempenho de algumas tarefas podem ser amenizadas com o suporte de colegas mais experientes, assim como, funções que causam mais estresse podem sofrer rodízio entre outros profissionais”. Portanto, para que haja uma relação mais amena com o serviço sendo realizado à distância, o apoio mútuo entre os colegas é fundamental.

Além do apoio entre colegas de trabalho, a instituição também deve atuar no sentido de fornecer condições adequadas para a realização das atividades. Sobre isso, os TILSP relataram que receberam equipamentos emprestados pela universidade, para a atuação remota, são eles: notebook, webcam, fone de ouvido do tipo *headset*, cadeira, *softbox* para traduções. Ter uma estrutura de trabalho é fundamental para a realização da atividade sem tantos problemas. Os intérpretes entrevistados conseguiram adquirir por conta própria, por exemplo, tecido para *chroma key*, contratação de pacotes de internet com mais velocidade, ou ainda, adaptar em casa uma iluminação que pudesse suprir a necessidade para a realização de traduções.

Esse aspecto configurou um desafio à equipe de intérpretes, no início do trabalho remoto, pois pela emergência da situação, não foi possível ter à disposição os recursos necessários para uma atuação mais confortável de imediato. Os equipamentos disponibilizados pela universidade só foram entregues aos servidores após um ano de trabalho remoto. Tal desajuste no ambiente pode ocasionar desgaste físico e mental, pois como mencionam Guarinello et al. (2017), diversos fatores como inadequação do local de trabalho, postura incorreta ou prolongada, carga horária de trabalho extensa, entre outros, prejudicam a saúde e a qualidade de vida do profissional TILSP.

6. Considerações

O ensino remoto trouxe muitos desafios para todos os envolvidos, escancarou desigualdades sociais e raso letramento digital. Por outro lado, potencializou nos intérpretes práticas inovadoras, voltadas para o *aprender* de alunos surdos no ensino superior. No contexto remoto, os intérpretes tiveram a possibilidade de usar as diferentes funcionalidades das plataformas virtuais de reunião, para auxiliar o seu trabalho em equipe, mas também para favorecer o aprendizado dos alunos surdos. Tais práticas possibilitaram que uma plataforma que, em seu funcionamento, reforça a hegemonia das línguas orais, fosse utilizada para contemplar alunos surdos. Desse modo, o *aprender* para o aluno surdo foi favorecido pelas práticas dos intérpretes de anotações no *chat*, gravação de materiais, dando a possibilidade de revisão dos assuntos; pois foram ações na contramarcha das práticas voltadas aos ouvintes. Os TILSP conseguiram atuar ativamente no processo de ensino e aprendizagem, de forma criativa e com atenção aos modos de proporcionar materiais de consulta na língua de constituição dos estudantes surdos universitários. Essa é uma lição que deve ser levada para o retorno à presencialidade, pois, se no ensino remoto houve uma preocupação maior, por parte

dos professores, em oferecer materiais diversos aos alunos; no ensino presencial tais recursos eram escassos, ainda mais pensando em materiais traduzidos para Libras.

Por fim, discorremos sobre a saúde dos intérpretes no contexto da pandemia diante do trabalho remoto. A sobrecarga de trabalho também foi um fator que gerou nos intérpretes algumas problemáticas de saúde física e mental, pois houve a assunção de muitas tarefas, em meio a um contexto de emergência sanitária que já impõe uma carga de estresse intensa. Com relação a este assunto, foi importante o apoio fornecido pela instituição, no sentido de dar melhores condições de trabalho remoto, com a oferta de equipamentos e mobiliário que favoreceram no aspecto da ergonomia. No entanto, ações de promoção de saúde física e mental devem ser adotadas para que os servidores possam enfrentar os desafios de trabalhar de casa. Em síntese, notamos a presença ativa do intérprete na produção de saber e na mobilização do *aprender* de alunos surdos no ensino superior, em contexto de ensino remoto.

Referências

ALBRES, N. A.; JUNG, A. P. Surdos e a educação bilíngue em tempos de pandemia: o enunciado de professores em análise. **Fórum Linguístico** (UFSC. IMPRESSO), v. 18, p. 7029-7043, 2021.

ARAÚJO, L. Deleuze e Proust: tempo, signo e pensamento. (2013) **Humanidades Em diálogo**, 5, 215-230. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-7547.hd.2013.106249>.

ARAÚJO, T. M. de; LUA, I. O trabalho mudou-se para casa: trabalho remoto no contexto da pandemia de COVID-19. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, v. 46, p. e27, 2021.

BRASIL. **Portaria MEC nº 343, de 17 de março de 2020**. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19. Diário Oficial da União, Brasília, 2020.

DELEUZE, G. **Diferença e Repetição**. Trad. Luiz Orlandi e Roberto Machado. 2 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

DELEUZE, G. **Proust e os signos**. Trad. Roberto Machado. São Paulo: Editora 34, 2022.

FEBRAPILS. **Nota Técnica sobre interpretação simultânea remota para a Língua Brasileira de sinais**: nº 004/2020 de 27 de maio de 2020.

FERREIRA, A. T. S.; GOUDINHO, L. da S.; SOUZA, R. de.; PINTO, S. C. C. da S.; BRAZ, R. M. M.; CAMPELLO, A. R.; MADEIRA, L. F. Interpretação em Libras e a mediação: um estudo de caso na pós-graduação. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 10, n. 12, p. 1-16, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/20196>. Acesso em: 13 set. 2021.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. 25 ed. São Paulo: Graal, 2012.

GUARINELLO, A. C.; LISBOA, T. R.; PEREIRA, A. D. S.; SANTOS, I. B. dos; IACHISNKI, L. T.; MARQUES, J. M.; SILVA, R. Q. da. Qualidade de vida do profissional intérprete de língua de sinais. **Distúrbios Da Comunicação**, 29(3), 462. 2017. <https://doi.org/10.23925/2176-2724.2017v29i3p462-469>.

LACERDA, C. B. F.; GURGEL, T. M. do A. Perfil de tradutores-intérpretes de Libras (TILSP) que atuam no ensino superior no Brasil. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 17, n. 3, p. 481-496, Dec. 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382011000300009&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20 jun. 2022.

MARQUES, R. F. **Interpretação Remota Durante a Pandemia do Coronavírus**: Um relato de experiência de interpretação no ensino superior. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Graduação em Letras LIBRAS, Florianópolis, 2020.

MARTINS, V. R. O. **Posição-mestre**: desdobramentos foucaultianos sobre a relação de ensino do intérprete de língua de sinais educacional. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas. UNICAMP, Campinas, SP, 2013.

MORET, M. C. F. F.; MENDONÇA, J. G. R. **Atuação dos Tradutores intérpretes de Libras no ensino remoto**. Anais do Encontro Nacional sobre Inclusão Escolar da Rede Profissional Tecnológica (ENIERPT), 2022.

NASCIMENTO, V. ; NOGUEIRA, T. C. Interpretação remota de Libras-Português em conferências durante a pandemia de COVID-19: dimensões de uma prática emergente. **Fórum Linguístico**, v. 18, p. 7006-7028, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/81143>. Acesso em: 21 dez. 2022.

NOGUEIRA, T. C. **Intérpretes de Libras-Português no contexto de conferência**: uma descrição do trabalho em equipe e as formas de apoio na cabine. (Dissertação). Mestrado em Estudos da Tradução. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina. 2016.

RIBEIRO, M. J. **Os Desafios dos Intérpretes de Libras em Tempos de Pandemia**. VII Congresso Nacional de Educação, Maceió, 2020.

RODRIGUES, A. C. S.; OLIVEIRA, N. R.; ARAUJO, C. O. de. (2022). O impacto do *home office* à saúde mental do funcionário no cenário da pandemia Covid-19. **Revista Fronteiras em Psicologia**, 4(2), 39–49.

SANTIAGO, V. de A. A. Português e Libras em diálogo: os procedimentos de tradução e o campo do sentido. In: **Libras em estudo**: tradução/interpretação / Neiva de Aquino Albres e Vânia de Aquino Albres Santiago (organizadoras). – São Paulo: FENEIS, 2012.

SANTOS, L. **O fazer do intérprete educacional**: práticas, estratégias, criações. Tese (Doutorado em Educação Especial), Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, SP, 2014.

SCHÉRER, R. Aprender com Deleuze. **Educação & Sociedade**, v. 26, n. Educ. Soc., 2005 26(93), set. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/GmQZtY6nDyzP9TZFxPZzZtb/?lang=pt>. Acesso em: 13 set. 2022.

Recebido em: 28/01/2024

Aprovado em: 05/04/2024

OS DESAFIOS DO INTÉRPRETE COMO EMPREENDEDOR NO CAMPO DA TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE LIBRAS

Cleusa Regina Cardoso¹
Saionara Figueiredo Santos²

Resumo: O empreendedorismo na área da tradução e interpretação em Libras está em ascensão devido a grande demanda por acessibilidade. Nesse contexto, surgiu a necessidade de pesquisar as características dos empreendedores da Tradução e Interpretação atuantes no Vale do Itajaí, Santa Catarina. Neste estudo, trazemos como objetivo geral analisar os desafios da interpretação empresarial para o empreendedor Tradutor e Intérprete de Libras (Tils) do Vale do Itajaí, e como objetivos específicos, conhecer o perfil do profissional intérprete como empreendedor; compreender a visão dos aspectos legais da implementação de uma empresa e suas expectativas no ato do desenvolvimento do trabalho interpretativo; entender os principais desafios que estes enfrentam na condução dos negócios em conjunto com a atividade de traduzir e interpretar. A metodologia desta pesquisa é um estudo de caso, realizado através de questionário online distribuído a três empreendedores atuantes neste campo. A partir da análise dos dados coletados, revelamos o perfil profissional, os desafios enfrentados durante a jornada visando o sucesso empresarial da tradução e interpretação, incluindo questões burocráticas, administrativas, investimentos financeiros necessários para manutenção do empreendimento. Em última análise, estimulamos futuras empreitadas acadêmicas que fomentem uma integração simbiótica das disciplinas de tradução, interpretação e empreendedorismo, abraçando, desse modo, as diversas temáticas que surgem dessa intrincada interseção.

Palavras-chave: Empreendedorismo, Tradução e Interpretação, Desafios.

THE CHALLENGES OF THE INTERPRETER AS AN ENTREPRENEUR IN THE FIELD OF TRANSLATION AND INTERPRETATION OF BRAZILIAN SIGN LANGUAGE (LIBRAS)

Abstract: Entrepreneurship in the field of translation and interpretation in Brazilian Sign Language (Libras) is on the rise due to the high demand for accessibility. Under this conditions, there arose the necessity to research the characteristics of entrepreneurs in Translation and Interpretation operating in the Vale do Itajaí, Santa Catarina. The objective of this study is to analyse the challenges of entrepreneurial interpretation for Libras translators and interpreters in the Vale do Itajaí, with specific aim to understand the profile of the interpreter as an entrepreneur, comprehend the legal aspects of establishing a business, and comprehend their expectations in the course of interpretive work development. We strive to understand the main challenges that they face in managing their business alongside translation and interpretation activities. The applied methodology is a case study, conducted through an online questionnaire distributed to three active entrepreneurs in this field. Via examination of the compiled data, we reveal the professional profile and challenges encountered on their journey towards entrepreneurial success, including bureaucratic and administrative issues, as well as necessary financial investments for sustaining their business. Ultimately, we

¹ Intérprete de Libras, Graduada em Pedagogia, Especialista em tradução e interpretação no IFSC Palhoça Bilíngue.

² Professora e pesquisadora no IFSC Palhoça Bilíngue. Doutora em Estudos da Tradução pela UFSC.

encourage future academic endeavours that foster a symbiotic integration of translation, interpretation, and entrepreneurship disciplines, embracing the diversity of themes emerging from this intricate intersection.

Keywords: Entrepreneurship, Translation and Interpretation, Challenges.

1. Introdução

A promulgação da Lei nº 10.436 de 2002 (Brasil 2002), popularmente conhecida como a 'Lei de Libras', instigou uma ampla discussão em todos os níveis governamentais (municipal, estadual e federal) sobre o acesso da Comunidade Surda aos serviços essenciais, como saúde, educação e lazer. Além disso, o Decreto nº 5.626 de 2005 (Brasil 2005), que regulamenta a referida lei, teve um impacto significativo no setor privado, especialmente no que diz respeito à contratação, emprego e manutenção de trabalhadores surdos em empresas e indústrias, em conformidade com as cotas estabelecidas por lei.

Essas legislações também destacaram a relevância de uma profissão que anteriormente passava despercebida: a do Tradutor e Intérprete de Língua Brasileira de Sinais (Tils). Somente em 2010, por meio da Lei Federal nº 12.319, de 1º de setembro de 2010, essa profissão foi oficialmente regulamentada. No entanto, a atuação desse profissional em diversas esferas da sociedade ainda não atende plenamente às necessidades da comunidade surda no Brasil, apesar das disposições legais, já que ainda conseguimos perceber a lacuna de pessoas surdas entre os espaços societários, principalmente por falta de acessibilidade linguística. Outro fator é a falta de formação de profissionais capacitados em Libras e em lidar com as demandas específicas da comunidade surda, o que impacta diretamente na qualidade dos serviços oferecidos.

Além disso, a compreensão de que um Tils também pode desempenhar o papel de empreendedor raramente tem sido abordada em pesquisas científicas. Portanto, este trabalho se justifica empiricamente, pois há uma necessidade premente de compreender como esses profissionais podem atuar de forma autônoma fora do ambiente educacional.

Os fundamentos teóricos deste estudo baseiam-se em contribuições de importantes teóricos, como Ronald Jean Degen (2009), que conceitua o empreendedorismo como uma opção de carreira e descreve o empreendedor como alguém que possui visão de negócio e está disposto a fazer todos os esforços para concretizar empreendimentos. Igualmente, Degen (2009) sugere que o empreendedor é aquele que sonha e busca transformar seus sonhos em realidade, como destacado por Dolabela (2010).

Além disso, os estudos de Ronice Quadros (2004) são relevantes para compreender as competências linguísticas necessárias para os Tils que envolvem a fluência nas línguas em questão, bem como habilidades técnicas essenciais para o desempenho de suas atividades e um profundo domínio dos conhecimentos específicos relacionados à tradução e interpretação.

O atual modelo do Grupo PACTE (2003; HURTADO ALBIR, 2017), mantém uma proposta de integração, distinção e hierarquia entre as subcompetências que constituem a competência tradutória. Assim, temos o seguinte:

1. subcompetência bilíngue (composta por conhecimentos essencialmente operacionais, importantes à comunicação em duas línguas);
2. subcompetência extralinguística (formada por conhecimentos, essencialmente declarativos, acerca do mundo e de esferas particulares);
3. subcompetência de conhecimentos sobre a tradução (constituída por conhecimentos, essencialmente declarativos, sobre a tradução, os princípios que a regem e seus aspectos profissionais);
4. subcompetência instrumental (integrada por conhecimentos, essencialmente operacionais, referentes ao uso de fontes de documentação e de tecnologias de informática e comunicação aplicadas à tradução);
5. subcompetência estratégica (consiste em conhecimentos operacionais para garantir a eficácia do processo tradutório e possui um caráter central no controle desse processo); e
6. componentes psicofisiológicos (componentes cognitivos, aspectos de atitude, habilidades etc.) (Rodrigues, 2018, p.298).

Dessa maneira, entendendo que no contexto de competência tradutória, a interação entre as competências e subcompetências são possíveis e variáveis, já que pode depender de muitos fatores, por exemplo, a direção da tradução “(direta ou inversa), a combinação linguística, o tipo de tradução, o nível de experiência do profissional, o contexto situacional no qual o processo se realiza, dentre outros” (Rodrigues, 2018, p. 298).

No entanto, quando se busca uma base teórica ou científica que trate especificamente do empreendedor/intérprete de Libras, observa-se uma carência de estudos acadêmicos suficientes sobre o tema. Dada essa lacuna na literatura, a pesquisa proposta ganha relevância, pois visa realizar uma análise aprofundada de como os intérpretes de Libras estão se descobrindo como empreendedores.

O objetivo geral deste estudo consiste em analisar os desafios enfrentados pelos Tils como empreendedores no Vale do Itajaí - SC. Além disso, objetiva-se conhecer o perfil dos líderes das empresas de Tradução e Interpretação da região, compreender a visão desses líderes empreendedores em relação à criação de suas empresas e à contratação de

colaboradores, bem como entender os principais desafios que enfrentam na gestão de seus negócios em paralelo com a atividade de tradução/interpretação.

Para atingir esses objetivos, foi realizado um breve questionário junto a três empresas prestadoras de serviços na área de tradução e interpretação da Língua Brasileira de Sinais, todas localizadas na região do Vale do Itajaí - SC. A análise dos dados coletados será embasada nos referenciais teóricos a seguir.

2. Marcos teóricos: interpretação e conceitos essenciais

A atividade de interpretação transcende a mera aquisição de uma nova língua. A interpretação requer uma compreensão cultural profunda, conhecimento técnico especializado e a capacidade de colaboração. Muitas dessas competências são frequentemente desenvolvidas por indivíduos quando estão inseridos no mercado de trabalho, particularmente quando se deparam com novos campos de atuação, como interpretação corporativa, tradução de jogos, programas de televisão, filmes e séries, bem como interpretação simultânea ou consecutiva em eventos como entrevistas, seminários, palestras, reuniões, entre outros.

A fim de alcançar o objetivo primordial da comunicação e compreensão entre as partes envolvidas na interpretação, o intérprete deve entender que "a interpretação não é um processo mecânico, mas um processo criativo que depende, sobretudo, de uma perspectiva cultural" (TORRES, 2012, p. 18). Esse aspecto criativo contribui para a promoção de uma compreensão mais profunda e abrangente entre indivíduos de diferentes comunidades e culturas. Dessa forma, conseguimos estabelecer algumas diferenças entre os conceitos de Tradução e Interpretação já que "a interpretação é totalmente dependente da situação imediata e das circunstâncias em que se efetivam a produção do texto fonte e do alvo, a tradução pode ser realizada fora do contexto a que se destina, já que o texto fonte está pronto e o público terá acesso ao texto alvo após sua conclusão" (RODRIGUES, 2018, p. 04)

Com base nos estudos de Quadros (2004), compreendemos que o intérprete desempenha o papel de facilitador na comunicação oral ou visual entre duas ou mais pessoas que dominam línguas diferentes. A interpretação, portanto, é uma ferramenta indispensável sempre que ocorre interação entre culturas e línguas distintas, desempenhando um papel de grande relevância na promoção da acessibilidade ao longo da história da humanidade.

2.1 Novos empreendimentos a partir das Políticas Públicas de Inclusão

O surgimento de políticas de inclusão e acessibilidade remonta ao início do século XX, quando indivíduos anteriormente marginalizados na sociedade tiveram seus direitos estabelecidos na Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948). Esses direitos foram estendidos a pessoas independentemente de sua raça, cor, classe social ou diferenças linguísticas, permeando diversos contextos sociais e educacionais.

Contudo, ao mesmo tempo em que essas políticas buscam promover uma sociedade igualitária, a globalização pode acentuar as desigualdades, definindo modos de participação social disponíveis para os indivíduos nos espaços políticos, econômicos e culturais, excluindo aqueles que não se enquadram nos padrões estabelecidos pela sociedade.

Diversos documentos internacionais e nacionais discutidos por autoridades no campo da inclusão embasaram políticas de educação inclusiva em âmbito mundial, como a Conferência Mundial sobre Educação para Todos (1990) em Jomtien, Tailândia; a Conferência Mundial de Salamanca (1994) na Espanha; e a Convenção Interamericana para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra Pessoas com Deficiência (1999) na Guatemala.

O Brasil também aderiu a essas conferências internacionais, implementando ações para promover a política de educação inclusiva, como a Constituição de 1988, o Estatuto da Criança e do Adolescente de 1990, o Decreto Federal nº 3.298/99, que regulamenta a Política Nacional para a Integração das Pessoas com Deficiência, a Lei de Acessibilidade Nº 10.098/1994, a Lei nº 10.432 de 2002, que regulamenta a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como meio de comunicação para as 46 comunidades surdas do Brasil, e o Decreto Presidencial nº 5.626, que regulamenta esta última. Essas e outras legislações refletem a crescente receptividade nacional às políticas públicas de inclusão.

A Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (LBI 2015) reconhece a surdez como uma deficiência e é nela que encontramos as diretrizes que garante a inclusão e a acessibilidade das pessoas surdas na sociedade, propondo medidas para assegurar o acesso à educação, à comunicação, aos serviços de saúde, ao mercado de trabalho, prevendo ainda, o uso e difusão da Língua Brasileira de Sinais (Libras) como meio de comunicação e expressão das pessoas surdas, através das tecnologias assistivas e adaptações, quer sejam estruturais, quer sejam linguísticas para que o cidadão surdo se torne mais autônomo possível. Além disso, a lei também estabelece diretrizes para promover a igualdade de oportunidades a todos e o respeito às diferenças, proibindo toda e qualquer discriminação. E é baseado nessas leis elencadas acima que o trabalho do Tils torna-se primordial no processo de acessibilidade à pessoa surda.

De acordo com a Pesquisa Nacional de Saúde (2019), 17,3 pessoas possuem algum tipo de deficiência, e a população com deficiência no Brasil foi estimada em 18,6 milhões de pessoas de 2 anos ou mais, o que corresponde a 8,9% da população dessa faixa etária. O indicativo faz parte da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD): Pessoas com Deficiência 2022, (Brasil 2022). O número estimado de pessoas com problemas auditivos é superior a 5.750.809. A definição de pessoa surda, outrora estigmatizada, foi revista pelo Decreto nº 5.626/2005, que a descreve como alguém que, devido à perda auditiva, compreende e interage com o mundo principalmente por meio da Língua Brasileira de Sinais (Libras)³.

As políticas públicas de inclusão designam o acesso para além da educação; ou seja, vão além de garantir o acesso e a permanência de pessoas com necessidades educacionais especiais em diversos ambientes. No caso das pessoas surdas, é essencial compreender o significado desse processo de inclusão, uma vez que elas possuem aspectos linguísticos e culturais distintos que exigem esforços para desenvolver plenamente suas capacidades.

Historicamente, após a regulamentação da profissão dos tradutores e intérpretes de Libras (Tils) pela Lei Federal 12.319, de 1º de setembro de 2010, a presença desses profissionais tornou-se fundamental para tornar diversos espaços públicos acessíveis às pessoas surdas. Essa regulamentação permitiu que os profissionais, que anteriormente atuavam principalmente de maneira informal, pudessem exercer suas atividades de forma mais estável e considerar novas estratégias de atuação. Historicamente, esses profissionais eram mais comumente encontrados na área educacional e adquiriam suas competências empiricamente, frequentemente carecendo de formação específica na área.

Ao longo da história, a sociedade criou barreiras significativas entre as pessoas surdas e o mundo, deixando os surdos à margem da sociedade e da informação disponível. Mesmo atualmente, muitos surdos têm acesso limitado à informação na língua predominante entre eles, a Libras - Língua Brasileira de Sinais. Portanto, é um dever reparador da sociedade garantir, por meio de instituições públicas e privadas, o direito à tradução e interpretação em Libras, promovendo a inclusão educacional e social desses indivíduos. Como enfatizado por Skliar (1998, p. 148):

³ Há diversidade dentro da comunidade surda, já que nem toda pessoa surda usa a língua de sinais. E nem por isso deixa de se designar como surda. Para os primeiros, ser Surdo (com S maiúsculo) se refere à uma característica cultural e antropológica, identificadora, transformadora e motivo de orgulho, principalmente como minoria linguística e cultural.

A comunidade surda é um complexo de relações e interrelações sociais, que diferem de outras comunidades onde existe a possibilidade da comunicação oral, pois as pessoas surdas necessitam das línguas de sinais para realizarem uma comunicação satisfatória com outras pessoas. SKLIAR (1998, p. 148).

A Língua de Sinais é a via primordial de comunicação para a maioria dos surdos e desempenha um papel crucial no desenvolvimento de suas habilidades sociais, intelectuais e individuais (QUADROS, 2004). A presença de intérpretes de Libras em diversos ambientes pode promover a acessibilidade para os surdos na sociedade e permitir que eles sejam protagonistas na expressão de suas ideias, desejos e sentimentos. Isso contribui para a superação das barreiras que historicamente os impediram de aprender, socializar e exercer seus direitos básicos. Além disso, ajuda a desconstruir os estereótipos e paradigmas criados ao longo do tempo sobre essa comunidade. Concordamos com Skliar (1998) quando afirma que os surdos devem ter seus direitos linguísticos garantidos em todos os ambientes que frequentam, assegurando o cumprimento da legislação, no que se refere à acessibilidade linguística. Portanto, a presença fundamental dos intérpretes de Libras se justifica para garantir esses direitos aos surdos.

2.2 O intérprete de Libras como empreendedor

Em 2020, o Brasil testemunhou um aumento notável no número de empreendedores, com dados da Agência Brasil (2020) indicando que, apenas nos nove primeiros meses desse ano, houve um crescimento de 14,8% no número de Microempreendedores Individuais (MEIs) em comparação com o mesmo período do ano anterior, totalizando 10,9 milhões de registros.

Degen (2009), ao analisar aqueles que aspiram iniciar novos empreendimentos, identifica quatro papéis essenciais a serem desempenhados: o empreendedor, o empresário, o executivo e o empregado. O empreendedor é definido como aquele que inicia um novo negócio e assume todos os riscos comerciais, legais e pessoais associados a ele (DEGEN, 2009, p.14). O empresário, por sua vez, é a pessoa que tem e administra uma empresa, onde todos os riscos do negócio ou o lucro são responsabilidade dele mesmo. Agora quando falamos especificamente sobre o executivo é o profissional que ocupa cargos de liderança, sendo este o responsável por tomar decisões estratégicas e garantir a execução dos planos e expansão do negócio dentro de uma empresa. por fim, o empregado é aquele que desenvolve

as atividades, normalmente braçal para garantir que tudo funcione corretamente, é o prestador de serviço que trabalha em troca de um salário.

De acordo com o inciso XXXIII do artigo 5º da Constituição Federal, o acesso à informação pública é um direito de todos os cidadãos. Nesse contexto, surge o papel do Tradutor e intérprete de Libras como um intermediário entre a comunidade surda e os ouvintes. A demanda por seus serviços tem crescido em diversas esferas e contextos, tornando sua atividade mais visível e ampliando seu alcance para além do contexto educacional. Consequentemente, muitos intérpretes têm organizado suas atividades de forma autônoma, tornando-se intérpretes empreendedores, liderando pequenas empresas.

No entanto, assim como em qualquer empreendimento, é crucial o planejamento, especialmente em um contexto profissional. Empreendedores, mesmo em pequena escala, devem estabelecer uma estrutura jurídica adequada. Max Gehringer, em seu livro "Lições para o Sucesso" (2008), enfatiza a importância de avaliar o mercado em que se pretende atuar com base no conhecimento e na experiência pessoal, identificando os obstáculos iniciais, como dificuldades financeiras, burocracia e carga tributária.

No entanto, Gehringer (2008) também destaca que gerenciar um negócio próprio requer um esforço significativo e dedicação, especialmente em relação às tarefas burocráticas, que envolvem documentação, registros e o pagamento de impostos com altas taxas tributárias. O mito de que os empreendedores têm mais tempo livre ou renda superior em comparação com os empregados é desmistificado; o sucesso instantâneo e o lucro fácil são ilusões no campo do empreendedorismo. Sem planejamento e organização adequados, muitos obstáculos podem surgir durante a criação e a manutenção de um empreendimento.

No caso do empreendedor que oferece serviços de tradução e interpretação em Libras, o foco deste estudo, esse indivíduo também disponibiliza seus serviços por meio de sua empresa, atuando em uma variedade de contextos, como eventos, congressos, reuniões e workshops, frequentemente de forma simultânea. Eles atendem tanto a clientes individuais quanto a grupos, adaptando-se às necessidades específicas dos clientes e estabelecendo preços compatíveis com o trabalho realizado.

Para exercer essa atividade com qualidade e eficiência, os intérpretes de Libras devem possuir diversas competências. Conforme já mencionado, Rodrigues (2018) compila alguns modelos que definem as competências necessárias para que o trabalho do tradutor e intérprete aconteça (i.e. BELL, 1991; HATIM; MASON, 1997; NEUBERT, 2000; KELLY, 2002; PACTE, 2003; GONÇALVES, 2005; ALVES; GONÇALVES, 2007). Além disso, “é possível pensar que os aspectos históricos, culturais e situacionais que envolvem os tradutores e os

intérpretes e seu campo de atuação profissional também impactam, de alguma maneira, a competência tradutória requerida” (RODRIGUES, 2018, p. 292), também em contexto de empreendedorismo.

2.3 O plano de negócios e os desafios da abertura de empresa

Ao considerar a criação de uma empresa, é crucial determinar em que categoria de atividade o serviço se enquadra e qual o tamanho do empreendimento. Isso ocorre porque, de acordo com as regulamentações federais, um novo negócio deve seguir uma classificação empresarial específica. Por exemplo, a maioria das empresas cujos empreendedores são intérpretes que oferecem serviços de tradução e interpretação se enquadra como "ME" (Microempresa) ou Microempreendedor Individual (MEI) a depender do valor do faturamento mensal.

Nestas empresas, os empresários frequentemente desempenham diversas funções, uma vez que nem sempre têm recursos financeiros para contratar funcionários específicos. Portanto, é necessário que esses empreendedores se organizem em relação ao planejamento, administração e marketing.

Para estabelecer um empreendimento no mercado, um plano de negócios é essencial. Esse documento descreve as características do negócio, a abordagem de trabalho adotada e as estratégias para a divulgação de serviços e aquisição de clientes. Conforme Reis e Armond (2012) destacam, um plano de negócios permite identificar riscos e desenvolver planos para mitigá-los, avaliar pontos fortes e fracos em relação à concorrência e ao ambiente de negócios, definir estratégias de marketing, analisar o desempenho financeiro e planejar investimentos.

Além do plano de negócios, o processo produtivo de uma empresa precisa ser embasado e coerente, abrangendo desde a divulgação, negociação e agendamento de serviços até a estrutura da equipe e aquisição de equipamentos. Custos associados a essas etapas também devem ser previstos. Segundo Reis e Armond (2012), os custos mensais de operação de uma empresa de tradução podem incluir salários, tributos, impostos, contribuições, taxas e contribuições associativas a entidades de apoio à profissão, bem como serviços de assessoria contábil, publicidade e propaganda, entre outros.

Portanto, é imperativo que os serviços oferecidos sejam prestados com excelência e que haja clareza e coesão no plano de negócios. Este documento, aliado ao conhecimento de mercado e à organização eficiente da empresa, pode fornecer aos empreendedores que

desejam ingressar na área de tradução e interpretação em Libras maior segurança nas decisões que o empreendedorismo exige (REIS E ARMOND, 2012).

3. Metodologia da pesquisa

A metodologia escolhida para o desenvolvimento deste trabalho possui uma natureza qualitativa e exploratória. Segundo Creswell (2007, p.20) a pesquisa qualitativa é “quando o pesquisador não conhece as variáveis importantes a examinar”, investigando motivos, crenças, valores e atitudes, que correspondem à profundidade das relações, dos processos e dos fenômenos, buscando assim “as raízes dos significados, as causas de sua existência, suas relações, num quadro amplo do sujeito como ser social e histórico.” (TRIVINOS, 1987, p.130).

O estudo qualitativo é exposto por Creswell (1994) como um processo de pesquisa que busca entender problemas humanos e sociais baseados na construção de uma descrição complexa e holística do ponto de vista dos informantes.

Para o desenvolvimento desta pesquisa optamos por um estudo de caso, uma metodologia científica de pesquisa que necessita observar, investigar, coletar dados através de entrevista e questionário. Conforme Yin (2001) o estudo de caso descritivo é uma estratégia de pesquisa que compreende um método que abrange abordagens específicas de coletas e análise de dados. É, portanto, uma investigação empírica de um determinado tema, dentro de um contexto da vida real, sendo que os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos.

É importante salientar que, para realizar um estudo de caso, o pesquisador deve iniciar seu trabalho identificando os locais ou as pessoas que servirão de referencial para seu estudo, com o intuito de obter a melhor resposta do projeto de pesquisa. No caso desta pesquisa, escolhemos três empreendedores com empresas prestadoras de serviços de tradução e interpretação de Libras que atuam na região do Vale de Itajaí, abrangendo municípios como Camboriú, Balneário Camboriú, Itajaí, Navegantes e cidades circunvizinhas. Estas empresas foram selecionadas pela relevância e importância dos serviços prestados na região, e principalmente por serem empresas reconhecidas pela comunidade surda, e por estarem dispostas a colaborar com a pesquisa fornecendo acesso aos dados que possibilitaram uma análise dos objetivos estipulados nesta investigação acadêmica. Os três empreendedores se descreveram da forma abaixo:

- Empreendedor 1 (E1): sua empresa foi fundada em 12 de dezembro de 2017. É uma empresa especializada na tradução e interpretação em Libras/Português e tem sua sede na cidade de Itajaí – SC. Disponibiliza profissionais qualificados para desempenhar um trabalho de qualidade e excelência nas mais diversas modalidades. Oferece também cursos de Libras particulares e para empresas.
- Empreendedor 2 (E2): atua na área desde 2012 e a sede de seu empreendimento está localizada na cidade de Camboriú - SC. Desenvolve atividades de dublagem de filmes cinematográficos, de vídeos e de programas de televisão, treinamentos em desenvolvimento profissional e gerencial, oferecendo cursos de aperfeiçoamento em Libras para outros profissionais intérpretes.
- Empreendedor 3 (E3): iniciou seus trabalhos formalmente em julho de 2020, na cidade de Itajaí - SC. Atende em diversos contextos, mas a grande maioria são espetáculos, lives e política.

Primeiramente, tais empreendedores foram contatados através de ligação telefônica inicialmente para saber do interesse e disponibilidade para a participação na devida pesquisa e oficializada via e-mail e, após o aceite de participação neste estudo, foi enviado um questionário estruturado a ser respondido de maneira individual, constituído de perguntas subjetivas. O objetivo destas perguntas é fornecer informações detalhadas do campo administrativo de cada um dos empreendedores. Analisamos o desenho organizacional a partir do oferecimento da acessibilidade, os fatores determinantes para a contratação deste profissional específicos e suas competências.

O questionário se dividiu em seis categorias, onde foram descritos e analisados por blocos que caracterizaram a entrevista como: Identificação do entrevistado – Dados da Empresa; Origens do Empreendedor; Visão da Empresa; O trabalho como empreendedor; Relações e Liderança e o Futuro do empreendimento, segundo as respostas respectivamente dos empreendedores 1, 2 e 3. Além disso, informações pessoais, tais como formação, onde aprendeu Libras, tempo e experiência profissional e objetivos futuros para seu empreendimento, foram pedidas.

Fizemos inicialmente um levantamento bibliográfico, no qual selecionamos e estudamos autores teóricos que discursam sobre o tema aqui abordado, para logo em seguida, iniciarmos a coleta dos dados que foi obtido a partir da devolutiva do questionário. O levantamento bibliográfico foi essencial para a análise dos dados pós coleta. A análise dos dados está disposta a seguir.

4. Análise dos dados

A análise dos dados, segundo Yin (2001), consiste no exame, categorização, classificação ou mesmo na recombinação das evidências conforme proposições iniciais do estudo. E, para tanto, a pesquisa foi feita a partir do questionário online com indivíduos que desempenham o cargo de proprietários de uma empresa de tradução e interpretação em Libras, dos documentos históricos analisados e da literatura especializada lida.

Foi então possível chegar a um diagnóstico acerca dos aspectos do cotidiano destes profissionais que atuam de maneira empreendedora. A seguir são apresentadas as observações e análises realizadas com base na coleta de dados e das respostas respectivamente da empresa 1, 2 e 3.

4.1 O perfil do profissional

Para se traçar o perfil dos entrevistados, foram abordadas questões como o tempo que o profissional possuía de carreira, funções que desenvolve na empresa onde atua, e também os desafios de ser empreendedor, já que segundo Gehringer (2018) abrir o próprio negócio pode ser um grande desafio, e parece ser uma opção de quem já foi um dia empregado e, entre outras motivações, quer se aventurar por outros caminhos, mas, “empreender requer mais do que um simples desejo de tentar *outra coisa*” (GEHRINGER, 2018, p. 08)

Ao se concluir a análise do perfil dos entrevistados, foi possível notar que, a média de idade dos três empreendedores da área de tradução e interpretação é de 36 anos, todos com formação em nível superior, e eram até então prestadores de serviços por períodos temporários, principalmente na área da educação.

Em relação ao regime de trabalho, dois dos empreendedores atuam hoje como micro empresa (ME) e um como microempresário individual (MEI), e o ramo de atividades das mesmas são:

- E1- cursos particulares, empresariais, políticos, saúde, educação, religioso e etc...
- E2- Educação, congressos, eventos, atividades remotas, aconselhamento, palestras.
- E3- Tradução e Interpretação – par linguístico Libras-Português.

Independente da área de atuação vale lembrar que traduzir e interpretar é uma responsabilidade enorme e exige qualificação específica na área da interpretação e nas áreas de conhecimento envolvidas” (QUADROS, 2004, p. 68).

4.2 Origens do empreendedor

Ao analisarmos as origens destes profissionais e como foi sua trajetória na área da tradução até empreender nesta área, percebemos que, de maneira geral, os profissionais não começam sua trajetória realizando interpretações ou traduções. Os três empreendedores comentam que:

E1- Formado em Pedagogia e Pós Graduado em Técnicas de Tradução e Interpretação em Libras. Antes de trabalhar na área, fui estoquista de calçados, sapateiro, auxiliar de pedreiro, entregador de água, vendedor de roupa, empacotador em supermercado, copeiro em restaurante.

E2- Minha formação inicial é graduação em pedagogia com ênfase em psicopedagogia, atuava na esfera educacional como professora alfabetizadora em âmbito municipal. Já sabia um pouco de Libras por ter alguns amigos surdos na infância, e quando você diz que sabe, o aluno com deficiência vai direto para sua sala, foi assim que comecei a atuar com os surdos profissionalmente. Comecei a me especializar mais na área fazendo alguns cursinhos até fazer uma nova graduação (Letras/Libras) na UFSC. Comecei a atuar como TILS quando me mudei de São Paulo para Santa Catarina, não foi algo planejado, comecei informalmente, para um colega de trabalho, interpretava as reuniões, ele me ajudou muito com os sinais no início, depois oficialmente começando a atuar na Univali com os acadêmicos surdos, desde então me divido entre professora e intérprete.

E3- Trabalhava como vendedora quando iniciei meus estudos no magistério, em 2009, logo fui demitida pois não consegui conciliar o trabalho com os estágios, nesse mesmo ano conheci a Libras e comecei a fazer cursos básicos. Em 2010 já trabalhando como auxiliar de creche em Navegantes fiz o vestibular para o Letras Libras em agosto e fui aprovada, onde me mudei para Florianópolis para iniciar meus estudos.

Também se observa que a ingresso na profissão de intérprete ou tradutor frequentemente ocorre quando o indivíduo tem contato com uma pessoa surda ou possui um membro da família que já atua nesse campo, como ilustrado pelo depoimento do entrevistado 1, que menciona: "Minha esposa também é intérprete e uma influência importante em minha formação profissional" (E1). A capacitação desses profissionais geralmente ocorre por meio de cursos introdutórios e interações com a comunidade surda.

O ponto de partida mais comum para o exercício da profissão de tradutor ou intérprete frequentemente se encontra em contextos educacionais de âmbito municipal e estadual, como

evidenciado quando questionados do início de suas carreiras como profissional da área da tradução e interpretação como intérprete, obtivemos as respostas a seguir.

E1 - Frequentando diversos cursos de Libras, aprendendo desde o básico e participante ativo na comunidade surda, após isso ao adquirir alguma experiência e certa fluência fui me colocando no mercado de trabalho, onde fiquei muitos anos em escolas da rede municipal e estadual de ensino do estado de Santa Catarina e Universidade particular.

E2- Minha trajetória na área da surdez se confunde com a profissional, como relatado acima. Em SC atuei e tive mais contato com a comunidade surda frequentando associações e festas, tinha dias que eu só sinalizava devido ao grande tempo que passava com eles, hoje trabalho com alguns profissionais surdos que são meus amigos também.

E3- No ano de 2011 comecei a trabalhar formalmente como intérprete na educação municipal de Florianópolis. E sempre que possível fazia freelance. Quando retornei para Navegantes, 2014, logo fui trabalhar na rede estadual de educação e na Universidade do Vale de Itajaí – Univali. Em 2015 me efetivei no município de Navegantes, onde logo me exonerei por ter a oportunidade de ampliar a minha carga horária na Univali, e também porque no município de Navegantes o cargo de intérprete a formação exigida é nível médio e por isso tem salário mais baixo. E desde sempre trabalhando como freelancer sempre que havia compatibilidade de horários.

O profissional especializado em tradução e interpretação da Língua Brasileira de Sinais (Libras) pode se adequar a prestar serviços em qualquer ambiente onde haja a demanda por acessibilidade para indivíduos surdos que se comunicam por meio de sinais. Conforme exposto por Quadros (2004), embora a formação não garanta uma generalização de competências e habilidades provenientes do TILS pós formação, esse desempenho profissional é importante e implica um processo cognitivo-linguístico, caracterizado pelo encontro do intérprete com interlocutores que possuem intenções comunicativas específicas e empregam línguas distintas. Essa dinâmica requer um elevado grau de responsabilidade e profissionalismo por parte do intérprete.

4.3 Contexto da empresa: burocracias e necessidades do negócio

De acordo com os argumentos apresentados por Pereira (2012), uma empresa que aspira ao sucesso deve fundamentar-se em três elementos essenciais: a missão, que delineia o propósito da empresa; a visão, que descreve as metas e o destino almejado pela organização; e, por último, os valores, que estabelecem os princípios orientadores de sua conduta em relação aos clientes. Quando adequadamente implementados, estes elementos desempenham um papel fundamental no impulso do êxito empresarial. Portanto, o empresário deve estar

vigilante quanto a “todos os aspectos de seu empreendimento, continuamente tomando decisões, corrigindo imperfeições e adaptando seu plano de negócios às exigências do ambiente operacional cotidiano” (PEREIRA, 2012, p. 68).

Como evidenciado pelas respostas fornecidas a seguir em relação a necessidade de abertura dessas empresas, as três empresas mencionadas surgiram em resposta à dificuldade de emitir notas fiscais (NF) para serviços autônomos de tradução e interpretação em Língua Brasileira de Sinais (Libras).

E1- Foi começando aos poucos o desejo, pois quando eu prestava o serviço em determinadas instituições, me deparava com a exigência da nota fiscal pelos serviços prestados. Precisava me dirigir até a prefeitura e emitir uma nota avulsa de prestação de serviços autônomos. Desde esse momento eu já começava a pensar em ter um registro mais específico e diminuir as idas e vindas da prefeitura.

E2- Devido a necessidade de emitir nota fiscal pessoa jurídica, as empresas preferiam mais. Algumas vezes perdi trabalho devido a isso.

E3- Sempre quis formalizar minha empresa pela burocracia de emitir nota fiscal avulsa. E com a demanda de freelancer aumentando, aumentando também a burocracia, pois há um número X para a emissão de nota fiscal avulsa. Mas aguardei o momento que me mudei para ter o endereço da cidade de Itajaí, pois sabia que Itajaí era menos burocrático que Navegantes para abrir minha empresa.

No portal oficial da Secretaria de Estado da Fazenda de Santa Catarina, encontram-se informações pertinentes à Nota Fiscal avulsa, que desempenha a função de um comprovante para indivíduos ou empresas que, embora não prestem serviços com alta frequência e, portanto, não sejam obrigados a emitir nota fiscal regularmente, ainda assim fornecem esse documento quando solicitado por empresas ou clientes que contratam seus serviços.

De acordo com as leis atuais, a CNAE 7490-1/01, que trata de quais serviços podem ser oferecidos dentro das categorias ME e MEI, os serviços de tradução, interpretação e similares, não podem ser enquadrados como MEI. Isso se dá pois essas atividades podem ser vistas pelo Comitê Gestor do Simples como uma atividade complexa requerendo formação adequada e o valor do faturamento na prestação desse serviço pode ultrapassar o limite estipulado para uma MEI. Para tal atividade o recomendado seria abrir uma microempresa (ME). Esta modalidade de nota fiscal pode ser emitida por microempreendedores ou autônomos que não possuam CNPJ, contudo, é recomendada exclusivamente para serviços esporádicos, uma vez que existe um limite anual para o número de notas fiscais emitidas, que varia de acordo com a região onde o serviço é prestado.

No entanto, observa-se que os empreendedores, ao estabelecerem suas respectivas empresas, não manifestaram a preocupação em elaborar um plano de negócios como mencionamos acima Reis e Armond (2012) falam da importância do mesmo para orientar o desenvolvimento de suas atividades, como pode ser inferido das declarações subsequentes.

E1- Não foi criado nenhum plano de negócios, pois pensava não ser necessário e ainda desfruto deste pensamento.

E2- Não, nunca pensei sobre isso.

E3- Conheço bem um plano de negócios, graças a minha profissão, pois interpretei por alguns anos o curso de contabilidade, mas para minha empresa não fiz, pois, o intuito não é viver da renda somente da minha empresa. Ela surgiu apenas para facilitar a minha vida.

Um plano de negócios é um documento que delineia as estratégias e diretrizes para o funcionamento de um empreendimento, desempenhando um papel fundamental na orientação do percurso que a empresa poderá seguir. Como discutido na fundamentação teórica deste estudo, Reis e Armond (2012) sustentam que o plano de negócios oferece a capacidade de identificar riscos e elaborar estratégias para mitigá-los ou, até mesmo, evitá-los.

Pensar que, se uma empresa que não precisa de uma sede física não precisa de um plano de negócios denota desconhecimento do funcionamento de uma empresa. Dessa forma, o plano é parte essencial do planejamento das propostas da empresa. No que se refere ao investimento em marketing que é quando o empresário destina parte de seus recursos financeiros, tempo e esforço em estratégias pensadas especificamente para promover seus produtos ou serviços, e tornar a visibilidade de sua empresa no mercado e granjear mais clientes. Por exemplo, podemos citar investimento esse em publicidade, marketing digital, visando construir uma imagem positiva da marca. O investimento em marketing é fundamental para o crescimento e sucesso e reconhecimento de um bom negócio. Por parte das empresas entrevistadas, fica evidente a falta de preocupação nessa área. A divulgação das empresas se restringe às "redes sociais" (E1) e ao "boca a boca por parte de clientes que já utilizaram os serviços" (E2 e E3).

Os depoimentos dos empreendedores (E1, E2 e E3) evidenciam a importância da divulgação e do marketing em empresas de pequeno porte, como as de tradução e interpretação em Libras. O primeiro empreendedor (E1) menciona a presença da empresa em várias plataformas de mídia social, além de um site próprio, mas destaca que a maior parte de sua demanda provém de referências de clientes satisfeitos e colaboradores da empresa. O segundo empreendedor (E2) ressalta a ênfase exclusiva nas redes sociais para promover seus

serviços. Por último, o terceiro empreendedor (E3) aborda a decisão de investir em branding, criando uma logomarca distinta e a importância do "boca a boca" para a expansão de sua clientela, destacando parcerias no campo artístico como um fator de crescimento.

4.4 O tradutor e intérprete que atua também como empreendedor

Ser empreendedor exige esforço, estudo, criatividade, responsabilidade e conhecimento do mercado no qual está se inserindo. Muitos intérpretes perceberam as possibilidades oriundas do empreendedorismo, incluindo a autonomia que empreender proporciona (DEGEN 2009). Ao questionarmos qual a estrutura que dispõem para o desenvolvimento de suas atividades de trabalho, obtemos as seguintes respostas.

E1- Seguindo a legislação trabalhista para criar um empreendimento, possuo um endereço para correspondência e alvará de funcionamento simples, no local desta correspondência há uma sala/estúdio com equipamento de iluminação e fundo verde para trabalhos internos devido a ⁴Pandemia de CORONAVÍRUS, e também, utilizo a estrutura de meus clientes para desenvolver os trabalhos.

E2- Não temos uma estrutura física, nós vamos ao local onde o cliente informar, no caso da modalidade remota, tenho um estúdio em casa no qual realizo o trabalho.

E3- Eu trabalho de casa, tenho materiais para montar meu estúdio, como fundo branco, caso necessite de fundo Chroma key tenho um estúdio parceiro. E também vou aos locais quando necessário, o que no momento diminuiu bastante devido a pandemia.

Os relatos dos empreendedores (E1, E2 e E3) evidenciam as diferentes abordagens quanto à estrutura física de seus empreendimentos de tradução e interpretação em Libras. O primeiro empreendedor (E1) segue as regulamentações trabalhistas, possuindo um endereço para correspondência e alvará de funcionamento, além de um espaço de trabalho equipado com iluminação e fundo verde para atender às demandas internas, especialmente durante a pandemia de COVID-19, quando trabalhos remotos ganharam relevância. O segundo empreendedor (E2) adota uma abordagem mais flexível, operando em locais designados pelos clientes e possuindo um estúdio doméstico para realizar suas atividades. Já o terceiro empreendedor (E3) realiza seu trabalho principalmente em casa, com a capacidade de montar

⁴ A Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou no dia 11 de março de 2020 a pandemia para a covid-19, infecção causada pelo novo coronavírus. Segundo a OMS, uma pandemia é a disseminação mundial de uma nova doença. O termo é utilizado quando uma epidemia – grande surto que afeta uma região – se espalha por diferentes continentes com transmissão sustentada de pessoa para pessoa. Atualmente, há mais de 115 países com casos declarados da infecção.
<https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-03/coronavirus-saiba-o-que-e-uma-pandemia>

um estúdio com fundo branco, recorrendo a um estúdio parceiro com fundo Chroma key quando necessário. Essas estratégias refletem a adaptabilidade dos empreendedores às demandas e aos desafios impostos pela pandemia e pelas preferências de seus clientes, demonstrando a diversidade de abordagens na organização espacial desses empreendimentos.

E1- Meu maior desafio são as exigências de órgãos fiscalizadores, legislação tributária e burocracia por parte das instituições públicas.

E2- Não tive problema.

E3- Os desafios são a concorrência, pois há outras empresas ou autônomos que cobram um valor abaixo do mercado, mas quando você fideliza um cliente pela qualidade do serviço o tempo “gasto” para explicar o porquê de tal valor não é mais necessário.

O empreendedor pode ser responsável por todas as atividades dentro da empresa sendo ele o proprietário, negociador e prestador de serviço como vimos nos estudos de Pereira (2012). No caso destes empreendedores, além de abarcar as questões burocráticas, também atuam prestando serviços de tradução e interpretação, sem colaboradores contratados ou terceirizados. Percebemos as atuações diversas por eles desempenhadas nas seguintes respostas obtidas: (E1), “Eu sou a responsável por tudo na empresa” (E2). “Todas as responsabilidades são minhas, tenho alguns parceiros, que quando há necessidade de mais de um intérprete fazem o trabalho junto comigo”. (E3).

A jornada de trabalho varia, pode ser mais intensa ou não, muitas vezes maior do que quando se trabalha em uma empresa privada. O diferencial é a disponibilidade do profissional que, quando contratado para determinada ocasião, precisa ser flexível em horários, incluindo finais de semana. E as férias acompanham o período em que as contratantes do serviço estão paradas, quando isso ocorre, é claro. Dentro de uma empresa privada o mais comum é terem um horário pré determinado para o desenvolvimento das atividades; já em uma empresa de tradução, o horário de trabalho vai estar atrelado a demanda de serviços de tradução ou horário dos eventos a serem interpretados.

E1- Praticamente o dia todo ficamos disponíveis para eventuais trabalhos emergenciais. Antes de ser empreendedor, havia o horário de entrada e saída com assinatura ou digital no livro ponto, hoje não mais, pois a dedicação para a empresa é 24 horas.

E2- Depende da demanda. Em média de 20 horas semanais. A demanda é a mesma que antes de ser empreendedora.

E3- Depende do serviço, mas na maioria das vezes é menor do que minha jornada de trabalho na empresa que sou contratada.

Conforme destacado por GEHRINGER (2018), o empreendedorismo é acompanhado por uma série de desafios peculiares àqueles que se aventuram a se tornar proprietários de seus próprios empreendimentos. Os depoimentos dos entrevistados corroboram essa suposição, revelando a complexidade e as múltiplas facetas envolvidas na gestão de seus negócios, bem como os obstáculos enfrentados ao longo de suas jornadas empreendedoras.

4.5 Relações e liderança

Estes empreendedores muitas vezes não têm a necessidade de contratação de outros profissionais registrados para desenvolver atividades destas empresas, já que a demanda de serviços pode ser pouca ou até mesmo esporádica. As exceções ocorrem em casos excepcionais, onde os empreendedores usam o serviço de terceiros de forma autônoma.

E1- Há outros colaboradores que auxiliam, sempre prezando pela qualidade da prestação de serviços, por isso conto com um grupo específico para auxiliar em eventos que há necessidade de mais profissionais. Atualmente são colaboradores autônomos, sem nenhum vínculo empregatício com a empresa, apenas vínculo de confiança pela excelência e qualidade profissional

E2- Na maioria trabalho sozinha, porém quando a demanda é maior, sempre tenho alguns colegas que chamo para atuar comigo. A relação é de confiança, e o contrato é informal, sendo o pagamento feito sempre ao final do evento

E3- Depende do serviço, mas tenho parcerias caso necessário. Trabalham como autônomos.

No que diz respeito à preocupação de manter um relacionamento satisfatório com seus provedores de serviços, dado que esses não são considerados colaboradores formais da empresa, os entrevistados enfatizam a importância de estabelecer uma relação baseada na confiança mútua. Contudo, não se observa a formalização desses arranjos por meio de contratos, trazendo um risco até mesmo de processos trabalhistas futuros. Além disso, os empreendedores destacam a relevância de sua participação ativa e interação na comunidade surda, bem como o contato regular com instituições que promovem o fortalecimento do empreendedorismo. Como mencionado por um dos participantes deste estudo, "existem mudanças constantes no cenário empresarial, e o empreendedor deve manter-se atento a essas transformações" (E1).

4.6 O futuro do empreendimento

Ao estabelecer os alicerces de um empreendimento, é primordial que se tenham metas bem estruturadas para melhorar o desempenho de uma empresa. Segundo estatísticas do IBGE (2013, 2014), em torno de 60% das empresas encerram suas atividades com menos de 5 anos de serviço. Quando questionamos sobre quais elementos o empreendedor considera mais importante para o sucesso do seu empreendimento no longo prazo, estas foram as respostas:

E1- Confiança dos clientes atuais. Pois são deles que saem minhas avaliações funcionais e indicações para outras empresas- Curto prazo - atender os clientes que já possuímos. Longo prazo - aumentar os clientes e atender mais cidades da região.

E2- Um trabalho de excelência e qualidade e divulgação em redes sociais e outros meios. Quanto a metas nunca parei pra fazer

E3- Qualidade do serviço e bom atendimento. Se relacionar bem com os contratantes. Proficiência nas línguas que estão sendo traduzidas. De coração, não tenho metas, o que vier é bem-vindo. Tenho orgulho do trabalho que fiz com meu nome, C. F. Só quero que minha empresa seja reconhecida como eu, uma empresa que dá garantia de um serviço de qualidade, pontualidade, discrição e bom atendimento.

A proficiência na Língua Brasileira de Sinais (Libras) é um elemento fundamental para esse empreendedor, pois desempenha um papel crucial na avaliação dos profissionais que prestam serviços em nome da empresa. Além disso, também reforçamos a necessidade de compreender e desenvolver as competências tradutórias e interpretativas (RODRIGUES, 2018). Em relação à equipe de apoio, quando necessário, a proficiência em Libras foi destacada como o ponto central nas respostas obtidas. Quadros (2004) esclarece que, no que diz respeito ao conhecimento dos profissionais que trabalham em empresas de serviços de tradução e interpretação, as habilidades linguísticas devem ser minuciosamente avaliadas pelas empresas no momento da contratação de mão de obra terceirizada. Ao serem questionados em relação a quais critérios ou competências são levados em consideração no momento da contratação de seus colaboradores, obtivemos tais respostas:

E1- Sim, existem critérios que são fundamentais. Fluência, expressões faciais e corporais, experiência e desenvoltura com situações que surgem no trabalho, boa comunicação, profissionais de carreira. Todos os colaboradores que estão envolvidos com a empresa sabem onde determinadas áreas podem atuar, conhecem seus pontos fortes e fracos. Por isso, ao precisar deste profissional é exposto a ele qual ambiente ele irá atuar, assim se sente seguro em recusar ou aceitar o trabalho.

E2- Sim. A proficiência, confiança e comprometimento.

E3-Sim. Tenho que conhecer como é a tradução e interpretação da pessoa e como ela reage nas adversidades, se é educada, pontual, se tem ética. Por ser um meio pequeno, já conhecemos o perfil dos profissionais próximos de nós.

Adicionalmente, é importante destacar que reconhecemos as complexidades inerentes ao empreendedorismo, especialmente durante a fase inicial da prestação de serviços. Isso se evidencia quando examinamos as perspectivas em relação à continuidade e estabilidade das empresas, conforme destacado a seguir:

E1 – Hoje minha dedicação é total para a empresa, toda minha renda provém dos trabalhos contratados. Fico à disposição 24 horas para esse trabalho.

E2 – Não consigo me dedicar somente a empresa, pois a demanda ainda é insuficiente.

E3- Não, ainda trabalho em outra empresa, pois não é possível me manter com minha empresa.

Claramente, o percurso empreendedor para os tradutores e intérpretes de Libras se mostra factível, ressaltando a necessidade de que o empreendimento seja conduzido com organização, perseverança e a devida alocação de recursos.

5. Conclusão

Na conclusão desta pesquisa, desenvolvemos uma abordagem que abarcou os objetivos previamente delineados, abordando questões técnicas e embasamento teórico relacionados aos tradutores e intérpretes de Libras (TILS), empreendedorismo e os desafios enfrentados na criação de pequenas empresas por esses profissionais.

Observou-se que, com a ascensão do empreendedorismo e a crescente competitividade no mercado de trabalho, surgem novas oportunidades para os Tils. E que o perfil dos empreendedores escolhidos para o desenvolvimento desta pesquisa, é predominantemente jovem, com formação em áreas pedagógicas e frequentemente com outras fontes de renda, decidindo criar suas pequenas empresas principalmente devido à necessidade de emitir notas fiscais para os serviços de tradução e interpretação demandados por clientes externos.

A maioria desses empreendimentos carece de um plano de negócios estruturado, estratégias de marketing bem definidas e contratação de colaboradores fixos, o que demonstra certa falta de preparo para atender às exigências do mercado e, muitas vezes, reflete uma baixa demanda por seus serviços. Essas lacunas podem ser consequência do caráter ainda em desenvolvimento desse campo profissional, bem como da utilização das empresas como uma estratégia para a emissão de notas fiscais em atividades que não constituem a principal fonte de renda dos Tils.

Foi possível constatar que os desafios enfrentados ao se tornar um empreendedor na prestação de serviços de tradução e interpretação são diversos, abrangendo questões burocráticas, administrativas, encargos sociais e os investimentos financeiros necessários para a manutenção dos empreendimentos. No entanto, também se concluiu que esse é um caminho promissor, em uma área em expansão, com possibilidade de investimento, especialmente porque a maioria dessas empresas se enquadra como micro ou pequenas empresas e os serviços podem ter a possibilidade de serem oferecidos remotamente, muitas vezes com equipes de trabalho terceirizadas.

Por fim, encorajamos pesquisas futuras que explorem ainda mais a interseção entre tradução/interpretação e empreendedorismo, bem como todas as temáticas emergentes dessa combinação.

Referências

ALVES, F.; GONÇALVES, J. L. V. R. Modelling translator's competence: relevance and expertise under scrutiny. In: GAMBIER, Y.; SCHELENSIGER, M.; STOLZE, R. (Eds.). **Translation studies: doubts and directions**. Amsterdam: John Benjamins, 2007, p.41-55.

BELL, R. T. **Translation and Translating**. London/New York: Longman, 1991.

BRASIL. **Coordenadoria Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência**. Acessibilidade. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2005.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm. Acesso em: 16 mar. 2023

_____. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. **Brasil tem 18,6 milhões de pessoas com deficiência, indica pesquisa divulgada pelo IBGE e MDHC**. [Brasília]: Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, 08 set. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2023/julho/brasil-tem-18-6-milhoes-de-pessoas-com-deficiencia-indica-pesquisa-divulgada-pelo-ibge-e-mdhc>. Acesso em: 20 mar. 2024.

_____. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Diário Oficial da União**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm. Acesso em: 12 fev. 2021.

_____. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. **Diário Oficial da União**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/cCivil_03/LEIS/2002/L10436.htm. Acesso em: 26 out. 2021.

CRESWELL, John W. A framework for the study. In: _____. **Research design: qualitative & quantitative approaches**. Thousand Oaks, California: Sage Publications, 1994. cap. 1, p. 1-16.

CRESWELL, J. **Projeto de pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2. ed. Porto Alegre. 2007. 248 p.

DEGEN, Ronald Jean. **O empreendedor: empreender como opção de carreira**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2009, p. 14.

DOLABELA, F. **A corda e o sonho**. Revista HSM Management, 2010, p. 25.

GEHRINGER, M.. **Emprego de A a Z**. São Paulo: Globo, 2008, p. 17.

GONÇALVES, J. L. V. R. Rediscutindo o conceito de competência de uma perspectiva relevantista. In: CAMPOS, J.; RAUEN, F. J. (Orgs.). **Tópicos em Teoria da Relevância**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008, p. 122-142.

HATIM, B.; MASON, I. **The Translator as Communicator**. London/New York: Routledge, 1997.

NEUBERT, A. Competence in language, in languages, and in translation. In: SCHÄFFNER, C.; ADAB, B. (Eds.). **Developing Translation Competence**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2000, p.3-18.

PACTE. Building a translation competence model. In: ALVES, F. (Ed.). **Triangulating translation: perspectives in process oriented research**. Amsterdam: John Benjamins, 2003, p.43-66.

PANDEMIA faz Brasil ter recorde de novos empreendedores. **Agência Brasil**, 5 out. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-10/pandemia-faz-brasil-ter-recorde-de-novos-empreendedores>. Acesso em: 9 jan. 2021.

PEREIRA, Carlos João Santos. Como abrir uma Pequena Empresa e ter Sucesso. Clube dos autores. 2012.

QUADROS, Ronice Muller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

REIS, Evandro Paes dos; ARMOND, Álvaro Cardoso. **Empreendedorismo**. Curitiba: IESDE Brasil, 2012.

RODRIGUES, Carlos Henrique. Competência em tradução e línguas de sinais: a modalidade gestual-visual e suas implicações para uma possível competência tradutória intermodal. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 57, p. 287-318, 2018.

RODRIGUES, Carlos Henrique; DOS SANTOS, Silvana Aguiar. A Interpretação e a Tradução de/para Línguas de Sinais. **Tradução em Revista**, v. 2023, n. 35, 2018.

SKLIAR, Carlos (org). **A Surdez um olhar**. Porto Alegre. Mediação, 1998.

TORRES, M. L. SCHÄFFER, A. M. de M. Historiografia da interpretação. In: SCHÄFFER, A. M.; TORRES, M. L. (Orgs.). **Interpretação**: a arte da interpretação simultânea, intermitente e consecutiva. Engenheiro Coelho: Edição do Autor, 2012. p. 18.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987, p.130.

YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 2 ed. Porto Alegre: Bookman, 2001. p. 32.

Recebido em: 14/02/2024

Aprovado em: 30/04/2024

PARA ALÉM DA SALA DE AULA: A EXTENSÃO COMO ESPAÇO DE TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO TEATRAL PARA LIBRAS

Amanda Tamires dos Santos Silva¹

Resumo: O presente artigo objetiva realizar uma análise descritiva de uma experiência prática de tradução e interpretação para Libras no fazer teatral no contexto educacional, a partir da experiência com o Coletivo Teatral Pataquada, formado por estudantes e servidores do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB)- Campus Patos. Refere-se ao processo criativo e tradutório do espetáculo “A Cruz de Francisca: histórias contadas e não contadas de Patos”, produzido com apoio da Pró-reitoria de Extensão e Cultura por meio de Edital de Apoio a Grupos Artísticos, Coletivos Culturais e NEABI's. A realização da tradução e da interpretação em palco, parte das propostas de Tradutor de Silva Neto (2017) e do Corpo Tradutório de Xavier Neta (2021), estudos significativos na construção do corpo de quem traduz, ensina e atua no fazer teatral. Com base nos estudos mencionados, revisita-se o diário e o projeto de tradução buscando apresentar reflexões e desafios pautados na experiência de tradução e na interpretação em palco, contribuindo para a análise de uma realidade atual dentro do âmbito educacional, para futuras atuações nesse campo e para pesquisas dentro dos Estudos de Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais (ETILS).

Palavras-chave: Libras, Teatro, Corpo, Educação, Extensão.

BEYOND THE CLASSROOM: THE EXTENSION AS A SPACE FOR TRANSLATION AND THEATER INTERPRETATION INTO LIBRAS

Abstract: This article aims to conduct a descriptive analysis of a practical experience of translating and interpreting into Libras in theatrical production in the educational context, based on the experience with the Theatrical Collective Pataquada, formed by students and employees of Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB)- Campus Patos. It refers to the creative and translation process of the show “A Cruz de Francisca: histórias contadas e não contadas de Patos” (The Cross of Francisca: told and untold stories of Patos), produced with the support of the Dean of Extension and Culture through a Notice of Support for Artistic Groups, Cultural Collectives and NEABI's. The execution translation and interpretation on stage in line with the proposals outlined in the “Traduator” perspective by Silva Neto (2017) and the “Corpo Tradutório” (Translational Body) concept by Xavier Neta (2021)., significant studies in the construction of the body of those who translate, teach and act in theatrical production. Based on the studies mentioned, the diary and the translation project to present reflections and challenges based on the experience of translation and interpretation on stage, contributing to the analysis of a current reality within the educational sphere, for future actions in this field and for research within Sign Language Translation and Interpretation Studies (ETILS).

Keywords: Libras, Theater, Body, Education, Extension.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Tradutora e Intérprete de Libras no Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia da Paraíba (IFPB). E-mail: silva.amanda@ifpb.edu.br

1. Introdução

Nos últimos anos, é notável a presença do Tradutor e Intérprete de Libras - Português (doravante TILSP) em palcos de teatro espalhados em território brasileiro, motivada pelos dispositivos legais estabelecidos em editais que fomentam a cultura. O mesmo vem ocorrendo em ambientes escolares, onde o chão da escola, torna-se palco para apresentações artístico-culturais, nos quais os estudantes acessam histórias, críticas e acontecimentos sociais a partir da arte. Dentro de um contexto educacional, temos a presença do TILSP, que em sala de aula garante (ou deveria garantir) o direito linguístico do estudante surdo perante as atividades realizadas pelos docentes. Além da sala de aula, o estudante surdo necessita ter garantido o direito ao acesso às atividades dentro da instituição na qual está matriculado, não havendo negligências em sua participação nos demais espaços. Pensando nessa realidade, o presente artigo objetiva apresentar uma análise descritiva de uma experiência de tradução e interpretação para Libras em uma atividade de extensão desenvolvida com o Coletivo Teatral Pataquada, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB) - Campus Patos.

A experiência parte da tradução e interpretação para Libras do espetáculo - A cruz de Francisca: histórias contadas e não contadas de Patos. Espetáculo organizado a partir de histórias acerca da vida e morte da menina Francisca, canonizada pela religiosidade regional, e montado a partir do teatro documentário com enfoque em jornais, entrevistas, cordéis, livros, espetáculos teatrais e histórias vivenciadas pelos artistas/estudantes, artistas/servidores e por seus familiares. Apesar da existência de grupos e coletivos artísticos e da promoção de editais que fomentam o fazer artístico em espaços educacionais, encontra-se como primeiro desafio, o acesso de estudantes surdos a essas atividades enquanto participantes e público-alvo, pois dentro do sistema educacional o TILSP realiza suas atividades a partir da perspectiva de quem gerencia os profissionais, buscando em salas de aula, a mediação entre quem ensina e quem aprende.

Sobre os contextos e demandas de interpretação e tradução de/para línguas de sinais em serviços públicos, Rodrigues e Santos (2018) visualizam a multiplicidade em contextos educacionais, pontuando ainda a educação como processo de humanização, socialização e formação pessoal e profissional. Aqui destacamos a socialização como parte crucial para que o TILSP esteja presente também em atividades de extensão, que consolidam a socialização do estudante surdo em atividades que ultrapassam as paredes da sala de aula.

O trabalho realizado pelo TILSP educacional é foco de diversos estudos, por isso faz-se necessária a reflexão constante das possibilidades de atuações dentro do ambiente escolar, pois diariamente as demandas surgem e a tradução teatral aqui mencionada, é realidade evidente dentro dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia.

O Coletivo Pataquada, surge no contexto pandêmico no ano de 2021 de forma remota, buscando o levantamento de histórias que formam a cidade de Patos, no sertão paraibano. A curiosidade parte do docente de artes, que chega ao Campus dentro desse contexto e anseia por conhecer essas histórias. No ano de 2022, o coletivo inicia suas atividades presencialmente, sendo contemplado pelo Edital Chamada Interconecta IFPB - N ° 15/2022 - Apoio a projetos de Pesquisa, Inovação, Desenvolvimento Tecnológico e Social, com direito a bolsas para estudantes e apoio financeiro para a pesquisa. Durante o ano, estudantes e servidores levantaram histórias acerca da Cruz da Menina, um parque religioso com inauguração no ano de 1929, a partir da história da pequena Francisca, uma criança que diante da seca que assolava o sertão paraibano foi entregue por sua família para um casal conhecido da cidade. A história conta que o casal maltratava e escravizava a criança a partir da realização de atividades domésticas, até que tais agressões culminaram na morte da criança. Moradores da época ao encontrarem o corpo da pequena Francisca em pedras, contam seus primeiros milagres, o que culminou na construção de uma capela, onde hoje funciona um parque religioso que recebe fiéis do Brasil e de outros países. Enquanto o grupo de pesquisa realiza todo o levantamento dessas histórias documentadas e não-documentadas, o Coletivo Pataquada monta seu primeiro espetáculo, com estreia em novembro de 2022, intitulado de Vasto Mundo, uma adaptação do texto e livro com mesmo nome da educadora popular Maria Valéria Rezende (2001).

Em 2023 o coletivo, inicia a construção criativa e coletiva do espetáculo “A Cruz de Francisca: histórias contadas e não contadas de Patos”, e mais uma vez é contemplado com bolsa e apoio, dessa vez a partir do Edital de Apoio a Grupos Artísticos, Coletivos Culturais e NEABI's. Com base na construção de teatro documentário (Pavis, 2011), são realizados os levantamentos da pesquisa realizada no ano anterior, de livros, revistas, jornais, filmes, cordéis e da histórias dos integrantes do coletivo. História por história, vai tornando-se música, cartas, vídeos e cenas.

Dentro dos contextos apresentados, surge o convite do docente de artes e diretor dos espetáculos, para que a Libras seja integrada às cenas. Libras como parte do espetáculo, a TILSP como atriz, a sinalização em toda a realização. É assim que inicia a trajetória de uma TILSP educacional no teatro, sem deixar de fazer parte de uma construção educativa. Aqui

surge também a necessidade de saber fazer/ser teatro. A “traduatriz” dentro da concepção de *Traduator* de Silva Neto (2017) e de *Corpo Tradutório* de Xavier Neta (2021). Um corpo que sinaliza, vivencia histórias e é permeado por diversos sentimentos.

2. Tradutuação e a traduatriz: teatro e educação

O papel e atuação do TILSP educacional são discussões realizadas em diversos estudos acadêmicos, diante de uma realidade na qual o profissional está inserido em grande escala em salas de aulas em todo o país. Nesse cenário, outras atividades também são (ou deveriam ser) realizadas no interior de instituições de ensino. Pontuamos neste artigo, a atividade de tradução e interpretação para Libras de espetáculos teatrais a partir da experiência com um coletivo teatral fundado no IFPB-Campus Patos, enfatizando o processo com o espetáculo *A Cruz de Francisca: histórias contadas e não contadas de Patos*, através da presença da TILSP próxima ou dentro da cena, buscando evitar a movimentação da cabeça entre a cena e a interpretação, o que o Frishberg (1990) chama de efeito “ping-pong”.

Com a experiência em *Vasto Mundo*, aspectos tradutórios e corporais dentro da cena teatral foram repensados, a primeira experiência com o *Pataquada*, oportunizou ainda repensar as estratégias utilizadas nas traduções e no corpo presente no palco, como também o uso de acessórios e manuseio de objetos cênicos.

O corpo que traduziu e interpretou *Vasto Mundo* foi repensado numa perspectiva de atuação, por isso com base na visão de *Traduator* apontado por Silva Neto (2017), pensamos e refletimos o corpo da Traduatriz, em sua construção e atuação nas cenas. Afinal, é neste corpo que todos os personagens são revelados, que toda história é contada numa visão sinalizada. Corpo que traduz mensagem, desespero, tristeza, euforia e conhecimento. Corpo que garante direitos e resiste em um sistema que esquece o outro, suas necessidades e anula os direitos que esse corpo pode garantir.

Revisitar histórias é parte sólida nas construções do *Pataquada*, em razão disso para a escrita, análise e reflexões existentes neste artigo, revisita-se os Diários das Traduções e o Projeto de Tradução do espetáculo *Cruz de Francisca: histórias contadas e não contadas de Patos*. Ao revisitar o Projeto de Tradução, podemos mencionar uma cena do roteiro da *Cruz de Francisca: histórias contadas e não contadas de Patos*, na qual a atriz/estudante que representa a menina torturada até a morte, olha com tristeza e certa dose de indignação para a plateia e fala:

“Faltou eu contar a minha versão da minha história, mas fui interrompida tão cedo...tanta coisa que eu podia ter vivido e ter contado... O diretor dessa peça até pensou em escrever o texto comigo narrando, mas ele é um frouxo! Foram tantas histórias trazidas pelo vento que ele ficou sem saber se contava a história de uma Santa ou de uma menina violentada. Se essa peça seria uma denúncia ou um ato de fé.” (Projeto de Tradução)

Neste sentido, no momento que revisita-se o Diário de Tradução (Albres, 2022), onde são registrados o processo do trabalho com a tradução, preocupações, desafios e sentimentos, percebemos o corpo da TILSP, aqui chamada de Traduatriz, também como estratégia de resistência. Um corpo que demarca a importância de uma comunidade com cultura e língua própria em acessar as histórias de sua cidade, de seu povo e de sua fé. No que tange a atuação em contextos artísticos, Nunes (2023) pontua que

Dependendo da demanda, uma produção artística em Libras pode empregar expressões corporais mais acentuadas e/ou uso de cenários e figurinos. Nessa produção, é possível que a sinalização em Libras esteja em cena, não concorrendo com artistas (surdo ou ouvinte), mas sim colaborando, quiçá cocriando uma performance artística. (Nunes, 2023, p.132)

O corpo que traduz, interpreta e encena é da profissional que dentro de seu processo formativo encontra um número reduzido de formações voltados para o fazer artístico, acontecimento descrito por Silva Neto (2017) em sua pesquisa sobre a formação de tradutores de teatro para Libras. O autor esclarece ainda, a necessidade do uso do termo *Traduator*, ao realizar a distinção desse profissional que atua no teatro para aquele que realiza suas atividades nos demais contextos, pois segundo Silva Neto (2017),

Faz-se necessário esclarecer esta distinção, uma vez que as competências exigidas para execução da atividade extrapolam os da tradução. Exigem uma dramaticidade nos movimentos e uma estruturação textual que não se restrinjam ao significado, mas a forma. (Silva Neto, 2017, p. 77)

Assim sendo, o corpo da traduatriz esteve presente em cena, em evidência e como forma de resistência, dentro do sistema que em muitos casos anula esse corpo e sua importância. Que em outros questiona sua presença, o coloca como algo que suja a cena ou que atrapalha o andamento do espetáculo (Fomin, 2018, p.18). No Coletivo Pataquada, o corpo da TILSP veste o mesmo figurino, usa os mesmos adereços e maquiagem, sua escrita está no roteiro pois tem espaço para dialogar, questionar e produzir junto, está no mesmo palco pois faz parte do elenco, é ativa em falas e sinalizações pois é corpo presente, resistente e atuante.

Em Vasto Mundo, história que narra a vida pacata em um vilarejo, contando como Preá, um filho da fome e da seca se apaixona e tem sua vida modificada, após não ter seus sentimentos correspondidos, a TILSP chega ao lugarejo juntamente com a atriz principal, está próxima da cena, interage com personagens e inicia a construção de um corpo de atriz, pois aprendeu na convivência, na construção do roteiro, e nos ensaios, as possibilidades de sua atuação no palco.

Figura 1 - Cena de entrada do espetáculo Vasto Mundo



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2022)

DESCRIÇÃO DA FIGURA 1: fotografia colorida com o Coletivo Teatral Pataquada em cena no palco de um teatro com três grandes bandeiras juninas nas cores amarela, vermelha e laranja. Na frente, um carro plataforma sendo puxado por um ator vestido com calça e camisa de manga longa em tons de cinza, ele usa sapato preto. Em cima do carro, com um vestido amarelo na altura dos joelhos, a personagem Leninha em pé com uma mala preta em sua frente. Ainda no carro, a intérprete de Libras com vestido e sandália na cor branca sentada, sinalizando balão em Libras. Atrás, o elenco cantando com roupas em tons de branco, cinza, bege e azul.

Diante do processo criativo e tradutório de A Cruz de Francisca: histórias contatadas e não contadas de Patos, sendo a história montada a partir de diversas histórias, as registradas em cordéis, livros, noticiários e aquelas vivenciadas pelos artistas/estudantes, artistas/servidores, seus familiares e pessoas entrevistadas, o coletivo decidiu que a Libras estaria com mais evidência nas cenas, não como parte integrante, mas como parte ativa, iniciando, passando pelas cenas e finalizando o espetáculo, como forma de representar direitos negados, assim como os de Francisca, mostrar que ainda há quem não conheça a história por trás de toda a religiosidade devotada à menina, e aqui pontuamos a necessidade de propagar teatro produzido por surdos, traduzido ou adaptado para Libras. O povo surdo, que

dentro de nossa sociedade não acessa histórias, às vezes a sua própria história e fica a mercê de uma história única, a que conseguem contar para eles.

Ao retratar a história de Francisca, o Pataquada buscou levantar a bandeira do direito linguístico, do acesso a histórias e do respeito às histórias do outro. Em uma entrevista realizada em 2022 pelo Pataquada, uma senhora que trabalha há mais de dez anos no Parque Religioso Cruz da Menina, relata que conheceu uma senhora que brincou com a menina, ela fala conforme trecho exposto no espetáculo que

Ela descrevia que era moreninha, magrinha, um rostinho fininho e tinha os cabelinhos... os cabelos eram um pouco estragados e que ela tinha uma deficiência no pé. Mas que não era essa aí, essa aí foi criada por um devoto. (Projeto de Tradução)

Figura 2 - Imagem da Menina Francisca



Fonte: autor desconhecido

DESCRIÇÃO DA FIGURA 2: Imagem de perfil em preto e branco de uma menina de na altura dos ombros. Ela tem olhos grandes, sobrancelhas grossas, cabelos lisos curtos e sorri levemente para o lado. Usa um véu, e uma roupa com folhas.

A imagem que a senhora descreve, criada por um devoto desconhecido, é utilizada em materiais de divulgação, em livros e em quase todos os materiais levantados pelo Pataquada.

Não há certeza alguma de como seria Francisca, mas a partir dessa fala, pensamos em inúmeras hipóteses a partir de uma menina pobre do sertão paraibano, com uma família que enfrentava uma das maiores secas do período, que a entregou a um casal que buscava ter uma filha, a menina os chamava de padrinho e madrinha contam os moradores até os dias atuais. Aos oito anos, Francisca conhece a crueldade, um contexto que escraviza e anula seus direitos. No pataquada, pensamos: quais direitos do povo surdo são negados?. Foi comentado em diversos ensaios sobre direitos linguísticos, sobre a ausência de políticas linguísticas e o não acesso a lugares e a incipiente existência do corpo do TILSP e sucesso da comunidade surda em acessar ambientes artístico-culturais acessíveis em Libras. Em alguns momentos, comentamos sobre a festa junina da cidade, que também levanta críticas dentro do nosso espetáculo, havia camarote da acessibilidade, no qual não se via os intérpretes do evento, nos telões se apresentavam em um espaço compacto. Falamos também sobre a pesquisa de um egresso, que em seu trabalho de conclusão de curso em outra instituição falou sobre sua experiência (ou ausência dela) em ambientes culturais e de lazer e a necessidade de intérpretes nos espetáculos teatrais no ambiente escolar.

Nesse sentido, Luciano (2023) relata

Ainda na infância me lembro de ver apresentações de teatro na escola, e mais uma vez, o que aconteceu? Tinham as apresentações iniciais dos grupos de teatro, e nesse momento já não tinha intérprete, eu me lembro que me sentei na primeira fileira, junto com outros alunos e na abertura já não estava entendendo nada. A peça começou a ser encenada e eu perdi todos os diálogos, sem compreender nada, comecei a perguntar aos meus colegas o que os atores estavam falando, e meus colegas tentavam resumir, usando gestos, o que estava acontecendo na peça. Vi vários grupos de teatro, várias peças, mas eu não compreendia nada. Todos na plateia estavam muito atentos, rindo, se divertindo, tendo um momento cultural, de lazer e como todos eram ouvintes, eu era o único surdo, todos tinham acesso e eu não conseguia compreender, me lembro de quanto isso me incomodou. O tradutor intérprete não estava presente e o gestor escolar não se preocupou em atender a minha necessidade. Durante as aulas eu contava com o acompanhamento do tradutor intérprete, mas apenas nos ambientes de sala de aula, não tive acesso a literatura surda, textos sinalizados ou traduzidos. (Luciano, 2023, p. 19)

Ao leitor, pode parecer um relato extenso, ao Pataquada representou a certeza que deveríamos integrar a Libras ativamente para que estudantes surdos dentro de nosso contexto, não experienciassem o mesmo e para que a comunidade surda patoense também acessassem a experiência através das apresentações para além dos muros de nossa instituição.

Sendo assim, em nosso espetáculo atual, a TILSP está a todo momento em cena, em estudo, corpo e sinalização. Podemos visualizá-la em todos os ambientes desse palco que às vezes é chão, às vezes é pedra, outras é terra, mas jamais é barreira.

Figura 3 - Cena inicial de A Cruz de Francisca: histórias contadas e não contadas de Patos



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2023)

DESCRIÇÃO DA FIGURA 3: fotografia colorida com o Coletivo Teatral Pataquada em cena no pátio de uma escola. Ao fundo coqueiros, um portão verde com bandeiras na cor laranja e amarela. Centralizada, a intérprete de Libras em cima de um banco de madeira com vestido em tom bege e maquiagem com traços pretos. Em sua volta o elenco, formado por meninos e meninas com roupas em tons de branco, bege, azul e amarelo. O elenco se olha com expressão de surpresa e questionamento, olha para a intérprete que sinaliza prazer.

Considerando a trajetória de construção do espetáculo e da tradução para Libras, o corpo da TILSP traz consigo inúmeras experiências, questionamentos e certezas. Atravessa e é atravessado pelas histórias, pela convivência com os artistas/estudantes e artistas/servidores e também pelo trabalho corporal que é realizado nos ensaios. Um corpo que é tradutório porque ensina, atua e luta, mas esse é assunto para nosso próximo subtítulo.

3. O corpo tradutório no contexto educacional: a experiência com o Coletivo Teatral Pataquada

O ambiente educacional posiciona o TILSP em salas de aula, como garantia de acessibilidade comunicacional, mas o apagamento das atividades tradutórias fica evidente nas demais demandas existentes em tal espaço. Repensar esse corpo e suas possibilidades de atuação nos faz refletir sobre o papel desse profissional que no chão da escola, depara-se diariamente na rede federal de ensino com atividades de ensino, pesquisa e extensão. Essas atividades são evidenciadas na descrição dos cargos do Plano de Carreira dos Cargos Técnicos-Administrativos em Educação - PCCTAE, de acordo com a Lei nº 11.091/2005.

Apesar da necessidade da presença do corpo que traduz e interpreta de/para Libras na pesquisa e extensão, precisamos refletir sobre as ações que esse corpo mobiliza dentro de uma construção coletiva de espetáculos teatrais. E para essas reflexões trazemos a ideia de *Corpo Tradutório* de Xavier Neta (2021) em correlação com a experiência vivenciada com o Pataquada.

Xavier Neta (2021) no processo de tradução e interpretação em Libras no teatro, traça perfis a partir de representações apontadas pelos participantes de sua pesquisa. No momento, a autora apresenta características e traços necessários à atuação do profissional ao constituir o *Corpo Tradutório*, a saber: didático, profissional e ativista.

Ao pensarmos o *Corpo Tradutório* a partir da atuação tradutória e interpretativa em cena com o Coletivo Pataquada, podemos evidenciar essa diversidade de atividades pontuando as ações e desafios conforme nossa realidade.

Diante do **perfil didático**, nesse contato com diretor, artistas/estudantes, artistas/servidores e a gestão da instituição educacional, a TILSP exerce o papel de explicar a importância de sua atuação frente às atividades para além do ensino. Outro ponto a ser argumentado são os aspectos da cultura surda dentro do processo criativo na construção do espetáculo. Vale ressaltar que a experiência de construção desde o início do espetáculo, favoreceu a apresentação para o diretor do espetáculo e para os artistas/estudantes e artistas/servidores dos aspectos culturais que garantiriam a acessibilidade desejada com o convite para a TILSP integrar o elenco. Nesse processo também foi possível apresentar como ocorre o trabalho de tradução e interpretação, quais seriam as necessidades de um TILSP nessa construção e como todo o elenco poderia colaborar para o processo tradutório e interpretativo. Segundo Xavier Neta (2021) tais desconhecimentos potencializam o surgimento de mitos e visões negativas diante do trabalho realizado, o que pode ser modificado quando há abertura para o profissional atuar no sentido didático dentro dos grupos teatrais.

No **perfil profissional**, Xavier Neta (2021) pontua o desempenho da atividade profissional a partir da competência, habilidade, ética e comprometimento. Dentro de um contexto educacional, muitos profissionais não atuaram anteriormente no âmbito teatral, em vista disso, elencamos como desafios diante do perfil profissional, o número insuficiente de formações voltados para essa área de atuação, tal necessidade é também pontuada por Silva Neto (2017). No que concerne às habilidades teatrais, participar dos ensaios com o Pataquada oportunizou um trabalho corporal e de incorporação de personagens que garantem ao público surdo a visualização do espetáculo de forma plena, pois esse corpo trabalhado durante meses,

ao chegar ao palco ou chão da escola, chega com postura artística, construída e consolidada a partir do movimento, expressão e cultura. Nessa construção de perfil profissional para atuação em espetáculos teatrais, o diretor do Pataquada contribui ativamente para a participação do elenco em atividades e apresentações culturais, beneficiando expressivamente a construção de um corpo que traduz mensagem, cultura e arte. No tocante a vivência do profissional com o meio artístico, Xavier Neta (2021) destaca a fala de um participante de sua pesquisa que expõe que

Passou a frequentar mais o teatro e a estudar mais assuntos relacionados à área após o início de sua trajetória como TILSP na esfera artística, e que, em decorrência disso, quando questionado sobre o que poderia ser diferente em sua trajetória, o TILSP declara que gostaria de ter estudado e se apropriado mais dos conceitos e da linguagem teatral antes de ter realizado os primeiros trabalhos. (Xavier Neta, 2021, p. 79)

Iniciando a experiência na atuação teatral a partir da atividade de extensão com o Coletivo Pataquada, também sentiu-se a necessidade de pesquisar, frequentar mais o teatro e procurar experiências teatrais com Libras inserida em cena. Na convivência com os artistas/estudantes, artistas/servidores e com o docente de artes, está sendo possível a construção de um perfil profissional que compreenda a atividade no teatro para além da comunicação, mas que respeite e vivencie a expressão artística a partir desse corpo que comunica porque atua, atua porque foi preparado, preparado porque está inserido na construção, inserido na construção porque ensinou e demonstrou a importância e potência desse tradacenar.

Com relação ao **perfil ativista**, correspondente ao profissional que está inserido de forma atuante e participativa na comunidade surda, a partir da recorrência dos termos apresentados pelos entrevistados na pesquisa de Xavier Neta (2021, p. 82), sendo eles: papel social - defesa - representatividade - luta - direito - inclusão, podemos refletir sobre a importância do comprometimento do TILSP com o cenário teatral a partir da perspectiva de defesa dos direitos do povo surdo. Nesse contexto, a partir da experiência com o Pataquada a primeira luta foi a de garantir a presença da TILSP desde o processo inicial, diante das demandas institucionais. Buscou-se também a presença de pessoas surdas nessa construção, e acredita-se que em uma cidade do sertão paraibano que pouco oferece em questão de oportunidades culturais acessíveis, com um teatro municipal com construção suspensa por anos, sem política linguística para a comunidade surda, fica evidente a insegurança na participação dessa construção, o que resultou na ausência desse corpo surdo. Com o coletivo,

buscou-se ainda a realização de divulgações sobre as apresentações na cidade e nos demais ambientes nos quais o coletivo esteve presente.

Ser ativista no contexto teatral e mais precisamente ao lado do Pataquada, promoveu o conhecimento de diversas histórias da cidade de Patos, histórias contadas em registros oficiais e histórias dos artistas/estudantes e artistas/servidores, histórias divertidas, de fé e de descobertas. Histórias não acessadas ou pouco acessadas pela comunidade surda, diante da ausência de uma política linguística voltada para a visão cultural dessa comunidade. Conhecer diversas perspectivas das histórias trazidas pelo vento sobre a vida, morte e religiosidade acerca de Francisca, oportunizou diversos atravessamentos na construção de um *corpo tradutório* que milita em prol da inclusão, que defende o direito linguístico, que representa toda uma classe profissional e que luta para que o conhecimento de histórias sejam acessadas e produzidas por uma população que em suas produções divulgam suas realidades, desafios, vitórias e preconceitos vivenciados em nossa sociedade.

No início do espetáculo A cruz de Francisca: histórias contadas e não contadas de Patos, mencionamos a escritora nigeriana Chimamanda Adichie (2019) e o conceito de nkali, que segundo a autora é

Um substantivo que, em tradução livre, quer dizer “ser maior do que outro”. Assim como o mundo econômico e político, as histórias também são definidas pelo princípio de nkali: como elas são contadas, quem as conta, quando são contadas e quantas são contadas depende muito de poder (Adichie, 2019, p.23)

Poder que escravizou e torturou Francisca, que inocentou as pessoas que com tanta crueldade destruíram infância, sonhos e o direito de existir. Poder que fez esquecer ou que anulou o sofrimento, o contexto político e social da época e que tornou a história da criança violentada em uma história exclusivamente de fé. O procedimento tradutório que colocou o corpo da TILSP em processo de ativismo, é constituído por cenas divertidas, reflexivas e melancólicas. Cenas que fazem o corpo acelerar, desacelerar, sentir e viver sentimentos. Histórias refletivas em diversos corpos, que ultrapassam todas em um só: o da tradutora que em cena numa explosão de sentimentos abarca a incansável busca por garantir que histórias como a de Francisca sejam conhecidas, lembradas e sentidas. O corpo que é ativista dentro do Pataquada assume uma indescritível responsabilidade, corpo que inicia o espetáculo sendo palco de apresentação e o finaliza sendo divulgação de ativismo.

Adiche (2019) nos leva a considerar os perigos de uma história única e a importância de todas as histórias. Neste sentido, a autora sinaliza como uma espécie de paraíso a percepção

da inexistência de uma história única. Neste ponto, o paraíso é a sinalização trabalhada no processo de tradução. O paraíso que busca garantir o direito linguístico e o acesso a histórias de um lugar (Patos) e de um povo (patoenses). Trazemos Adiche (2019), para evidenciar esse corpo ativista que no processo tradutório busca referências culturais e literárias do povo surdo, que no processo interpretativo sente e vive as histórias contadas.

Corpo que não para nos ensaios e no projeto tradutório finalizado, pois sabe que o Pataquada e o sua existência podem contribuir ainda mais para a acesso a histórias, direitos e participação do povo surdo nas próximas construções, porque acredita também que sem a convivência com essa comunidade, seu corpo não acessaria os lugares que atualmente tem chegado, não faria uma sociedade ouvintistas refletir sobre seu papel. Quando a tradutriz finaliza o espetáculo sinalizando o texto abaixo, ela demonstra para a plateia a necessidade desse corpo, desse movimento e dessa língua em diversos espaços.

Francisca, hoje eu falo contigo, na Língua Brasileira de Sinais! Sim, estou sinalizando no momento. É que muitas pessoas ainda não conhecem a tua história, desconhecem a parte trágica e de sofrimento. Alguns conhecem o Parque Religioso, outros dizem que uma menina morreu e virou santa. Sinalizo, porque o direito ao acesso a diversas histórias é negado ao povo surdo, às vezes até à própria história. Sinalizo, pois luto todos os dias por direitos linguísticos em diversos espaços e tem sido cansativo, pequena Francisca. Sinalizo, porque muitas meninas assim como você ainda morrem aqui no futuro, por mãos que deveriam proteger, amar e ajudar a caminhar. Sinalizo porque em algum lugar uma pessoa surda deseja conhecer histórias, a tua história. Sinalizo porque meu corpo é instrumento de divulgação, comunicação e resistência. Que possamos lembrar da tua força delicada, do teu grito calado e da tua história não vivida. (Projeto de tradução)

Que possamos também, continuar lutando pela presença desse corpo que resiste, luta e que busca junto à comunidade surda, a garantia de todos os direitos conquistados a partir do reconhecimento da Libras com a Lei Nº 10.436/2002.

Que a comunidade surda esteja presente, atuando, produzindo e consumindo arte e histórias em todos os espaços que desejarem frequentar, que o corpo que é da tradução, que é da arte e que é das línguas de sinais, sejam respeitados, valorizados e atuantes na construção teatral e em tantos outros espaços que ocupamos e resistimos.

4. Considerações

No contexto exposto, a TILSP vivenciou uma demanda atual, urgente e imprescindível para a garantia de participação de estudantes surdos em atividades desenvolvidas no âmbito

educacional, enquanto participantes ativos ou como público-alvo de espetáculos teatrais. Para além de todo o processo tradutório e da interpretação em cena, a convivência com o coletivo desde o início da construção do espetáculo permitiu também experienciar a construção de um corpo que atua, que movimenta o fazer artístico e que acessa o chão da escola, o palco do teatro e as praças públicas como ferramenta de empoderamento, ativismo e acesso de forma plena.

Os coletivos teatrais em instituições de ensino tem ganhado destaque em eventos de pesquisa e extensão, contudo, a tradução ainda não incorpora, de fato, a construção dos espetáculos, possivelmente porque ainda é uma atividade recente dentro de tais ambientes, visto que acredita-se por parte de desconhecedores das línguas de sinais, que a interpretação nesse contexto, já garante o acesso do povo surdo ao conteúdo exposto no palco.

O Coletivo Teatral Pataquada, oportunizou a partir da construção coletiva e colaborativa com a TILSP, um lugar mais atrativo, visto e trabalho para que pessoas surdas acessem o conteúdo, experienciando o espetáculo diante do trabalho que siga os aspectos visuais e culturais das comunidades surdas.

Uma experiência não finalizada que contribuirá para a área através das atuais e futuras experiências institucionais, por meio da tradução teatral mediante a pesquisa e extensão, porque assim como a língua, o corpo permanece vivo em ação e construção diária em busca da divulgação, difusão e vivência da Libras em todos os espaços, a começar no educacional, ambiente inaugural para tantos no que concerne o contato artístico e formativo. Experiência que sugere a indispensabilidade de pesquisadores atuantes nos Estudos da Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais (ETILS), realizarem estudos e compartilhar práticas em referência a formação, atuação e possibilidades teatrais no âmbito educacional, atividade que gradualmente vem alcançando visibilidade.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Tradução Júlia Romeu. - 1º ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALBRES, N.A. **Diário de tradução**. Material didático do curso de extensão “Tradução comentada”. In: Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2022.

BRASIL. **Lei de no 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em: 10 nov. 2023.

BRASIL. Plano de Carreira dos Cargos Técnico-Administrativos em Educação. Disponível em: <https://www.ifpb.edu.br/servidor/tecnico-administrativo/documentos/nivel-d> . Acesso em: 10 nov. 2023

FOMIN, C. F. R. **O tradutor intérprete de Libras no teatro**: a construção de sentidos a partir de enunciados cênicos. 2018a. 250f. Dissertação (Mestrado) — Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/21782>. Acesso em: 10 nov. 2023.

FRISHBERG, N. **Interpreting**: an introduction. Alexandria, VA. RID Publications, 1990.

JOÃO PESSOA (PB). Edital Chamada Interconecta IFPB - N ° 15/2022 - Apoio a projetos de Pesquisa, Inovação, Desenvolvimento Tecnológico e Social. **Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia da Paraíba**. João Pessoa, 2022. Disponível em: <https://www.ifpb.edu.br/prpipg/editais/2022/edital-no-15-2022-pesquisa>

JOÃO PESSOA (PB). Edital de Apoio a Grupos Artísticos, Coletivos Culturais e NEABI's. **Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia da Paraíba**. João Pessoa, 2023. Disponível em: <https://www.ifpb.edu.br/proexc/editais/extensao/ano-2023/edital-no-07-2023-proexc>

LUCIANO, Yuri Axel de Brito. **Impasses e barreiras para a comunidade surda no acesso à cultura e lazer**: um relato autoetnográfico. Trabalho de Conclusão de Curso (Letras/Libras). Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2023.

NUNES, Valeria Fernandes. Produção Artística em Libras: Formação de Professores e Intérpretes. In: Francisco, Gildete da Silva Amorim M. e Júnior Gláucio de Castro (Org.) **Formação de Professores e Intérpretes Educacionais para Produção de Materiais Bilíngues**. Petrópolis, RJ : Editora Arara Azul, 2023. p 131-154. Disponível em: https://editora-arara-azul.com.br/site/admin/ckfinder/userfiles/files/FORM_PROFESSORES.pdf . Acesso em: 15 nov. 2023.

PAVIS, Patrice. **Dicionário de teatro**. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

REZENDE, Maria Valéria. **Vasto Mundo**. São Paulo: Beca, 2001.

RODRIGUES, Carlos. H.; SANTOS, Silvana. A. A interpretação e a tradução de/para línguas de sinais: contextos de serviços públicos e suas demandas. **Tradução em Revista** [Online], v. 24, p. 1-29, 2018. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/34535/34535.PDF>

SILVA NETO, Virgílio Soares. **A formação de tradutores de teatro para libras**: questões e propostas. 2017. 121f. Dissertação (Mestrado) - Pós-Graduação em Estudos da Tradução - Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2017.

XAVIER NETA, Celina Nair . **O corpo tradutório**: tradução e interpretação de Língua Brasileira de Sinais (Libras) no teatro. 2021. Tese (doutorado)- Pós-Graduação em Estudos da Tradução-Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.

Recebido em: 06/12/2023
Aprovado em: 20/05/2024

SINAIS-TERMOS NO CONTEXTO DA MIGRAÇÃO DE SURDOS EM LIBRAS E LSV: ANÁLISES PRELIMINARES

Laís Priscila Almeida de Jesus¹

Resumo: Neste trabalho, o objetivo é identificar sinais-termos utilizados no contexto de migração de surdos venezuelanos na capital do estado de Roraima. Para tanto, pauta-se nas premissas teórico-metodológicas dos Estudos da Tradução e da Interpretação, especificamente na terminologia das línguas de sinais, bem como nos Estudos Migratórios e na Sociolinguística. A metodologia utilizada decorreu da pesquisa participante em ações de extensão universitária voltadas para surdos migrantes. Como processo, foram coletados e catalogados sinais-termos do contexto migratório produtivos na Língua de Sinais Brasileira e na Língua de Sinais Venezuelana, assim como possíveis estratégias usadas por TILS que atuam nesses contextos. Nas análises, discutem-se as estratégias de criação de sinais-termos, categorizando-os por campos semânticos, além de analisar a inserção e produtividade no repertório das comunidades surdas brasileira e venezuelana em contato e a importância para o trabalho do tradutor e intérprete comunitário. Como resultado ainda em fase inicial, tem-se a catalogação de 38 sinais-termos, categorizados por campos semânticos e agrupados de três formas: já existentes no léxico da LSV, da Libras e criados pela comunidade surda venezuelana residente no estado. Com isso, infere-se que sinais relacionados às demandas de regulamentação migratória, busca por trabalho e matrícula em escolas têm recorrência maior no léxico produtivo construído pelas comunidades, fazendo urgente o registro desses sinais para melhorar o trabalho de TILS que atuam nesses espaços.

Palavras-chave: Migração, Surdos, Línguas de Sinais.

TÉRMINO-SIGNO EN EL CONTEXTO DE LA MIGRACIÓN DE SORDOS EN LIBRAS Y LSV: ANÁLISIS PRELIMINAR

Resumen: En este trabajo el objetivo es identificar términos-signos utilizados en el contexto de migración de venezolanos sordos en la capital del estado de Roraima. Para ello, se parte de las premisas teórico-metodológicas de los Estudios de Traducción e Interpretación, concretamente de la terminología de las lenguas de signos, así como de los Estudios de Migraciones y la Sociolingüística. La metodología utilizada resultó de una investigación participativa en acciones de extensión universitaria dirigidas a migrantes sordos. Como proceso, se recopilaron y catalogaron signos terminológicos del contexto de migración productiva en Lengua de Señas Brasileña y Lengua de Señas Venezolana, así como posibles estrategias utilizadas por TILS que operan en estos contextos. En los análisis se discuten estrategias para la creación de términos-signos, categorizándolos por campos semánticos, además de analizar la inserción y productividad en el repertorio de las comunidades sordas brasileñas y venezolanas en contacto y la importancia para el trabajo del traductor e intérprete comunitario. Como resultado, aún en su fase inicial, se han catalogado 38 términos-signos, categorizados por campos semánticos y agrupados de tres formas: ya existentes en los léxicos LSV y Libras y creados por la comunidad sorda venezolana residente en el estado. Con esto, se infiere que las señales relacionadas con las demandas de regulación migratoria, búsqueda de trabajo y matrícula escolar tienen una mayor recurrencia en el léxico productivo construido por las comunidades, por lo que es urgente registrar estas señales para mejorar el trabajo de los TILS que operan en estos espacios.

¹ Universidade Federal de Roraima.

Palabras clave: Migración, Sordos, Lenguas de Señas.

1. Introdução: premissas da pesquisa

O tema desta pesquisa reflete o envolvimento dos autores em trabalhos de tradução e interpretação comunitária no âmbito do Programa de Extensão MiSordo, da Universidade Federal de Roraima, o qual será detalhado posteriormente. Atuando desde 2016 no contexto da migração em Boa Vista, capital do estado de Roraima, pudemos observar as barreiras linguísticas no atendimento aos migrantes surdos recém-chegados ao Brasil. A maioria deles desconhece as línguas do país, ou seja, a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e a Língua Portuguesa. Portanto, a necessidade de tradutores e intérpretes de línguas de sinais (TILS) nesse contexto é emergente. Contudo, esses profissionais também não têm conhecimento da Língua de Sinais Venezuela (LSV) e nem do Espanhol escrito, as línguas dos migrantes surdos venezuelanos, o que acarreta em uma falta de compreensão no processo tradutório e interpretativo que demanda uma escuta atenta.

A complexidade linguística desses contextos requer que novos esforços sejam pensados para contemplar uma formação inicial que abranja o multilinguismo de línguas, visando atender as demandas das comunidades surdas no estado, considerando o expressivo fluxo de surdos provenientes da Venezuela. Em tais contextos de demanda, o uso da Libras e da Língua Portuguesa não é compreendido pelos surdos migrantes que chegam, exigindo uma atuação do TILS que extrapola sua formação.

Diante dessa situação, o que seria necessário para auxiliar TILS e surdos nas demandas de acesso aos serviços públicos logo que chegam ao país? A partir desse questionamento, surge a emergência de conhecer os sinais predominantes usados na comunicação entre surdos recém-chegados ao Brasil e TILS brasileiro. Assim, iniciou-se um projeto de investigação desses sinais de forma mais isolada, levando em consideração nossa própria atuação junto ao Programa MiSordo e como TILS em Organizações da Sociedade Civil. Sob uma perspectiva sociolinguística e socioterminológica² de coleta e registro³ percebidos numa dimensão social de uso (Barros, 2006), recorreremos à construção de um banco de dados com alguns sinais-terms mais recorrentes nos atendimentos iniciais a surdos migrantes venezuelanos.

² Passou-se a estudar a unidade terminológica também do ponto de vista sociolingüístico [sic], o que proporcionou o surgimento da socioterminologia. De acordo com essa disciplina científica, as variantes lexicais e conceptuais devem constituir objeto de estudo da terminologia e devem ser analisadas em contexto. (Barros, 2006, p. 22).

³ Este texto é um recorte do trabalho de conclusão de curso e das investigações no âmbito do Programa MiSordo da primeira autora, orientado pelos demais autores.

Dessa forma, este texto está organizado em cinco seções, incluindo esta introdução e as considerações finais. Além disso, na seção 2, abordamos os aspectos da migração de surdos, começando com aspectos mais gerais até a questão da migração venezuelana em Roraima e o Programa MiSordo. Na seção 3, a metodologia é apresentada em detalhes, e na seção 4, apresentamos os sinais coletados e o contexto de recorrência, além de realizar uma breve análise de cada um dos sinais coletados.

2. Aspectos teóricos

Nesse ponto deste escrito, é interessante primeiramente trazer a diferença entre sinal-termo e sinal especializado. Segundo Faulstich (2016), Tuxi (2017) e Bevilacqua & Kilian (2017), os sinais-termo basicamente, são sinais criados especificamente com um propósito e para serem usados apenas em contextos especializados e para fins técnicos, por exemplo: área da saúde, área jurídica, etc. Já os sinais especializados não é bem assim, segundo Bevilacqua & Kilian (2017) e Jesus (2023), são sinais (léxico) que pertencem em um dado momento a linguagem natural (comum) de dada comunidade, e pela necessidade é inserido no meio da linguagem científica e técnica adotando um conceito (significado) próprio de terminologia da área de especialidade que foi inserido e isso o "transforma" em linguagem especializada, por exemplo em LSV antes usava-se o sinal "MUDAR" com significado de "MIGRAR" ou "MIGRAÇÃO", e depois a comunidade surda migrante passou a emprestar o sinal de "MIGRAÇÃO" da Libras para representar o que de fato significava.

Tendo em vista isso, é necessário entender também que a tradução segundo Hurtado Albir (2001), é um tipo de processo complexo interpretativo e de comunicação que trata-se da modificação de um texto com as ferramentas de outra língua e acontece em um contexto social e com um propósito determinado, então para o exercício desse tipo de atividade, dependendo do contexto é necessário a criação de materiais bilíngues/multilíngues de qualidade para que os profissionais TILS possam fazer consultas rápidas caso haja problemas tradutórios relacionados especificamente à termos ou léxico de determinado contexto, nesse caso o de migração.

Tuxi (2017) destaca que os estudos do léxico e da terminologia na Língua de Sinais Brasileira representam um novo paradigma de cunho teórico e organização linguística no meio acadêmico. Esses estudos abrem novos caminhos de pesquisa em terminologia para línguas de sinais em contextos especializados, incluindo a criação de léxicos, dicionários e glossários nas línguas de sinais. Esse esforço está vinculado "ao avanço da inclusão social dos

surdos, que têm ganhado espaço em ambientes nos quais o vocabulário da língua de sinais precisa ser expandido para garantir a plena participação dos surdos, especialmente em ambientes acadêmicos e técnicos" (Nascimento, 2016, p. 53).

Com o crescimento no meio acadêmico e a necessidade de expansão do léxico da língua de sinais em áreas de especialidade, como nos contextos de migração de surdos e na atuação comunitária de TILS, os estudos sobre terminologia de línguas de sinais tornam-se uma importante contribuição como suporte e instrumento de apoio para essas comunidades e profissionais.

Em resposta a essas circunstâncias, iniciamos a coleta de alguns sinais utilizados pelas comunidades surdas brasileira e venezuelana, assim como os sinais frequentemente empregados pelos TILS que atuam no Programa MiSordo. Consideramos esses sinais como ‘sinais-termo’ seguindo Faulstich (2016) que assume que sinais-termo correspondem a uma linguagem especializada para responder às necessidades contextuais em que o léxico é empregado (Faulstich, 2016, p.4). Em nosso caso, as necessidades são criadas pelo contexto de migração de surdos falantes de LSV. Posteriormente, isso subsidiou a possibilidade de criação de um glossário multilíngue ao qual os TILS e outros profissionais que atuam direta ou indiretamente com surdos migrantes possam ter acesso.

3. Aspectos da migração e refúgio

Conforme os relatórios produzidos pelo CONARE (Comitê Nacional para os Refugiados), o Brasil concedeu refúgio a 10.145 refugiados entre 2010 e o final de 2017. Além disso, 2017 marcou um recorde no número de solicitações de refúgio, com 33.866 pedidos, mais que o dobro do ano anterior (10.308). É relevante ressaltar que esses números não incluem os venezuelanos e haitianos, que podem usufruir de visto humanitário e prerrogativas regionais específicas. Entretanto, mais da metade das solicitações feitas em 2017 foram feitas por venezuelanos.

No que diz respeito à língua, a maior dificuldade enfrentada pelos migrantes ao chegarem em outro país é o idioma, seja na interpretação ou na compreensão dos materiais impressos fornecidos a eles. Podemos estabelecer uma relação direta com o que ocorre em Boa Vista, RR, onde a necessidade imediata de assistência nos obriga a receber os migrantes venezuelanos, tanto surdos quanto ouvintes, e conceder-lhes o Protocolo Provisório, que é o primeiro documento que recebem ao chegar ao Brasil. Após isso, as agências e organizações que lidam com migração disponibilizam materiais explicativos sobre leis e os procedimentos

para manter sua situação regular no Brasil.

O ponto que mais nos chamou a atenção foi a possibilidade de os migrantes contarem com o acompanhamento de intérpretes (de línguas orais e, possivelmente, de sinais) em suas entrevistas durante todo o processo de regularização, conforme mencionado em relatórios do Alto Comissariado das Nações Unidas (ACNUR). O Brasil também registrou um recorde no recebimento de solicitações de venezuelanos e haitianos. Sabemos que o idioma exerce influência direta na vida das pessoas. Os venezuelanos e cubanos têm o espanhol como língua oficial.

De acordo com estudos de iniciação científica realizados por Furtado e Gorovitz (2017), a maioria dos materiais fornecidos a migrantes e solicitantes de refúgio no Brasil é traduzida para as línguas árabe, espanhola, inglesa e francesa. No entanto, muitas vezes essas línguas não abrangem as línguas oficiais e nacionais faladas pelos solicitantes, e é importante lembrar que o espanhol, o francês e o inglês podem ser, em muitos casos, a segunda ou terceira língua do migrante, prejudicando assim seu processo de solicitação e as entrevistas de refúgio ou residência.

Os migrantes surdos formam um grupo vulnerável e pouco assistido, o que muitas vezes os torna invisíveis no cenário da migração internacional. Apesar de não serem frequentemente mencionados em notícias e documentos relacionados à migração, existem relatos da presença de surdos migrantes no Brasil desde antes do agravamento da crise econômica e social na Venezuela a partir de 2016 (Cavalcanti; Oliveira; Silva, 2021). De acordo com as afirmações de Abrahão (2019), os fluxos migratórios entre o Brasil e a Venezuela sempre foram uma constante na história dos dois países, em ambos os sentidos de mobilidade, variando em diferentes períodos. O aumento significativo do fluxo de entrada de venezuelanos no Brasil ocorreu principalmente a partir de 2014, atingindo seu pico em 2017, coincidindo com o agravamento da crise política e econômica na Venezuela. Em 2018, foi criada a Operação Acolhida, uma força-tarefa estabelecida pelo governo federal em março de 2018 para lidar com o "caos humanitário" nas cidades de Boa Vista e Pacaraima, em Roraima, adotando três pilares: Ordenamento das fronteiras; Abrigamento e Interiorização (Machado, 2021).

Nesse contexto surge, por meio da extensão universitária no Programa de apoio a migrantes e refugiados surdos (doravante MiSordo), na UFRR, em 2020. O Programa iniciou com o projeto chamado "Rede de colaboradores⁴". O projeto desenvolvia ações de

⁴ Para conhecer os detalhes do projeto, recomenda-se ver os volumes 05, 06 e 07 da Revista Cadernos de Extensão da UFRR disponíveis em: <https://antigo.ufrr.br/prae/cadernos-de-extensao#>.

acessibilidade linguística à comunidade surda migrante no período da pandemia. Outro projeto chamado “Acessando direitos⁵” promovia ações de assistência jurídica e discussões sobre direitos humanos e linguísticos.

Atualmente as ações do programa MiSordo consistem na oferta de formação para TILS, agentes envolvidos na migração e cursos de língua para surdos migrantes. As temáticas são voltadas para a aprendizagem das línguas de sinais, da tradução e da interpretação comunitária e também temas voltados à mobilidade humana e de direito internacional. Com o objetivo primordial, as ações do programa MiSordo tem a intenção de possibilitar a autonomia e o protagonismo do surdo migrante no Brasil, oportunizando o compartilhamento de saberes e acesso aos serviços básicos no país. (Bentes, *et al*, 2022).

4. A importância de glossários para tradutores e intérpretes em contextos comunitários

A tradução e a terminologia, são constituídas por teorias linguísticas, comunicativas e cognitivas por esse motivo são consideradas interdisciplinares e transdisciplinares, ainda, consideram o texto e a situação comunicativa como fatores fundamentais, portanto, começam identificando as características dos textos (contexto comunicativo, temático, etc.) para a concepção das atividades específicas. Dessa forma, essas duas áreas estão estritamente relacionadas, quando partimos de um ponto de vista mais prático da tradução, quando encontramos problemas de tradução relacionados a termos de áreas mais sensíveis da tradução.

Podemos perceber a necessidade que os profissionais TILS tem de ferramentas de qualidade da área terminologia para auxiliá-los com problemas tradutórios que podem surgir no processo de tradução, assim como essa mesma necessidade acontece para aqueles que desejam consultar, seja surdo ou ouvinte, não apenas no contexto de migração, mas Nogueira, Felten e Vale (2022), apresentam o uso de glossários para preparação e consultas com pensando na interpretação em conferência da área jurídica.

Neste estudo, mesmo em fase preliminar, aponta-se que glossários, especialmente nas etapas iniciais de coleta e registro, já são úteis para tradutores e intérpretes em âmbito comunitário, considerando a escassez de sinais em LSV. No entanto, mais estudos serão necessários para coletar, registrar e avaliar as diferentes necessidades terminológicas e lexicográficas dos/para TILS.

⁵ Maiores informações sobre as ações desenvolvidas no âmbito do projeto podem ser lidas em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/revext/issue/view/4774>.

5. Metodologia

Esta pesquisa fundamenta-se nos pressupostos teórico-metodológicos dos Estudos da Tradução, em específico nos Estudos da Tradução e da Interpretação em Línguas de Sinais (ETILS), juntamente com os estudos socioterminológicos das Línguas de Sinais e as recentes investigações em migração de surdos (Barros, 2006, Araújo; Bentes, 2022; Bentes et al., 2023). Tendo isso como base, buscamos realizar a coleta, registro e reflexão de sinais-terminos utilizados na sinalização das duas comunidades surdas a partir de pesquisa etnográfica. Nas reflexões e análises buscamos compreender os sinais-terminos dentro dos contextos sociais em que aparecem.

Para tanto, foram seguidos dois caminhos: pesquisa etnográfica e observação participante com abordagem qualitativa. Na coleta, foram selecionados os termos considerados mais recorrentes e produtivos no atendimento inicial de surdos recém-chegados ao país. Para a construção do *corpus*, seguimos as seguintes etapas:

- I. Pesquisa etnográfica de cunho participativo e anotações em diário de campo;
- II. Construção de uma lista de termos mais recorrentes nas demandas iniciais de atendimentos em diversos setores;
- III. Busca na internet pelos conceitos dos termos em Português e Espanhol em dicionários, glossários e livros sobre terminologia da migração;
- IV. Busca online dos termos em LSV e Libras;
- V. Organização ergonômica da apresentação das imagens dos sinais-terminos (fotografia dos sinais escolhidos).

Assim, a coleta desses sinais resultou em um *corpus* com mais de cem (100) sinais, sendo que apenas 38 deles são apresentados nas análises deste trabalho. A seleção dos sinais ocorreu com base na produtividade e recorrência observadas nos contatos com os surdos migrantes nas situações apresentadas ao longo do texto. Os 38 sinais selecionados foram categorizados em cinco tipos de acordo com o campo semântico geral, conforme mostra o Quadro 1.

Quadro 1 – Categorias semânticas

Categoria 01	Cidades/ Países	Venezuela Brasil	Roraima Boa Vista Pacaraima
--------------	-----------------	---------------------	-----------------------------------

Categoria 02	Línguas	Espanhol Português	Libras LSV
Categoria 03	Termos-contexto	Migrante Emigrante Refugiado Apátrida Visitante	Fronteira Abrigo
Categoria 04	Documentos	RG CPF Comprovante de residência Audiometria Laudo médico	Protocolo de refúgio RMN ou RME
Categoria 05	Instituições	MiSordo Cáritas ADRA Pastoral Universitária IMDH AVISI Fraternidade-sem-fronteira Refúgio 343	ONU ACNUR OIM PTRIG CCI PF

Fonte: Os autores.

Como mostra o Quadro acima, os sinais foram agrupados por campos semânticos, resultando em cinco categorias: cidades/países, línguas, termos-contextos, documentos e instituições. A categoria 5, instituições, foi subdividida em instituições governamentais, religiosas e filantrópicas. Após a classificação em campos semânticos, procedeu-se à análise da produtividade dos sinais nas duas comunidades surdas e como eles eram aplicados nas interações.

A coleta desses sinais ocorreu principalmente por meio da vivência com as comunidades surdas na capital do estado de Roraima, ao longo de mais de quatro anos. Desde o início, percebemos a urgência de registrar sinais tanto para o cotidiano comunicativo no trabalho no Programa da Universidade quanto para aprimorar os processos comunicativos no trabalho de tradução/interpretação dos TILS em demandas de acesso a serviços essenciais. No entanto, a escolha dos sinais fora predominantemente influenciada pelas experiências junto aos migrantes e refugiados.

Para a descrição dos sinais, utilizamos os parâmetros da Libras, incluindo Configuração de Mão (CM), Ponto de Articulação (PA), Movimento (M), Expressões Não Manuais (ENM) e Orientação (O). A apresentação dos sinais consta da imagem do sinal com a palavra em Português e em LSV e Espanhol. Os significados são apresentados na contextualização de cada um.

6. Apresentação e análises dos sinais coletados

Na primeira categoria, apresentam-se os sinais-terms para cidades e países, conforme demonstrado nos quadros a seguir. Esses termos surgem em todas as situações em que surdos migrantes buscam atendimento, desde o cadastro para solicitar regularização no país, documentos nacionais como CPF, até pedidos de passe livre ou consultas médicas. Nesses contextos, são frequentemente questionados sobre nacionalidade e naturalidade. O termo "PACARAIMA" é mencionado por ser a porta de entrada no Brasil, sendo um dos primeiros termos que encontram mesmo antes de chegarem ao país.

Quadro 2 – Cidades e países

Libras/Português	LSV/Espanhol
Figura 1a – BRASIL 	Figura 1b - BRASIL 
Libras/Português	LSV/Espanhol
Figura 2a - VENEZUELA 	Figura 2b- VENEZUELA 

Libras/Português	LSV/Espanhol
Figura 3a - RORAIMA 	Figura 3b - RORAIMA 
Libras/Português	LSV/Espanhol
Figura 4a - BOA VISTA 	Figura 4b - BOA VISTA 
Libras/Português	LSV/Espanhol
Figura 5a - PACARAIMA 	Figura 5b - PACARAIMA 

Os sinais da categoria 01, que incluem as cidades de Pacaraima e Boa Vista, o estado de Roraima e os países Brasil e Venezuela, são predominantemente sinais da Libras. Antes de migrarem para o Brasil, esses sinais não faziam parte do vocabulário cotidiano dos surdos migrantes, sendo incorporados apenas diante da necessidade imposta pelo contexto da migração e do contato com a comunidade surda brasileira. Os sinais do país Venezuela, por

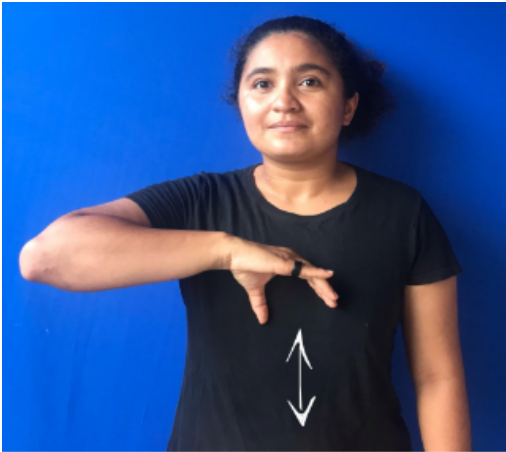
ser um país limítrofe com o estado, sempre estiveram de algum modo presentes no uso da comunidade brasileira. No entanto, é possível observar algumas mudanças após um contato mais próximo entre as comunidades. Como explicitado anteriormente Bevilacqua & Kilian (2017) fazem a distinção entre sinais-termo e sinais especializados, onde os sinais-termo são sinais criados com foco em contextos especializados e para fins técnicos, por exemplo: área da saúde, área jurídica, etc. Já os especializados são sinais (ou léxico) que antes pertencia à linguagem natural(comum) e por alguma necessidade é inserido na linguagem científica e técnica, se vestindo de um conceito próprio de terminologia da área de especialidade onde está inserido e isso o "transforma" em linguagem especializada, que é o que acontece com alguns sinais de Libras deste trabalho.

Um exemplo relevante é o sinal "VENEZUELA". Antes do contato com os surdos venezuelanos, era usado pelos surdos brasileiros com a configuração de mãos em "V", Ponto de Articulação ao lado do corpo e Movimento em zigue-zague para baixo. Com o maior contato com os surdos venezuelanos, ocorreram correções frequentes no sinal, argumentando que a Venezuela estava passando por um momento difícil, mas que logo se recuperaria. O movimento para baixo indicava algo negativo do país. Dessa forma, solicitaram que fosse feito um movimento para os lados. Outros surdos venezuelanos ainda corrigiam a sinalização de surdos brasileiros e TILS, explicando que o movimento deveria ser para os lados devido ao formato das estrelas na bandeira do país. Assim, houve uma alteração no parâmetro movimento na sinalização do sinal "VENEZUELA".

Na categoria Línguas, encontrados nas mesmas situações que a categoria anterior, ou seja, quanto ao acesso de serviços essenciais e à regulamentação migratória, os sinais-termos usados no contexto migratório coletados para o tópico foram LIBRAS, LSV, PORTUGUÊS, ESPANHOL e LIBRASV, conforme apresentados abaixo:

Quadro 3 - Línguas

Libras/Português	LSV/Espanhol
Figura 6a - LIBRAS 	Figura 6b - LIBRAS 

Libras/Português		LSV/Espanhol	
Figura 7a – LSV		Figura 7b - LSV 1	Figura 7c - LSV 2
			
Libras/Português		LSV/Espanhol	
Figura 8a - LibraSV		Figura 8b - LibraSV	
			
Libras/Português		LSV/Espanhol	
Figura 9a - PORTUGUÊS		Figura 9b - PORTUGUÊS	
			
Libras/Português		LSV/Espanhol	
Figura 10a - ESPANHOL		Figura 10b - ESPANHOL	



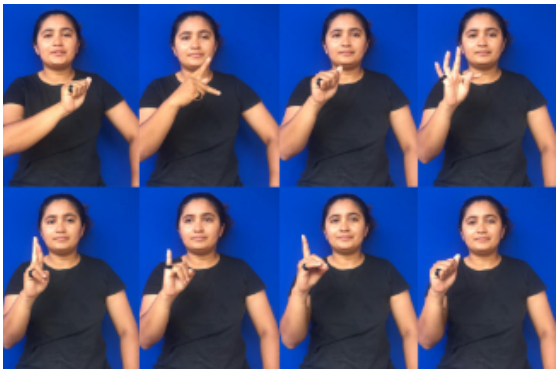
Uma peculiaridade nesta categoria é o sinal-termo que nomeia a interlíngua produzida pelo contato entre a Libras e a LSV, ora chamada de "LibraSV". O sinal é usado com pouca frequência, mas é possível perceber que aparece quando ocorre mistura entre as línguas, não sendo considerado um erro, mas sim um sinal específico da "LibraSV".

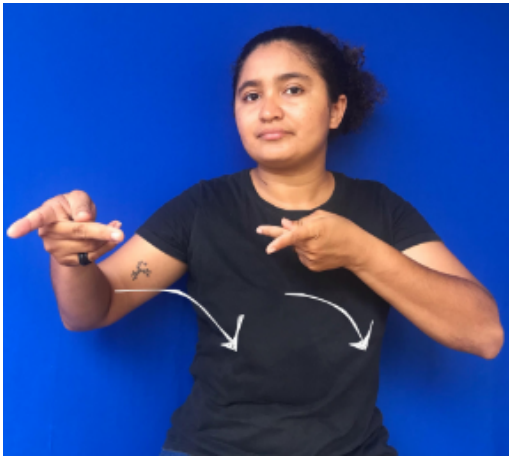
Em relação ao sinal de ESPANHOL, há diferenças quando se refere à língua da Venezuela e quando se refere ao país – Espanha. Eles são utilizados de formas diferentes por pertencerem a línguas de sinais distintas. No entanto, ao questionarmos os usuários das línguas de sinais, o significado informado é que ambos indicam "Espanhol" (língua) e "Espanhol" (pessoa de país de origem Espanha). Quanto ao sinal-termo usado para se referir ao Português (língua oficial do Brasil), os surdos venezuelanos fizeram um empréstimo da Libras. Antes, não usavam nenhum sinal para se referir a essa palavra. Após o contato com os surdos brasileiros e a necessidade de explicar que não sabiam ou não liam português, adotaram o sinal da Libras para a palavra "Português". A configuração de mão (CM) é em “c”, o Ponto de Articulação (PA) é no peito, o Movimento (M) é friccionando no peito para cima e para baixo, as Expressões Não Manuais (ENM) são neutras, e a Orientação (O) é para baixo, conforme apresentado na figura 9/a, quadro 2.

Na categoria de contexto migratório, foram coletados os sinais de MIGRANTE, EMIGRANTE, REFUGIADO, APÁTRIDA, VISITANTE, FRONTEIRA e ABRIGO. Nesta categoria, a recorrência de uso e entendimento por parte dos TILS é maior.

Quadro 4 - Migração

Libras/Português	LSV/Espanhol
------------------	--------------

Figura 11a - MIGRANTE 	Figura 11b - MIGRANTE 
Libras/Português	LSV/Espanhol
Figura 12a - EMIGRANTE 	Figura 12b - EMIGRANTE 
Libras/Português	LSV/Espanhol
Figura 13a – REFUGIADO 	Figura 13b - REFUGIADO 
Libras/Português	LSV/Espanhol
Figura 14a - Sinal APÁTRIDA 	Figura 14b - APÁTRIDA 

Libras/Português		LSV/Espanhol	
Figura 15a - VISITANTE 		Figura 15b - VISITANTE 	
Libras/Português		LSV/Espanhol	
Figura 16a - FRONTEIRA 	Figura 16b - FRONTEIRA 	Figura 16c - Sinal FRONTEIRA 	
Libras/Português		LSV/Espanhol	
Figura 17a - ABRIGO 		Figura 17b - ABRIGO 	

Os sinais coletados acima correspondem às principais dificuldades nas interpretações

(usando a Libras) que envolviam questões jurídicas quando buscavam a regulamentação migratória ou acesso a justiça. Termos específicos, como apátrida apareciam frequentemente nos atendimentos do Programa e os intérpretes usavam estratégias, como datilologia, explicação ou explicitação para dar significado. Com o próprio contato com surdos venezuelanos, indicaram o seguinte sinal-termo, apresentado na figura 14b, quadro 3.

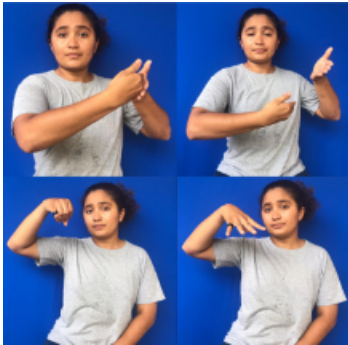
Outro sinal recorrente nos atendimentos dentro do PTRIG e no MiSordo é o termo “abrigo”, figura 17b, quadro 3. Este sinal-termo apresenta um dos mais produtivos, pois é onde a maioria mora ou já morou. Os abrigos são locais estratégicos de acolhida organizados pelo Exército Brasileiro na Operação Acolhida e coordenados por agências não governamentais.

O termo “Fronteira”, frequentemente usado pelos TILS com o sinal em Libras, Figura 16a e b, era compreendido pelos surdos venezuelanos, mas algumas vezes era necessário fazer o sinal em LSV, Figura 16 c e d, para aclarar melhor a situação. Isso acontecia, principalmente, com os surdos recém-chegados que ainda não tinham contato com a Libras.

Nesta categoria recolhemos sinais-termo usados no contexto migratório coletados para o tópico Documento.

Quadro 5 - Documentos

Libras/Português	LSV/Espanhol
Figura 18a - PROTOCOLO 	Figura 18b - PROTOCOLO 
Libras/Português	LSV/Espanhol
Figura 19a - RNM/RNE	Figura 19b - RNM/RNE

	
Libras/Português	LSV/Espanhol
Figura 20a - RG 	Figura 20b - RG 
Libras/Português	LSV/Espanhol
Figura 21a - CPF 	Figura 21/B - CPF 
Libras/Português	LSV/Espanhol
Figura 22a - COMPROVANTE DE RESIDÊNCIA 	Figura 22b - COMPROVANTE DE RESIDÊNCIA 

Libras/Português	LSV/Espanhol
Figura 23a - AUDIOMETRIA 	Figura 23b - AUDIOMETRIA 
Libras/Português	LSV/Espanhol
Figura 24a – LAUDO 	Figura 24b - LAUDO 

Os sinais nesta categoria são os mais importantes no contexto da migração devido à sua natureza de necessidade. Antes de qualquer outra demanda, a regulamentação migratória é obrigatória. Estes sinais são os primeiros a serem compreendidos pelos surdos venezuelanos em Libras, já que a maioria dos TILS não conhece os sinais específicos em LSV.

Outro sinal-termo frequentemente usado pelos TILS é representado na Figura 20a, que em Libras significa RG, um dos principais documentos de identificação dos brasileiros. No entanto, devido ao uso frequente pelos intérpretes ao solicitar os documentos de identificação dos surdos venezuelanos para preencher algum cadastro ou ficha, esses atribuíram a ele outro significado, que seria DOCUMENTO, pois entregavam todos os documentos que possuíam e não apenas um específico. Os sinais para laudo, audiometria, comprovante de residência,

entre outros não apresentados aqui, são importantes no processo de regularização documental.

Os sinais-termo usados no contexto migratório coletados na categoria instituições, como mostra as imagens abaixo, foram: MiSordo, Cáritas, ADRA, Pastoral Universitária, IMDH, AVISI, Fraternidade-sem-fronteira, Refúgio 343, ONU, ACNUR, OIM, PTRIG, CCI e PF.

Quadro 6 - Instituições

Libras/Português	LSV/Espanhol
Figura 25a - ONU 	Figura 25b - ONU 
Libras/Português	LSV/Espanhol
Figura 26a - ACNUR 	Figura 26b - ACNUR 
Libras/Português	LSV/Espanhol
Figura 27a - OIM 	Figura 27b – OIM 
Libras/Português	LSV/Espanhol

Figura 28a - PTRIG 	Figura 28b - PTRIG 
Libras/Português	LSV/Espanhol
Figura 29a - CCI 	Figura 29b - CCI 
Libras/Português	LSV/Espanhol
Figura 30a - PF 	Figura 30b - PF1  Figura 30c - PF2 
Libras/Português	LSV/Espanhol
Figura 31a - MISORDO 	Figura 31b - MISORDO 

Libras/Português	LSV/Espanhol
Figura 32a - CÁRITAS 	Figura 32b - CÁRITAS 
Libras/Português	LSV/Espanhol
Figura 33a - ADRA 	Figura 33b - ADRA 
Libras/Português	LSV/Espanhol
Figura 34a - PASTORAL UNIVERSITÁRIA 	Figura 34b - PASTORAL UNIVERSITÁRIA 
Libras/Português	LSV/Espanhol
Figura 35a - IMDH 	Figura 35b - IMDH 

Libras/Português	LSV/Espanhol
Figura 36a - AVSI 	Figura 36b - AVSI 
Libras/Português	LSV/Espanhol
Figura 37a - FRATERNIDADE SEM FRONTEIRAS 	Figura 37b - FRATERNIDADE SEM FRONTEIRAS 
Libras/Português	LSV/Espanhol
Figura 38a - REFÚGIO 343 	Figura 38b - REFÚGIO 343 

Ao longo da pesquisa, foi possível perceber que os TILS recorriam à datilologia, explicitação e explicação como estratégias de tradução/interpretação para se referir às instituições que prestam serviços aos migrantes. Em uma ocasião, observamos que os surdos venezuelanos descreveram de forma imagética o logotipo da ACNUR, por exemplo. O sinal usado por eles e adotado pelos TILS nas interpretações está representado na Figura 26/b,

quadro 5. Como se pode verificar, as mãos representam os ramos da base do logotipo e, em seguida, assumem a forma de uma "casa".

Nesta categoria, cabe destacar o sinal-termo criado pela comunidade surda venezuelana e convencionado entre os TILS e a comunidade surda brasileira para o Posto de Triagem da Polícia Federal - PTRIG. O sinal foi criado pelos próprios surdos venezuelanos que participam do Programa.

Outro sinal-termo, um dos primeiros criados e usados pela comunidade surda venezuelana e posteriormente convencionado entre os TILS foi o do Programa MiSordo, representado na Figura 31/b, quadro 5.

Como há muitas instituições religiosas que atuam na assistência à comunidade migrante em geral e, conseqüentemente, aos surdos migrantes, é importante ter a subcategoria "Religiosa". Os sinais-termo representados nessa subcategoria foram coletados diretamente com a comunidade que fazia uso desses sinais, pois ao pesquisar na internet, não encontramos sinais em Libras, nem mesmo a possibilidade da existência deles. No entanto, em LSV, pudemos coletar esses sinais de forma mais fácil. Na Figura 32/b, está a representação de "CÁRITAS" em LSV, com a CM (Configuração de Mão) inicial em "U", o gesto "O" voltado para trás, PA (Ponto de Articulação) inicial tocando na testa e depois passando a ser neutro próximo ao rosto, como visto na Figura 32/b.

Na sequência, apresentamos mais sinais-termo que já existiam na Venezuela, mas eram usados com menos frequência. No contexto religioso, esses sinais passaram a ser usados com mais frequência no contexto migratório devido à ampla participação das instituições religiosas na assistência social à comunidade de migrantes.

Representado pelo sinal-termo da Figura 34/b, quadro 5, a Pastoral Universitária -PU é uma instituição que, assim como o MiSordo, está vinculada à UFRR e oferece acolhimento, ações de assistência social, interpretações, doações de cestas básicas, entre outros serviços. Na Figura 36/b, quadro 5, representa mais uma instituição que coordena abrigos que acolhem os migrantes venezuelanos, sendo assim, esse sinal era usado para se referir à AVSI.

7. Considerações finais

Neste trabalho, nosso objetivo foi catalogar os sinais-termos mais recorrentes no âmbito da migração de surdos no estado de Roraima e contextualizá-los, focando na produtividade e recorrência nas dinâmicas de acesso aos sistemas públicos e de regulamentação migratória no país. Como metodologia, adotamos uma abordagem mais

etnográfica com observação participante, gerando dados a partir das próprias experiências de tradução e interpretação para surdos migrantes venezuelanos. Além de analisar os dados sob uma perspectiva sociológica, refletindo sobre os termos coletados em sua função social dentro das operações de tradução e interpretação.

Observamos que alguns sinais já existiam na LSV, mas não na Libras, tornando mais conveniente e apropriado utilizá-los ou adotá-los na Libras. Assim, surdos brasileiros passaram a adotar os sinais-termos representados nas figuras 28/b e 31/b, quadro 5, para explicar a amigos surdos recém-chegados da Venezuela onde encontrariam o auxílio necessário.

A ideia inicial deste trabalho era coletar sinais de contexto migratório que auxiliassem a comunidade surda que chega ao Brasil, tanto em sua compreensão quanto em sua adaptação, assim como auxiliar os profissionais TILS na tradução e interpretação mais eficiente quando estivessem nesses contextos. No entanto, ao longo deste trabalho, constatamos que já existiam diversos sinais em uso pela comunidade. Mostramos que a LSV possui um número significativamente maior de sinais-termos na área da migração e refúgio, o que faz com que a Libras recorra a empréstimos linguísticos da LSV para abordar temas relacionados a essa área.

Este trabalho também pretende ser ampliado. No futuro, pretendemos elaborar um glossário multilíngue (Libras-Português/LSV-Espanhol) para auxiliar e facilitar o trabalho de profissionais que atuam direta ou indiretamente no contexto migratório de Boa Vista com migrantes surdos venezuelanos.

Referências

ABRAHÃO, B. A. **Solicitação de refúgio como estratégia migratória dos venezuelanos em Roraima nos anos de 2014 a 2017**. 108f. Mestrado (Sociedade e Fronteira), Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2019.

ARAÚJO, P. J. P.; BENTES, Thaisy. Surdos Migrantes na Escola: questões de inclusão e direitos humanos linguísticos. **Revista Teias**, v. 23, n. 69, abr/jun. 2022.

BARROS, L. A. Aspectos epistemológicos e perspectivas científicas da Terminologia. **Revista da sociedade brasileira para o progresso da ciência**, n. 2, p. 48-51, 2006. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v58n2/a11v58n2.pdf>. Acesso em: 11 out. 2023.

BENTES, T.; SOUZA, V. O.; ALBANO, A. H. O. Língua e interação na fronteira:

experiências do programa MiSordo. **Cadernos de extensão Universidade Federal de Roraima-UFRR**, v. 7, n. 1, 2022.

BEVILACQUA, C. R., & KILIAN, C. K. (2017). Tradução e Terminologia: relações necessárias a formação do tradutor. **Domínios de Lingu@gem**, 11(5), 1707– 1726.

CAVALCANTI, L.; OLIVEIRA, T.; SILVA, B. G. (orgs.). **Relatório anual 2021 – 2011-2020: Uma década de desafios para a migração e refúgio no Brasil**. Brasília, DF: OBMigra, 2021.

CONARE. Refúgio em números. Disponível em: <https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/dados/refugio-em-numeros>. Acesso em: 24 nov 2023.

FAULSTICH, E. Especificidades semânticas e lexicais: a criação de sinais-termo na Língua Brasileira de Sinais. In: BIDARRA, Jorge; MARTINS, Tânia Aparecida; SEIDE, Marcia Sipavicius (org.). **Entre Libras e o Português: desafios face ao bilinguismo**. Cascavel, PR: EDUNIOSTE; Londrina: EDUEL, 2016.

FELIPE, T. A. **Libras em Contexto: Curso Básico: Livro Estudante**. 8a edição – FENEIS, Rio de Janeiro: Walprint Gráfica e Editora, 2007.

FURTADO, A. B. D.; GOROVITZ, S. Primeiros passos para a compilação de um corpus terminológico sobre situações de mobilidade: coleta e análise de duas cartilhas informativas multilíngue. In: 23º Congresso de iniciação científica da UnB e 14º do DF, 2017, Brasília.

HURTADO ALBIR, A. **Traducción y traductología**. Introducción a la traductología. Cátedra: Madrid, 2001.

KRIEGER, M. G.; FINATTO, M. J. B. **Introdução à terminologia: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2004.

MACHADO, V. F. Análise do “normatizar” da crise venezuelana no Brasil e sua relação com a política discursiva da Operação Acolhida. **Rev. Cadernos de Campo**, Araraquara, n. 30, p. 31-67, 2021.

NASCIMENTO, C. B. do. **Terminografia Língua de Sinais Brasileira: proposta de glossário ilustrado semibilíngue do meio ambiente, em mídia digital**. 2016. 220 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

NOGUEIRA, Tiago Coimbra; FELTEN, Eduardo Felipe; VALE, Luciana Marque. Proposta de unidade didática para formação de intérpretes: o uso de glossários para preparação com vistas à interpretação em conferência da área jurídica. **Belas Infiéis**, Brasília, v. 11, n. 1, p. 01-22, 2022.

TUXI, P. **Terminologia na Língua de Sinais Brasileira: proposta de organização e de registro de termos técnicos e administrativos do meio acadêmico em glossário bilíngue**. 2017. Tese (Doutorado - Doutorado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

Recebido em: 28/01/2024
Aprovado em: 02/06/2024

“... TUDO VAI DAR PÉ!”: REFLEXÕES DO TRABALHO DE TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO PARA A LIBRAS DO SHOW DE GILBERTO GIL, EM FLORIANÓPOLIS - SC

Saionara Figueiredo Santos¹

Wharlley dos Santos²

Stephanie Caroline Alves Vasconcelos³

Resumo: O contexto artístico e de performance tornou-se mais inclusivo e acessível com a presença de Tradutores e Intérpretes no par Libras-Português (TILSP), oferecendo serviços de tradução. Este artigo aborda o processo de interpretação simultânea realizada em grupo, na direção inversa do show de Gilberto Gil, que ocorreu na Maratona Cultural de Florianópolis. Nossas análises baseiam-se nos conceitos de tradução livre em contraste com pseudotraduções (Santana, 2019), o processo de tradução de canções (Rigo, 2019) e os procedimentos técnicos de tradução categorizados (Barbosa, 2020). Realizamos uma análise qualitativa, utilizando a análise contrastiva, ou seja, uma comparação entre o texto original e o texto final produzido pelos profissionais na tradução e interpretação para a Libras do show de Gilberto Gil na Maratona Cultural de Florianópolis (SC). Constatamos que as traduções musicais utilizam uma ampla variedade de recursos, que podem ser agrupados em diferentes categorias com aspectos comuns, como linguísticos, extralinguísticos e tradutórios. Dessa forma, esse trabalho busca explorar uma interface ainda pouco pesquisada nos Estudos da Tradução (ET), em que são discutidos os processos tradutórios e interpretativos híbridos, ou seja, que combinam características de ambos os processos na realização do ato de tradução, conforme observado em performances semelhantes à analisada nesta pesquisa. Além disso, pretendemos destacar a importância e a complexidade da prática de tradução de músicas no par Libras-Português.

Palavras-chave: Interpretação Artística, Modalidades de Tradução, Trabalho em equipe.

"...EVERYTHING IS GONNA BE ALRIGHT!": CONSIDERATIONS ABOUT TRANSLATING AND INTERPRETING A GILBERTO GIL'S CONCERT TO BRAZILIAN SIGN LANGUAGE (LIBRAS) IN FLORIANÓPOLIS-SC

Abstract: The artistic and performance context has become more inclusive and accessible with the presence of Brazilian Sign Language-Portuguese Translators and Interpreters (TILSP), offering their translation services. This article presents considerations on the process of conducting a simultaneous interpretation, performed in a group, in the reverse direction of Gilberto Gil's concert, which took place at the Cultural Marathon in Florianópolis. Our analysis is based on the concepts of free translation in contrast to pseudo-translations (Santana, 2019), the process of song translation (Rigo, 2019), and the categorized technical procedures of translation (Barbosa, 2020). A qualitative analysis was

¹ Doutora em Estudos da Tradução pela PGET na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora e pesquisadora no Instituto Federal de Santa Catarina - Campus Palhoça Bilingue. Email: saionara.figueiredo@ifsc.edu.br.

² Doutorando em Estudos da Tradução pela PGET na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestre em Estudos da Tradução e Bacharel em Letras-Libras pela mesma universidade. E-mail: professorwharlley@gmail.com.

³ Doutoranda em Educação Especial pelo PPGEs da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e Mestra em Linguística pelo PPGL da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora e pesquisadora da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). E-mail: stephanie@ufscar.br.

conducted, applying contrastive analysis, which involves a comparison between the source text and the target text produced by professionals in the translation and interpretation of Gilberto Gil's concert into Libras at the Cultural Marathon in Florianópolis, Santa Catarina. It was found that music translation employs a wide variety of resources, which can be grouped into different categories with common aspects such as linguistic, extralinguistic, and translational elements. Therefore, this study aims to shed light on a still under-researched interface in Translation Studies (TS), namely hybrid translational and interpretive processes that combine characteristics of both processes in the act of translation, as observed in similar performances analyzed in this research. Additionally, it seeks to emphasize the importance and complexity of music translation in the LSB-Portuguese linguistic pair.

Keywords: Artist Interpretation, Translation Modalities, Team Work.

1. Introdução

A crescente inclusão de pessoas surdas em diversos contextos da sociedade apresenta novos desafios para os Tradutores Intérpretes no par Libras-Português (TILSP) em sua prática profissional. Um desses desafios está relacionado à tradução de músicas. Essa atividade gera diferentes opiniões, sendo motivo de satisfação para alguns profissionais e desconforto para outros. Independentemente das preferências individuais, é fato que a tradução de músicas para a Língua Brasileira de Sinais (Libras) envolve uma série de aspectos a serem considerados. Esse desafio vai além das questões textuais e linguísticas da tradução, abrangendo também aspectos políticos e culturais. Devido à natureza específica do texto original (música) e do público-alvo (surdos sinalizantes), as complexidades da tradução são intensificadas (Rigo, 2019).

É reconhecido que a vivência musical e sonora dos surdos, que são o público-alvo dessas traduções, geralmente difere da experiência musical dos TILSP ouvintes e, por consequência, dos compositores dos textos originais (Rigo, 2019). Nesse sentido, o TILSP deve considerar cuidadosamente todas as questões relacionadas ao contexto de recepção da tradução, à cultura envolvida e às particularidades da língua-alvo (Rigo, 2019). Considerando toda essa complexidade, nos questionamos sobre as ações preparatórias de profissionais TILSP observadas no contexto de atuação em show musical.

Neste estudo, focamos na experiência de preparação da equipe de intérpretes que atuou no show do Gilberto Gil, no processo de tradução e interpretação de suas canções para a Libras. Utilizamos como aparato teórico, os apontamentos de Santana (2019) e recursos recorrentes em sinalizações de traduções de música realizadas para Língua de Sinais (Rigo, 2019) bem como uma análise contrastiva a partir dos procedimentos Técnicos da Tradução

(Barbosa, 2020). Esses dois estudos fizeram com que pudéssemos mapear os esforços necessários para o trabalho e estão neste artigo documentados.

2. Sobre a interpretação em shows: alguns apontamentos teóricos

Rigo (2019) produziu um estudo acerca da prática de interpretação de performances incluindo música, citando autores como Napier et al. (2006, p. 102), que ressaltam como esse tipo de trabalho não é tão comum como em outros contextos. Segundo as autoras (2006, p. 130), essa prática se difere principalmente porque, em média, requer mais tempo para a preparação da tradução do texto original. Rigo (2019) explica que, para apresentações de performance (shows), o processo é de tradução e interpretação (um trabalho híbrido que mescla características de ambos os processos); a tradução sendo realizada durante a preparação e a interpretação no momento em que o show é realizado.

Rigo (2019) segue escrevendo que no caso de tradução de músicas, o texto de partida é composto por signos verbais e não verbais a serem considerados. Ela complementa:

Os signos verbais referem-se à língua na qual a letra da canção é escrita, ou seja, a língua-fonte. Já os signos não verbais referem-se aos elementos semióticos da música: ritmo, melodia, harmonia, timbre, etc. e nas substâncias acústicas: altura, intensidade, duração, etc (Rigo, 2019, p. 19)

Dessa maneira, podemos dizer que a tradução de música para a língua de sinais envolve “a tradução interlingual e a tradução intersemiótica (...) também um terceiro tipo de tradução, a tradução intermodal” (Rigo, 2019, p.19) por ir além das questões de língua e envolver outras expressões artísticas. Sekeff (2007), citado pela pesquisa de Rigo (2019), explica que a percepção de uma música vai além de ouvi-la: envolve o sistema de percepção interna, sistema visual e sistema tátil ou sensorial-tátil. Os sons são percebidos não apenas pelos ouvidos, mas também pela pele, músculos, ossos e sistema nervoso autônomo. O significado do signo musical, pode ser visualizado como uma imagem mental. No caso das pessoas surdas, “a música se reduz às vibrações ordenadas” (Rigo, 2019, p. 20). Os surdos compreendem a percepção dessas vibrações por meio de outros meios sensoriais, como a pele, músculos, ossos, sistema nervoso autônomo, sistema de percepção interna, tátil e visual. No entanto, Sekeff (2007, p. 89) resalta que essa percepção não é completamente igual à percepção musical das pessoas ouvintes (Rigo, 2019).

A partir desses fatores influentes, Rigo (2019) explica que é imprescindível refletir sobre o TILS enquanto um ouvinte que possui uma relação e percepção musical diferentes

daquelas do público-alvo da tradução. Isso pode gerar desafios na tradução, já que o ouvinte se conecta com o sonoro de uma música, o que pode gerar uma tradução subordinada ao som, involuntariamente. Essa subordinação ao som pode levar a traduções com ênfase exclusivamente sonora, o que pode não corresponder à percepção não sonora do público-alvo surdo (Rigo, 2019).

O público alvo da tradução realizada, os surdos sinalizantes, precisam compreender todas as contingências culturais, que são compartilhadas apenas com os ouvintes. No entanto, no caso do público surdo, embora o TILSP possa compartilhar em certa medida algumas contingências culturais, sua capacidade física de perceber o som geralmente não é compartilhada. Isso significa que ao traduzir músicas em língua de sinais, é essencial considerar que a construção da sinalização não deve se basear apenas no conteúdo sonoro do texto de partida, pois isso pode vir a resultar em um texto de chegada que não faça sentido para o público surdo (Rigo, 2019).

3. Recursos Linguísticos e procedimentos técnicos de tradução possíveis: Uma análise seguindo os parâmetros de Santana (2019)

Santana (2019) observa que ainda está arraigado nos/nas colegas TILSP e surdos em relação à crítica à *tradução livre* e à exigência de uma suposta *equivalência*. No entanto, esse tipo de pensamento e defesa não se sustenta mais, já que se sabe que o texto é transformado pela tradução (Rodrigues, 1999) gerando um texto novo com meios de outra língua (Hurtado Albir, 2005). Dessa forma, não existe mais a dicotomia entre as duas práticas; ambas são vistas e compreendidas como tradução (Santana, 2019).

Quando se fala de tradução de música, negligenciar os aspectos culturais que podem ser comunicados por meio de uma tradução de música para a Língua Brasileira de Sinais revela uma forma de elitismo ou domínio centralizado nas discussões promovidas por vários Tradutores e Intérpretes no par Libras-Português (TILSP) e surdos (Santana, 2019, p. 69). Essa realidade pode ser percebida e comprovada em interações compartilhadas em plataformas de mídia social ou em debates conduzidos durante encontros profissionais.

O consenso é que pessoas que não respeitam a estrutura gramatical da Língua Brasileira de Sinais (Libras) nem a cultura em Libras do público-alvo ou que estereotipam a tradução intersemiótica podem não criar metodologias de tradução que contemplem a complexidade musical. Santana (2019) também traz o conceito de *pseudotraduções*, definido por Toury (1980) como uma forma conveniente de introduzir inovações em uma cultura, delimitando os

limites dos valores dominantes e provocando mudanças’ (Santana, 2019, p.67). Dessa forma, faz sentido separar uma tradução intersemiótica de uma pseudotradução; adaptações de traduções literais.

Outro fator trazido pelo autor é que existem fatores que influenciam o aceite ou não de uma tradução/interpretação musical: preparação, influências econômicas, influências culturais. Com a criação ou recriação de uma tradução, é possível criticar, elogiar ou recriar o poder da patronagem e recontextualizá-lo por meio de outras representações (como mídias e traduções), permitindo inovações” (Santana, 2019). De maneira que o trabalho em equipe exerce um papel central na construção coletiva e diversa.

Há escassa literatura sobre o assunto e poucos espaços de compartilhamento da prática, o que contribui para a ausência de formação especializada, a distância entre os colegas e a falta de observância dos próprios métodos de tradução (Santana, 2019). Muitos produzem traduções intersemióticas de forma inconsciente, enquanto outros o fazem sem identificar claramente os elementos linguísticos e contextuais presentes em suas performances.

As traduções de músicas para Libras envolvem a busca por recursos linguísticos diversificados por parte dos TILS, tais como o uso de processos anafóricos e dêiticos (Santana, 2019). No entanto, é essencial que os profissionais compreendam esses processos linguísticos como princípios da língua, planejem como usá-los criativamente e tenham ciência na diferenciação entre eles. Reconhecer os processos anafóricos e dêiticos na tradução de músicas para Libras em frases e discursos pode ser determinante para obter um resultado satisfatório em traduções de música (idem, 2019).

Em suma, o processo anafórico permite que o tradutor/intérprete incorpore diferentes personagens em uma narrativa, principalmente por sua postura corporal. No entanto, assumir diferentes identidades corporais em um único contexto de tradução, englobando objetos imaginados e criados no âmbito anafórico (através da construção tátil) exige concentração, estudo e conhecimento, para que os surdos compreendam o que está sendo traduzido e quem são os referentes/personagens.

Fiorin (2002) citada na pesquisa de Santana (2019) diferencia os sinais dêiticos dos anafóricos ao afirmar que os primeiros buscam sua referência na situação em que são enunciados, seja essa situação pressuposta ou explicitada pelo narrador no texto. Por outro lado, os anafóricos são compreendidos em relação a participantes previamente mencionados no discurso e a marcas espaciais e temporais presentes na declaração (idem, 2019). Isso significa que esses elementos não buscam sua referência na situação em si, mas sim em um antecedente que é apresentado dentro do próprio enunciado. No caso do processo dêítico,

Moreira, 2007 apud Santana, 2019, p.70), “os signos anafóricos são aqueles que pertencem à dimensão sintática da língua e, assim como os dêiticos, também instituem o que é chamado de ‘relação de mostração’, ou seja, o ‘apontar’ para algo”. Sendo o segundo aspecto supramencionado focado na organização estrutural do discurso produzido no espaço.

Por último, entre os fatores a serem considerados está o uso do espaço em si, o espaço do evento (Viotti, 2013 apud Santana, 2019, p. 71). Nesse contexto estão “as personagens, os objetos, os eventos, o tempo e o cenário da história como um todo a ser contada” (Santana, 2019, p.71). Pensar numa integração do espaço real com o espaço do evento permite que estudemos várias expressões das línguas sinalizadas “ajudam a entendê-la a partir de suas propriedades, sobretudo multidimensionais” (idem, 2019), ou seja, o contorno que delineia a expressão linguística, lírica, cultural e artística do texto alvo.

4. Recursos recorrentes em sinalizações de traduções de música realizadas para Língua de Sinais de Rigo (2019)

Rigo (2019), ao escrever o artigo “Recursos tradutórios empregados em traduções de música para Língua Brasileira de Sinais – Libras”⁴, após avaliar alguns vídeos de tradução de música, categorizou os recursos recorrentes utilizados. Ela criou a tabela que está compartilhada abaixo:

⁴ Disponível em: [Textos e Contextos Artísticos e Literários: Tradução e Interpretação em Libras \(Volume I\) \(ufsc.br\)](https://www.ufsc.br/revistas/textos-e-contextos-artisticos-e-literarios-tradução-e-interpretação-em-libras-volume-i)

CATEGORIAS	RECURSOS
Aspectos Linguísticos	Ação construída; classificadores; descrição de instrumentos musicais; direcionamento de cabeça; direcionamento de tronco; espaço de sinalização; expressões faciais; morfismo; movimento rítmico; repetições simétricas; soletração manual e soletração de vocalizações.
Aspectos Extralinguísticos	Agachamento; balanço; batidas de pé; deslocamento; giros; movimento de cabeça; movimento do tronco; palmas e saltos/pulos.
Aspectos Tradutórios	Acréscimo; adaptação; contextualização; erros; explicação; explicitação; indicação instrumental; omissão; repetição de refrão; retomada; simultaneidade; tradução livre/literal; variação equivalente e variação de tema.
Aspectos Audiovisuais	Cortes; créditos; efeitos; imagens; legenda; planos; vídeos e videoclipes.
Aspectos Cênicos	Adereços; cenário; figurino; iluminação; maquiagem e plano de fundo.

Imagem 1: Tabela com categoria de recursos utilizados em tradução de músicas para a Libras, criado por Rigo (2019).

Vale ressaltar que o mapeamento elaborado por Rigo (2019) pode ser considerado um modelo de análise aplicável a diferentes produções em língua de sinais pelo seu caráter descritivo e intrínseco da composição de Língua de Sinais, não se limitando apenas à categorização e quantificação de recursos tradutórios utilizados em traduções de músicas. Esse esboço abrange grande variedade de aspectos que também podem estar presentes em outras formas de produção sinalizada, como poesias, narrativas e outros tipos de textos e discursos sinalizados. Além disso, essa proposta pode ser vista como um modelo piloto para identificar mais recursos na construção de sinalizações (RIGO, 2019). Neste sentido, também o utilizamos para descrever o trabalho que foi realizado durante a interpretação do show. Neste estudo em questão, destaca-se que os aspectos audiovisuais e cênicos não foram mencionados pois não houve figurino e cenário específicos para os TILSP na pré-produção e nem edição na pós-produção pela equipe responsável pelo evento.

5. Os Procedimentos Técnicos da Tradução enquanto estratégia tradutória (BARBOSA, 2020)

Durante um ato tradutório e/ou interpretativo, o TILSP se vê munido de um texto sendo produzido em uma língua fonte (LF) e este texto está carregado de intenções enunciativas. A função do TILSP é verter essas intenções para um novo texto na língua alvo (LA) construída dessas intenções enunciativas correspondentes, como explicitado nos capítulos anteriores com base nos teóricos dessa atividade.

Neste sentido, baseando-se na própria experiência como tradutora e professora na área de tradução e na leitura da literatura disponível sobre o assunto, a autora busca determinar os procedimentos usados pelo tradutor frente aos problemas encontrados por ele durante o processo tradutório. Tal análise só é possível a partir da comparação do texto fonte junto ao texto alvo para se perceber quais foram as estratégias, por ela nomeadas de procedimentos, realizadas pelo tradutor no ato. Uma vez que

“o tradutor deve procurar descrever os mecanismos por meio dos quais a mensagem total veiculada através de um texto é decodificada, transferida e transformada nas estruturas de outra língua” (Nida, 1964, p. 9 traduzido por Barbosa, 2020, p. 34).

Em sua edição mais recente, Barbosa (2020) nos demonstra quatorze procedimentos técnicos, que neste trabalho serão tratadas como estratégias, uma vez que “[A tradução] se trata de uma atividade humana realizada através de estratégias mentais empregadas na tarefa de transferir significados de um código linguístico para outro” (Barbosa, 2020, p. 11). Tais estratégias são divididas em quatro categorias, a saber: (a) Convergência do sistema linguístico, da realidade extralinguística e do estilo que agrupa em si, os procedimentos que demonstram convergência em nível morfológico, sintático e semântico entre o par linguístico de trabalho; (b) Divergência do sistema linguístico uma classe que engloba procedimentos relacionados à divergência morfológica e sintática entre as línguas de trabalho, no nosso caso Libras-Português; (c) Divergência do estilo que congrega aqueles procedimentos que evidenciam às diferentes formas de realizar o processo tradutório, uma vez que, cada profissional possui formação, experiência e prática profissional diversa entre si, e por fim, (d) Divergência da realidade extralinguística onde são evidenciadas as divergências relacionadas aos conhecimentos extralinguísticos que envolvem ambas as línguas de trabalho.

Sopesarmos que o trabalho de Barbosa (2020) foi inteiramente planejado com base no processo tradutório entre línguas orais, todavia foi considerado na reflexão dos processos tradutórios e interpretativos entre línguas de modalidade diferentes (sendo uma oral e a outra sinalizada) neste trabalho.

6. Tradução e interpretação: um caminho de preparação

Para fins de contextualização, mesmo sendo solicitado antecipadamente pelos intérpretes em shows, recebemos, assim, a *setlist* com pouco tempo hábil de preparo, característica comum no processo de interpretação, haja vista sua efemeridade. Como estávamos em uma equipe de quatro pessoas, decidimos dividir as músicas para os intérpretes se dedicarem a determinadas trilhas musicais. Dessa maneira, poderíamos nos dedicar a estudar uma quantidade menor de músicas e assim, possibilitando um trabalho de melhor qualidade. A distribuição das músicas foi realizada a partir de uma ordem definida aleatoriamente, que foi aplicada de maneira respectiva na *setlist* recebida, ou seja, somando dezoito músicas e divididas entre as tradutoras intérpretes da equipe.

Além disso, criamos um grupo em aplicativo de mensageria para que pudéssemos conversar entre nós. O grupo foi um suporte importante, pois realmente sentimos e exploramos o trabalho em equipe neste grupo. Apesar do pouco tempo, nos ajudamos em tudo o que foi possível. Ademais, decidimos em conjunto fugir da utilização de roupa preta. Primeiro porque três das quatro pessoas eram pretas que diversificam na cor da vestimenta pensando na mais interessante para seu tom de pele. Bem como, para dar um ar mais casual para o contexto casual da atuação.

No dia do show, chegamos com uma hora de antecedência para ver onde nos posicionaríamos e alinhar alguns detalhes técnicos com os envolvidos. Um ponto negativo que impactou a visibilidade do TILSP foi que a equipe do artista nos tirou do palco. Então, ficamos no solo junto com a plateia (mesmo com nossa argumentação diante dos responsáveis). Sabemos que a interpretação ficou comprometida, pois quanto mais longe estivesse o espectador, mais encoberta ficaria a figura do intérprete, mas como foi o espaço ordenado, assim ficamos e fizemos nosso trabalho.



Imagem 2: Localização onde a equipe realizou a interpretação. É possível ver as roupas que selecionamos.

A partir da percepção de diferentes experiências por parte dos membros da equipe em relação às músicas e ao artista, surgiram discussões e contribuições de suma importância para o fazer tradutório-interpretativo. Em determinados momentos, certas metáforas contidas nas letras apresentadas não eram compreensíveis para todo o grupo, sendo que, em ocasiões como estas, um dos membros que tinha mais afinidade com a história e trajetória do artista, identificava os subtextos e repassava a informação para a equipe. Abaixo citaremos um exemplo dessas contribuições que pode ser incluído relacionado ao conceito de *aspecto extralinguístico*, segundo Rigo (2019).

7. Descrição de alguns trechos e suas respectivas traduções comentadas

Nesta seção, descreveremos quais as estratégias de tradução (BARBOSA, 2020) utilizamos em alguns trechos selecionados de algumas músicas de Gilberto Gil. Relembramos que a *setlist* completa possuía 18 músicas. Mesmo com uma lista fixa, nos foi avisado que porventura o artista poderia tocar alguma música diferente, repetir alguma das canções e/ou mudar a ordem das músicas. Todas estas variáveis aumentaram a dificuldade da atividade e puderam ser perpassadas devido ao trabalho realizado em equipe.



Imagem 3: Foto da equipe de interpretação. Gilberto Gil ao fundo.

Após introdução e contextualização sucinta do show, abaixo ilustra-se alguns trechos de músicas desafiantes e as estratégias que utilizamos para traduzi-las, que foram exemplificadas com base no português escrito para facilitar a compreensão leitora, mas que foram interpretadas para a Libras.

Texto de Partida
<i>Mas, se Deus quiser Tudo, tudo, tudo vai dar pé (repetido algumas vezes)</i>
Texto de Chegada
<i>(olha pra cima) DEUS ELE QUERER TUDO EVOLUI/CRESCE/CERTO/DESENVOLVE</i>
<i>DEUS ELE QUERER (tradução literal) TUDO (explicitação) EVOLUI/CRESCE/CERTO/DESENVOLVE (equivalência)</i>

Primeiramente, observamos que há a repetição da palavra “tudo” na Língua Fonte, além da repetição da frase realizada muitas vezes durante a música. Como o “tudo vai dar pé” é uma metáfora que significa “tudo vai ficar bem, tudo vai dar certo”, realizamos os procedimentos acima descritos.

Voltando aos aspectos abordados por Rigo (2019), classificamos uma amostra dos que foram utilizados:

- Aspectos linguísticos - Utilizamos classificadores, direcionamento de cabeça (para cima, ao sinalizar sobre Deus), direcionamento de tronco (ao sinalizar sobre ‘tudo vai dar pé’ - para a frente), espaço de sinalização (utilizamos todo o espaço do palco), expressões faciais e movimento rítmico (já que era uma música em tom de reggae).
- Aspectos Extralinguísticos - balanço (para demonstrar o ritmo da música), deslocamento, movimentos de cabeça.
- Aspectos tradutórios - Tradução Literal, Equivalência, Explicitação, Repetição de refrão, variação equivalente (como era um refrão que se repetia várias vezes, utilizamos sinais sinônimos diferentes para que não ficasse repetitivo visualmente para o público surdo).

Texto de partida
<i>Eu só quero um amor Que acabe o meu sofrer Um xodó pra mim do meu jeito assim Que alegre o meu viver</i>
Texto de chegada
<i>AMOR QUERO SOFRIMENTO MEU ACABE CARINHO (ABRAÇO CONSIGO MESMO) Tradução intersemiótica VIDA ALEGRE</i>
<i>(omissão) Amor quero Sofrimento meu acabe (tradução literal) Carinho (abraço consigo mesma) (compensação) Vida alegre (Transposição)</i>

Utilizamos o processo Anafórico em todo o discurso supradescrito. Assim como, omitimos o “só” na primeira frase”. Observe que as duas primeiras frases sofreram Tradução Literal (obedecendo a estrutura da Libras OSV). Já em “um xodó pra mim, do meu jeito assim” utilizamos a Compensação e Tradução Intersemiótica, com o uso do corpo e de classificadores para demonstrar o sentido de carinho implícito na palavra ‘xodó’. Por fim, fizemos também a Transposição quando “acabe o meu sofrer” - o verbo “sofrer” foi substituído pelo substantivo “sofrimento”. Assim como em “o meu viver”, o verbo ‘viver’ foi substituído pelo substantivo ‘vida’.

Ainda no caso dos aspectos abordados por Rigo (2019), seguimos com alguns que foram utilizados:

- Aspectos linguísticos - classificadores (para explicar ‘xodó’, direcionamento de cabeça (para si, para identificar possessividade”, direcionamento de tronco, espaço de sinalização, expressões faciais (‘apaixonada’), movimento rítmico (para simular o ritmo forró da música).
- Aspectos Extralinguísticos - balanço (para o ritmo forró ficar claro), deslocamento (no palco principalmente imitando a dança “dois para lá dois para cá”, movimentos de cabeça (indicando possessividade e carinho).
- Aspectos tradutórios - Omissão, tradução Literal, Compensação, Transposição (principalmente na terceira frase), variação equivalente (já que ‘do meu jeito assim’ é uma expressão oriunda do Português).

<i>Texto de partida</i>
<i>Só de baixo, cento e vinte, botão preto bem juntinho Como nêgo empareado</i>
<i>Texto de chegada</i>
<i>BOTÕES VÁRIOS APERTADINHOS SANFONA TOCA TOCA USANDO OS BOTÕES</i>
<i>(omissão) BOTÕES VÁRIOS APERTADINHOS (equivalência) SANFONA TOCA TOCA (explicitação e compensação) USANDO OS BOTÕES (reconstrução de períodos)</i>

Iniciamos, omitindo o "cento e vinte", enquanto que a cor dos botões (pretos) foi interpretada pela Explicitação e a Compensação em que fizemos os botões da sanfona, inclusive demarcamos o seu excesso na quantidade de botões pela expressão corporal e facial. A seguir, omitimos “como um nêgo empareado” usando a modalidade Reconstrução de Períodos em que acrescentamos o elemento ‘sanfona’ para localizar os botões.

Outra vez resgatando os aspectos abordados por Rigo (2019), seguimos com alguns que foram utilizados:

- Aspectos linguísticos - classificadores(para os botões), direcionamento de cabeça (para a sanfona), direcionamento de tronco (para o filho), espaço de sinalização (para

englobar todos os personagens), expressões faciais (para representar o “bem juntinho”), movimento rítmico (do ritmo forró).

- Aspectos Extralinguísticos - balanço (do movimento da sanfona), deslocamento (dois pra lá e dois pra cá, como na dança forró), movimentos de cabeça (para descrição do ritmo).
- Aspectos tradutórios - Equivalência, Explicitação, Compensação, reconstrução de períodos, e tradução intersemiótica.

<i>Texto de partida</i>
<i>Luí respeita Januário</i> <i>Luí, tu pode ser famoso, mas teu pai é mais tihoso</i> <i>E com ele ninguém vai, Luí</i> <i>Respeita os oito baixo do teu pai!</i> <i>Respeita os oito baixo do teu pai!</i>
<i>Texto de chegada</i>
<i>(LOCALIZADO ANTERIORMENTE NA CANÇÃO - Compensação</i> <i>LUIS RESPEITA JANUARIO (tradução palavra-por-palavra)</i> <i>TU FAMOSO (explicitação) MAS ELE BRABO (equivalência), CUIDADO! (explicitação)</i> <i>RESPEITA (tradução palavra-por-palavra)</i> <i>SANFONA (equivalência)</i> <i>DELE (tradução palavra-por-palavra)</i> <i>RESPEITA (tradução palavra-por-palavra)</i> <i>SANFONA (equivalência)</i> <i>DELE (tradução palavra-por-palavra)</i>

Neste trecho, também utilizamos o proco Anafórico para delimitar cada personagem. Uma vez que localizamos os personagens no espaço, passamos a omitir os nomes e fazer os sinais direcionados para cada um deles, ou seja, a Compensação. Depois, utilizamos a Explicitação e Explicitamos pela Equivalência na sanfona e nos movimentos da sanfona que tivemos que aprender, praticar e incorporar. Por último, usamos a Compensação ao usar Classificadores e Expressões corporais e faciais para delimitar o sentimento expressado nas letras, mostrando o quanto Januário era bravo, de acordo com o Texto Fonte.

No caso dos aspectos abordados por Rigo (2019), seguimos com alguns que foram utilizados:

- Aspectos linguísticos - classificadores (para fazer a sanfona), direcionamento de cabeça (a depender do personagem, seja o Luís ou o Januário), direcionamento de tronco (a depender da mudança de personagem, como relatado acima), espaço de sinalização (utilizado para dispor os personagens), expressões faciais (para descrever a fama e a brabeza), movimento rítmico (do ritmo forró).
- Aspectos Extralinguísticos - balanço (descritivo do ritmo), deslocamento (de um personagem para o outro), movimentos de cabeça (quando mudávamos o personagem).
- Aspectos tradutórios - Compensação, Tradução Palavra por palavra, equivalência, Repetição de refrão (já que o refrão foi repetido), variação equivalente (para elementos auditivos).

<i>Texto de partida</i>
<i>Meia comprida, não quer mais sapato baixo Vestido bem cintado, não quer mais vestir timão</i>
<i>Texto de chegada</i>
<i>MEIA (compensação), (omissão) SAPATO ALTO (modulação) VESTIDO (tradução literal) APERTADO (equivalência), TECIDO RUIM NAO QUER (equivalência + tradução literal)</i>

A saber, a compensação e a Tradução Intersemiótica permearam esse trecho, já que a história conta de uma menina que cresceu, que se veste bem e que usa sapato alto. Aqui, utilizamos também a Omissão (omitimos o fator meia; omitimos que o nome do tecido seria timão) e utilizamos a Modulação, já que trocamos ‘não quer mais sapato baixo’ por “gosta sapato alto”. A equivalência também foi base na descrição do vestido e do tecido.

No caso dos aspectos abordados por Rigo (2019), seguimos com alguns que foram utilizados:

- Aspectos linguísticos - classificadores (para os sapatos, para a cinta), direcionamento de cabeça (quando a menina olha pro seu vestido), direcionamento de tronco (ao montar o cenário), espaço de sinalização (descritiva para os elementos descritos na poesia), expressões faciais (positivas para as mudanças, negativas para o tecido ruim), movimento rítmico (descritivo do forró).

- Aspectos Extralinguísticos - balanço (para o ritmo forró), deslocamento (imitando a dança), movimentos de cabeça (para demonstrar a menina crescendo).
- Aspectos tradutórios - Modulação, Compensação, Tradução Literal, Equivalência.

<i>Texto de partida</i>
<i>O mal é da idade e que pra tal menina Não há um só remédio em toda a medicina</i>
<i>Texto de chegada</i>
<i>(omissão) IDADE DELA (explicitação), COMBINA-CERTO (adaptação) REMÉDIO (tradução literal) TEM? NAO TEM JÁ ERA (adaptação)</i>

Uma vez que localizamos os personagens no espaço (médico, pai, menina), passamos a “o mal é da idade” substituímos por “idade normal assim” e, em seguida, utilizamos a Adaptação e Explicitação para o resto do trecho, já que utilizamos a mesma mensagem na estrutura da Libras (‘remédio não tem, então já era’), adaptando ao ocultar também o termo ‘medicina’.

No caso dos aspectos abordados por Rigo (2019), seguimos com alguns que foram utilizados:

- Aspectos linguísticos - classificadores, direcionamento de cabeça, direcionamento de tronco, espaço de sinalização, expressões faciais, movimento rítmico.
- Aspectos Extralinguísticos - balanço, deslocamento, movimentos de cabeça.
- Aspectos tradutórios - Explicitação, Adaptação, Tradução Literal, Repetição de refrão, variação equivalente.

<i>Texto de partida</i>
<i>Manamaê ô Manamaê ô Manamaê ô</i>
<i>Texto de chegada</i>
<i>(interações com o público, movimentos com as mãos) (adaptação)</i>

Em todo o show, Gil fazia algumas vocalizações (não ocorreram exclusivamente nessa canção), ou seja, onomatopéias de instrumentos e vocalizações aleatórias. Neste sentido, para que fizéssemos uma Adaptação que condizesse com o contexto visual, no caso de "Maracatu Atômico", decidimos dançar e/ou pedir ao público engajamento enquanto essas vocalizações eram realizadas.

No caso dos aspectos abordados por Rigo (2019), seguimos com alguns que foram utilizados:

- Aspectos linguísticos - direcionamento de cabeça (para o público), direcionamento de tronco (para o público), movimento rítmico (de reggae, que foi o ritmo que Gil tocou essa música).
- Aspectos Extralinguísticos - balanço (característico de engajamento com o público), deslocamento (dinamizando o contato com o público), movimentos de cabeça.
- Aspectos tradutórios - Adaptação, Repetição de refrão (já que essas vocalizações se repetiam muitas vezes), variação equivalente (já que deslocamos estas expressões da oralidade para a visualidade).

<i>Texto de partida</i>
<i>No meio da couve-flor tem A flor, tem a flor Que além de ser uma flor tem Sabor</i>
<i>Texto de chegada</i>
<i>COUVE FLOR (tradução literal), FLOR-SURGINDO, FLOR SURGINDO FLOR DÁ COMER, SABOR GOSTOSO (compensação)</i>

As letras de Chico Science, cheias de poesia abstrata, foram bastante desafiadoras de traduzir. Assim, utilizamos os mesmos elementos do verso ‘(flor, couve flor, sabor)’. também, fizemos a tradução intersemiótica em toda a canção, desenhando os elementos. A foto abaixo demonstra como nos dispomos. O interessante é que a depender do contexto, os outros intérpretes também interagem com a interpretação. Abaixo, aparecem dois intérpretes interagindo com a intérprete, que sinaliza ‘flor’, utilizando o procedimento Compensação.



Imagem 4: Trecho da sinalização da música “Maracatu Atômico”.

No caso dos aspectos abordados por Rigo (2019), seguimos com alguns que foram utilizados:

- Aspectos linguísticos - direcionamento de cabeça (para a flor) direcionamento de tronco (para a flor), expressões faciais (de sabor), movimento rítmico (de reggae).
- Aspectos Extralinguísticos - balanço (contemplando o ritmo), deslocamento, movimentos de cabeça (virados para a flor).
- Aspectos tradutórios -Compensação de elementos visuais e da poética oral para a poética visual.

Por fim, explicitamos que uma tradução pode ser analisada sob muitas óticas e bases teóricas. Neste artigo, escolhemos Albert (1998), mas poderíamos ter feito estudos utilizando os Procedimentos de Tradução (BARBOSA, 2004), que em muito se assemelha ao de Albert (1998), com algumas discrepâncias entre as propostas, haja vista que em Barbosa temos uma recategorização das modalidades apresentadas pelo primeiro. Assumimos e incentivamos que novas temáticas sejam pesquisadas.

8. Considerações finais

Com base nas informações apresentadas neste recorte derivado da pesquisa realizada por Rigo (2019), Santana (2019) e Barbosa (2020), foi possível constatar a importância e a complexidade da prática de tradução de música, o que demanda uma abordagem cuidadosa por parte dos profissionais TILSP. Para refletir sobre esse tema, o estudo teve como meta identificar os recursos utilizados nas traduções de músicas e destacar quais recursos podem

contribuir para um trabalho mais satisfatório com música em Libras. Para isso, foi realizado um levantamento inicial por meio da catalogação da preparação que realizamos previamente ao show.

A partir do levantamento realizado, constatou-se que as traduções de música empregam uma ampla variedade de recursos, que podem ser agrupados em diferentes categorias com aspectos em comum. Essas categorias incluem: Aspectos Linguísticos (recursos relacionados aos elementos gramaticais das línguas de sinais, bem como suas possibilidades poéticas de sinalização, como ações construídas, classificadores, direcionamento de cabeça e tronco, espaço de sinalização diferenciado, expressões faciais, morfismos) Aspectos Extralinguísticos (recursos não gramaticais utilizados para transmitir os signos não verbais presentes no texto original, mais próximos dos elementos da linguagem da dança, como agachamentos, balanços, batidas de pé, deslocamentos, movimentos de cabeça e tronco); Aspectos Tradutórios (procedimentos de tradução, como adaptações, contextualizações, explicações, explicitações, retomadas e variações equivalentes e de tema) (Rigo, 2019).

Nesse sentido, incentivamos pesquisas que abordem questões específicas como a interface entre os procedimentos da Tradução e o processo de tradução no par Libras-Portugues nos mais diversos contextos de atuação profissional para socializar os saberes produzidos empiricamente, refletir teoricamente e, conseqüentemente, avançar nas investigações direcionadas a atividade interpretativa/tradutória, bem como ampliar a formação e a atuação dessa categoria profissional.

Referências

BOLGUERONI, T.; VIOTTI, E. Referência nominal em Língua de Sinais Brasileira (Libras). **Revista Todas as Letras**. São Paulo, v. 15, n. 1, p. 15-50, 2013.

FIORIN, J. L. **Introdução à Linguística**: objetos teóricos. São Paulo: Contexto, 2002

HURTADO ALBIR, A. **A aquisição da competência tradutória**: aspectos teóricos e didáticos. Competência em tradução: cognição e discurso. Belo Horizonte: Editora UFMG, p. 19-57, 2005.

NAPIER, J.; MCKEE, R.; GOSWELL, D. **Sign language interpreting**: theory & practice in Australia and New Zealand. Sydney: The Federation Press, 2006

RIGO, N. Recursos tradutórios empregados em traduções de música para língua brasileira de sinais – libras. In: **Textos e Contextos Artísticos e Literários**: Tradução e Interpretação em Libras, Volume I. Arara Azul, Rio de Janeiro, 2019.

RODRIGUES, C. C. **Tradução e diferença**. São Paulo: Editora Unesp, 1999.

SANTANA, G. N. RECURSOS LINGUÍSTICOS E PROCEDIMENTOS TÉCNICOS DE TRADUÇÃO POSSÍVEIS in: Schleder Rigo, N. (2019). **Textos e Contextos Artísticos e Literários**: Tradução e Interpretação em Libras (Volume I).

SEKEFF, M. de L. **Da música, seus usos e recursos**. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

TOURY, G. **Search of a theory of translation**. Tel Aviv: The Porter Institute for Poetics and Semiotics, 1980.

Recebido em: 30/11/2023
Aprovado em: 10/05/2024

**MORATTO, RICCARDO. TAIWAN SIGN LANGUAGE INTERPRETING
THEORETICAL ASPECTS AND PRAGMATIC ISSUES: NEW YORK: PETER
LANG, 2020, 203 P.**

Amanda Tamires dos Santos Silva¹

Riccardo Moratto é professor na área dos Estudos de Tradução e Interpretação com ênfase em chinês, no Instituto de Pós-Graduação em Interpretação e Tradução (GIIT) na Universidade de Estudos Internacionais de Xangai (SISU). Também atua como editor chefe em Routledge em Estudos em Interpretação do Leste Asiático e Interdisciplinar nas áreas de abordagens transculturais da literatura chinesa. Moratto possui doutorado em Tradução e Estudos de Interpretação, pela Universidade Normal Nacional de Taiwan. Renomado tradutor literário, atua em contexto de conferência e como membro especialista na Associação de Tradutores da China, oferece consultorias e é membro titular da Sociedade Europeia de Estudos da Tradução. Com vasto currículo, Moratto é considerado o primeiro ocidental a receber o título de doutorado em Estudos da Tradução em Taiwan.

É notório o conhecimento atrelado à desvalorização do campo referente à tradução e interpretação de/para línguas de sinais, o que contribui em diversos casos, para a depreciação dessas línguas em relação às línguas orais. Este contexto é explorado por Moratto em seu livro *Taiwan Sign Language Interpreting Theoretical Aspects and Pragmatic Issues*. Contando com 203 páginas e 7 capítulos, o livro é dividido em duas partes principais. A primeira, composta pelos capítulos 1 e 2, enfocam a Língua de Sinais de Taiwan (doravante TSL), enquanto os capítulos de 3 a 7 tratam da interpretação em TSL. Cada capítulo é subdividido em seções diferentes, e algumas sessões são divididas em subseções. Considerando a interpretação em língua gestual como fator social de grande importância no mundo contemporâneo, a obra privilegia a discussão de diversos assuntos sobre este campo de pesquisa. O autor aponta, no prefácio, que a escrita foi motivada por discussões com colegas intérpretes de Língua de Sinais de Taiwan, com foco em documentos governamentais que regulamentam a profissão e pelo interesse em investigar outros campos dentro da mesma profissão. Assim, o livro busca contribuir para o conhecimento de intérpretes sobre a própria profissão e seu perfil profissional. Outro objetivo é estimular o governo a reconhecer os intérpretes de línguas de sinais como profissionais que devem gozar dos mesmos direitos dos profissionais das línguas orais.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Tradutora e Intérprete de Libras no Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia da Paraíba (IFPB). E-mail: silva.amanda@ifpb.edu.br

O primeiro capítulo é composto por uma introdução geral, que examina as questões gerais da pesquisa, as hipóteses e os resultados esperados. O autor apresenta questões referentes à atuação e formação do profissional de tradução e interpretação da língua de sinais de Taiwan e aponta a remuneração como um dos principais problemas que afetam a classe profissional. De forma resumida, através de tabela, o autor mostra que o pagamento por hora dos intérpretes da TSL é menor do que o dos profissionais de línguas orais que são pagos por dia útil. Partindo da hipótese de que a interpretação bimodal (de línguas orais para línguas de sinais) não é inferior à interpretação unimodal (de línguas orais para línguas orais), os capítulos seguintes abordam diferentes aspectos da TSL e do processo de interpretação.

O segundo capítulo foca no desenvolvimento histórico da Língua de Sinais de Taiwan, abordando as semelhanças lexicais com a Língua de Sinais Japonesa (JSL) e a Língua de Sinais Chinesa (CSL). O autor, a partir de um resgate histórico que data o surgimento da TSL no período de 1895-1945, apresenta questões sobre a fundação das primeiras escolas para surdos, a formação dos professores e a importância do intérprete conhecer o nível linguístico dos seus interlocutores surdos, para ajuste de sua sinalização. Segundo o autor, quando o profissional não busca realizar esse processo, o propósito do serviço é falho. O autor destaca ainda, quatro tipos de variações, sendo elas: Variação diatópica (de acordo com o local), Variação diacrônica (também chamada de variação histórica), Variação diastrática (de acordo com classe/grupo social) e a Variação diafásica ou estilística (também chamada de variação individual), examinando de forma mais precisa as duas primeiras. Uma pesquisa com pessoas surdas de diferentes faixas etárias, apresenta como resultado que a maioria das diferenças ocorreu no nível semântico. Em seguida, diante do conflito de gerações, o autor buscou investigar como os intérpretes de língua de sinais lidam com a variedade lexical, a partir de entrevista com três profissionais, chegando à conclusão que os intérpretes lidam através de sinais naturais e manuais. A fala orientada, a leitura labial e o oralismo também são abordados em seções dentro do capítulo.

No terceiro capítulo, Moratto apresenta um panorama histórico da profissão de intérprete de TSL, em seus aspectos formativos, condições trabalhistas e processo de voluntariado dentro da profissão. Após chamar a atenção de alguns de “Voluntariado Profissional”, o autor descreve os perigos que a interpretação realizada sem as competências e técnicas inerentes ao processo interpretativo em línguas de sinais podem gerar na comunicação e nos direitos da população surda. A história do ensino da interpretação de TSL é apontada como nova, elencando a necessidade de escolas de formação e sensibilização dos

profissionais para questões referentes ao código de ética.

Visando preencher uma lacuna na literatura, o quarto capítulo é dividido em duas seções, e é permeado pelas discussões das áreas desafiadoras no processo de interpretação em TSL, indicando o autor o discurso figurativo e as metáforas como tais desafios. No campo dos estudos sobre esses desafios, Moratto lembra a inexistência de pesquisas sobre o conteúdo, mesmo com a realização de pesquisas no campo da TSL e a iconicidade. Após a discussão sobre a importância das metáforas e do discurso figurativo em diversos aspectos históricos, da construção da iconicidade e de metáforas nas línguas de sinais, o autor a partir de entrevistas fornece, dezoito exemplos reais de metáforas e discursos figurativos em TSL, evidenciando as estratégias (mecanismos de transferência, esclarecimento, localização, adaptação cultural, omissão e substituição) e as dificuldades que os intérpretes de TSL podem enfrentar e possíveis soluções encontradas.

Moratto apresenta, no quinto capítulo, a revisão de estudos proeminentes com a finalidade de demonstrar a semelhança da base neurológica diante da atividade de interpretação de línguas orais e sinalizadas. Desse modo, são apresentados um estudo piloto qualitativo e quantitativo, uma revisão da pesquisa neurolinguística em interpretações simultâneas e um estudo qualitativo e quantitativo com enfoque na avaliação da qualidade. Os estudos evidenciam realidades de grande relevância para os estudos da interpretação em línguas de sinais. Podemos pontuar algumas reflexões descritas no capítulo, como o baixo número de profissionais de línguas de sinais, demonstrando a dificuldade na obtenção de amostras para determinados estudos. A falta de domínio da TSL, por parte da população surda de Taiwan, dificulta o diálogo sobre temas mais abstratos e no entendimento da interpretação em noticiários de TV, justificada pela ausência da utilização da sinalização a partir das estruturas gramaticais e sintáticas da TSL.

No capítulo sete, o autor propõe, a partir dos desafios de interpretação apresentados no quarto capítulo e das pesquisas apresentadas no capítulo cinco, possibilidades no processo avaliativo da interpretação da TSL em três âmbitos: sala de aula durante o aprendizado da TSL avaliando a proficiência dos estudantes, nos contextos reais de atuação profissional e com intérpretes educacionais. Segundo o autor, a língua de sinais é utilizada principalmente no apoio educativo de pessoas surdas. Com a colaboração de surdos sinalizantes, ouvintes e intérpretes profissionais, a partir dos parâmetros da Avaliação de Desempenho de Intérpretes Educacionais Americanos (EIPA) e dos atuais parâmetros de avaliações de Taiwan, Moratto elabora uma ficha de avaliação preliminar para avaliação da TSL, distinguindo os níveis

iniciante, avançado, intermediário, intermediário avançado e avançado ou profissional, mencionando as habilidades desenvolvidas em cada nível. Ao retratar a realidade avaliativa dos profissionais da TSL, Moratto comenta a dinâmica, os pré-requisitos e as fases do exame realizado uma vez ao ano, apresentando as fichas avaliativas. Após essa análise, o autor apresenta sua proposta de avaliação que engloba aspectos como conhecimento sobre a cultura surda, conhecimento sobre as condições de trabalho da classe, a abordagem deontológica da ética e, em seguida, os componentes avaliativos diante da atuação. Moratto finaliza o capítulo sugerindo a necessidade de pesquisas futuras que estabeleçam a validade e eficácia (ou a ausência delas) da avaliação proposta.

No capítulo final, Moratto expõe a conclusão. Faz uma revisão dos capítulos, desenvolve observações finais, enfatizando as línguas de sinais como línguas naturais do ponto de vista neurobiológico e enfatizando a importância de pesquisas voltadas para questões de qualidade a partir de sua proposta de avaliação. Nessa proposta, apresenta possíveis questões de pesquisas, no campo da plasticidade cerebral dos intérpretes e na aquisição de sinais metafóricos. Acerca das limitações do livro, o autor elenca a pequena amostra de profissionais no estudo realizado no capítulo cinco. A obra é finalizada com um dicionário de sinais utilizados em Taiwan e traz, em apêndice, a transcrição dos discursos dos participantes.

As reflexões realizadas por Moratto, além de contemplar a TSL, são fontes de pesquisas para demandas dos profissionais de línguas de sinais de qualquer país, oportunizando aos Estudos da Tradução e Interpretação em Línguas de Sinais (ETILS) uma variedade significativa de temáticas e problemáticas recorrentes diante do trabalho realizado por esses profissionais. É importante mencionar que o livro, além dos aportes teóricos, apresenta estudos empíricos que contribuem para uma melhor percepção da interpretação realizada em Taiwan.

A leitura do livro é relativamente fácil, sobretudo para pessoas inseridas na área da tradução e interpretação de línguas de sinais, por contemplar realidades, dificuldades e possibilidades no processo formativo e avaliativo, abrindo caminhos para que posteriores pesquisas sejam realizadas. Outro aspecto importante é a participação de intérpretes de TSL e de surdos sinalizantes na construção das pesquisas a partir de suas experiências nos contextos expostos na obra.

Por fim, acreditamos que as reflexões e estudos realizados e apresentados por Moratto, contribuem para os estudos futuros, para a autoconsciência de intérpretes de línguas de sinais e para a qualidade da própria interpretação. Isto posto, recomendamos a leitura de Taiwan

Sign Language Interpreting Theoretical Aspects and Pragmatic Issues, por acreditar que a obra constitui uma grande contribuição para estudos com enfoque na atuação, com questões desafiadoras e avaliação dos profissionais inseridos no contexto das línguas de sinais, inspirando pesquisadores a realizarem pesquisas conforme seus contextos e realidades.

Referência

MORATTO, Riccardo. **Taiwan Sign Language Interpreting Theoretical Aspects and Pragmatic Issues**. New York: Peter Lang, 2020.

Recebido em: 18/11/2023

Aprovado em: 10/05/2024